

UNIVERSIDADE DE LISBOA /UNIVERSIDADE DO  
ALGARVE

Faculdade de Letras /Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado Interinstitucional em Comunicação Educacional

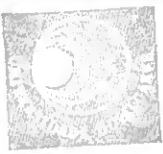
**A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E  
LINGUÍSTICA**

**O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.**

Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco

Orientadora: Doutora Teresa Pires Carreira

Faro  
2007



**UNIVERSIDADE DE LISBOA /UNIVERSIDADE DO  
ALGARVE**

**Faculdade de Letras /Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**

**Mestrado Interinstitucional em Comunicação Educacional**

**A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E  
LINGUÍSTICA**

**O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.**

**Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco**

**Orientadora: Doutora Teresa Pires Carreira**

**Faro  
2007**



UNIVERSIDADE CO ALORVE  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS  
20/04/07 70374  
316.77  
FRAX ESC 1

✓

2907

## Declaração

Declaro para os devidos efeitos que a dissertação de mestrado intitulada *A Escola perante a Diversidade Cultural e Linguística. O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve* é original.

Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco

Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco

## **Agradecimentos**

Antes de mais queria expressar a minha alegria por ter conseguido terminar este trabalho, que constitui para mim um verdadeiro desafio e a concretização de um projecto desde há algum tempo ambicionado.

O meu primeiro agradecimento é dirigido à Doutora Teresa Carreira, pela sua disponibilidade, ajuda e permanente incentivo e encorajamento ao longo do percurso da orientação. Sem a sua preciosa orientação teria sido difícil levar este projecto de investigação avante.

Apraz-me agradecer também à coordenadora deste mestrado, Doutora Adriana Nogueira, que sempre se mostrou inteiramente disponível para todas as solicitações.

Agradeço também à minha família pelo apoio, compreensão e incentivo constante em todos os momentos, o que tornou mais fácil a concretização deste projecto.

Por último, resta-me agradecer a todos aqueles que colaboraram comigo ao longo da investigação e que tornaram possível o culminar deste trabalho. Estou a referir-me em especial à Direcção Regional de Educação do Algarve, que me facilitou o acesso aos dados relativos aos alunos estrangeiros que frequentavam as escolas do Algarve no ano lectivo de 2004/2005, aos órgãos de gestão das escolas seleccionadas, que autorizaram a recolha dos dados, aos docentes que aceitaram ser entrevistados e aos alunos de origem estrangeira que responderam ao questionário.

A todos vós o meu sincero OBRIGADA!

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## Resumo

Este trabalho de investigação surge no âmbito do Mestrado Interinstitucional em Comunicação Educacional, da responsabilidade da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, e da Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

A dissertação intitulada *A Escola perante a Diversidade Cultural e Linguística. O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve* incide sobre as temáticas da Multiculturalidade e da Interculturalidade, decorrentes das profundas transformações sociais, económicas e políticas ocorridas nas últimas décadas no nosso país, que fizeram com que Portugal se tornasse um país procurado por muitos imigrantes à procura de melhores condições de vida, merecedores de respeito e de igualdade de oportunidades. Estes aspectos têm necessariamente repercussões ao nível da estrutura da sociedade, assim como ao nível da escola, onde assistimos a uma crescente diversidade de culturas e línguas.

É precisamente sobre estes factos que este trabalho de investigação se debruça. É um estudo de natureza quantitativa e qualitativa efectuado em cinco escolas do 1.º Ciclo do distrito de Faro, que pretende conhecer as dificuldades de integração e adaptação dos alunos estrangeiros nas nossas escolas, prestando especial atenção ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda.

**Palavras – chave:** Multiculturalidade; Interculturalidade; Diversidade Cultural; Diversidade Linguística; Ensino do Português; Integração; Estratégias de Intervenção; Igualdade de Oportunidades; Sucesso Educativo.

## Abstract

This research has been done in the area of the interinstitutional master's degree in Educational Communication, arranged by Lisbon University, Faculty of Arts, and Algarve University, Faculty of Humanities and Social Sciences.

The dissertation, entitled "*School in the face of cultural and linguistic diversity. Teaching Portuguese to foreign students in Portuguese Primary Schools in the Algarve*", treats of multicultural and intercultural realities due to the deep social, economic and political transformations which have occurred in our country during the last decades. Indeed, many immigrants, who have come to our country looking for better living standards, deserve our respect and equality of opportunities. These factors affect necessarily our society as well as school, where there is an increasing diversity of cultures and languages.

The current research is about these facts. It is a study of quantitative and qualitative nature performed in five primary schools from the district of Faro, which aims to understanding the difficulties in integrating felt by foreign students in our schools, paying special attention to the teaching/learning process of Portuguese as a second language.

**Key- Words:** Multiculture; Interculture; Cultural Diversity; Linguistic Diversity; Teaching of Portuguese; Integration; Intervention Strategies; Equality of Opportunities; Education Success.

## Índice

- Agradecimentos.....	iii
- Resumo.....	iv
- Abstract.....	v
- Índice.....	vi
- Índice de quadros.....	x
- Índice de gráficos.....	xi
<b>Introdução.....</b>	<b>2</b>
1. Justificação e colocação do problema.....	2
2. Natureza, objectivos e configuração do trabalho.....	3
<b>Parte I – Enquadramento teórico</b>	
<b>Capítulo I – Contextualização do tema em estudo.....</b>	<b>6</b>
1.1. O panorama nacional da multiculturalidade nas nossas escolas.....	6
1.1.1. População escolar que não tem o português como língua materna.....	7
1.1.2. Proveniência da população escolar.....	9
1.1.3. Distribuição dos alunos que não têm o português como língua materna por regiões.....	11
1.1.4. Línguas maternas mais faladas pela população escolar.....	12
1.1.5. Projectos desenvolvidos pelas escolas no âmbito da interculturalidade.....	13
1.1.6. Grau de proficiência em Língua Portuguesa.....	16
1.2. A multiculturalidade nas escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve.....	18
<b>Capítulo II – A presença do multiculturalismo no mundo actual.....</b>	<b>33</b>
2.1. A génese do multiculturalismo nas sociedades democráticas.....	33
2.1.1. A integração por assimilação cultural.....	36
2.1.1.1. O risco de empobrecimento cultural.....	37
2.1.2. A integração intercultural numa perspectiva dinâmica.....	37
2.1.2.1. A diversidade cultural como um factor de enriquecimento.....	38
2.2. Portugal – Um país monocultural e monolíngue?.....	38
2.2.1. A emigração como tradição de Portugal.....	39
2.2.2. Uma mudança nas mobilidades políticas, sociais e económicas – a imigração em Portugal.....	40

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

<b>Capítulo III - A reprodução cultural e social na escola – A valorização ou desvalorização das diferentes culturas?.....</b>	<b>43</b>
3.1. A socialização como um processo de interacção cultural.....	44
3.2. Políticas educativas como resposta à diversidade cultural.....	45
3.2.1. A institucionalização das políticas – Do papel à prática.....	46
3.2.2. O balanço das políticas assumidas.....	47
<b>Capítulo IV – Implicações educativas da problemática em estudo.....</b>	<b>49</b>
4.1. Educação Multicultural e Educação Intercultural.....	50
4.1.1. Educação Multicultural: Uma realidade das nossas escolas.....	51
4.1.2. Educação Intercultural: Um desafio pedagógico necessário.....	52
4.2. O contexto sociolinguístico nas escolas portuguesas.....	53
4.2.1. O ensino do Português a alunos de origem estrangeira.....	55
4.2.2. O professor como o principal agente de mudanças e práticas.....	59
<b>Parte II – Estudo de campo</b>	
<b>Capítulo V – Considerações Metodológicas.....</b>	<b>61</b>
5.1. Abordagem metodológica.....	61
5.2. Delineamento do estudo.....	62
5.2.1. Enunciação das principais hipóteses.....	63
5.3. Amostra – Campo de estudo e selecção das escolas.....	64
5.4. Instrumentos de recolha de dados.....	66
5.4.1. O questionário.....	67
5.4.1.1. Pré-testagem do questionário.....	67
5.4.1.2. Construção do questionário – Objectivos e finalidades das questões.....	68
5.4.1.3. Aplicação do questionário.....	69
5.4.1.4. Tratamento do questionário.....	70
5.4.2. A entrevista.....	70
5.4.2.1. Preparação das entrevistas – Considerações Metodológicas....	71
5.4.2.2. Realização das entrevistas.....	73
5.4.2.3. Tratamento das entrevistas.....	74

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

<b>Capítulo VI – Apresentação e análise interpretativa dos dados.....</b>	<b>76</b>
6.1. Análise interpretativa do questionário.....	76
6.1.1. Caracterização da amostra.....	76
6.1.1.1. Distribuição da amostra por nível etário e ano de nascimento..	76
6.1.1.2. Distribuição da amostra pelo local de origem.....	77
6.1.1.3. Distribuição da amostra pelo país de origem.....	77
6.1.1.4. Número de irmãos e de irmãs.....	78
6.1.1.5. Escalão etário dos irmãos/irmãs.....	79
6.1.1.6. Países de origem dos irmãos/irmãs.....	79
6.1.1.7. Período de tempo em que vive em Portugal.....	79
6.1.1.8. Local onde vivia antes de vir para Portugal.....	80
6.1.1.9. País de origem do pai.....	80
6.1.1.10. País de origem da mãe.....	81
6.1.1.11. Se já viveu no país de origem dos pais.....	81
6.1.1.12. Durante quanto tempo viveu no país de origem dos pais.....	82
6.1.1.13. Conhecimento das razões que levaram os pais a imigrar para Portugal.....	82
6.1.1.14. Razões que levaram os pais a imigrar para Portugal.....	83
6.1.1.15. Profissão do pai.....	83
6.1.1.16. Profissão da mãe.....	84
6.1.1.17. Casa no país de origem.....	85
6.1.1.18. Familiares no país de origem.....	86
6.1.1.19. Férias no país de origem.....	86
6.1.1.20. Amigos no país de origem.....	87
6.1.1.21. Se gostaria de viver no país de origem.....	87
6.1.1.22. Se já visitou outros países.....	88
6.1.1.23. Ano frequentado.....	88
6.1.1.24. Retenções.....	89
6.1.1.25. Tempos livres.....	90
6.1.2. A pouca utilização da língua portuguesa por parte dos alunos de origem estrangeira como meio primordial de comunicação.....	91
6.1.3. Importância do apoio por parte dos pais para a aprendizagem da língua portuguesa.....	96
6.1.4. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa.....	101
6.1.5. Integração escolar por parte dos alunos de origem estrangeira.....	106
6.2. Análise interpretativa das entrevistas.....	110
6.2.1. Diversidade cultural e linguística.....	112
6.2.2. Integração dos alunos de origem estrangeira.....	116
6.2.3. Estratégias de intervenção.....	119
6.2.4. Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula.....	125
6.2.5. Ensino do português aos alunos de origem estrangeira.....	131
6.2.6. Opinião pessoal.....	137
6.3. Cruzamento dos dados.....	143
6.3.1. A integração dos alunos de origem estrangeira.....	143

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

6.3.2. O ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda.	145
6.3.3. O acompanhamento familiar na vida escolar dos alunos de origem estrangeira.....	146
6.3.4. A identificação do nível de eficácia das estratégias de intervenção implementadas pela escola para promover a integração, a adaptação e o sucesso escolar dos alunos de origem estrangeira.....	148
6.3.5. O aproveitamento escolar dos alunos de origem estrangeira.....	149
<b>Conclusões, limitações e implicações.....</b>	<b>150</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>155</b>
a) Livros e artigos de revistas.....	155
b) Artigos consultados na Internet.....	161
c) Legislação referenciada.....	162
<b>Anexos.....</b>	<b>163</b>
<b>Anexo I</b> – Requerimento dirigido ao Senhor Director Regional de Educação do Algarve.....	164
<b>Anexo II</b> – Ofício da Direcção Regional de Educação do Algarve.....	166
<b>Anexo III</b> – Tratamento estatístico dos dados disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Algarve.....	170
<b>Anexo IV</b> – Tratamento estatístico dos dados referentes às escolas seleccionadas para a amostra.....	173
<b>Anexo V</b> – Ofício dirigido aos Presidentes dos Conselhos Executivos das escolas seleccionadas para a amostra.....	181
<b>Anexo VI</b> – Questionário aos alunos.....	184
<b>Anexo VII</b> – Guião da entrevista aos professores.....	194
<b>Anexo VIII</b> – Grelhas de análise das entrevistas realizadas aos professores....	197

## Índice de quadros

Quadro n.º 1 – Universo e Amostra das escolas por tipologias de estabelecimentos (ano lectivo 2004/2005).....	8
Quadro n.º 2 – Evolução da população originária de alguns países de leste residente em Portugal entre os anos de 1999 e 2005.....	42
Quadro n.º 3 – Concelhos a que pertencem as escolas seleccionadas.....	65
Quadro n.º 4 – Número de alunos estrangeiros que frequentam as escolas seleccionadas.....	65
Quadro n.º 5 – Diversidade de nacionalidades nas escolas seleccionadas.....	66
Quadro n.º 6 – Tipologia das escolas seleccionadas.....	66
Quadro n.º 7 - Dados relativos aos questionários.....	69
Quadro n.º 8 - Dados relativos aos professores entrevistados.....	74
Quadro n.º 9 – Caracterização dos professores entrevistados.....	111

## Índice de gráficos

Gráfico n.º 1 – Número de alunos por escola que não têm o português como língua materna (ano lectivo 2004/2005).....	8
Gráfico n.º 2 – País de proveniência da população escolar (ano lectivo 2004/2005).....	9
Gráfico n.º 3 – País de proveniência da população escolar (quando o aluno não nasceu em Portugal ou a sua família não tem o português como língua materna) nos anos lectivos de 2001/2002 e 2004/2005.....	10
Gráfico n.º 4 – Distribuição do número de alunos (%) que têm o português como língua não materna por regiões (ano lectivo 2001/2002)	11
Gráfico n.º 5 – Línguas faladas em casa (ano lectivo 2004/2005).....	12
Gráfico n.º 6 – Línguas faladas com amigos e colegas (ano lectivo 2004/2005).....	13
Gráfico n.º 7 – Existência de projectos na área da literacia ou da interculturalidade (ano lectivo 2004/2005).....	14
Gráfico n.º 8 – Existência de actividades de apoio na escola (ano lectivo 2004/2005).....	15
Gráfico n.º 9 – Existência de actividades curriculares ao abrigo do Decreto-Lei 6/2001 (ano lectivo 2004/2005).....	15
Gráfico n.º 10 – Domínio da língua portuguesa (ano lectivo 2001/2002).....	16
Gráfico n.º 11 – Grau de proficiência em língua portuguesa (ano lectivo 2004/2005).....	17
Gráfico n.º 12 – Nível de aproveitamento (ano lectivo 2004/2005).....	17
Gráfico n.º 13 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Europa.....	19
Gráfico n.º 14 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à África.....	19
Gráfico n.º 15 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à América.....	19

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 16 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Ásia.....	20
Gráfico n.º 17 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Oceânia.....	20
Gráfico n.º 18 – Distribuição do número de alunos (em %) pelos diversos continentes.....	21
Gráfico n.º 19 – Número de alunos (em %) dos dez países de origem mais predominantes.....	21
Gráfico n.º 20 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Albufeira.....	22
Gráfico n.º 21 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Alcoutim.....	23
Gráfico n.º 22 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Aljezur.....	23
Gráfico n.º 23 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Castro Marim.....	24
Gráfico n.º 24 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Faro.....	24
Gráfico n.º 25 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Lagoa.....	25
Gráfico n.º 26 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Lagos.....	25
Gráfico n.º 27 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Loulé.....	26
Gráfico n.º 28 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Monchique.....	27
Gráfico n.º 29 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Olhão.....	27
Gráfico n.º 30 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Portimão.....	28
Gráfico n.º 31 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus	

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

países de origem no concelho de S. Brás de Alportel.....	29
Gráfico n.º 32 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Silves.....	29
Gráfico n.º 33 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Tavira.....	30
Gráfico n.º 34 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Vila Real de Santo António.....	31
Gráfico n.º 35 – Distribuição do número de alunos de origem estrangeira nos concelhos do Algarve.....	31
Gráfico n.º 36 – Diversidade de nacionalidades por concelhos.....	32
Gráfico n.º 37 – Distribuição da amostra por nível etário.....	77
Gráfico n.º 38 – Distribuição da amostra pelo país de origem.....	78
Gráfico n.º 39 – Número de irmãos.....	78
Gráfico n.º 40 – Número de irmãs.....	78
Gráfico n.º 41 – Período de tempo em que vive em Portugal.....	79
Gráfico n.º 42 – Local onde vivia antes de vir para Portugal.....	80
Gráfico n.º 43 – País de origem do pai.....	80
Gráfico n.º 44 – País de origem da mãe.....	81
Gráfico n.º 45 – Se já viveu no país de origem dos pais.....	81
Gráfico n.º 46 – Durante quanto tempo viveu no país de origem dos pais.....	82
Gráfico n.º 47 – Conhecimento das razões que levaram os pais a imigrar para Portugal.....	82
Gráfico n.º 48 – Profissão do pai.....	84
Gráfico n.º 49 – Profissão da mãe.....	85
Gráfico n.º 50 – Casa no país de origem.....	85
Gráfico n.º 51 – Familiares no país de origem.....	86
Gráfico n.º 52 – Férias no país de origem.....	86
Gráfico n.º 53 – Amigos no país de origem.....	87
Gráfico n.º 54 – Se gostaria de viver no país de origem.....	87
Gráfico n.º 55 – Se já visitou outros países.....	88

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 56 – Países visitados.....	88
Gráfico n.º 57 – Ano frequentado.....	89
Gráfico n.º 58 – Retenções.....	89
Gráfico n.º 59 – Ano em que ficou retido.....	90
Gráfico n.º 60 – Horas a que se levanta.....	90
Gráfico n.º 61 – Horas a que se deita.....	91
Gráfico n.º 62 – Se costuma ir ao cinema.....	91
Gráfico n.º 63 – Língua falada em casa com o pai.....	92
Gráfico n.º 64 – Língua falada em casa com a mãe.....	92
Gráfico n.º 65 – Língua falada em casa com os irmãos.....	92
Gráfico n.º 66 – Língua falada em casa com os amigos.....	92
Gráfico n.º 67 – Língua falada fora de casa com o pai.....	93
Gráfico n.º 68 – Língua falada fora de casa com a mãe.....	93
Gráfico n.º 69 – Língua falada fora de casa com os irmãos.....	93
Gráfico n.º 70 – Língua falada fora de casa com os amigos.....	93
Gráfico n.º 71 – Língua falada no recreio da escola.....	94
Gráfico n.º 72 – Língua que os pais falam um com o outro em casa.....	94
Gráfico n.º 73 – Língua que os pais falam um com o outro fora de casa.....	94
Gráfico n.º 74 – Em que língua pensa.....	95
Gráfico n.º 75 – Em que língua prefere cantar.....	95
Gráfico n.º 76 – Em que língua faz contas.....	95
Gráfico n.º 77 – Em que língua sonha.....	95
Gráfico n.º 78 – Em que língua prefere ler.....	96
Gráfico n.º 79 – Em que língua prefere escrever.....	96
Gráfico n.º 80 – Em que língua prefere contar uma história.....	96
Gráfico n.º 81 – Dificuldades em ler em Português.....	97
Gráfico n.º 82 – Dificuldades em escrever em Português.....	97
Gráfico n.º 83 – Se o pai tem dificuldades em perceber quando o aluno fala em Português.....	97
Gráfico n.º 84 – Se a mãe tem dificuldades em perceber quando o aluno fala em Português.....	97

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 85 – O pai sabe ler em Português.....	98
Gráfico n.º 86 – O pai sabe escrever em Português.....	98
Gráfico n.º 87 – A mãe sabe ler em Português.....	98
Gráfico n.º 88 – A mãe sabe escrever em Português.....	98
Gráfico n.º 89 – Interesse do pai pelo o que o aluno faz na escola.....	99
Gráfico n.º 90 - Interesse da mãe pelo o que o aluno faz na escola.....	99
Gráfico n.º 91 – Ajuda do pai nos trabalhos de casa.....	99
Gráfico n.º 92 – Ajuda da mãe nos trabalhos de casa.....	99
Gráfico n.º 93 – Interesse do pai pelas notas.....	100
Gráfico n.º 94 – Interesse da mãe pelas notas.....	100
Gráfico n.º 95 – O pai castiga quando o aluno tem más notas.....	100
Gráfico n.º 96 – A mãe castiga quando o aluno tem más notas.....	100
Gráfico n.º 97 – O pai pretende que o aluno continue os estudos.....	100
Gráfico n.º 98 – A mãe pretende que o aluno continue os estudos.....	100
Gráfico n.º 99 – Dificuldades na área de Língua Portuguesa.....	102
Gráfico n.º 100 – Dificuldades na área de Matemática.....	102
Gráfico n.º 101 – Dificuldades na área de Estudo do Meio.....	102
Gráfico n.º 102 – Dificuldades na área de Expressão Plástica.....	102
Gráfico n.º 103 – Dificuldades na área de Expressão Musical.....	102
Gráfico n.º 104 – Dificuldades na área de Expressão Físico-Motora.....	102
Gráfico n.º 105 – Dificuldades na área de Expressão Dramática.....	102
Gráfico n.º 106 – Áreas apontadas como as mais fracas.....	103
Gráfico n.º 107 – Tem dificuldades porque é pouco trabalhador.....	104
Gráfico n.º 108 – Tem dificuldades porque não percebe as explicações do professor.....	104
Gráfico n.º 109 – Tem dificuldades porque tem pouco apoio.....	104
Gráfico n.º 110 – Tem dificuldades porque a matéria não é interessante.....	104
Gráfico n.º 111 – Tem dificuldades porque não percebe bem o Português.....	104
Gráfico n.º 112 – Quando tem dificuldades pede ajuda ao professor.....	105
Gráfico n.º 113 – Quando tem dificuldades pede ajuda ao professor de apoio.....	105
Gráfico n.º 114 – Quando tem dificuldades pede ajuda aos colegas.....	105

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### I.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 115 – Quando tem dificuldades pede ajuda aos pais.....	105
Gráfico n.º 116 – Se tem melhorado na escrita e na leitura em Português.....	105
Gráfico n.º 117 – Se gosta de ir à escola.....	107
Gráfico n.º 118 – Prefere brincar sozinho.....	107
Gráfico n.º 119 – Prefere brincar com os irmãos.....	107
Gráfico n.º 120 – Prefere brincar com os colegas.....	107
Gráfico n.º 121 – Prefere brincar portugueses.....	107
Gráfico n.º 122 – Prefere brincar com crianças do mesmo país.....	108
Gráfico n.º 123 – Amigos de outras nacionalidades.....	108
Gráfico n.º 124 – Nacionalidades desses amigos.....	108
Gráfico n.º 125 – Se recebe a visita dos colegas.....	109
Gráfico n.º 126 – Dificuldades em arranjar amigos para brincar.....	109
Gráfico n.º 127 – Sente-se português.....	110
Gráfico n.º 128 – Sente-se um estrangeiro em Portugal.....	110
Gráfico n.º 129 – Sente-se mais português do que estrangeiro.....	110
Gráfico n.º 130 – Sente-se mais estrangeiro do que português.....	110

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

### Não me chames estrangeiro

Não me chames estrangeiro, só porque nasci muito longe  
Ou porque tem outro nome essa terra donde venho.

Não me chames estrangeiro porque foi diferente o seio  
Ou porque ouvi na infância outros contos noutras línguas.

Não me chames estrangeiro se no amor de uma mãe  
Tivemos a mesma luz nesse canto e nesse beijo  
Com que nos sonham iguais nossas mães contra o seu peito.

Não me chames estrangeiro, nem perguntes donde venho;  
É melhor saber onde vamos e onde nos leva o tempo.

Não me chames estrangeiro, porque o teu pão e o teu fogo  
Me acalmam a fome e o frio e me convida o teu tecto.

Não me chames estrangeiro; teu trigo é como o meu trigo,  
Tua mão é como a minha, o teu fogo como o meu fogo,  
E a fome nunca avisa: vive a mudar de dono.

(...)

Não me chames estrangeiro; olha-me nos olhos  
Muito para lá do ódio. Do egoísmo e do medo,  
E verás que sou um homem, não posso ser estrangeiro.

Rafael Amor, in *Revista Imigração – Os Mitos e os Factos*, do Alto  
Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

## **Introdução**

### **1. Justificação e colocação do problema**

A diversidade cultural e linguística é uma característica não só da sociedade contemporânea, mas também das nossas escolas. Partimos do pressuposto de que esta diversidade deve ser aceite e valorizada pelos diversos agentes intervenientes na acção educativa. Como tal, o monolinguismo escolar deve ser esquecido e devemos encarar com todo o rigor e abertura o multilinguismo presente nas nossas salas de aula.

Ao debruçarmo-nos sobre o contexto educativo português, verificamos que a língua portuguesa assume um papel preponderante, sendo a língua utilizada como veículo de comunicação entre os professores e os alunos, independentemente da língua materna destes.

É do conhecimento geral que os alunos estrangeiros ao chegarem às nossas escolas são integrados num determinado ano de escolaridade, tendo por base as equivalências que os acompanham desde o país de origem. E muitas vezes não é tido em conta o domínio da língua de ensino, que para eles é a língua segunda. Outra situação muito frequente é o facto dos programas não irem ao encontro das características culturais específicas das comunidades imigrantes. Também os métodos e critérios de avaliação são, na sua maioria, pensados exclusivamente para os alunos cuja língua materna é o português.

É neste contexto que surge este trabalho de investigação. Pretendemos deste modo conhecer esta realidade ao nível das dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira, dando especial atenção à aprendizagem do português. É também nossa pretensão suscitar nos diversos intervenientes na acção educativa um maior diálogo e abertura a esta nova realidade de múltiplas línguas e culturas.

Este trabalho foca a importância de uma mudança de atitudes não só dos nossos representantes no Ministério da Educação e dos professores, mas também dos alunos em relação à diversidade cultural e linguística nas escolas e salas de aula. Muitas vezes são os próprios alunos estrangeiros que se auto-excluem do restante grupo, pois não se sentem integrados num sistema de ensino que maioritariamente valoriza e veicula somente a cultura e língua dominante. Esta mudança de atitudes e mentalidades passa

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

por uma aceitação, valorização e promoção das diversas línguas e culturas presentes, não só no sentido restrito de convivência, mas no sentido amplo de aprender a conhecê-las.

Tendo em conta os diversos aspectos enunciados, quisemos conhecer esta realidade no terreno. Como tal, incidimos o nosso estudo sobre cinco escolas do Primeiro Ciclo do Ensino Básico do Algarve que no ano lectivo de 2004/2005 apresentavam um número significativo de alunos estrangeiros, tendo em conta a dimensão geográfica do concelho onde as escolas se situam. Quisemos conhecer a origem das dificuldades de integração e adaptação dos alunos de origem estrangeira, dando especial destaque à aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda.

Para tal, desenvolvemos e aplicámos diferentes instrumentos de recolha de dados, nomeadamente um questionário aos alunos de origem estrangeira e uma entrevista a alguns professores.

Esta recolha de dados foi imprescindível para conhecer mais de perto a realidade cultural e linguística das nossas escolas e constituiu um ponto de arranque para uma reflexão mais aprofundada, para que a realidade multicultural seja vista e vivida de outro modo e que as salas de aula sejam verdadeiros contextos multilingues, onde os falantes possam comunicar entre si sem perderem a sua identidade cultural e linguística.

### **2. Natureza, objectivos e configuração do trabalho**

Sendo a multiculturalidade uma característica cada vez mais preponderante na nossa sociedade, este trabalho pretende focar essa realidade no contexto educativo.

Deste modo, pretendemos conhecer a realidade multicultural e intercultural no que concerne ao ensino/aprendizagem do português por parte dos alunos estrangeiros que frequentam as nossas escolas.

Em termos estruturais, o trabalho está organizado em duas partes, sendo a primeira parte o enquadramento teórico, que se subdivide em quatro capítulos; por sua vez a segunda parte – Estudo de campo – subdivide-se em dois capítulos. Optámos por esta estrutura, uma vez que nos pareceu aquela que conferia uma maior articulação e coerência formal interna. Cada um dos capítulos é iniciado com uma breve

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Círculo do Algarve.

apresentação, onde exploramos de forma sintética os temas desenvolvidos ao longo do mesmo e onde propomos reflectir sobre determinados aspectos inerentes a esse tema.

Assim, após a introdução geral do trabalho, iniciamos a primeira parte, que diz respeito ao enquadramento teórico. O primeiro capítulo – Contextualização do tema em estudo – foca a realidade ao nível da multiculturalidade nas nossas escolas. Apresentamos dois estudos, o primeiro realizado pelo Departamento da Educação Básica com a colaboração das Direcções Regionais de Educação no ano lectivo de 2001/2002 e um outro realizado pela Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) no ano lectivo de 2004/2005. Estes estudos reflectem a problemática do ensino do Português a alunos de origem estrangeira. Seguidamente apresentamos os dados disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Algarve referentes aos alunos de origem estrangeira que frequentavam as escolas do 1.º Círculo do Algarve no ano lectivo de 2004/2005.

Nos capítulos dois, três e quatro explanamos de forma lógica e progressiva a importância da temática em estudo, focando diversos aspectos pertinentes, desde a presença do multiculturalismo na nossa sociedade, passando pela reprodução cultural e social na escola, até às implicações educativas da problemática em estudo.

A segunda parte do nosso trabalho é composta pelo estudo de campo, em que apresentamos e descrevemos todo o processo metodológico que nos permitiu orientar o desenvolvimento da investigação.

Assim, a segunda parte integra os capítulos quinto e sexto. O quinto capítulo diz respeito às considerações metodológicas. Começamos por focar a problemática em estudo, definimos os objectivos e justificamos as concepções metodológicas que delineiam este estudo. Também apresentamos e explicamos a construção da amostra, assim como os instrumentos de recolha de dados utilizados, os procedimentos e as estratégias adoptadas na aplicação e no tratamento dos dados.

O sexto capítulo é respeitante à apresentação e análise interpretativa dos dados recolhidos. Primeiramente apresentamos a informação recolhida através dos questionários, de forma estatística e descritiva-interpretativa. Seguidamente passamos à análise dos dados recolhidos nas entrevistas, de forma interpretativa e descritiva, enriquecida e conjugada com as grelhas de análise das entrevistas. Essas grelhas foram elaboradas a partir da análise de conteúdo dos protocolos das entrevistas, primeiro

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

individualmente e depois globalmente por categorias e sub-categorias de análise. Procedemos de seguida ao cruzamento dos dados recolhidos através dos questionários e das entrevistas, para melhor podermos responder ao objectivo do nosso estudo.

Finalmente, apresentamos as conclusões, focando também as limitações e implicações deste estudo. De um modo geral, reflectimos sobre todo o trabalho de investigação, quer em termos conceptuais quer metodológicos, e também sobre os resultados a que chegamos, tendo sempre em conta o carácter exploratório deste estudo.

## **Parte I – Enquadramento teórico**

### **Capítulo I – Contextualização do tema em estudo**

A diversidade cultural e linguística é uma característica da nossa sociedade, característica essa que também está presente nas nossas escolas, onde se tem verificado nos últimos anos um crescente número de alunos provenientes de países de vários pontos do mundo.

Neste sentido, neste capítulo damos a conhecer a dimensão deste fenómeno, com a apresentação do panorama nacional da multiculturalidade nas escolas de Portugal, servindo-nos para tal de dois estudos: um desenvolvido no ano lectivo de 2001/2002 pelo Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica (DEB) – e um outro estudo desenvolvido no ano lectivo de 2004/2005 pelo Ministério da Educação – Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) – ambos com o objectivo de conhecer a população escolar que não tem o português como língua materna. De seguida, reportamos esta realidade para nível regional, apresentando alguns dados relativos aos alunos estrangeiros que frequentavam as escolas do 1.º Ciclo do Algarve no ano lectivo de 2004/2005.

#### **1.1. O panorama nacional da multiculturalidade nas nossas escolas**

Para melhor entender a dimensão da problemática do ensino do Português a alunos de origem estrangeira, é fundamental analisar dois estudos realizados neste âmbito pelo Ministério da Educação.

O primeiro estudo<sup>1</sup> – Caracterização Nacional dos alunos com língua portuguesa como língua não materna – reporta-se ao ano lectivo de 2001/2002 e foi desenvolvido pelo Departamento de Educação Básica (DEB) com a colaboração das Direcções Regionais. O segundo estudo<sup>2</sup> – Conhecimento da situação escolar dos alunos cuja

---

<sup>1</sup> [http://www.deb.min-edu.pt/fichdown/caracterizacao\\_nacional\\_2002/p.2.pdf](http://www.deb.min-edu.pt/fichdown/caracterizacao_nacional_2002/p.2.pdf)

<sup>2</sup> <http://www.dgfdc.min-edu.pt/plnmaterna/relatorioFinal.pdf>

língua materna não é o português – foi realizado pela Direcção – Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) no ano lectivo de 2004/2005.

O facto dos inquéritos aplicados nos dois anos lectivos acima referidos serem diferentes e não abrangerem a mesma amostra penaliza a comparação dos dados obtidos. Enquanto que o inquérito realizado no ano lectivo de 2001/2002 foi aplicado pelos professores de todas as escolas da rede pública do Ensino Básico (1.º, 2.º e 3.º Ciclos) do Continente, não contemplando as regiões autónomas dos Açores e da Madeira, o inquérito realizado no ano lectivo de 2004/2005 foi aplicado nalguns estabelecimentos de educação e ensino da rede pública (Escolas Básicas do 1.º Ciclo, Escolas Básicas do 2.º e 3.º Ciclo, Escolas do Ensino Básico Mediatizado e Escolas Secundárias) de Portugal Continental e Açores, onde este estudo somente abrangeu 30 escolas.

No entanto, os principais aspectos abordados nos dois inquéritos são idênticos: as línguas maternas; a proveniência dos alunos; a existência de projectos no âmbito da interculturalidade; e o grau de proficiência em língua portuguesa.

### **1.1.1. População escolar que não tem o português como língua materna**

De acordo com os resultados apresentados é de referir que no ano lectivo de 2001/2002 existiam 17 535 alunos com línguas maternas que não o português a frequentar a escolaridade mínima obrigatória no sistema de ensino público em Portugal; 230 línguas diferentes; e 140 minorias identificadas.

Ao inquérito distribuído nas escolas no ano lectivo de 2004/2005 responderam somente 1 150 escolas distribuídas pelas Direcções Regionais de Educação do Continente e dos Açores, tal como podemos observar no Quadro n.º 1.

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

**Quadro n.º 1 – Universo e Amostra das escolas por tipologia de estabelecimentos (ano lectivo 2004/2005)**

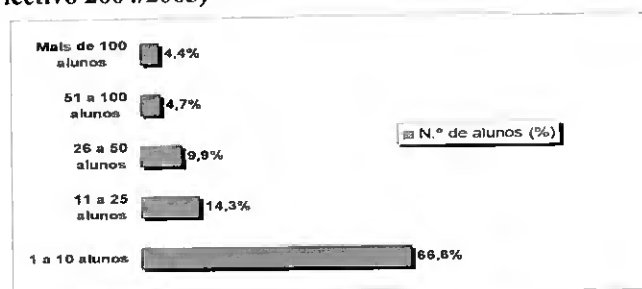
	Universo		Amostra		Amostra/ Universo
	N	%	N	%	
Escola Básica do 1.º Ciclo	6 239	72,67	293	25,5	5,7
Escola Básica do 1.º Ciclo com Jardim de Infância	1 146	13,16	88	7,7	9,5
Escola Básica do 1.º e 2.º Ciclos	4	0,05	1	0,1	25,0
Escola Básica do 2.º Ciclo	25	0,29	8	0,7	36,0
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos	612	7,03	185	16,1	61,4
Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclos com Ensino Secundário	85	0,98	17	1,5	41,2
Escola Básica Integrada	54	0,62	15	1,3	44,4
Escola Básica Integrada com Jardim de Infância	34	0,39	7	0,6	32,4
Escola do Ensino Básico Mediatizado	35	0,40	1	0,1	2,9
Escola Secundária	65	0,75	27	2,3	69,2
Escola Secundária Artística	3	0,03	1	0,1	33,3
Escola Secundária com 3.º Ciclo do Ensino Básico	317	3,64	143	12,4	57,4
Agrupamentos com um único registo (sem informação desagregada)			76	6,6	
Agrupamentos (com mais de um registo)			288	25,0	
<b>Total</b>	<b>8 709</b>	<b>100,00</b>	<b>1 150</b>	<b>100,00</b>	<b>13,3</b>

Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p. 4).

De acordo com os resultados obtidos, no ano lectivo de 2004/2005 foram fornecidos dados referentes a 15 397 alunos cuja língua materna não é o português. Desse total aproximadamente 80% desses alunos não nasceram em Portugal, os restantes 20% dizem respeito aos alunos nascidos em Portugal, cuja família não tem o português como língua materna.

No que diz respeito ao número de alunos por escola que não têm o português como língua materna – Gráfico n.º 1 – 66,6% das escolas têm entre 1 a 10 alunos nesta situação; 14,3% têm entre 11 a 25 alunos; 9,9% têm entre 26 a 50 alunos; 4,7% têm entre 51 a 100 alunos e 4,4% têm mais de 100 alunos.

**Gráfico n.º 1 – Número de alunos por escola que não têm o português como língua materna (ano lectivo 2004/2005)**



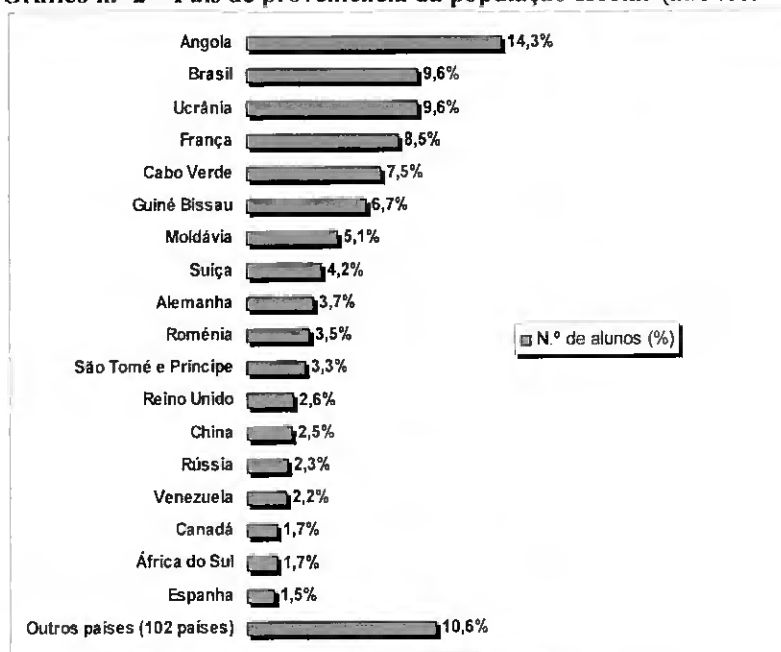
Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p. 25).

### 1.1.2. Proveniência da população escolar

Aprofundando um pouco mais os resultados obtidos no ano lectivo de 2001/2002 podemos constatar que em relação à proveniência da população escolar que frequenta o ensino básico há uma predominância dos países dos PALOP, nomeadamente Cabo Verde (28,4%), Angola (15,1%), Guiné (9,2%) e S. Tomé e Príncipe (4,5%). O terceiro lugar é ocupado pela população cigana com uma percentagem de 10,8%. Neste estudo é feita uma comparação entre estes dados e os dados recolhidos no ano lectivo de 1999/2000, sendo que as alterações são mínimas, verificando-se somente um decréscimo da população escolar moçambicana e uma subida considerável da população escolar russa e ucraniana.

Relativamente ao ano lectivo de 2004/2005, tal como podemos observar no gráfico n.º 2, na sua maioria os alunos que não nasceram em Portugal são oriundos de Angola (13,4%); Brasil (9,6%) e Ucrânia (9,6%).

Gráfico n.º 2 – País de proveniência da população escolar (ano lectivo 2004/2005)



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p. 29).

Comparando o ano lectivo de 2001/2002 com o ano lectivo de 2004/2005 – Gráfico n.º 3 –, podemos constatar algumas alterações, fruto dos mais recentes

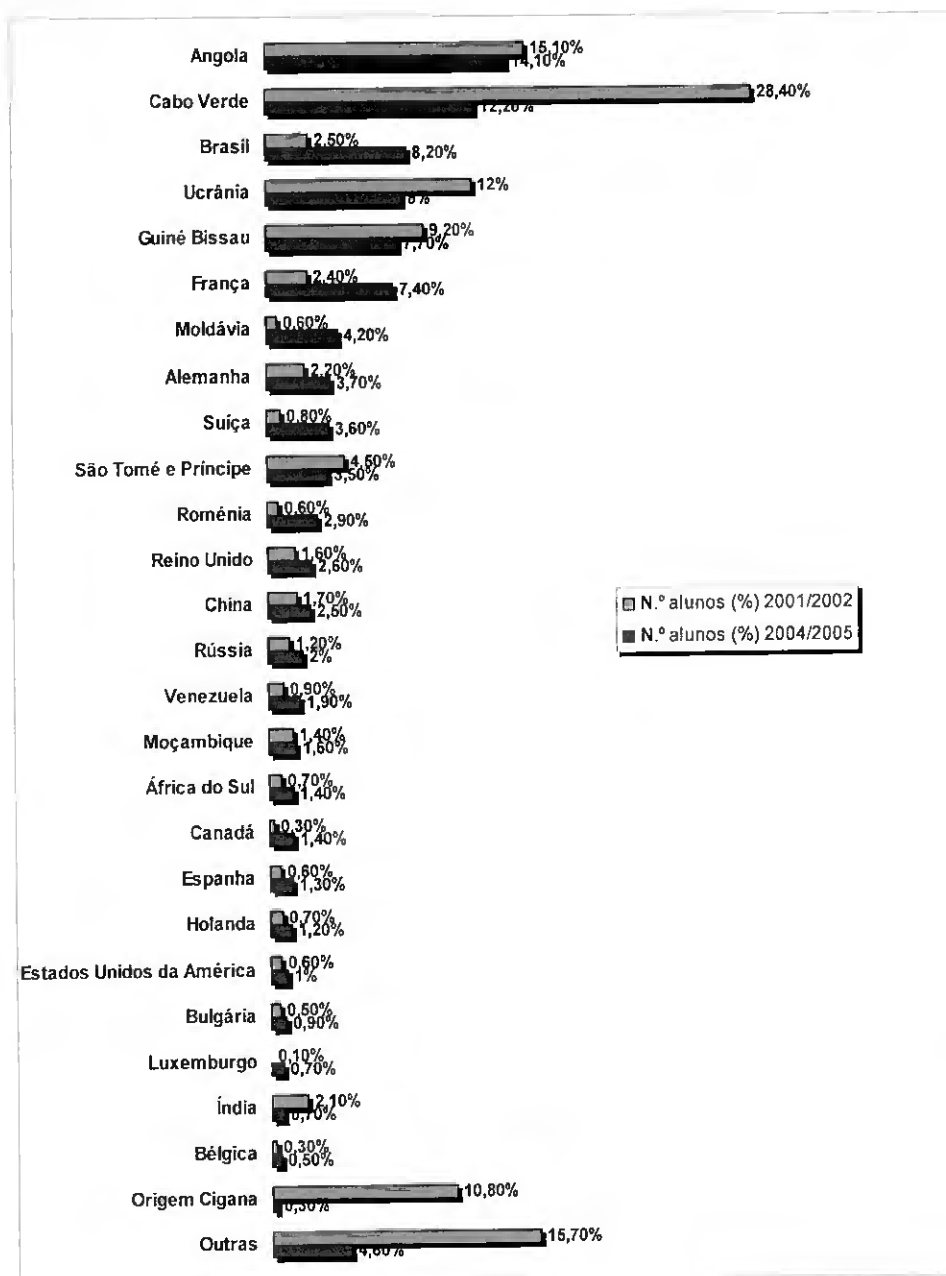
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

movimentos migratórios. Como tal, a população escolar proveniente dos países dos PALOP sofreu uma acentuada diminuição, assim como os alunos Índianos e os de origem cigana. Por sua vez, o Brasil, a França, a Alemanha, a Suíça, os países de leste, entre outros, viram a sua população escolar aumentar consideravelmente.

**Gráfico n.º 3 – País de proveniência da população escolar (quando o aluno não nasceu em Portugal ou a sua família não tem o português como língua materna) nos anos lectivos de 2001/2002 e 2004/2005.**

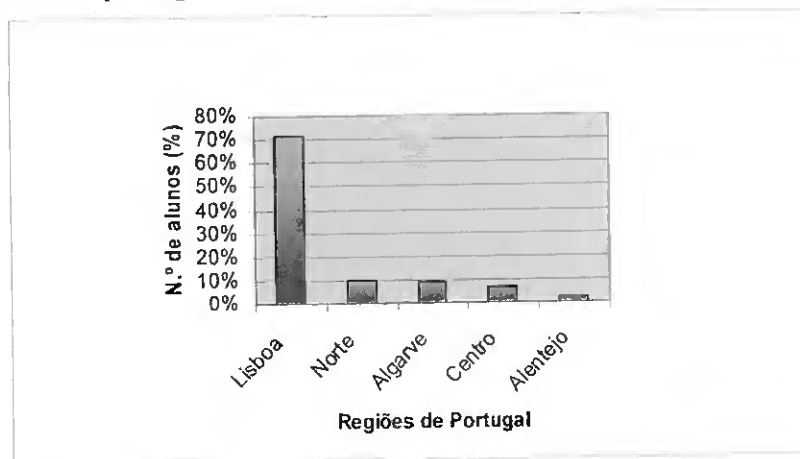


Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.30).

### 1.1.3. Distribuição dos alunos que não têm o português como língua materna por regiões

Considerando os dados recolhidos no ano lectivo 01/02, tal como podemos observar no gráfico abaixo indicado, a maior parte dos alunos que não tem o português como língua materna encontra-se na região de Lisboa com 12 672 alunos, a que corresponde 72% da totalidade dos alunos, seguido da região norte com 1 738 alunos (10%), da região do Algarve com 1 515 alunos (9%), da região centro com 1 172 alunos (7%) e da região do Alentejo com 438 alunos, a que corresponde 2%.

Gráfico n.º 4 – Distribuição do número de alunos (%) que têm o português como língua não materna por regiões (ano lectivo 2001/2002)



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português.

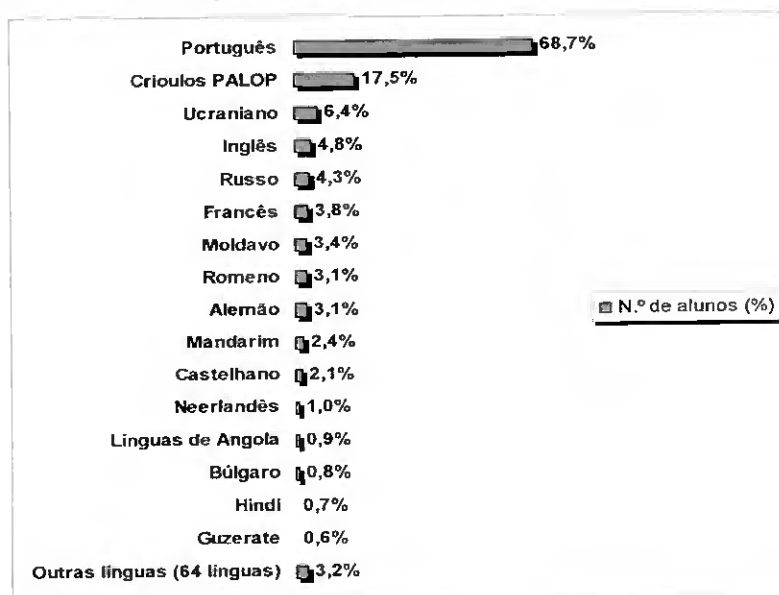
No que diz respeito ao ano lectivo de 04/05, os distritos com maior representação na amostra são Lisboa (23,9%) e Porto (13%), em número de escolas. Relativamente ao número de alunos, Lisboa, Faro e Setúbal são os distritos que apresentam um maior número de alunos cuja língua materna não é o português. Na região de Lisboa a maioria dos alunos que não tem o português como língua materna nasceu nos PALOP. Na região Norte destacam-se os alunos nascidos na França, Suíça, Venezuela, África do Sul e Canadá. Já no Algarve, na sua maioria, os alunos são naturais do Reino Unido.

### 1.1.4. Línguas maternas mais faladas pela população escolar

No campo das quinze línguas maternas mais faladas pela população escolar, exceptuando a língua portuguesa, no topo surge o crioulo que constitui a língua materna de 8 076 alunos, seguido do *romani* falado por 1 338 alunos e pelo francês falado por 837 alunos. As restantes línguas maternas são o inglês, o alemão, o português do Brasil, o castelhano, o russo, o límbundo, o mandarim, o gujarati, o ucraniano, o chinês, o hindí e o romeno. Também neste campo é feito um paralelo com o estudo realizado anteriormente (1999/2000), chegando-se à conclusão de que o predomínio das línguas maternas ligadas aos países africanos continua a verificar-se, no entanto há um registo considerável das línguas dos países de leste, nomeadamente o russo que ocupa o oitavo lugar com 293 falantes, o ucraniano em décimo segundo lugar com 147 falantes e o romeno em décimo quinto lugar com 117 falantes.

O estudo desenvolvido no ano lectivo de 2004/2005 revela que em relação às línguas faladas em casa – gráfico n.º 5 – foram identificadas 80 línguas, sendo o português a língua mais utilizada (68,7%), seguido dos crioulos dos PALOP (17,5%) e do ucraniano (6,4%).

Gráfico n.º 5 – Línguas faladas em casa (ano lectivo 2004/2005)



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.31).

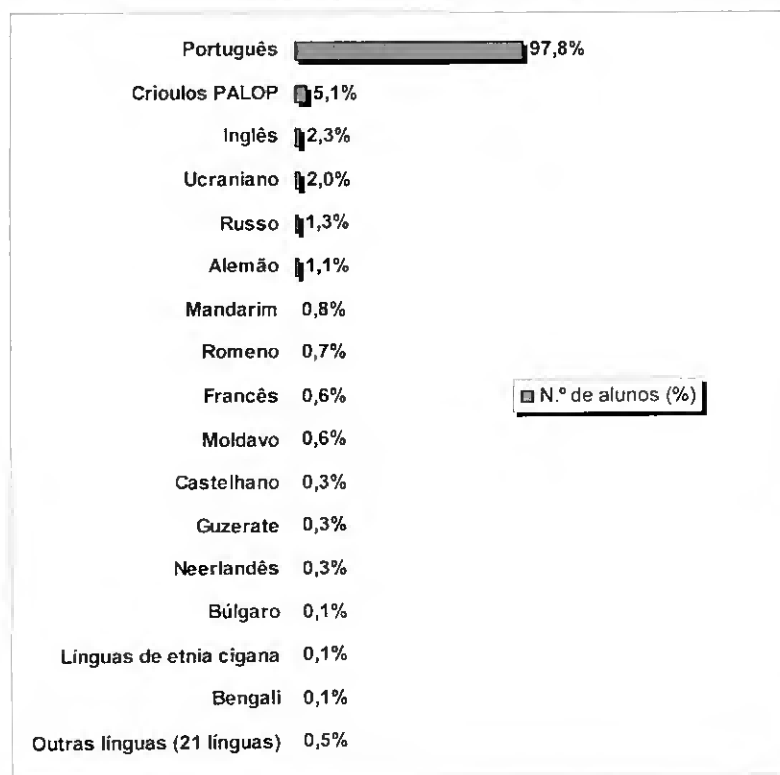
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

Com os amigos e colegas – gráfico n.º 6 – a grande maioria fala português (97,8%), havendo também 5,1% dos alunos que comunicam em crioulo.

Gráfico n.º 6 – Línguas faladas com amigos e colegas (ano lectivo 2004/2005)



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.31).

### 1.1.5. Projectos desenvolvidos pelas escolas no âmbito da interculturalidade

O estudo implementado no ano lectivo de 2001/02 revela que os projectos desenvolvidos pelas escolas são incipientes, pouco aprofundados e pouco relacionados com a realidade multicultural, não correspondendo à real necessidade dos alunos de origem estrangeira, necessidade essa que consiste num verdadeiro domínio da língua portuguesa. O mesmo se verifica com o recurso aos mediadores, sendo que a sua escassa utilização reporta-se essencialmente à região de Lisboa e destina-se aos alunos de etnia cigana e aos cabo-verdianos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

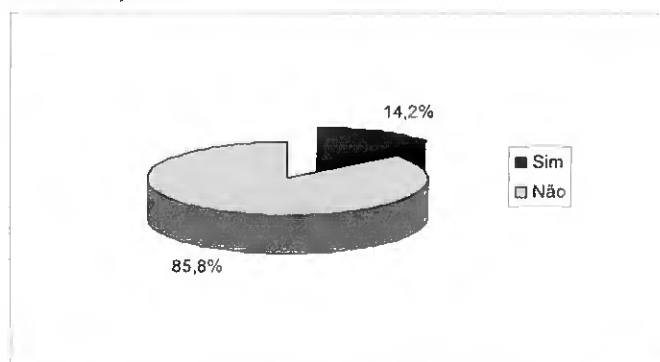
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

O estudo levado a cabo no ano lectivo de 2004/05 aborda três tipos de iniciativas por parte das escolas: projectos na área da literacia ou da interculturalidade; actividades de apoio (regulamentadas pelo Decreto-Lei 319/91 e Decreto-Lei 219/97); e actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa enquadradas ao abrigo do Decreto-Lei 6/2001.

Os projectos na área da literacia ou da interculturalidade – gráfico n.º 7 – destacam-se como a iniciativa menos vezes empreendida, existindo apenas em 14,2% das escolas inquiridas. De entre as escolas que desenvolvem este tipo de projectos destacam-se as escolas das regiões do Algarve (29%) e do Alentejo (21,3%).

**Gráfico n.º 7 – Existência de projectos na área da literacia ou da interculturalidade (ano lectivo 2004/2005)**



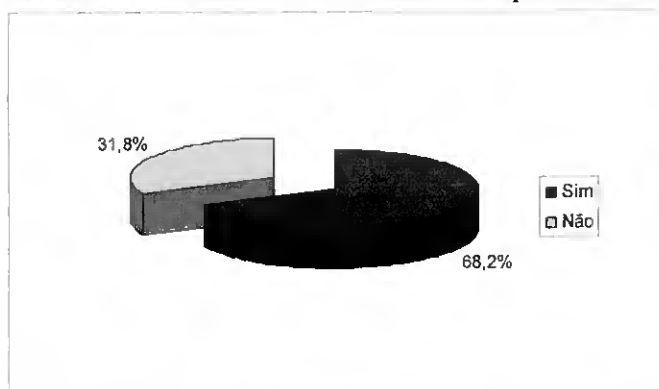
Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.19).

No que concerne às actividades de apoio, tal como podemos verificar no gráfico n.º 8, cerca de 70% das escolas fornece aos seus alunos este tipo de actividades para colmatar as dificuldades de aprendizagem da língua portuguesa. Essas actividades enquadram-se em dois diplomas legais: o Decreto-Lei 319/91, que regula a integração dos alunos com necessidades educativas especiais e dificuldades de aprendizagem, e o Decreto-Lei 219/97, que define o modelo de equivalências entre os estudos, graus e diplomas do sistema educativo português e os de outros países. A maioria das actividades de apoio desenvolve-se segundo o Decreto-Lei 219/97 (40,7%), enquanto que 32,6% das escolas estipulam estas actividades segundo o Decreto-Lei 319/91 e 26,7% das escolas enquadram as actividades em ambos os Decretos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

**Gráfico n.º 8 – Existência de actividades de apoio nas escolas (ano lectivo 2004/2005)**

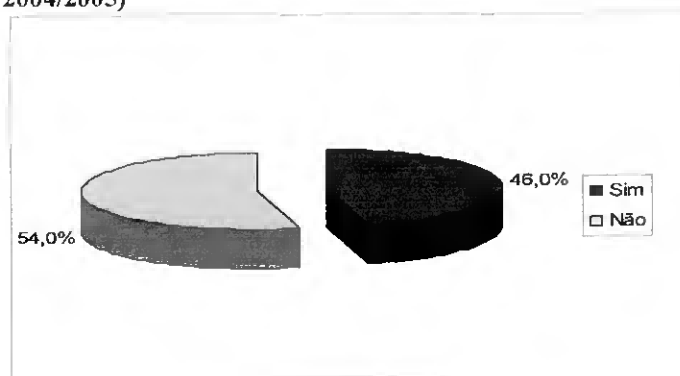


Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.20).

Ainda relativamente às actividades de apoio, 28% das escolas estipulam mais de 10 horas semanais para a realização destas actividades. De entre as escolas que desenvolvem estas actividades destacam-se as escolas da região do Algarve (80%), seguido dos Açores (71,4%).

A existência de actividades curriculares ao abrigo do Decreto-Lei 6/2001 – gráfico n.º 9 – verifica-se em 46% das escolas, sendo que não se encontra uma diferenciação regional significativa ao nível da implementação destas actividades.

**Gráfico n.º 9 – Existência de actividades curriculares ao abrigo do Decreto-Lei 6/2001 (ano lectivo 2004/2005)**

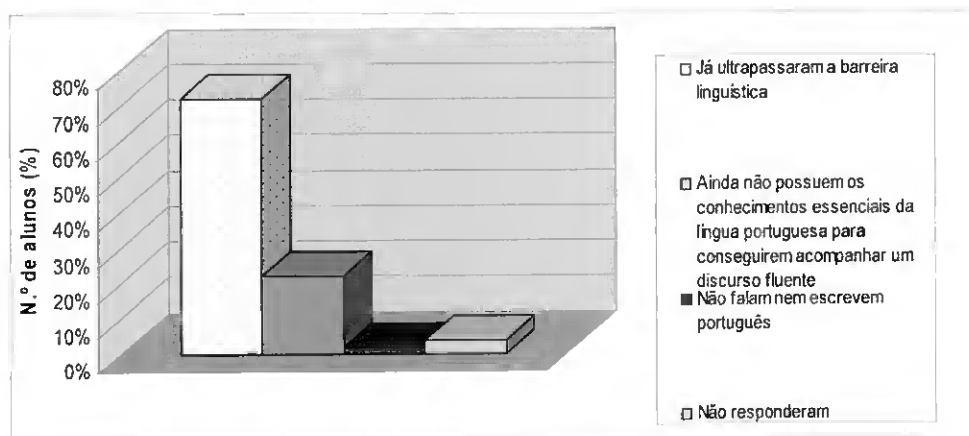


Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.22).

### 1.1.6. Grau de proficiência em Língua Portuguesa

A entidade responsável pelo estudo realizado no ano lectivo de 2001/02 apurou os seguintes dados relativamente ao domínio da língua portuguesa (gráfico n.º 10) : 2% dos alunos que têm o Português como língua não materna não falam nem escrevem Português; 22% conseguem entender e fazer-se entender em Português, ainda que não possuam os conhecimentos essenciais da língua portuguesa para acompanhar um discurso fluente; 72% já conseguiram ultrapassar a barreira linguística e 4% não responderam.

Gráfico n.º 10 – Domínio da língua portuguesa (ano lectivo 2001/2002)



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português.

Este estudo revela ainda que os alunos que têm como línguas maternas o russo, o ucraniano e o romeno apresentam maiores dificuldades em ultrapassar a barreira linguística. Ao invés, os alunos cuja língua materna é o gujarati registam um domínio satisfatório da língua portuguesa.

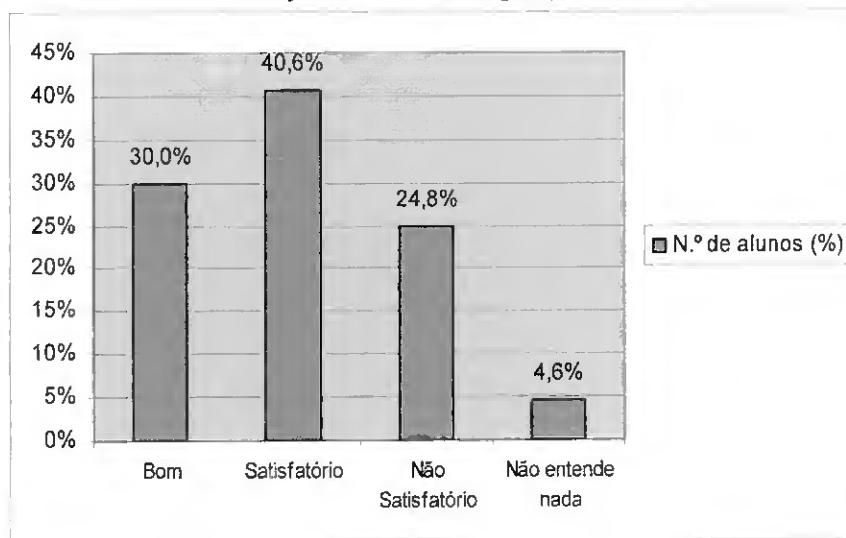
Por sua vez, o estudo efectuado no ano lectivo de 2004/05 aponta para o facto de que o grau de proficiência em língua portuguesa – gráfico n.º 11 – e o nível de aproveitamento escolar dos alunos cuja língua materna não é o português – gráfico n.º 12 – são satisfatórios.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

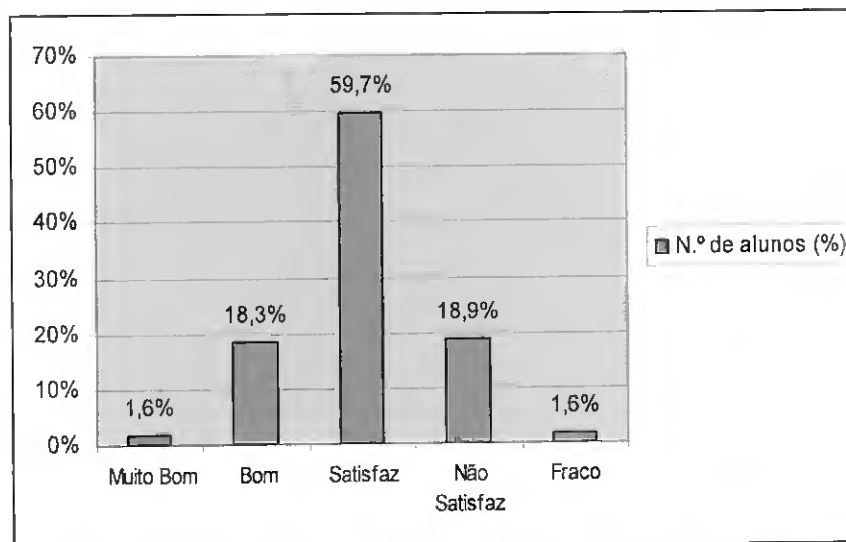
1.º Ciclo do Algarve.

**Gráfico n.º 11 – Grau de proficiência em língua portuguesa (ano lectivo 2004/2005)**



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.32).

**Gráfico n.º 12 – Nivel de aproveitamento (ano lectivo 2004/2005)**



Fonte: Análise do inquérito no âmbito do conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português (p.32).

Neste estudo é feito um paralelo entre o grau de proficiência em língua portuguesa e as nacionalidades dos alunos. Deste modo, os alunos nascidos na Suíça, Alemanha, Brasil, França e Reino Unido são os que têm melhores classificações em termos de proficiência em língua portuguesa. Os alunos nascidos nos países dos PALOP, China e Ucrânia são os que apresentam piores resultados ao nível da proficiência em língua portuguesa.

Relativamente à relação entre o aproveitamento escolar e as nacionalidades dos alunos, verifica-se que os melhores sucedidos são os alunos nascidos na Moldávia, Suíça, Alemanha, Ucrânia e Roménia. Em contrapartida, os alunos nascidos nos países dos PALOP são os que apresentam pior aproveitamento escolar.

Este estudo revela ainda que o nível de ensino frequentado pelos alunos cuja língua materna não é o português também é influenciado pelo grau de proficiência em língua portuguesa. Assim, os alunos mais proficientes são aqueles que frequentam os anos de transição entre os vários ciclos de ensino.

Comparando estes dois estudos, é fácil verificar que houve alterações significativas tanto ao nível da caracterização da população escolar cuja língua materna não é a língua portuguesa como ao nível das iniciativas e apoios prestados pela escola. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer e a necessidade de uma profunda remodelação no sistema de ensino, que deve efectivamente responder às necessidades reais de todos os alunos e contemplar um verdadeiro apoio no ensino do Português a estes alunos que têm outras línguas maternas, através de uma promoção de estratégias de intervenção eficientes e facilitadoras da aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda.

## **1.2. A multiculturalidade nas escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve**

Segundo os dados disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Algarve<sup>3</sup>, após prévia solicitação<sup>4</sup>, referentes aos alunos de origem estrangeira que frequentavam as escolas do 1.º Ciclo do Algarve no ano lectivo de 2004/2005, há a registar 1 603 alunos provenientes de cinquenta nacionalidades que não a portuguesa.

No que diz respeito às nacionalidades, tal como podemos observar nos gráficos abaixo indicados, estas foram agrupadas por continentes de origem:

---

<sup>3</sup> cf. anexo II

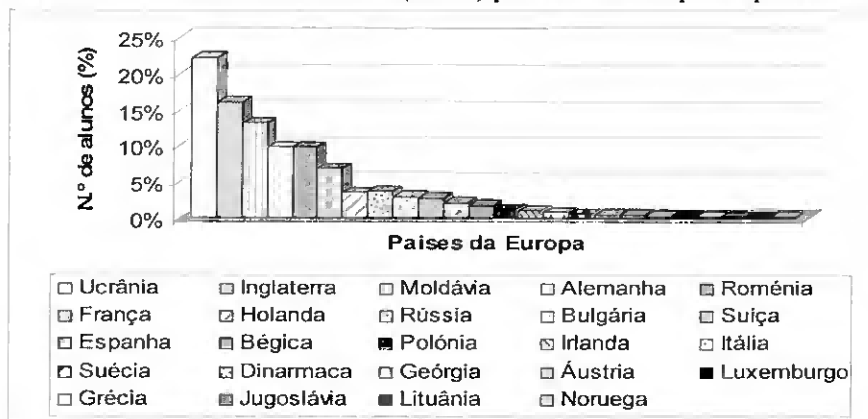
<sup>4</sup> cf. anexo I

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

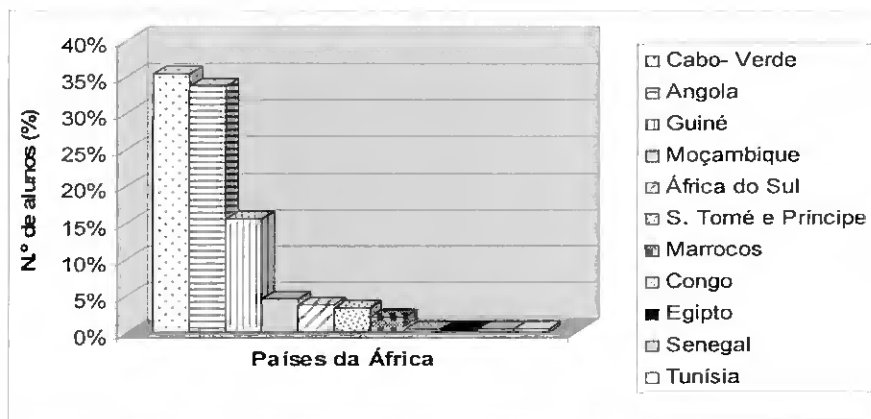
### 1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 13 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Europa



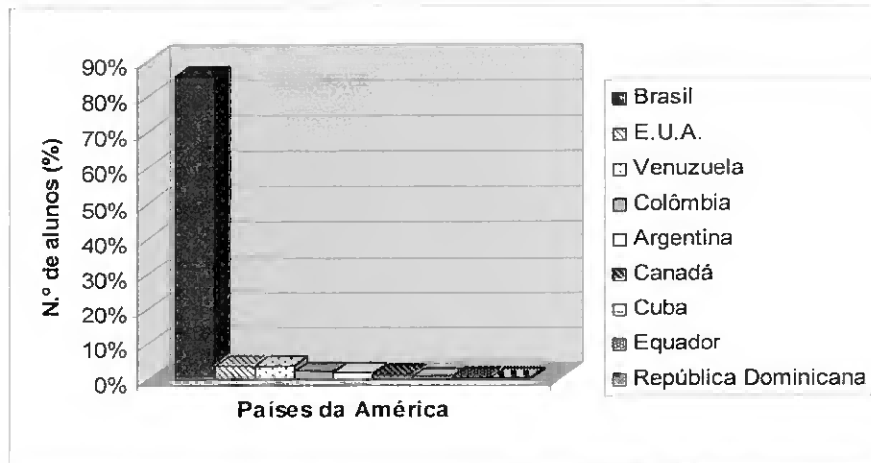
Fonte: DREALG

Gráfico n.º 14 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à África



Fonte: DREALG

Gráfico n.º 15 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à América

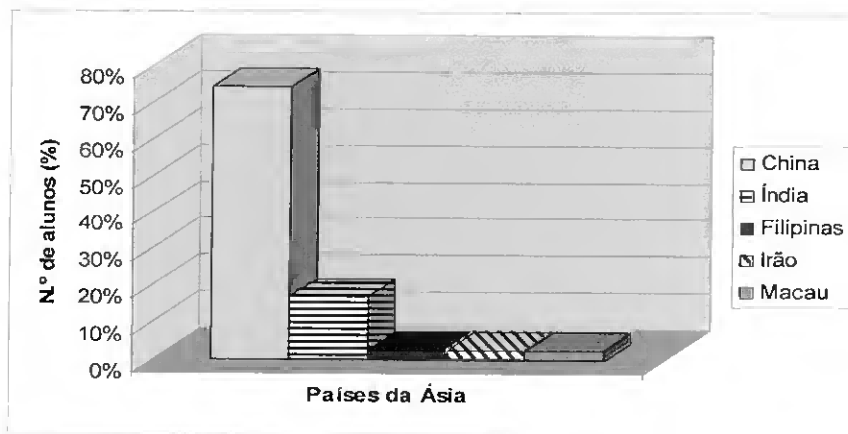


Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

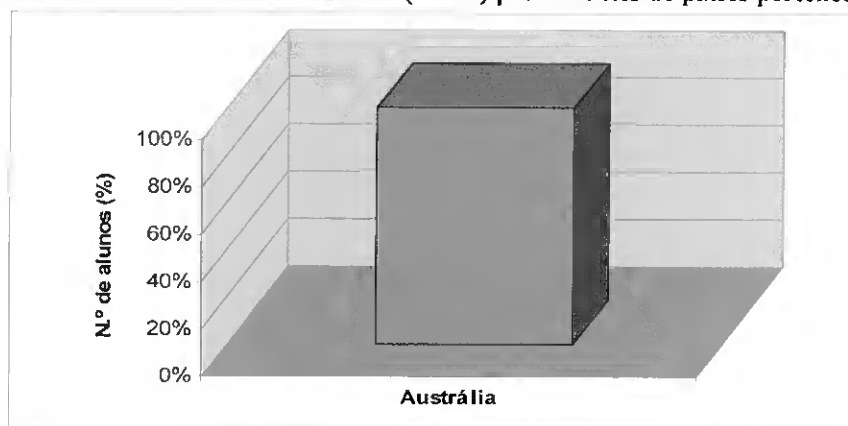
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

**Gráfico n.º 16 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Ásia**



Fonte: DREALG

**Gráfico n.º 17 – Número de alunos (em %) provenientes de países pertencentes à Oceânia**



Fonte: DREALG

Convém ainda referir que quatro escolas não especificam as nacionalidades dos seus alunos, o que corresponde a 115 alunos ou 7,2% do total de alunos.

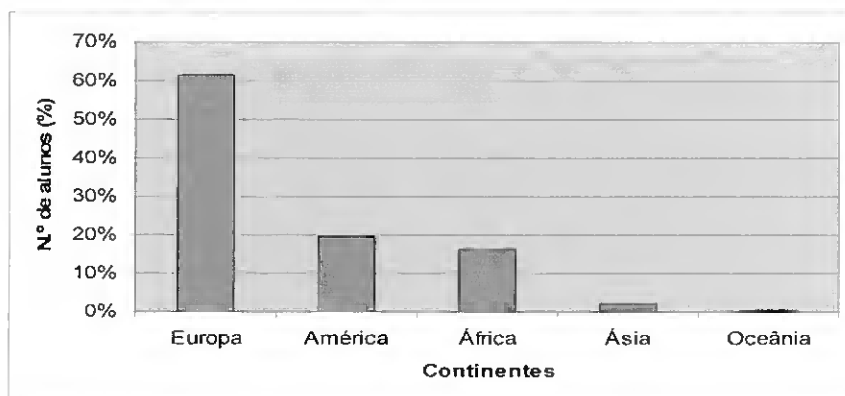
Assim, podemos constatar no gráfico abaixo apresentado que a maior parte dos alunos de origem estrangeira provêm do continente europeu (61,5%), seguido do continente americano (19,6%), do continente africano (16,3%), do continente asiático (2,4%) e por fim da Oceânia (0,2%).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

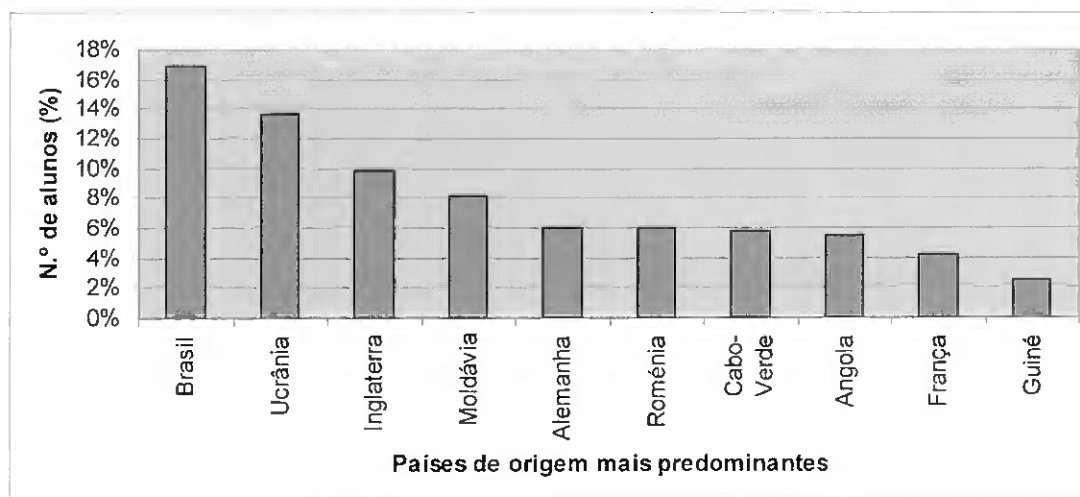
**Gráfico n.º 18 – Distribuição do número de alunos (em %) pelos diversos continentes**



Fonte: DREALG

Após esta distribuição por continentes é fácil verificar que os dez países de origem predominantes são: Brasil (16,9%), Ucrânia (13,7%), Inglaterra (9,9%), Moldávia (8,1%), Alemanha e Roménia (ambos com 6,1%), Cabo-Verde (5,8%); Angola (5,5%), França (4,2%) e Guiné (2,6%).

**Gráfico n.º 19 – Número de alunos (em %) dos dez países de origem mais predominantes**



Fonte: DREALG

Após esta caracterização ao nível de todo o Algarve, passemos à análise dos dados disponibilizados por concelhos, tendo em conta o número de alunos de origem estrangeira, assim como os países de origem.

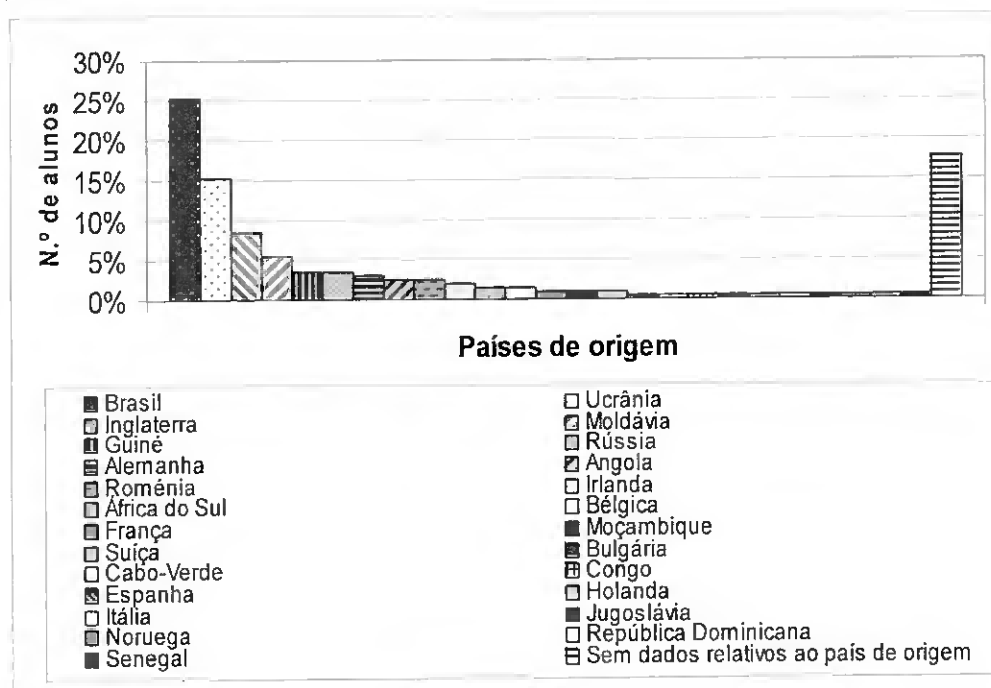
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

### a) Albufeira

No que diz respeito ao concelho de Albufeira há 166 alunos de origem estrangeira provenientes de vinte e cinco países estrangeiros. Contudo, uma escola deste concelho não especifica as nacionalidades de 36 alunos. Como tal, ao todo neste concelho há 202 alunos de origem estrangeira. É de referir que a maioria dos alunos (25%) é proveniente do Brasil.

Gráfico n.º 20 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Albufeira



Fonte: DREALG

### b) Alcoutim

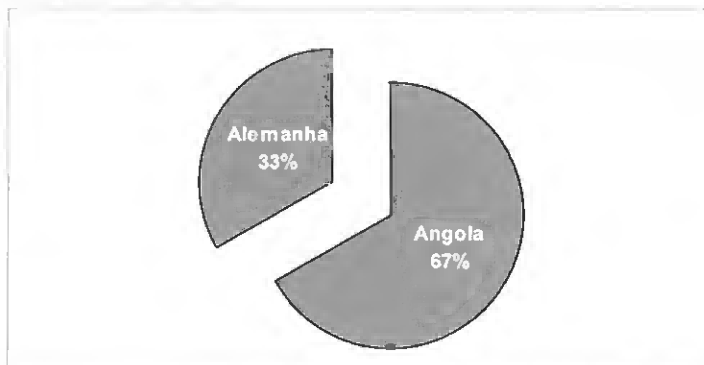
Relativamente ao concelho de Alcoutim somente há 3 alunos de origem estrangeira provenientes de dois países estrangeiros: Angola (67%) e Alemanha (33%).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 21 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Alcoutim

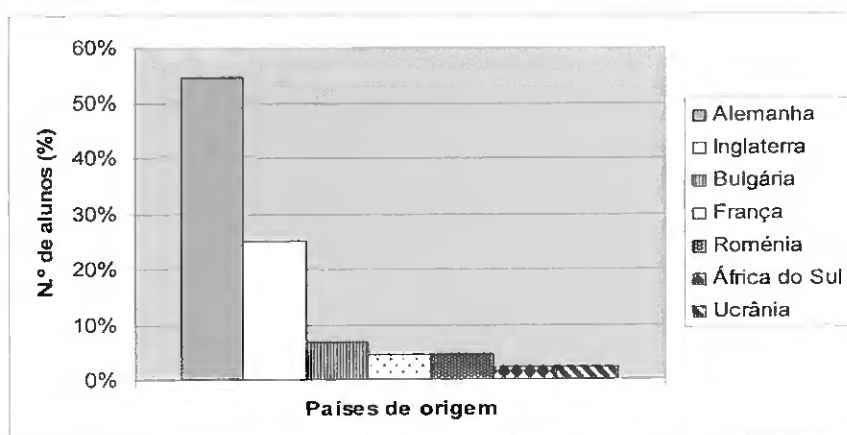


Fonte: DREALG

### c) Aljezur

No que concerne ao concelho de Aljezur há 44 alunos de origem estrangeira provenientes de sete países estrangeiros, sendo a Alemanha o país predominante (55%).

Gráfico n.º 22 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Aljezur



Fonte: DREALG

### d) Castro Marim

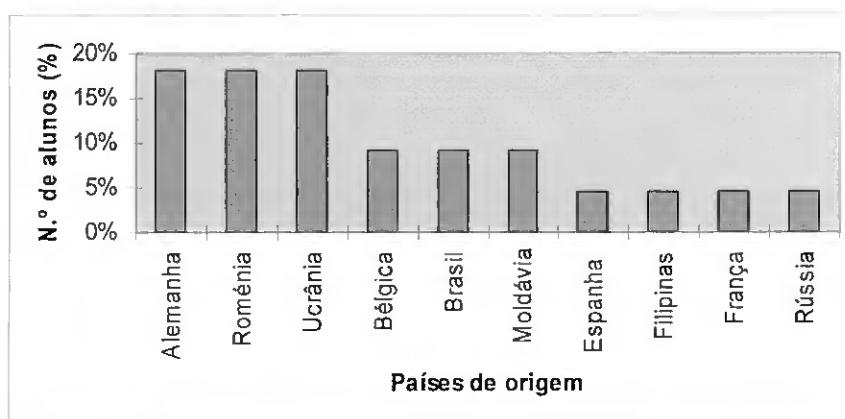
No que concerne ao concelho de Castro Marim há 22 alunos de origem estrangeira provenientes de dez países estrangeiros. Os países predominantes são a Alemanha, a Roménia e a Ucrânia, todos com 18%.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 23 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Castro Marim

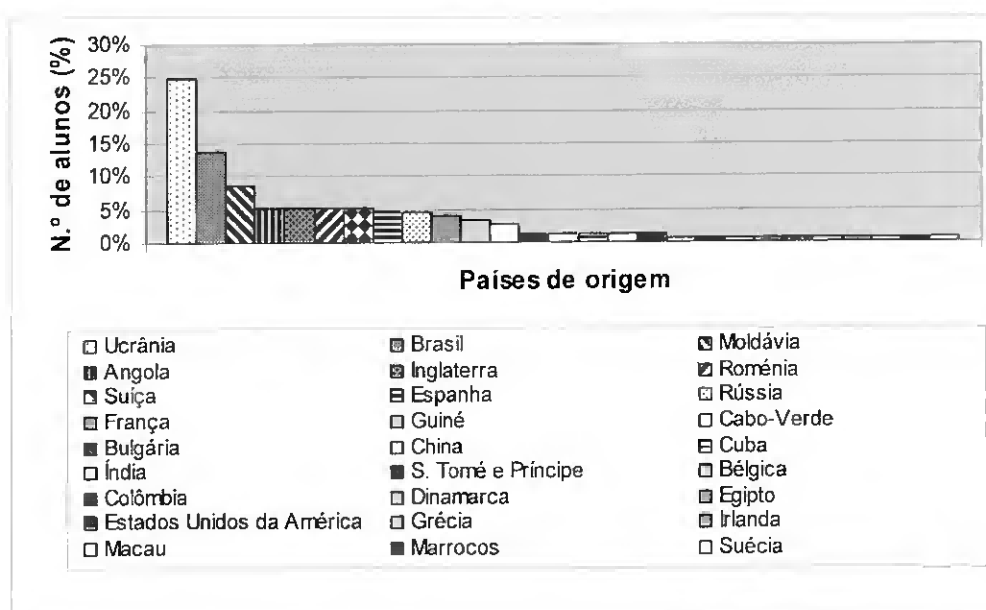


Fonte: DREALG

### e) Faro

No que diz respeito ao concelho de Faro, o número de alunos de origem estrangeira é de 153, provenientes de vinte e sete países estrangeiros. A Ucrânia é o país predominante (25%).

Gráfico n.º 24 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Faro



Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

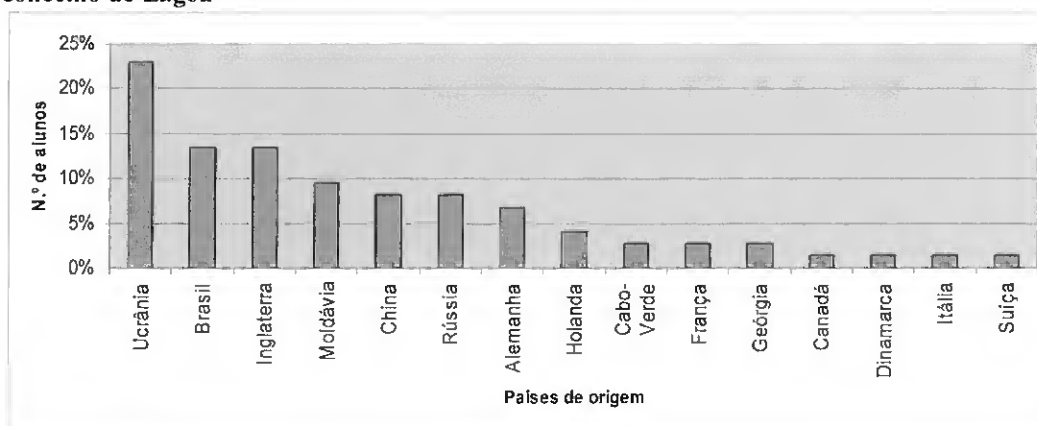
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

### f) Lagoa

Relativamente ao concelho de Lagoa há 74 alunos de origem estrangeira provenientes de quinze países estrangeiros, sendo a Ucrânia o país predominante (23%).

Gráfico n.º 25 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Lagoa

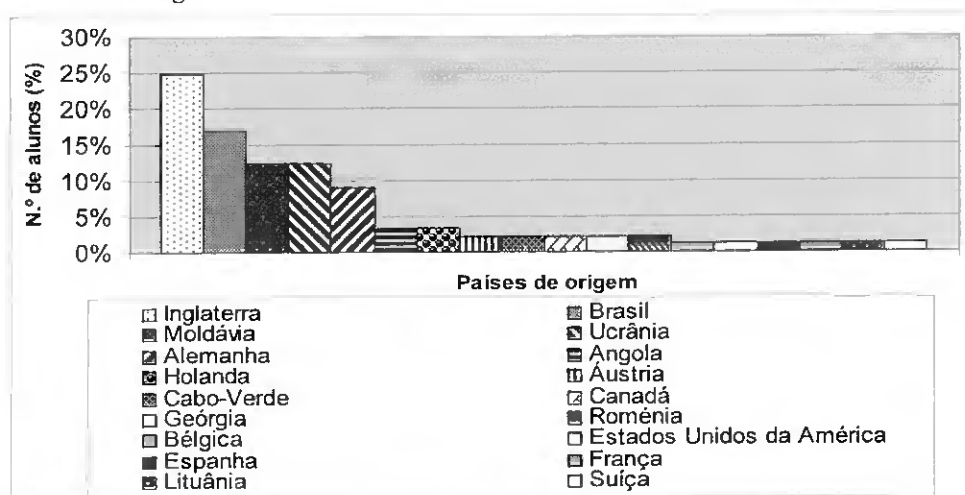


Fonte: DREALG

### g) Lagos

Relativamente ao concelho de Lagos há 89 alunos provenientes de dezoito países estrangeiros. Neste concelho 25% dos alunos são ingleses.

Gráfico n.º 26 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Lagos



Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

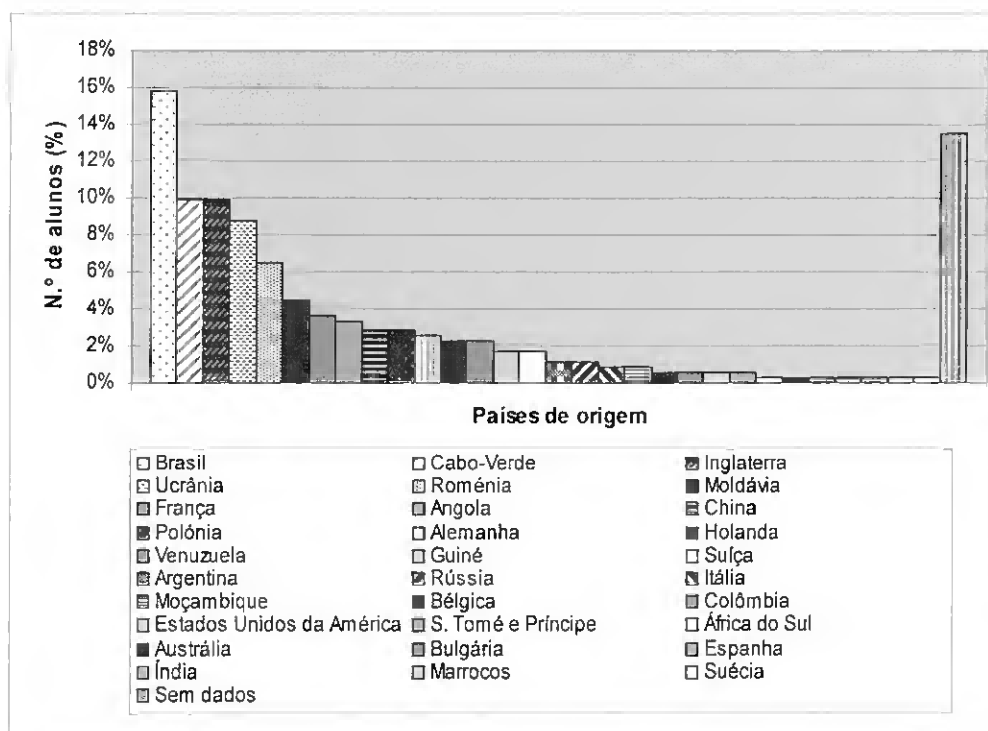
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

### h) Loulé

No que concerne ao concelho de Loulé há 307 alunos de origem estrangeira provenientes de trinta países estrangeiros. Contudo, uma escola deste concelho não especifica as nacionalidades de 48 alunos. Como tal, ao todo neste concelho há 355 alunos de origem estrangeira. É de referir que o país predominante é o Brasil, com 16% dos alunos.

Gráfico n.º 27 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Loulé



Fonte: DREALG

### i) Monchique

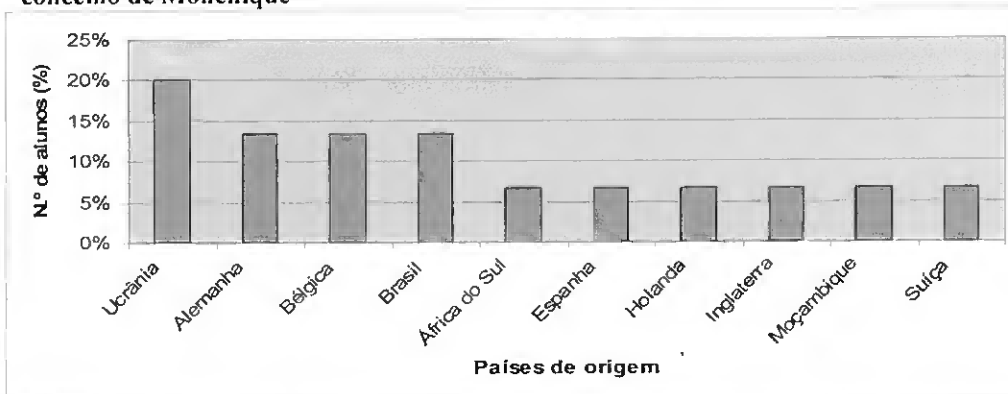
No que diz respeito ao concelho de Monchique o número de alunos de origem estrangeira é de 15, provenientes de dez países estrangeiros, em que a Ucrânia predomina (20%).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 28 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Monchique



Fonte: DREALG

### j) Olhão

Relativamente ao concelho de Olhão há 82 alunos de origem estrangeira provenientes de vinte e dois países estrangeiros. Contudo, uma escola deste concelho não especifica as nacionalidades de 14 alunos. Como tal, ao todo neste concelho há 96 alunos de origem estrangeira. É de referir que 11% dos alunos são provenientes do Brasil.

Gráfico n.º 29 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Olhão



Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

### k) Portimão

No que concerne ao concelho de Portimão há 272 alunos de origem estrangeira provenientes de vinte e oito países estrangeiros. Contudo, uma escola deste concelho não especifica as nacionalidades de 17 alunos. Como tal, ao todo neste concelho há 289 alunos de origem estrangeira. Também neste concelho o Brasil predomina como o país de origem de 20% dos alunos.

Gráfico n.º 30 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Portimão



Fonte: DREALG

### l) S. Brás de Alportel

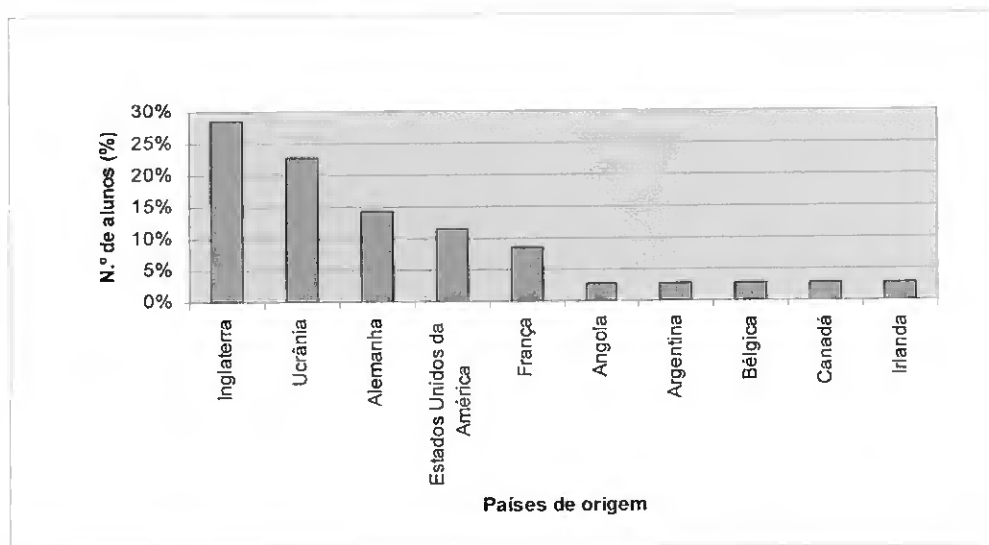
No que diz respeito ao concelho de S. Brás de Alportel, o número de alunos de origem estrangeira é de 35, provenientes de dez países estrangeiros, sendo que 29% são ingleses.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 31 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de S. Brás de Alportel

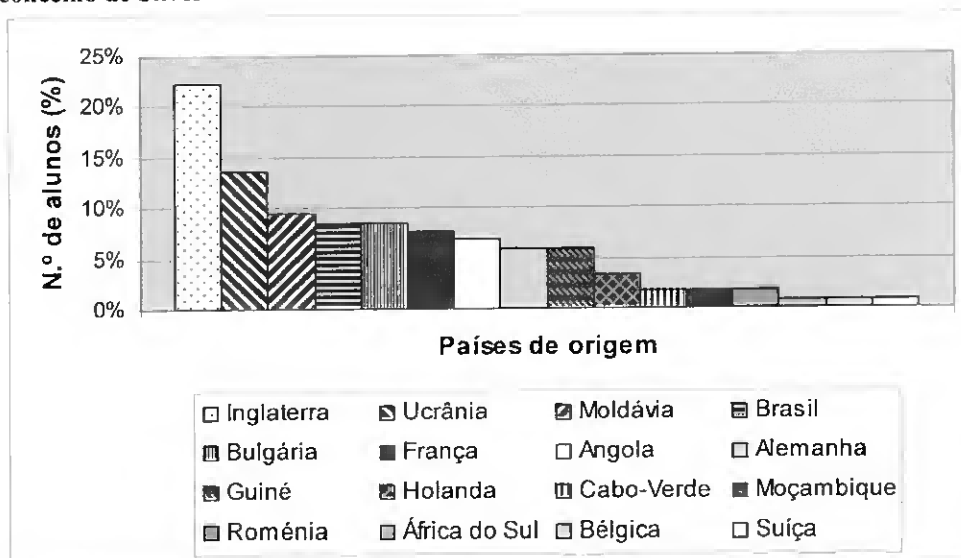


Fonte: DREALG

### m) Silves

Relativamente ao concelho de Silves, há 117 alunos de origem estrangeira provenientes de dezasseis países estrangeiros. Neste concelho 22% dos alunos são ingleses.

Gráfico n.º 32 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Silves



Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

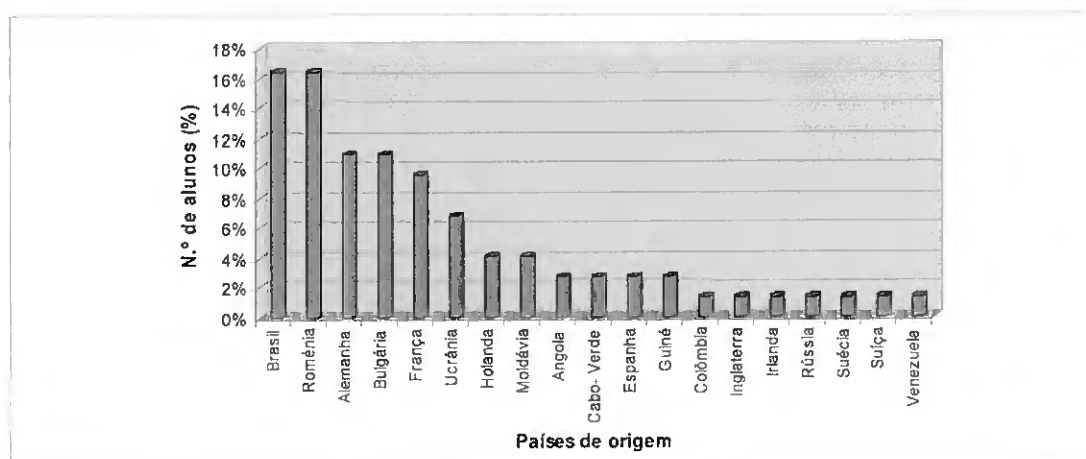
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

### n) Tavira

No que concerne ao concelho de Tavira, há 73 alunos de origem estrangeira provenientes de dezanove países estrangeiros, em que o Brasil e a Roménia predominam, ambos com 16% dos alunos.

Gráfico n.º 33 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Tavira



Fonte: DREALG

### o) Vila do Bispo

No concelho de Vila do Bispo não há alunos de origem estrangeira.

### p) Vila Real de Santo António

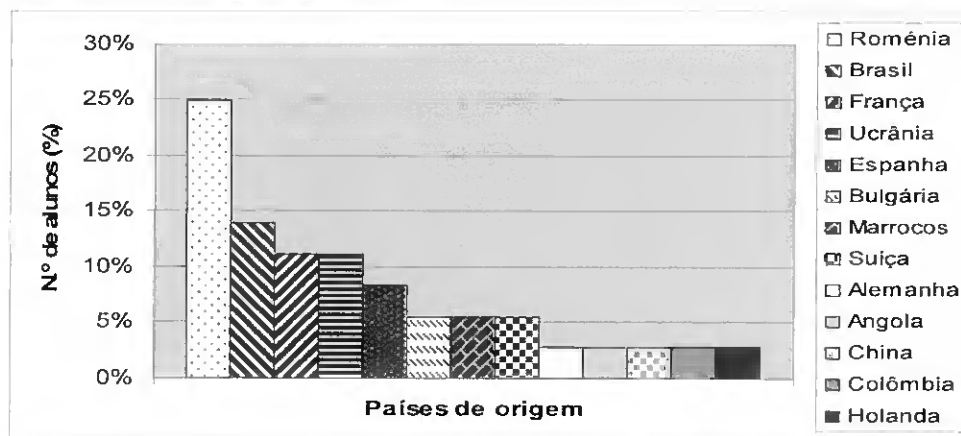
Relativamente ao concelho de Vila Real de Santo António, há 36 alunos de origem estrangeira provenientes de treze países estrangeiros. Na sua maioria, os alunos (25%) são romenos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

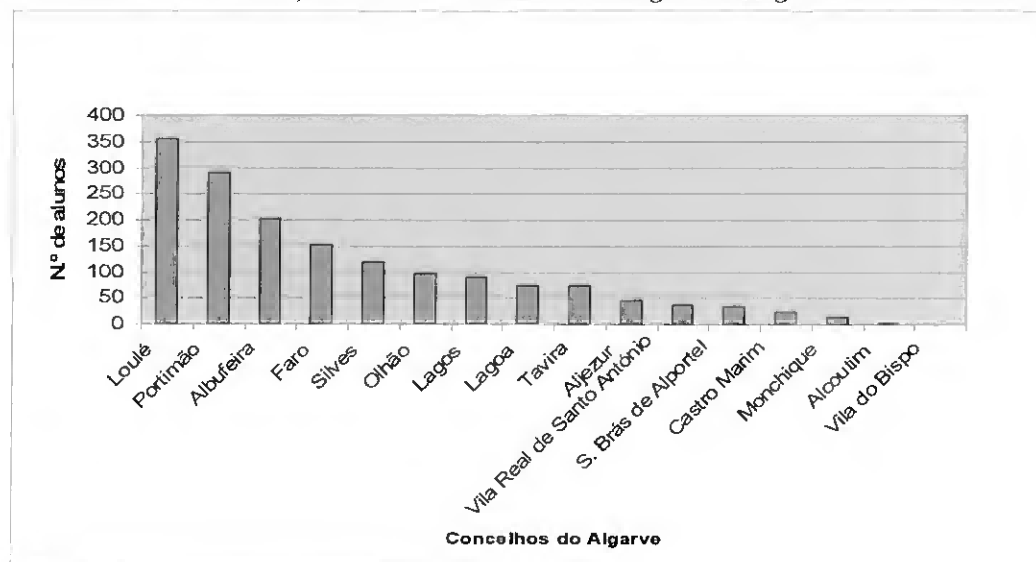
Gráfico n.º 34 – Número de alunos (em %) de origem estrangeira e seus países de origem no concelho de Vila Real de Santo António



Fonte: DREALG

Após a apresentação dos dados referentes aos diversos concelhos do Algarve, é fácil verificar que o concelho de Loulé é o que apresenta um maior número de alunos estrangeiros (355), seguido de Portimão com 289 alunos, Albufeira com 202 alunos, Faro com 153 alunos, Silves com 117 alunos, Olhão com 96 alunos, Lagos com 89 alunos, Lagoa com 74 alunos, Tavira com 73 alunos, Aljezur com 44 alunos, Vila Real de Santo António com 36 alunos, S. Brás de Alportel com 35 alunos, Castro Marim com 22 alunos, Monchique com 15 alunos, Alcoutim somente com 3 alunos e finalmente Vila do Bispo é o único concelho algarvio sem alunos de origem estrangeira.

Gráfico n.º 35 – Distribuição do número de alunos de origem estrangeira nos concelhos do Algarve



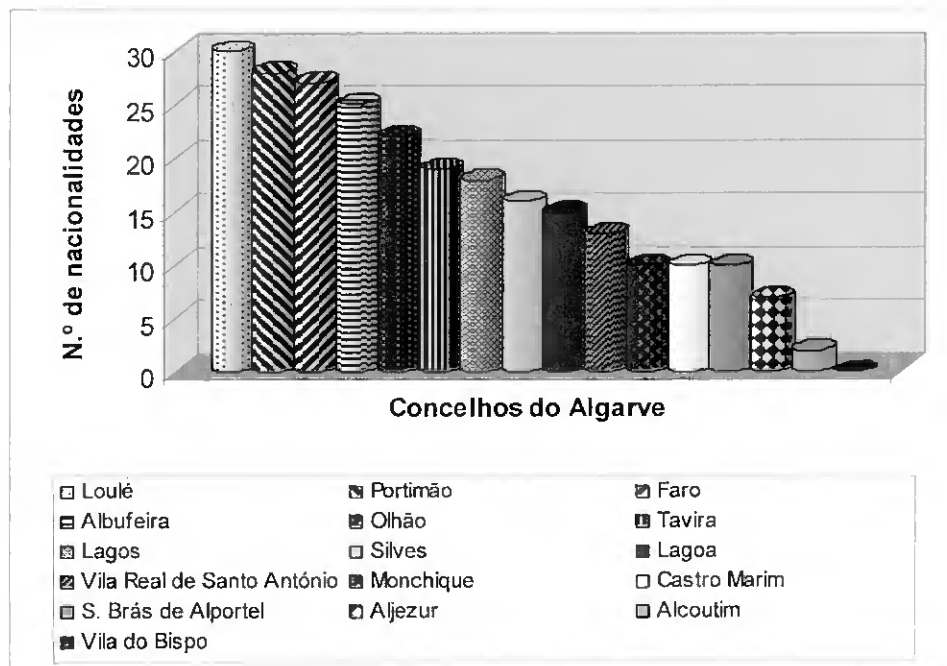
Fonte: DREALG

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

No que diz respeito aos concelhos que apresentam uma maior diversidade de nacionalidades podemos verificar através da observação do gráfico seguinte que o concelho de Loulé é aquele que apresenta uma maior diversidade de nacionalidades (30), seguido de Portimão com 28, Faro com 27, Albufeira com 25, Olhão com 22, Tavira com 19, Lagos com 18, Silves com 16, Lagoa com 15, Vila Real de Santo António com 13, Monchique, Castro Marim e S. Brás de Alportel com 10, Aljezur com 7, Alcoutim com 2 e o concelho de Vila do Bispo não tem alunos de origem estrangeira.

Gráfico n.º 36 – Diversidade de nacionalidades por concelhos



Fonte: DREALG

Relativamente às nacionalidades dos alunos, convém referir que quatro escolas, nomeadamente uma escola pertencente ao concelho de Albufeira, uma outra pertencente ao concelho de Loulé, outra pertencente ao concelho de Olhão e ainda outra pertencente ao concelho de Portimão, apesar de terem alunos de origem estrangeira, não especificam quais as suas nacionalidades.

## **Capítulo II – A presença do multiculturalismo no mundo actual**

A multiculturalidade, enquanto característica que pressupõe a existência de diferentes culturas num determinado meio, tem vindo a ganhar especial destaque nas sociedades de todo o mundo.

A crescente mobilidade de pessoas, quer por razões económicas, políticas ou sociais, tem tido uma especial preponderância e contribuído para a presença e interacção de diversas culturas, etnias e línguas num mesmo espaço. Como tal, a compreensão das especificidades de cada uma e o respeito pelas diferenças constituem uma meta a atingir por parte dos responsáveis de cada sociedade.

Só assim será possível entender o multiculturalismo nas suas múltiplas vertentes e retirar desta nova faceta tudo aquilo que contribua para o enriquecimento mútuo, bem como para a promoção da igualdade de oportunidades.

Neste capítulo propomos reflectir sobre: a génese do multiculturalismo nas sociedades democráticas, focando as duas perspectivas de integração numa sociedade, isto é, a integração por assimilação cultural e a integração intercultural numa perspectiva dinâmica; a emigração portuguesa e a crescente imigração para o nosso país, consequência das mobilidades políticas, sociais e económicas.

### **2.1. A génese do multiculturalismo nas sociedades democráticas**

As actuais sociedades democráticas são caracterizadas por uma heterogeneidade ao nível de culturas. Esta pluriculturalidade tem

... em conta os dinamismos sociais que atravessam os diferentes grupos de acordo com interesses técnicos e práticos em mutação contínua que atravessam ainda cada indivíduo transformando-o simultaneamente, em sujeito e actor multidimensional agregando dentro de si próprio diferentes “culturas”, estatutos e papéis (Gâmbôa, 1997: 23).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

I.º Ciclo do Algarve.

Esta nova faceta da nossa sociedade contemporânea, pressupõe portanto o encontro de culturas diferentes no seio de uma mesma sociedade. Hannoun (1998: 32) expõe a sua opinião relativamente à existência de uma pluriculturalidade numa sociedade: “[e] n effect, la pluculturalité au sein d’un même corps social est fille de deux phénomènes : d’un part, l’existence, sur notre globe terrestre, de cultures diverses historiquement et géographiquement, d’autre part, la mobilité des populations humains.”

Efectivamente, o nosso mundo está repleto de culturas diversas que se pautam por diversas características<sup>5</sup> e por frequentes mobilidades das populações humanas. Esta última característica está presente desde há muitos séculos atrás, até no tempo das populações essencialmente pastoris em que a mobilidade ocorria devido à procura de melhores pastagens de forma a assegurar a sua sobrevivência.

Hoje em dia, essas mobilidades são essencialmente de origem económica e política. A mobilidade de origem económica confirma-se pelo facto de que o nosso mundo está dividido em duas zonas, uma zona rica caracterizada por uma elevada riqueza económica e outra zona com um baixo nível de vida devido à insuficiência económica. Consequentemente, as populações desta zona procuram melhores condições de vida onde estas existem.

Por outro lado, a mobilidade de origem política ocorre devido aos sucessivos derrubes dos regimes políticos, aos conflitos de poderes, às invasões militares e ao exílio de populações. De acordo com Hannoun (1998: 35), o século XX caracteriza-se por dois fenómenos que muito contribuíram para esta mobilidade política, nomeadamente: a descolonização das antigas colónias portuguesas e a queda do muro de Berlim, permitindo a abertura das fronteiras a pessoas com poucos recursos económicos que assim puderam ir à procura de melhores condições de vida noutros países.

---

<sup>5</sup> Segundo Hannoun (1998: 32/33), a noção de cultura pode ser entendida tendo em conta três componentes essenciais: uma componente tecnológica, que confere à cultura determinadas reacções tecnológicas aos diversos problemas materiais que se lhe deparam; uma componente ritual, que atribui à cultura determinados tipos de comportamento de origem social e espontâneos; e uma componente mítica, que diz respeito aos diferentes modos de pensar e que, por sua vez, dão origem à formação de estereótipos e de valores.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Toda esta mobilidade é acentuada pelo progresso notório da tecnologia moderna e pelo progresso ao nível dos transportes, que muito contribuíram para uma intensificação dos fenómenos migratórios<sup>6</sup>.

Como já foi referido atrás, o fenómeno migratório esteve desde sempre ligado à procura de melhores condições económicas e sociais, principalmente por parte das populações provenientes dos países pobres. Assim, a mão-de-obra, nem sempre qualificada, deslocava-se para onde era preciso, o que levou já no século XX a uma diminuição do custo dos transportes. Esta necessidade de mão-de-obra barata aliada à diminuição dos custos de transporte contribuiu para um claro aumento da mobilidade das populações.

Mais recentemente os movimentos migratórios para os países industrializados começaram a ser realizados por migrantes de países em desenvolvimento. Este aumento do fluxo migratório contribuiu para o aparecimento de tensões sociais e de actos de xenofobia, não só nos Estados Unidos da América, como também na Europa.

As migrações são um processo social complexo que implicam uma movimentação das populações e mudanças ao nível económico, levando a "... implicações (...) tanto nos países de origem, como nos países de acolhimento, e para estes em particular, no campo da educação" (Delors, 1996: 37).

Há assim a necessidade de acolhimento aos migrantes pelos países que os recebem, ao mesmo tempo que os migrantes devem integrar-se na sociedade que os acolhe.

Uma consequência importante ao nível das migrações é sem dúvida a multiplicidade de línguas. "Calcula-se que existam seis mil línguas no mundo, e destas, apenas umas doze são faladas por mais de cem milhões de pessoas" (op.cit.: 38).

Efectivamente, os movimentos das populações, que têm aumentado significativamente nas últimas décadas, acentuam a diversidade linguística. As populações para comunicarem entre si utilizam as línguas maternas, mas tendem cada vez mais a utilizar como veículo de comunicação a língua local, o que gera uma

---

<sup>6</sup> Na perspectiva de Delors (1996: 36), as pressões migratórias acentuam-se devido a diversos factores: "a persistência dum crescimento demográfico rápido, numa grande parte do mundo em desenvolvimento; a continuação do êxodo rural, ou antes, a marginalização dos espaços verdes; a urbanização acelerada; a atracção pelos modos de vida e, às vezes, pelos valores dos países mais prósperos, captados através dos meios de comunicação social; meios de transporte mais rápidos e mais baratos".

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

complexidade das situações linguísticas. Por sua vez, esta complexidade apresenta uma necessidade de procura de soluções para que as línguas maternas não sejam esquecidas e relegadas para segundo plano, pois constituem uma fonte de enriquecimento e de reconhecimento da globalização e das identidades culturais.

Na sequência destas mobilidades há o encontro de diversas culturas, embora nem sempre pacífico, e verifica-se quase sempre o domínio de um sobre o outro, levando ao desaparecimento do grupo cultural mais fraco. Contudo, este encontro pode ser pacífico e levar à formação de um grupo novo com características dos dois grupos culturais.

### 2.1.1. A integração por assimilação cultural

*“Le corps social contemporain est inévitablement pluriculturel. Les principes sur lesquels reposent ses structures font que cette pluriculturalité est les plus souvent source des conflits ” (Hannoun, 1998: 31).*

De acordo com esta visão é fácil compreender que a pluriculturalidade existente numa determinada sociedade é passível de originar diversos conflitos, o que só pode ser ultrapassado através de uma mudança de mentalidades.

Nesta perspectiva de integração na sociedade, o encontro de dois ou mais grupos culturalmente diferentes corresponde ao domínio de um, o mais forte, sobre o(s) outro(s) e a consequente assimilação cultural como forma de integração numa sociedade muitas vezes impermeável a novas culturas, etnias, costumes e tradições.

Como tal, esta integração por assimilação cultural está na origem de um empobrecimento cultural da sociedade e consequente submissão e desaparecimento do grupo cultural dominado.

A relação entre essas culturas não é espontânea, nem natural e não incide numa complementariedade onde a existência de uma possibilita e facilita a outra. Muito pelo contrário, essa relação leva ao desaparecimento do grupo cultural mais fraco, ao abandono das suas características culturais e à assimilação cultural.

### **2.1.1.1. O risco de empobrecimento cultural**

Como foi referido no ponto anterior, a assimilação cultural está longe de ser a solução eficaz para responder eficazmente à multiculturalidade crescente das sociedades democráticas.

É fácil compreender que esta integração por assimilação cultural contribui inevitavelmente para um empobrecimento cultural, uma vez que leva ao abandono da própria cultura de origem e à negação da sua identidade cultural.

Ao invés da integração por assimilação cultural, a condição indispensável para um não empobrecimento cultural passa por uma coexistência das diferentes culturas no seio de uma mesma sociedade<sup>7</sup>.

Importa referir que este empobrecimento não é só da cultura dominada, mas também da cultura dominante, que acaba por prejudicar o processo natural de evolução da sociedade ao não permitir uma coesão social.

### **2.1.2. A integração intercultural numa perspectiva dinâmica**

O interculturalismo pressupõe uma intervenção voluntária do homem no processo social e assegura que, dentro de uma mesma sociedade, os diferentes grupos sociais mantenham a sua cultura de origem, a sua identidade cultural.

De acordo com Hannoun (1998: 51) “... *l’interculturalisme est une structure favorisant l’interpénétration complémentaire des cultures différentes au sein du même corps social*”. Neste sentido, as diferentes culturas não devem ser ignoradas e tidas como fonte de conflitos, muito pelo contrário, devem ser entendidas e vistas como fonte de enriquecimento para todos os membros da sociedade.

Desta forma, o interculturalismo é a expressão desejada de um pluralismo de opiniões possíveis e de enriquecimento da sua própria cultura e história, sem que a existência de uma cultura anule a outra.

---

<sup>7</sup> Esta é precisamente a mesma ideia expressa por Hannoun (1998: 43), que defende que a pluriculturalidade da sociedade é e sempre foi o garante da sua evolução e do seu enriquecimento cultural, na medida em que as influências que exercem uma sobre a outra em todos os aspectos, ainda que por vezes originem conflitos, são entendidas como benéficas para a construção de uma sociedade mais humana e intercultural.

### **2.1.2.1. A diversidade cultural como um factor de enriquecimento**

Ao invés de uma atitude assimilacionista na integração de uma cultura minoritária numa cultura dominante, a atitude interculturalista tem em conta a evolução dos dois grupos a partir do seu encontro, tendo em conta quer os seus antagonismos quer as suas complementariedades.

Esta coexistência é pacífica e tem em conta uma interacção rica das diferentes culturas, que devem manter os seus próprios valores e a sua identidade cultural.

## **2.2. Portugal – Um país monocultural e monolíngue?**

Em Portugal, a língua portuguesa é falada quase universalmente por toda a população. Tal facto poder-nos-ia levar a afirmar que Portugal é um país monocultural e monolíngue.

Contudo, não é isso que se passa. Nos últimos anos, uma série de condicionalismos, entre os quais destacamos a descolonização, a integração de Portugal na União Europeia e a posição semiperiférica de Portugal, levaram o nosso país a profundas transformações sociais e culturais.

Relativamente a este novo panorama Cortesão (2001: 53) defende que

[a] Europa (de que Portugal faz parte), que até há pouco constituía um centro irradiador de migrações, está cada vez mais a transformar-se num pólo de atracção de outros povos. De facto, tudo indica que se irão acentuar os movimentos de migração sul-norte, bem como os de este para oeste. Mesmo a América do Sul, que até há pouco tempo era uma das mais evidentes zonas de recepção da diáspora europeia e muito particularmente da diáspora portuguesa, começa agora a constituir um centro irradiador de migrantes que cada vez mais procuram a Europa e especialmente Portugal.

De país de emigração, Portugal foi progressivamente tornando-se num país de imigração, assumindo o papel de receptor de cidadãos à procura de melhores condições de vida e trabalho. Para o nosso país vêm principalmente imigrantes oriundos dos PALOP, constituídos essencialmente por operários e que integram actividades onde

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

predomina a mão-de-obra barata, e também por imigrantes dos países da União Europeia, que normalmente pertencem a quadros técnicos de pessoal qualificado e que integram actividades suportadas pelo investimento estrangeiro.

Todos estes aspectos contribuem de forma inquestionável para a negação de que Portugal é um país monocultural, fechado sobre si, onde geralmente os estrangeiros são apenas turistas.

Consequentemente, a sociedade portuguesa é uma sociedade multicultural, caracterizada por uma diversidade de culturas e etnias, portadoras de costumes e tradições específicas, e de línguas maternas. A integração de todos os imigrantes passa por um respeito pelas raízes culturais dos mesmos.

### 2.2.1. A emigração como tradição de Portugal

Desde a época dos Descobrimentos, Portugal é considerado um país de forte emigração em todo o mundo. Segundo Carreira e Tomé (2003: 392-393),

*(...) [u]ne partie important du pouvoir portugais, durant les plus grandes heures de gloire du pays lors des Découvertes maritimes, est due, sans doute, à la coexistence de multiples races et cultures, fruit de métissages et de partages réussis.*

Para melhor compreender estes fluxos migratórios, Sacco (2005: 114) aponta alguns dados relevantes no que diz respeito à emigração:

[n]o período posterior ao segundo pós-guerra, o número de emigrantes aumentou constantemente, sobretudo a partir de 1960: os portugueses que deixaram então o país foram 245 000; em 1974 prefizeram 630 000.

A rota tomada pelo grande número de emigrantes já não era a transoceânica, em direcção ao Brasil, mas a dos países europeus: em 1960 só 20% dos portugueses que emigravam se dirigia para a Europa; em 1974 esta percentagem tinha atingido os 80%, apesar das tentativas feitas pelo Governo de Lisboa de dirigir o fluxo migratório para as colónias portuguesas de África.

Com a crise económica internacional nos finais dos anos setenta, este fluxo migratório diminuiu consideravelmente. Também nesta altura assistiu-se ao regresso de quase um milhão de portugueses das antigas colónias africanas.

De acordo com Carreira e Tomé (1994: 63), os portugueses transmitiram desde sempre a imagem de um povo aventureiro em constante mobilidade com outros países e em contacto com novos povos e culturas.

### **2.2.2. Uma mudança nas mobilidades políticas, sociais e económicas – a imigração em Portugal**

Em detrimento da ideia de um país fechado a novas mentalidades, modos de vida e de costumes, Portugal vê a imigração como uma questão central e actual da vida social, política e económica.

Actualmente<sup>8</sup>, Portugal é caracterizado por uma enorme diversidade de origens nacionais e culturais.

Estas alterações, aos vários níveis da sociedade, verificam-se desde o século XVII, altura em que muitos ingleses vieram estabelecer-se no norte de Portugal para trabalhar na produção de vinho do Porto. Durante a 2.ª Guerra Mundial, Portugal foi o destino escolhido por muitos refugiados que fugiam ao regime nazi. Nos anos 60, muitos europeus, com principal destaque para os ingleses, holandeses e alemães,

---

<sup>8</sup> Segundo Carreira e Tomé (2003:398), as estatísticas do “Instituto Nacional de Estatística” apontavam, em 1975, para 31 893 estrangeiros em Portugal, em 1980 o número de imigrantes rondava os 50 751, em 1990 já era de 107 767 e actualmente estima-se que o número ultrapasse os 360 000 estrangeiros. No que concerne às nacionalidades estrangeiras, há cerca de 120 nacionalidades diferentes em Portugal.

De acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – SEF – ([www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_04\\_new.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_04_new.pdf)) os dados de 2004 referentes à população estrangeira residente em Portugal apontam para um total de 265 361 estrangeiros, sendo 144 383 do sexo masculino e 120 978 do sexo feminino. É também de referir que 83 859 provêm de países da Europa, 123 093 de países da África, 10 129 provêm de países da América do Norte, 35 032 da América Central e do Sul, 12 410 provêm da Ásia, 553 da Oceânia, 273 declaram-se sem pátria (apátridas) e desconhece-se a proveniência de 12 cidadãos estrangeiros.

De acordo com o SEF ([www.sef.pt/estatisticas/por\\_distrito\\_04\\_new.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_distrito_04_new.pdf)), e também referente ao ano de 2004, a maioria dos imigrantes está concentrada na região de Lisboa, onde vivem 139 038 estrangeiros. Faro é a segunda cidade onde residem mais estrangeiros (35 928), seguido de Setúbal (29 104) e do Porto (15 256).

Também podem ser consultados no SEF os dados referentes a 2005 ([www.sef.pt/documentos/35/residentes\\_sexo2005.pdf](http://www.sef.pt/documentos/35/residentes_sexo2005.pdf)). Assim, em 2005 existiam 275 906 estrangeiros em Portugal, 148 700 do sexo masculino e 127 206 A distribuição dos cidadãos estrangeiros pelos diversos distritos ([www.sef.pt/documentos/35/residentes\\_distritos2005.pdf](http://www.sef.pt/documentos/35/residentes_distritos2005.pdf)) apontam para uma maior concentração em Lisboa (143 210), seguido de Faro (38 083), de Setúbal (30 403) e do Porto (15 514).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

chegaram ao Algarve, contribuindo para uma mudança significativa tanto ao nível social como económico dessa região. No entanto, foi a partir de 1974 que Portugal viu chegar um grande fluxo de imigrantes, provenientes das antigas colónias portuguesas na África. Este fluxo de imigrantes ganhou nova força com a entrada de Portugal na União Europeia em 1986, aspecto este que continua a prevalecer nos dias de hoje com a livre circulação de pessoas.

Assim, segundo Carreira e Tomé (2003: 395),

*[d]epuis la décolonisation, l'entrée du pays dans la CEE, la mondialisation de l'économie et la globalisation, une forte population étrangère, en partie, sans liens historiques avec le pays, arrive régulièrement.*

Todas estas modificações implicam a criação de condições necessárias para a integração dessas minorias, não só ao nível da mudança das mentalidades como também ao nível económico e político.

Estes aspectos acima referidos podem agrupar-se em três períodos distintos (op. cit.: 396-397), sendo que o primeiro corresponde ao período que se segue à Revolução do 25 de Abril e à abertura das fronteiras, permitindo a entrada massiva das diversas populações; o segundo período verifica-se com a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (C.E.E.) e a consequente livre circulação de pessoas provenientes dos países europeus, com principal destaque para os ingleses, alemães, franceses e belgas; e o terceiro período, a partir dos anos 90, é marcado pela queda do muro de Berlim, em 1989, e a chegada de pessoas originárias dos países de leste.

De facto, desde os anos noventa tem-se verificado um aumento considerável de imigrantes vindos de países de leste. Uma vez que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras só tem os dados específicos (por nacionalidades) relativos à população estrangeira residente em Portugal<sup>9</sup> a partir de 1999, não nos é possível apresentar dados referentes a anos anteriores. De qualquer modo, a partir dos dados disponíveis é possível verificar um aumento gradual da população originária dos países de leste em Portugal.

---

<sup>9</sup> Estes dados podem ser consultados no site do SEF ([www.sef.pt](http://www.sef.pt)).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

De entre os vários países de leste, passamos a apresentar no quadro n.º 2 aqueles que tiveram entre os anos de 1999 e 2005 uma maior evolução ao nível do número de imigrantes, ou seja, aqueles países que têm uma presença mais significativa no panorama da imigração em Portugal: Moldávia, Roménia, Rússia e Ucrânia.

**Quadro n.º 2 – Evolução da população originária de alguns países de leste residente em Portugal entre os anos de 1999 e 2005**

Países de leste	1999 <sup>10</sup>	2000 <sup>11</sup>	2001 <sup>12</sup>	2002 <sup>13</sup>	2003 <sup>14</sup>	2004 <sup>15</sup>	2005 <sup>16</sup>
Moldávia	3	15	45	97	270	1 042	1 374
Roménia	224	369	508	618	771	1 211	1 556
Rússia	448	513	596	699	862	1 158	1 335
Ucrânia	123	163	203	299	529	1 497	2 070
<b>Total</b>	<b>798</b>	<b>1 060</b>	<b>1 352</b>	<b>1 713</b>	<b>2 432</b>	<b>4 908</b>	<b>6 335</b>

Fonte: SEF

Neste quadro é perfeitamente visível que de ano para ano o número de imigrantes vindos dos países de leste aumentou consideravelmente, principalmente a partir de 2003.

<sup>10</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_99.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_99.pdf)

<sup>11</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_00.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_00.pdf)

<sup>12</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_01.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_01.pdf)

<sup>13</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_02.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_02.pdf)

<sup>14</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_03.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_03.pdf)

<sup>15</sup> [www.sef.pt/estatisticas/por\\_sexo\\_04.pdf](http://www.sef.pt/estatisticas/por_sexo_04.pdf)

<sup>16</sup> [www.sef.pt/documentos/35/residentes\\_sexo2005.pdf](http://www.sef.pt/documentos/35/residentes_sexo2005.pdf)

### **Capítulo III – A reprodução cultural e social na escola – A valorização ou desvalorização das diferentes culturas?**

As transformações políticas e sociais ocorridas nas últimas duas décadas em Portugal têm vindo a manifestar-se pela procura de caminhos da democracia, por acções tendentes ao desenvolvimento do chamado “espírito do cidadão europeu”, pelo despertar da atenção para a igualdade de direitos, pelo reconhecimento da diversidade cultural e pela necessidade de se desenvolverem processos que garantam essa igualdade no respeito pela multiculturalidade (Leite, 2002: 27).

Os diversos aspectos acima mencionados apontam para uma mudança no sistema educativo português, no sentido do respeito e valorização de todas as culturas e na procura da igualdade.

A Lei de Bases do Sistema Educativo definiu que a escola deve ser um espaço de abertura aos valores da convivência cultural e da tolerância e que deve “... desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura Portuguesa” (Carreira, 1996: 323).

Deste modo, a escola deve assumir-se “... como um espaço de desenvolvimento das diversas identidades culturais” (Leite, 2002: 27) e deve rejeitar a veiculação de uma cultura maioritária, em detrimento das diversas culturas que constituem o público escolar português.

É neste quadro de entendimento e valorização que a escola deve centrar a sua atenção, apostando na inserção e participação social, ao mesmo tempo que rejeita qualquer processo de desculturação.

Neste capítulo é indispensável fazer uma abordagem à socialização, que consiste num processo mediante o qual se transmitem de geração em geração aos indivíduos normas de comportamento, valores, ideologias e conhecimentos de uma determinada cultura; fazendo de seguida referência às políticas educativas instituídas como resposta à diversidade cultural.

### 3.1. A socialização como um processo de interacção cultural

Carreira e Bastos (2003: 46) defendem que desde o momento em que o ser humano nasce até à altura em que morre está em constante desenvolvimento e interacção com o meio onde está inserido e com o outro, adaptando-se às diversas situações<sup>17</sup>.

A socialização pode ser entendida segundo duas perspectivas diferentes:

... uma trata a socialização como processo de adaptação (no sentido piagetiano de *acomodação*) do indivíduo às instituições, às normas e exigências sociais, outra concebe a socialização como uma construção activa do sujeito na sua relação com os outros (op. cit.).

A socialização tem lugar na família, mas continua também na escola. Seabra (1999: 18) é peremptória

... a família continua a transmitir um importante património (material, simbólico e cultural) e o Sistema de Ensino tem, na generalidade dos casos, reforçado essas diferenças patrimoniais. Confrontando o poder da socialização familiar com o da socialização escolar pode afirmar-se que se tem assistido à prevalência da primeira na determinação dos lugares ocupados na estrutura social.

A socialização primária é a base de todas as outras socializações e ocorre na família. A criança vai progressivamente interiorizando o ambiente que a rodeia, os papéis e atitudes dos adultos com quem se relaciona e o que esperam dela. Isto leva a que

[e]m determinado momento, a criança, ao notar que há padrões comuns de expectativas relativamente ao seu comportamento entre os adultos significativos, vai generalizar essas expectativas, atribuindo-as já não exclusivamente a este ou àquele adulto, mas à generalidade do mundo que é significativo para ele (Pinto, 1995: 123).

---

<sup>17</sup> A mesma opinião é partilhada por Pinto (1995: 117): “[e]ste processo de socialização permite, assim, que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto sejam progressivamente postos em contacto com o mundo simbólico que é o tecido da cultura da sua própria comunidade, ou do seu grupo social ou do seu grupo de referências, e assim acontece a sua integração social”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Para que os indivíduos se tornem verdadeiros membros da sociedade é fundamental que ocorram novas socializações. Portanto, a socialização secundária implica uma diversidade de contactos e novas experiências, enquanto jovem e adulto.

De um modo geral, a sociedade é vista como uma realidade complexa que assenta num conjunto de trocas entre todos os indivíduos. Neste sentido, a socialização corresponde à participação progressiva da criança, do adolescente, do jovem ou do adulto nesse jogo de trocas, que contribui para a existência da sociedade (Carreira e Bastos, 2003: 47). Mas,

[a] socialização é também **aculturação e aprendizagem ao longo da vida**, na medida em que pretende ser a transformação e a adaptação contínua dos comportamentos do indivíduo aos novos modelos culturais e sociais, bem como aos novos saberes (op. cit.)

Ou seja, “o ser humano é considerado na sua realidade de pessoa, com toda a complexidade que isso supõe e não excluindo a dimensão simbólica que o caracteriza” (Pinto, 1995: 120). Nesta interpretação, podemos depreender que o processo de socialização não pode estar isolado do processo de aculturação, pois o ser humano atribui significado a tudo aquilo que vive num determinado contexto cultural.

### **3.2. Políticas educativas como resposta à diversidade cultural**

A escola nem sempre foi vista como uma instituição ao serviço da comunidade que deve promover a igualdade de oportunidades a todos os alunos.

Segundo Carreira (2001: 32-33), a ideia de universalização do ensino surgiu na sequência da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a 26 de Agosto de 1789, com o sentido de proporcionar a todos os cidadãos igual acesso ao ensino público. Apesar deste aspecto, os países europeus continuaram a colocar alguns entraves e só aceitaram a universalização do ensino após a Segunda Guerra Mundial, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a 10 de Dezembro de 1948.

Contudo, em Portugal a escola continuava desajustada à realidade social, principalmente a partir dos anos 70, altura em que o nosso país foi palco de um

aumento demográfico, o que se traduziu na actual diversidade cultural. Impunha-se assim que fossem tomadas medidas de acordo com esta nova realidade.

A partir do momento em que a escola reconheceu que deve promover a igualdade de oportunidades a todos os alunos, começaram a surgir políticas educativas como resposta à diversidade cultural.

### **3.2.1. A institucionalização das políticas – Do papel à prática**

A diversidade cultural e a dificuldade de integração das chamadas minorias étnicas que começaram a caracterizar o público das nossas escolas, principalmente a partir do 25 de Abril<sup>18</sup>, fomentaram a criação de políticas sociais educativas conducentes a uma integração de todos os alunos e a uma educação para os valores multiculturais.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro) aponta para uma educação que promova a igualdade de acesso e sucesso a todos os alunos<sup>19</sup>.

Deste modo, esta lei constituiu o ponto de partida para uma nova visão da educação do ponto de vista multicultural.

Posteriormente toda a legislação educativa começou a revelar uma intencionalidade multicultural. Surgiram nesta área alguns Despachos, entre eles o Despacho n.º 170/ME/93, de 6 de Agosto, que criou o Projecto de Educação Intercultural lançado no ano lectivo de 93/94 em 30 escolas distribuídas por todo o país. Este projecto tinha como objectivos “... incentivar uma educação intercultural que permita desenvolver atitudes de maior adaptação à diversidade cultural da sociedade portuguesa e dinamizar a relação entre a escola, as famílias e as comunidades locais” (Carreira, 2001:37).

---

<sup>18</sup> Esta ideia é partilhada por Carreira (2001: 36): “[c]om o 25 de Abril de 1974 renascia uma nova abordagem social do fracasso escolar e da integração das minorias da escola portuguesa, herdada de uma filosofia humanista, que viria a ser consagrada nos princípios orientadores da L.B.S.E. de 1986”.

<sup>19</sup> Estes aspectos estão presentes na Lei de Bases do Sistema Educativo (L.B.S.E.), mais concretamente na alínea d) do artigo 3.º: “Assegura o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais de existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”; alínea f) do artigo 7.º: “Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional”; alínea o) “Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Com o Despacho n.º 147 – B/ME/96 surgiram os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (T.E.I.P) que pressupunham uma articulação entre os diversos intervenientes na acção educativa, de modo a que fossem encontradas respostas válidas para as necessidades de toda a população escolar. Estes territórios eram caracterizados como inovadores, na medida em que abordavam não só as questões sociais, mas também as questões culturais e educativas.

### 3.2.2. O balanço das políticas assumidas

Apesar da intencionalidade multicultural presente nas diversas políticas assumidas pelos diversos governos,

... continua a haver um enorme hiato entre a retórica e a prática. Tal hiato deve-se, sobretudo, a um insuficiente e ineficaz sistema de formação contínua de professores, o qual não tem dado o relevo adequado a uma problemática tão importante e necessária, impedindo ou dificultando os mais antigos, a informações, conhecimentos e competências no âmbito da educação multicultural (Pereira, 2004: 11-12).

O pluralismo cultural que caracteriza a nossa sociedade não é reconhecido como uma característica primordial do nosso sistema educativo. Como tal, continuamos a assistir à predominância de um currículo monocultural e as práticas pedagógicas não são só monoculturais como também discriminatórias, desajustadas à realidade e que não conseguem responder adequadamente à crescente heterogeneidade social e cultural da população escolar portuguesa.

Isto é precisamente aquilo que não deveria acontecer e que vai contra a verdadeira função da escola. A escola nos dias de hoje já não tem somente a função de instruir, ou seja, de transmitir uma série de conhecimentos académicos, mas também as funções de educar<sup>20</sup> e formar (Carreira, 1998: 10-11), no sentido do conhecimento, aceitação e valorização da diversidade cultural e numa perspectiva intercultural. A

---

<sup>20</sup> Segundo Carreira e Tomé (2003: 400), “[é]duquer est un acte moral et global et cela concerne tant l’individu que son groupe. De ce fait, chaque peuple a sa propre manière de se projeter dans le monde, son attitude spécifique face à un acte éducatif et les valeurs qu’il veut transmettre”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

comunicação intercultural deve ser fomentada e valorizada, de forma a que todas as diferenças sejam aceites e respeitadas (Fernandes, 2001: 98).

## **Capítulo IV – Implicações educativas da problemática em estudo**

Hoje em dia, as nossas escolas são instituições multiculturais, espaços de troca de saberes e vivências, fortemente influenciadas pelas transformações demográficas que ocorrem na nossa sociedade, que é caracterizada por uma crescente diversidade étnica. Pedro (2002: 205) aponta que “[i]nevitável seria, então, que esta diversidade étnica se reflectisse na composição da população escolar, a qual, de culturalmente homogénea passou a caracterizar-se cultural, étnica, linguística e socialmente heterogénea”.

A heterogeneidade social, cultural, económica e linguística é naturalmente visível nas comunidades escolares e deve ser gerida conscientemente, de modo a garantir uma igualdade de oportunidades de acesso e sucesso a todos os alunos.

Para que isto aconteça é importante que todas as culturas presentes na escola sejam conhecidas, respeitadas e valorizadas, aspecto este que passa por uma formação de todos os intervenientes no acto educativo no sentido da criação de relações de harmonia e compreensão intercultural na sala de aula, na escola e na comunidade.

Estas ideias também estão presentes num artigo publicado na Internet intitulado “Comemoração do Dia Europeu das Línguas em contexto multicultural”<sup>21</sup>:

Neste contexto, educar para a cidadania é, também, educar para o reconhecimento da diversidade cultural, para o respeito pelas diferenças, de modo a contribuir para a formação de uma consciência cívica capaz de lutar contra a exclusão social, a discriminação e a violência.

Com efeito, torna-se importante desenvolver atitudes que possam favorecer as relações interculturais. Por um lado, a abertura e interesse por novas experiências, outras pessoas, outras ideias, outras culturas; por outro lado, a vontade de relativizar o seu próprio ponto de vista e o seu sistema de valores culturais.

---

<sup>21</sup> <http://www.min-edu.pt/novid/aiasep2004.htm>

Neste capítulo propomo-nos reflectir sobre: a educação multicultural e intercultural, na perspectiva de que a última constitui um desafio e uma meta a atingir nas nossas escolas; o contexto sociolinguístico nas escolas portuguesas, focando não só o ensino do português a alunos de origem estrangeira, mas também o papel do professor na Educação Intercultural.

#### **4.1. Educação Multicultural e Educação Intercultural**

A educação deste século está “... intimamente associada a uma ética para a participação numa sociedade plural, reivindicando a (re)construção do saber da escola que se pretende que seja democrática” (Pedro, 2002: 201).

Com efeito, um dos grandes desafios da escola é promover a interculturalidade, isto é, implementar um ensino que valorize as experiências, conhecimentos, culturas e línguas de todos os alunos, numa perspectiva de integração e valorização.

Leite (2002: 147) refere que as expressões Educação Multicultural e Educação Intercultural são referidas de modo diverso por diferentes autores. Enquanto que para uns a Educação Multicultural consiste na “... aceitação passiva da diversidade” (op. cit.), a Educação Intercultural diz respeito “... à interacção e o intercâmbio entre as culturas ou subculturas” (op. cit.).

Guerra (1997: 168) também distingue multiculturalidade de interculturalidade, na medida em que se refere à multiculturalidade como um “... conceito mais abstracto, para referir a existência de um universo de referências culturais múltiplas”(op. cit.), enquanto que “[a] noção de “interculturalidade” refere-se a situações onde estão presentes no mesmo espaço, diversas referências culturais que entram em interacção” (op. cit.).

Por sua vez, Nicolau (2004)<sup>22</sup> também clarifica estes dois conceitos. Assim,

[a] multiculturalidade verifica-se quando existe um pluralismo cultural. Reconhecem-se e identificam-se diferenças e semelhanças culturais, no entanto, é estática, não levando ao desenvolvimento de uma dinâmica social. A interculturalidade visa uma interacção

---

<sup>22</sup> Artigo publicado na Internet ([http://www.educare.pt/PrintPreview.asp?Fich=ESP\\_20040308\\_367&Autor=](http://www.educare.pt/PrintPreview.asp?Fich=ESP_20040308_367&Autor=))

ou intercâmbio de culturas, apresenta-se com uma dimensão pluricultural, interpessoal e intergrupala.

#### **4.1.1. Educação Multicultural: Uma realidade das nossas escolas**

A diversidade cultural, étnica e linguística que pauta as nossas escolas constitui uma riqueza que deve ser valorizada e preservada. Pereira (2004: 7) refere que

[n]uma sociedade cada vez mais heterogénea, tanto em termos étnicos como culturais, a imersão num currículo multicultural é também vantajosa para os alunos oriundos da maioria, porque ganham conhecimentos sobre as outras culturas e desenvolvem atitudes de tolerância e respeito para com as diferenças.

Neste sentido, a Educação Multicultural é vista como a condição essencial para promover a igualdade de oportunidades e favorecer a justiça social. O reconhecimento do pluralismo cultural como uma característica primordial da nossa sociedade e do nosso sistema de ensino contribui para que essa igualdade de oportunidades seja assegurada.

Muitas vezes a Educação Multicultural serve única e exclusivamente para esconder práticas monoculturais e discriminatórias, pois não consegue responder adequadamente à crescente heterogeneidade social e cultural da população escolar. Consequentemente,

urge que a escola se organize de forma multicultural, isto é, seja capaz de envolver nos órgãos escolares os pais dos alunos pertencentes a minorias étnicas e, para além disso, consiga criar projectos multiculturais que conjuguem esforços de todos os intervenientes no processo educativo (op. cit.: 13).

A Educação Multicultural é um conceito amplo, mas que se pode resumir ao simples facto de que deve

... promover a reflexão sobre o que é, o que se sabe, o que se faz, quer de si próprio quer do outro, sem preconceitos, sem estereótipos, sem discriminação, numa atitude anti-racista, que leve (...) o professor e o aluno – e até mesmo as suas famílias –, a

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

conhecer-se melhor, a conhecer melhor a cultura de outros alunos, percebendo que estas são tão válidas quanto a sua (Miranda, 2004: 15).

Os aspectos referidos pressupõem a existência de um clima favorável ao pluralismo cultural na escola, com base nos ideais democráticos vigentes nas sociedades ocidentais.

Para além do clima de igualdade e justiça, numa escola multicultural

... os professores escolhem e adoptam métodos de ensino que ajudem a melhorar o desempenho escolar dos alunos provenientes dos diferentes grupos étnicos e culturais e das diferentes classes sociais, recorrendo a técnicas de ensino que tenham em conta a diversidade de modos de aprendizagem dos alunos (op. cit.: 16).

### **4.1.2. Educação Intercultural: Um desafio pedagógico necessário**

O mundo dos nossos dias é um mosaico cultural, um mundo enriquecido com base num diálogo intercultural que deve ser valorizado. Tal como Gouveia e Solla (2004: 63) referem "... nestes tempos, em que a economia global tornou as nossas sociedades complexas cada vez mais interdependentes, a educação para os valores e para a prática da interculturalidade é uma condição *sine qua non*".

O termo intercultural "... marca um processo dinâmico pautado pela troca mútua de perspectivas" (Miranda, 2004: 19) e pressupõe uma relação e interacção "... entre as várias culturas que coexistem numa mesma sociedade multicultural" (op. cit.).

Este fenómeno tem fortes repercussões nas nossas escolas, sendo necessário que o programa escolar contemple a diversidade e promova a interculturalidade com base na transmissão de atitudes de respeito e no combate do preconceito contra as minorias.

Contrariamente a esta perspectiva intercultural, há ainda algumas escolas que não abordam a educação neste sentido. Perotti (1997: 17) enumera alguns aspectos característicos destas escolas, nomeadamente:

- identificar a cultura de origem da criança com a cultura-padrão de país de origem dos seus pais;
- abordar a cultura num sentido culturalista, sem enraizamento na realidade social da criança;

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- identificar a cultura de origem como uma cultura exótica;
- praticar este ensino numa situação de indiferença relativamente à escola local.

A maior parte das crianças provenientes de outros países são confrontadas com sérios problemas de adaptação e de integração. Para fazer face a este problema têm de ser feitas alterações profundas tanto às metodologias como aos conteúdos programáticos de “... forma a dar voz às culturas minoritárias e a aproximar o currículo das vivências, práticas culturais e experiências das crianças pertencentes a minorias étnicas e culturais” (Pereira, 2004: 8).

Todos os alunos devem ter acesso à língua e cultura da maioria, sem contudo desvalorizar as suas de origem, pois não podemos “... impedir os alunos das minorias a aceder ao conhecimento de uma língua e de uma cultura com as quais têm de conviver e de trabalhar se quiserem ser bem sucedidos e bem integrados socialmente” (op. cit.). Logo a solução passa pelo “... reconhecimento da necessidade de os alunos se tornarem bilingues e biculturais, ou seja, fluentes quer na língua e cultura maternas, quer na língua e na cultura da maioria” (op. cit.).

A presença e o contacto de diversas culturas devem ser encarados não como obstáculos para o ensino e para a aprendizagem, mas sim como potenciais e enriquecedores aspectos que devem ser valorizados e devem contribuir para o “... diálogo intra e entre-culturas onde cada uma se valoriza através de práticas que permitem um melhor conhecimento de si e (re)conhecimento dos outros” (Leite, 2002: 144).

### **4.2. O contexto sociolinguístico nas escolas portuguesas**

A nova realidade sociolinguística das escolas portuguesas constitui uma situação merecedora de especial atenção, na medida em que as crianças filhas de imigrantes quando chegam a Portugal são confrontadas não só com problemas de adaptação e de integração, mas também com um desconhecimento total da língua portuguesa. Quando chegam à escola vêm-se confrontadas com uma cultura e língua maioritárias, que relegam a sua cultura e língua para segundo plano.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Fontes<sup>23</sup> faz referência a alguns dados relacionados com esta nova realidade a nível nacional:

[n]o último relatório da Rede Eurydice – UE (Setembro de 2004), sobre a população estudantil em 30 países da Europa, apontava para a existência em Portugal de um total de 89.540 crianças, jovens e adultos imigrantes no sistema de ensino (os dados reportam-se a 2000). O 1.º ciclo registava 36.730 alunos, o 2.º ciclo 14.056 e o 3.º ciclo do Ensino Básico contava com 19.065 imigrantes. O 1.º Ciclo registava o maior número de nacionalidades.

Esta heterogeneidade da população escolar exige uma modernização das práticas escolares, no sentido de promoverem não uma uniformização do currículo, mas sim uma maior e variada oferta de conhecimentos, que vão ao encontro das expectativas de todos os alunos.

Contrariamente a esta situação, “[m]uitos professores (...) entrincheiram-se por detrás das rotinas securizantes, apoiam-se na ideia, não questionada, de uma necessidade de oferta única de ensino, a fim de garantir uma igualdade de oportunidades, e olham os alunos como se fossem todos iguais” (Cortesão, 2001: 53).

Fontes<sup>24</sup> também refere algumas medidas para fazer face às indiferenças das escolas perante esta nova realidade e ao apoio na maior parte das vezes deficitário, nomeadamente:

- Os alunos imigrantes quando chegam às nossas escolas deviam ser objecto de um diagnóstico tendo em vista o estabelecimento de um plano individual de apoio de maneira a facilitar a sua integração.
- Os educadores de infância e os professores do 1.º ciclo deviam promover a aprendizagem da língua e ter especial atenção à integração e à troca de conhecimentos, no respeito pela cultura do aluno.
- A sua integração deve assentar na educação intercultural, ou seja, no estabelecimento de um diálogo entre a cultura do aluno e a do país de acolhimento (...).
- A educação intercultural deve ser feita de uma maneira transversal, por exemplo, incluindo alguns temas nos programas, mas também introduzindo-a na vida da escola.

<sup>23</sup> Artigo publicado na Internet (<http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>)

<sup>24</sup> Artigo publicado na Internet (<http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>)

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Esta clara evidência de que o nosso sistema educativo deve abrir-se ao elevado número de imigrantes é aceite e defendida pelos diversos intervenientes, ao mesmo tempo que continuam a persistir

... formas mais ou menos acentuadas de recusa até da possibilidade de aceitação da diferença, de qualquer transgressão do que é considerado arbitrariamente como “normal”. E o “normal” é, como se sabe, o que é considerado como sendo a cultura erudita portuguesa, bem como os usos, normas, comportamentos que orientam os grupos dominantes da sociedade (Cortesão, 2001: 54).

Estamos claramente perante um novo desafio, o de atribuir às línguas e culturas dos alunos estrangeiros um estatuto de igualdade à língua e cultura portuguesas. Contudo, este desafio é pautado por inúmeras barreiras, uma vez que

[p]ara alguns alunos (...) a escola representa um universo diferente, estranho – o seu discurso ou a sua língua, a sua forma de ser e de estar, o seu estilo são outros; a identidade modelada no interior do círculo familiar e eventualmente partilhada com outros membros da comunidade de origem, corre o risco de ser desconstruída na e pela escola (Gouveia e Solla, 2004: 19).

Inevitavelmente, esta situação leva a uma interiorização e aceitação de que a língua e cultura veiculadas na escola são superiores a todas as outras, provocando um afastamento dos alunos estrangeiros.

### **4.2.1. O ensino do Português a alunos de origem estrangeira**

Quando um aluno estrangeiro, quer seja filho de imigrantes ou filho de portugueses emigrantes regressados a Portugal, chega a Portugal a sua integração no sistema de ensino português depende essencialmente do tipo de documentação que o aluno traz do país de origem mediante um processo de equivalência de habilitações, conforme o estabelecido no Decreto-Lei n.º 219/97.

Conjuntamente com este processo de equivalência de habilitações, há mais uma série de procedimentos que devem ser tomados em consideração para a documentação

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

do percurso escolar de cada aluno, tal como consta no n.º 10 do Despacho Normativo n.º 1/2005.

É também de referir que estes alunos devem realizar um teste diagnóstico a fim de diagnosticar/avaliar o nível de proficiência linguística em Língua Portuguesa, para que posteriormente possam ser acompanhados tendo em conta esse nível.

Para melhor dar resposta à integração dos alunos que não têm o Português como Língua Materna, e após a análise e discussão dos resultados recolhidos pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular desde 2003, do qual faz parte o estudo – Conhecimento da situação escolar dos alunos cuja língua materna não é o português<sup>25</sup> –, já mencionado no início deste trabalho, foi elaborado por uma equipa desta entidade, em Julho de 2005, um “Programa para Integração dos alunos que não têm o Português como Língua Materna”<sup>26</sup>. Este programa apresenta um diagnóstico da situação escolar dos alunos estrangeiros em Portugal e também estipula uma série de princípios básicos e objectivos estratégicos, medidas de acolhimento, de escolarização e de apoio a programas de aprendizagem da língua materna e da cultura de origem.

As linhas orientadoras estabelecidas neste documento devem ser tomadas em conta por todas as escolas que têm alunos de origem estrangeira e devem ser vistas como medidas integradoras, ou seja, facilitadoras da integração destes alunos no sistema educativo português, e orientadoras no sentido da aprendizagem da língua portuguesa, sem, contudo, deixarem de respeitar as línguas maternas desses alunos.

Apesar destas iniciativas, ainda há um longo caminho a percorrer para que na prática estas linhas orientadoras sejam bem sucedidas. O maior problema destes alunos reside na aprendizagem da língua portuguesa, sendo que a maioria destes alunos desconhece totalmente o português. Assim, os filhos de pais imigrados apresentam graves carências linguísticas e escolares: um total desconhecimento da língua oficial de ensino, pois as crianças são portadoras “... de códigos linguísticos e marcada pelos usos e costumes do seu meio de origem, pela conservação e reforço dos laços com a língua e a cultura de origem” (Perotti, 1997: 17).

---

<sup>25</sup> <http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/relatorioFinal.pdf>

<sup>26</sup> [http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC\\_Orientador.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC_Orientador.pdf)

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Independentemente deste facto, os alunos estrangeiros são integrados no currículo normal, que exige o domínio da língua portuguesa para que os alunos obtenham sucesso educativo. De acordo com Gouveia e Solla (2004: 33), quando

[c]onfrontados com uma situação de alguma heterogeneidade linguística na sala de aula, não conhecendo as línguas que as crianças falam, não dispondo de materiais adequados, os professores utilizam por vezes metodologias de ensino desadequadas aos contextos multiculturais em que trabalham, apesar de já ser comum falar na necessidade de se usar uma “metodologia de ensino de uma língua segunda”.

Assim, o ensino do português aos alunos estrangeiros encontra vários entraves no terreno, desde a integração destes alunos na comunidade escolar até aos próprios materiais didácticos existentes nas escolas, que na sua maioria veiculam somente a cultura da maioria dos alunos. Juntamos a estes aspectos o facto do nosso programa escolar não constituir um incentivo para a aprendizagem destes alunos, na medida em que, de um modo geral, os programas escolares de outros países divergem do programa escolar instituído nas nossas escolas, na medida em que alguns são mais ricos e abrangentes no que se refere aos conteúdos e conhecimentos transmitidos.

A pouca sensibilização dos diversos intervenientes na acção educativa é uma realidade e frequentemente

... deparamo-nos (...) com situações em que qualquer desvio à norma linguística, qualquer tipo de comportamento ou de demonstração de adesão a valores diferentes dos instituídos como aceitáveis, é considerado explicitamente (e até punido) através de práticas de avaliação, de recurso a linguagens que, no mínimo, se poderão considerar fortemente etnocêntricas, quando não racistas (“fala-me direito”, “língua de trapos”, “cambada de ignorantes”, etc., etc.) (Cortesão, 2001: 54).

Para Seixas (2000: 15) “[l]a question de la langue de l`eleve – object d`étude, instrument de communication, miroir du changement – devient donc essentielle à bien des égards”. Assim, e indo ao encontro desta ideia, cabe à escola reconhecer e promover a utilização das competências plurilingues dos alunos imigrantes.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

Tanto a língua materna<sup>27</sup> como a língua segunda<sup>28</sup> devem ser valorizadas, no sentido de desencadear uma melhor integração dos alunos estrangeiros e uma aceitação por parte dos alunos portugueses desta realidade multicultural.

Apesar das nossas escolas terem desde 1974 um número significativo de crianças cuja língua materna não é o português, ainda não foram estipuladas estratégias conducentes a uma verdadeira igualdade de oportunidades, sendo que estas crianças não devem de modo nenhum ser marginalizadas pelo simples facto do português não ser a sua língua materna.

Fontes<sup>29</sup> faz referência à situação dos imigrantes, nomeadamente em relação à língua portuguesa. Assim, na sua opinião há uma clara diferença entre os alunos provenientes dos PALOP e os alunos oriundos dos países de leste:

[a] questão da língua não constitui qualquer obstáculo para os imigrantes dos PALOP, mas apresenta-se como uma barreira difícil de ser superada para os imigrantes ucranianos, russos e búlgaros dado falarem línguas eslavas. Os romenos e moldavos enfrentam neste aspecto menores dificuldades na aprendizagem do português, pois falam uma língua de origem latina.

A solução passa por acolher, integrar e valorizar as diferentes línguas maternas e os conhecimentos destes alunos, através da troca de experiências com os alunos portugueses. E também por possibilitar a aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que

[s]e é verdade que aprender a sua língua materna estrutura e consolida a identidade pessoal, aprender uma língua que permita a comunicação na comunidade alargada da criança, permitindo-lhe assumir paulatinamente a sua condição de ser social, além de ser um direito da criança, é um dever do país de acolhimento” (Gouveia e Solla, 2004: 37).

---

<sup>27</sup> “..[l]a langue maternelle devient la langue d’origine. Elle est ainsi investie de fonctions identitaires autant pour son locuteur que pour les membres de la société d’immigration” (op. cit.).

<sup>28</sup> Gouveia e Solla (2004: 33) apontam a língua segunda não como uma segunda língua que se aprende, baseando-se na definição proposta no Dicionário de Didáctica de Línguas: “**Língua segunda e língua estrangeira** definem-se ambas como não maternas (são instrumentos de comunicação secundários ou auxiliares), mas distinguem-se uma da outra pelo facto da **língua segunda** beneficiar oficialmente de um estatuto privilegiado” (cit. por Gouveia e Solla, 2004: 33).

<sup>29</sup> Artigo publicado na Internet (<http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>).

#### **4.2.2. O professor como o principal agente de mudanças e práticas**

As crianças de origem estrangeira que frequentam as nossas escolas têm dificuldades de integração e de aprendizagem, para o qual muito contribui o facto das diversas aprendizagens serem feitas na língua oficial de ensino, o português, que não é a língua materna dessas crianças.

Ainda assim, apesar da nossa escola ser

... tradicionalmente monocultural e monolíngue; muitos professores, contudo conscientes do peso e da importância da língua como instrumento de integração e da sua transversalidade no acesso a outros saberes, têm procurado responder ao grande desafio que é para todos esta situação” (op. cit.: 20).

O recente e crescente reconhecimento da importância de uma Educação Intercultural contribui, inevitavelmente, para “... alterações significativas no âmbito da formação de professores e no das práticas pedagógicas, nos programas e nos materiais didácticos, no sentido de melhor preparar os professores para lidarem com esta realidade emergente” (Pedro, 2002: 206).

Esta realidade constitui uma riqueza cultural na sala de aula e exige por parte de todos um reconhecimento das vantagens de uma interacção cultural.

Cabe ao professor este papel, na medida em que “... a realização da multi/interculturalidade na escola parece depender, essencialmente, da atitude positiva do professor face à diversidade dos seus alunos” (op. cit.: 207).

O professor constitui, assim, um agente de mudanças no modo de encarar a diversidade cultural dos seus alunos. Esta diversidade deve ser entendida como uma fonte de riqueza para o processo de ensino-aprendizagem.

A formação contínua permite aos professores adquirir novas competências e renovar competências já apreendidas, mas que por vezes estão esquecidas, de modo a que consigam responder eficazmente à presença de alunos provenientes de diversos países. Para que isso aconteça “[é] preciso dar aos professores uma competência intercultural, dar-lhes os meios para desenvolverem e actualizarem os seus

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

conhecimentos, tendo em conta a riqueza das diversas culturas, das suas interações e da sua evolução” (Perotti, 1997: 70).

O reconhecimento desta diversidade passa não só por um diálogo intercultural e valorizador de todas as culturas na sala de aula, mas também por uma adequação dos programas, manuais e outros materiais pedagógicos, que devem veicular uma intenção intercultural, muito longe do etnocentrismo cultural que pauta o nosso dia-a-dia.

Neste panorama de formação de professores para a diversidade linguístico-cultural, Gouveia e Solla (2004: 20) apresentam um módulo de formação que consiste na reflexão das práticas dos professores, contribuindo para uma educação intercultural e para uma cidadania democrática. Assim, na sua opinião os professores devem ser capazes de:

- Conhecer e compreender contextos escolares multiculturais;
- Caracterizar situações de diversidade linguístico-cultural;
- Analisar o desenvolvimento de estratégias diversificadas de ensino-aprendizagem do Português adequadas a crianças bi ou multilingues e bi ou multiculturais;
- Contribuir para práticas de ensino interculturais, estimulando os professores e as professoras para o conhecimento e reflexão que a investigação proporciona” (op. cit.).

## **Parte II – Estudo de campo**

### **Capítulo V – Considerações Metodológicas**

Neste capítulo será feita uma abordagem às opções metodológicas no âmbito deste trabalho, nomeadamente o tipo de abordagem metodológica; as principais questões que deram origem ao trabalho e as hipóteses daí formuladas; a caracterização da amostra; e a descrição dos instrumentos de trabalho utilizados.

#### **5.1. Abordagem metodológica**

Este trabalho pretende ser um estudo exploratório, descritivo e transversal.

Para a realização deste trabalho empírico foram seguidos uma série de procedimentos metodológicos, que se constituem como linhas de orientação a seguir no desenrolar deste estudo:

- Seleção de um tema de interesse para estudo;
- Recolha bibliográfica;
- Escolha dos locais de estudo;
- Construção e discussão dos guiões para as entrevistas e dos questionários;
- Contacto com as pessoas a inquirir;
- Recolha dos dados no terreno;
- Análise e tratamento dos dados recolhidos;
- Cruzamento dos dados recolhidos.

Este trabalho tem como princípio a investigação orientada para a compreensão de um fenómeno pedagógico, ou seja, pretende estudar as razões e os motivos que produzem um determinado fenómeno pedagógico ao nível do ensino/aprendizagem da língua.

Em relação ao quadro de referência, este trabalho enquadra-se no nível intermédio, isto é, ao nível da escola. Neste caso, pretendemos conhecer a realidade através do levantamento de situações no que concerne ao ensino/aprendizagem do

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

português pelas minorias étnicas portadoras de culturas e línguas próprias, tendo em conta a promoção da igualdade de acesso e sucesso educativo a todos os alunos.

Trata-se, assim, de um trabalho empírico, devido à sua componente prática, isto é, de observação de situações pedagógicas referentes ao ensino do Português. Dentro desta abordagem, este estudo é de natureza quantitativa e qualitativa.

Segundo Bodgan e Bilken (1994: 47-50) existem cinco características específicas que descrevem a investigação qualitativa:

1. Na investigação qualitativa a fonte directa dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. (...)
2. A investigação qualitativa é descritiva. (...)
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. (...)
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. (...)
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

### 5.2. Delineamento do estudo

A problemática em estudo incidiu numa reflexão sobre as dificuldades de integração e adaptação dos alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico no Algarve, focando primordialmente a aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda, tendo em conta as políticas educativas existentes e a realidade das escolas.

Para que as escolas consigam responder à diversidade cultural e linguística dos seus alunos, é necessária uma reformulação das práticas pedagógicas, de modo a que sejam apropriadas a uma escola intercultural, para além de uma consciencialização dos docentes para esta realidade.

Neste sentido, a problemática em estudo incidiu sobre dois planos de observação fundamentais: o aluno e o professor.

Assim sendo, nesta investigação os aspectos pertinentes que orientaram este estudo foram:

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

### Vivências dos alunos

- ✓ Identificação das dificuldades de integração;
- ✓ Preocupação com a aprendizagem da língua portuguesa;
- ✓ Conhecimento do acompanhamento familiar na vida escolar do aluno;
- ✓ Identificação das situações de utilização da língua portuguesa como meio primordial de comunicação tanto na escola como em casa;
- ✓ Conhecimento da eficácia de medidas e apoios prestados pela escola, de modo a reflectir a diversidade cultural e linguística de todos os alunos de origem estrangeira.

### Vivências dos professores

- ✓ Conhecimento das atitudes do professor face às línguas maternas dos alunos;
- ✓ Identificação das práticas pedagógicas utilizadas pelo professor na sala de aula, de modo a inferir se essas práticas vão ao encontro da diversidade cultural e linguística dos alunos;
- ✓ Promoção de estratégias de intervenção que permitam reduzir as dificuldades de integração e adaptação e, conseqüentemente, promover o sucesso escolar;
- ✓ Valorização das diversas culturas e línguas;
- ✓ Desenvolvimento de expectativas positivas em relação às aprendizagens de cada aluno, tendo como referência as suas especificidades étnico-culturais, sociais e linguísticas.

### **5.2.1. Enunciação das principais hipóteses**

HA: A escola portuguesa procura fornecer os apoios educativos adequados à diversidade cultural e linguística.

HB: Os professores implementam uma pedagogia intercultural na sala de aula.

HC: A língua portuguesa é pouco utilizada como meio primordial de comunicação pelos alunos de origem estrangeira, tanto na escola como em família.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

HD: Um maior interesse e apoio por parte dos pais são fundamentais para uma melhor aprendizagem da língua portuguesa.

HE: Os alunos de origem estrangeira apresentam mais dificuldades na Língua Portuguesa do que nas restantes áreas.

HF: Os alunos de origem estrangeira têm dificuldades na integração escolar.

### 5.3. Amostra – Campo de estudo e selecção das escolas

Após o que foi exposto, passamos a apresentar as escolas seleccionadas e as razões que nos levaram a essas opções.

Primeiramente dirigimos ao Senhor Director Regional de Educação do Algarve um requerimento<sup>30</sup>, onde explicámos o tipo de estudo que pretendíamos levar a cabo, o objectivo que tínhamos e onde solicitámos informações sobre o número de alunos estrangeiros a frequentar as escolas do 1.º Ciclo do Algarve no ano lectivo de 2004/05.

A nossa pretensão foi deferida<sup>31</sup>, o que permitiu a posterior selecção do campo de estudo. Deste modo, procedeu-se a um primeiro tratamento estatístico através da elaboração de uma tabela<sup>32</sup>, que sistematiza a informação recebida da Direcção Regional de Educação do Algarve, e também são apresentados dois gráficos respeitantes ao total dos alunos distribuídos pelas nacionalidades.

Logo após, procedeu-se à selecção das escolas onde pretendíamos incidir o nosso campo de estudo.

Esta selecção obedeceu a uma série de critérios, nomeadamente:

- 1.º As escolas deviam pertencer a diferentes concelhos;
- 2.º As escolas deviam ter um número significativo de alunos de origem estrangeira, tendo em conta a dimensão geográfica do concelho onde as escolas se situam;
- 3.º Tomámos em consideração a diversidade de nacionalidades;

---

<sup>30</sup> cf. anexo I

<sup>31</sup> cf. anexo II

<sup>32</sup> cf. anexo III

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

4.º A tipologia das escolas seleccionadas devia ser diversificada, ou seja, deviam ser escolas inseridas em agrupamentos horizontais e escolas inseridas em agrupamentos verticais.

Consequentemente e tendo em conta os critérios enunciados, optámos por seis escolas que codificámos de Escola A, Escola B, Escola C, Escola D, Escola E e Escola F. Procedeu-se de seguida ao tratamento estatístico destas escolas<sup>33</sup>.

Assim, no que diz respeito ao primeiro critério, as escolas seleccionadas pertencem a três concelhos do Algarve.

**Quadro n.º 3 – Concelhos a que pertencem as escolas seleccionadas**

Concelhos	Escolas
Loulé	Escola A
Portimão	Escola B
	Escola C
	Escola F
Monchique	Escola D
	Escola E

Relativamente ao segundo critério, segundo os dados disponibilizados, o número de alunos estrangeiros<sup>34</sup> é o seguinte:

**Quadro n.º 4 – Número de alunos estrangeiros que frequentam as escolas seleccionadas**

Escolas	N.º de alunos estrangeiros
Escola A	81
Escola B	116
Escola C	20
Escolas D e E	15
Escola F	136

<sup>33</sup> cf. anexo IV

<sup>34</sup> Alguns dados referentes ao número de alunos estrangeiros que frequentam as escolas do 1.º Ciclo do Algarve disponibilizados pela Direcção Regional de Educação do Algarve podem não corresponder inteiramente à realidade, visto que durante o ano lectivo há transferências e matrículas de novos alunos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

No que concerne ao terceiro critério, as escolas seleccionadas apresentam uma considerada diversidade de nacionalidades:

**Quadro n.º 5 – Diversidade de nacionalidades nas escolas seleccionadas**

Escolas	Nacionalidades
Escola A	19
Escola B	17
Escola C	12
Escolas D e E	10
Escola F	19

Por último, no que diz respeito ao quarto critério, três escolas estão inseridas em agrupamento horizontal e outras três estão em agrupamento vertical.

**Quadro n.º 6 – Tipologia das escolas seleccionadas**

Agrupamentos Horizontais	Agrupamentos Verticais
Escola A	Escola C
Escola B	Escolas D e E
Escola F	

### 5.4. Instrumentos de recolha de dados

Após a problemática e os objectivos definidos, bem como as questões de pesquisa traçadas e as opções metodológicas delineadas, passamos à apresentação e justificação dos instrumentos de recolha de dados utilizados.

Este momento, inserido no percurso investigativo, é de importância vital para a continuação da investigação, na medida em que dele depende essencialmente a qualidade informativa dos dados recolhidos que irão permitir responder ao objectivo deste trabalho.

Assim, a recolha de dados processou-se em duas fases distintas, embora complementares.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Numa primeira fase aplicámos um questionário aos alunos de origem estrangeira, com o objectivo de recolher dados que nos permitissem caracterizar as representações desses alunos que constituem o universo em estudo.

Numa segunda fase, utilizámos como estratégia a entrevista semi-directiva, também chamada clínica ou semi-estruturada, apoiada num guião orientador construído com a intenção de recolher informações junto dos professores, com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre a diversidade cultural e linguística das escolas, as dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira e possíveis estratégias de intervenção, a promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula, assim como o ensino do português aos alunos de origem estrangeira.

### 5.4.1. O questionário

O inquérito por questionário é um método de recolha de informações, que segundo Quivy e Campenhoudt (2003: 188)

[c]onsiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores.

Este instrumento depende dos objectivos da investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise.

#### 5.4.1.1. Pré-testagem do questionário

De forma a avaliar a aplicabilidade do questionário, a clareza e pertinência das questões formuladas e de forma a possibilitar a correcção de eventuais falhas antes da sua aplicação, o questionário foi sujeito a um pré-teste. Assim, aplicámos o questionário a uma pequena amostra de seis alunos de uma escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve.

Esta pré-testagem foi ao encontro dos objectivos propostos, na medida em que as questões foram perceptíveis pelos alunos, não houve dúvidas quanto às indicações das respostas e o tempo estipulado para o seu preenchimento correspondeu ao esperado. Assim, não foram feitas quaisquer alterações ao questionário.

#### **5.4.1.2. Construção do questionário – Objectivos e finalidades das questões**

O questionário<sup>35</sup> foi destinado aos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico de seis escolas do Algarve: uma escola do concelho de Loulé (pertencente a um agrupamento horizontal), duas escolas do concelho de Monchique (ambas pertencentes ao mesmo agrupamento vertical) e três escolas do concelho de Portimão (duas fazem parte de agrupamentos horizontais e uma de um agrupamento vertical).

Este instrumento<sup>36</sup> de recolha de dados compõe-se de sete blocos. Cada um deles engloba diversos itens que a seguir apresentamos, enunciando a informação que se pretende recolher.

O primeiro bloco refere-se à identificação do aluno, tendo como objectivo a obtenção do perfil da amostra. No segundo e terceiro blocos “A tua casa no teu país de origem” e “As férias” procuramos conhecer se os alunos de origem estrangeira mantêm algum tipo de relação com o seu país de origem. No quarto bloco “A escola” pretendemos verificar a situação escolar do inquirido, focando o ano escolar frequentado, eventuais reprovações, as dificuldades sentidas e o apoio dado pelos pais em casa. O quinto bloco diz respeito ao “Uso da língua”, tanto em casa, com os pais, irmãos e amigos, como fora de casa, questionando ainda sobre a língua em que preferem fazer diversas actividades, as áreas em que sentem mais dificuldades e se gostam ou não de ir à escola e o porquê. O sexto bloco “Tempos livres”, tal como o próprio nome indica, foca as actividades de tempos livres. Finalmente, o sétimo e último bloco “Como me sinto?” visa saber como o inquirido se sente: um português ou um estrangeiro em Portugal.

---

<sup>35</sup> Este instrumento foi construído tomando como base algumas questões validadas pelo questionário elaborado pela Doutora Teresa Carreira para a sua tese de doutoramento.

<sup>36</sup> cf. anexo VI

### 5.4.1.3. Aplicação do questionário

Previamente foi feito um contacto telefónico com as seis escolas seleccionadas dos concelhos de Loulé, Monchique e Portimão.

Posteriormente foi dado a conhecer aos respectivos Conselhos Executivos a temática do trabalho, assim como a manifestação da importância da sua participação para o sucesso do trabalho, através de um ofício<sup>37</sup> dirigido ao Presidente do Conselho Executivo do respectivo agrupamento, para que posteriormente a recolha de dados fosse tratada em reunião do Conselho Pedagógico.

Após esta solicitação de colaboração das escolas seleccionadas, uma das escolas do concelho de Portimão (Escola F) não autorizou a recolha de dados, alegando falta de tempo e disponibilidade dos professores. As restantes cinco escolas autorizaram a recolha de dados e colaboraram sempre que solicitado.

Após a autorização das respectivas escolas para a aplicação do questionário, foi combinado com os respectivos conselhos executivos o dia para a entrega dos questionários. A aplicação do questionário realizou-se nos meses de Maio e Junho de 2004, consoante a disponibilidade dos professores titulares de turma.

Através do procedimento adoptado, conseguimos que praticamente todos os questionários distribuídos fossem preenchidos e devolvidos. Assim, como podemos observar no quadro n.º 7, de um total de 209 alunos recebemos 153 questionários, dos quais 16 foram considerados inválidos e 137 válidos.

Quadro n.º 7 - Dados relativos aos questionários

Escolas	Concelho	Questionários entregues	Questionários devolvidos	Questionários válidos	Questionários inválidos
Escola A	Loulé	100	87	79	8
Escola B	Portimão	70	32	26	6
Escola C	Portimão	25	22	21	1
Escola D	Monchique	8	6	5	1
Escola E	Monchique	6	6	6	0
Total		209	153	137	16

<sup>37</sup> cf. anexo V

O preenchimento do questionário foi realizado nas respectivas salas de aula, com o acompanhamento dos professores titulares de turma. Ainda assim, 56 questionários não foram devolvidos, pois alguns alunos recusaram-se a preenchê-lo e outros não estavam presentes nas salas de aula; 16 questionários foram considerados inválidos, uma vez que não estavam correctamente preenchidos.

Após o preenchimento dos questionários, os professores titulares de turma recolheram-os e posteriormente entregaram-nos.

#### **5.4.1.4. Tratamento do questionário**

Para o tratamento dos dados do questionário utilizámos a análise quantitativa para as questões fechadas e a análise qualitativa para as questões abertas.

Os dados obtidos através das questões fechadas foram analisados utilizando o SPSS como o instrumento de análise estatística dos dados do inquérito.

Por outro lado, para as questões abertas, além de algum tratamento estatístico com temas de análise possíveis de agrupar, foi também utilizada a análise de conteúdo. Segundo Quivy e Campenhoudt (2003: 227), “[o] lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”.

#### **5.4.2. A entrevista**

A entrevista é um método de recolha de dados que implica um contacto directo entre o entrevistador e os entrevistados. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003: 192), na entrevista

[i]nstaure-se (...) uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade.

Também Bodgan e Bilken (1994: 134) abordam este método de recolha de informações, salientando que “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

A entrevista semi-directiva, também chamada clínica ou semi-estruturada, centra-se no respeito pelo entrevistado e fomenta um clima de compreensão, de empatia, pois “[a]s boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (op. cit.: 136), sem que o entrevistador interrompa o discurso do entrevistado, ainda que existam breves momentos de silêncio, que na maior parte das vezes servem para ajudar o entrevistado a organizar o seu pensamento. Assim sendo, “o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy e Campenhoudt, 2003: 192), mas não tem obrigatoriamente de seguir com rigor a ordem das perguntas estipuladas no guião, tendo essencialmente que conduzir a entrevista no sentido de conseguir os objectivos pré-estabelecidos.

#### **5.4.2.1. Preparação das entrevistas – Considerações Metodológicas**

Tendo em conta os pressupostos anteriormente formulados e o facto de nos parecer a técnica mais apropriada para a recolha de dados pretendidos, optámos pela entrevista semi-estruturada ou semi-directiva.

Para o efeito, construímos um guião<sup>38</sup> orientador das entrevistas a realizar, com o objectivo essencial de recolher informações referentes à multi/interculturalidade, focando essencialmente o ensino do português a alunos estrangeiros, junto de seis professores titulares de turma e de um professor<sup>39</sup> que desempenha a função de coordenador de um projecto “Português como segunda língua” numa das escolas seleccionadas (Escola A) e que dá aulas de apoio de língua portuguesa a alunos estrangeiros. Importa referir que inicialmente estava previsto entrevistar um outro

---

<sup>38</sup> cf. anexo VII

<sup>39</sup> O guião da entrevista a este professor sofreu umas pequenas alterações relativamente ao guião das restantes entrevistas, não ao nível da estruturação dos blocos, mas sim no que diz respeito à formulação de algumas questões mais dirigidas para o projecto “Português como segunda língua”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

professor coordenador também de um projecto semelhante nas escolas D e E, mas este não demonstrou disponibilidade para ser entrevistado, inviabilizando a realização da entrevista.

O guião apresenta uma estrutura que não é rígida, ou seja, as questões não foram colocadas obrigatoriamente pela ordem apresentada, de forma a não interromper a fluidez dos discursos dos entrevistados e dar-lhes liberdade total para exprimirem livremente as suas ideias e assim atingir os objectivos pretendidos.

Durante a preparação do guião da entrevista determinadas considerações metodológicas foram tidas em conta, nomeadamente:

- as questões formuladas estão intimamente relacionadas com os objectivos da investigação;
- as questões são pertinentes;
- as questões são claras e directas;
- são apresentadas algumas perguntas de reforço, para o caso do discurso do entrevistado não ser suficientemente claro;
- as questões não devem conter elementos susceptíveis de orientar a resposta.

Indo ao encontro de todos esses pressupostos, procedeu-se à construção do guião da entrevista composto por sete blocos – A, B, C, D, E, F e G – que veiculam a temática em questão e proporcionam espaço de reflexão aos entrevistados. Assim, os blocos estão estruturados do seguinte modo:

- Bloco A – Perfil do entrevistado
- Bloco B – Diversidade cultural e linguística
- Bloco C – Integração dos alunos de origem estrangeira
- Bloco D – Estratégias de intervenção
- Bloco E – Promoção de igualdade de oportunidades na sala de aula
- Bloco F – Ensino do português aos alunos de origem estrangeira
- Bloco G – Opinião pessoal

Cada um destes blocos, e por referência aos objectivos da investigação já enunciados, pretende a realização de determinados objectivos específicos, que de seguida iremos definir:

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- Bloco A – Pretende-se, com este primeiro bloco, conhecer os dados pessoais e profissionais do entrevistado.
- Bloco B – Este bloco foi concebido com o intuito de recolher informações sobre a diversidade cultural e linguística da escola.
- Bloco C – Este bloco visa a recolha de informações sobre as possíveis causas das dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira.
- Bloco D – Em relação a este bloco, pretende-se recolher opiniões relativas a actividades e projectos da escola realizados no âmbito do multiculturalismo.
- Bloco E – Relativamente a este bloco, pretende-se identificar as práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula.
- Bloco F – Este bloco foi concebido no sentido de inquirir o entrevistado sobre o ensino do português aos alunos estrangeiros.
- Bloco G – Em relação a este bloco pretende-se inquirir o entrevistado sobre a sua opinião em relação à interculturalidade.

### 5.4.2.2. Realização das entrevistas

Após contacto prévio com os professores seleccionados para a entrevista, a disponibilidade dos mesmos foi unânime, tendo as entrevistas decorrido num clima de à vontade e empatia durante os meses de Maio e Junho de 2004, consoante a disponibilidade dos entrevistados. Seis dos sete professores entrevistados (A, B, C, D, E e F) são titulares de turma; o Sujeito G é um professor que desempenha a função de coordenador do projecto “Português como segunda língua”. Todos eles foram seleccionados atendendo ao número de alunos estrangeiros que faziam parte das suas turmas e no caso do professor G devido à especificidade da sua função.

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

**Quadro n.º 8 - Dados relativos aos professores entrevistados**

<b>Professores entrevistados</b>	<b>Escolas</b>	<b>Concelho</b>
Sujeito A	Escola A	Loulé
Sujeito B	Escola A	Loulé
Sujeito C	Escola B	Portimão
Sujeito D	Escola C	Portimão
Sujeito E	Escola D	Monchique
Sujeito F	Escola E	Monchique
Sujeito G	Escola A	Loulé

As entrevistas foram conduzidas de modo não directivo, com uma duração média de 20-30 minutos, tendo sido gravadas com a autorização prévia dos entrevistados.

Os sujeitos foram entrevistados individualmente, explicitou-se os objectivos da entrevista, garantiu-se o anonimato e apelou-se para que as declarações fossem o mais verdadeiras possíveis.

Durante a realização das entrevistas procurámos dar total liberdade aos entrevistados, não interrompendo nem os seus raciocínios, nem os seus pensamentos. Contudo, tivemos sempre em conta os objectivos do guião e apenas interrompemos quando achámos fundamental para uma melhor elucidação das suas concepções sobre a temática em estudo.

### **5.4.2.3. Tratamento das entrevistas**

De acordo com Bilken e Bodgan (1994: 205) “[a] análise envolve o trabalho com dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido”.

Deste modo, para a análise das entrevistas procurámos definir as categorias e as sub-categorias do discurso dos inquiridos e dar sentido, não só aos significados

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

expressos, como aos ocultos, iniciando a categorização do *corpus* da informação, com critérios de exclusividade, exaustividade e coerência.

O processo de redução progressiva de dados subdividiu-se nos seguintes passos:

1. Elaboração dos protocolos – as sete entrevistas foram transcritas, tendo sempre em conta as alterações de voz e sentido inerente a determinadas expressões, sendo as mais rigorosas possíveis.

2. Elisão das questões e dos segmentos do discurso – após a leitura das entrevistas, procedeu-se à elisão dos segmentos do discurso que se afastavam dos objectivos estabelecidos.

3. Pré-categorização do *corpus* da informação – após a elisão das questões e dos segmentos do discurso que se afastavam dos objectivos do estudo foi feita uma pré-categorização das unidades de significação.

4. Grelha de categorização do *corpus* da informação – nesta fase distribuiu-se as unidades de significação por categorias e sub-categorias, de modo a organizar a informação.

5. Organização de quadros síntese – a partir das grelhas de categorização do *corpus* da informação, foram estabelecidos treze quadros síntese, que, de uma forma global, permitiram uma leitura das unidades de significação por categorias e sub-categorias de análise.

6. Organização de quadros comparativos – grelhas de análise das entrevistas realizadas aos professores.

## **Capítulo VI – Apresentação e análise interpretativa dos dados**

Este capítulo apresenta os resultados decorrentes da aplicação dos dois instrumentos de recolha dos dados descritos no capítulo anterior: o questionário e a entrevista.

Começamos assim com a análise interpretativa dos questionários aos alunos de origem estrangeira que frequentam as escolas seleccionadas para este estudo, apresentando os dados recolhidos e tratados estatisticamente utilizando o SPSS. Iniciamos com a caracterização da amostra e depois é feita uma análise a determinadas questões enquadrando-as nas hipóteses previamente estabelecidas.

De seguida, debruçamo-nos sobre a análise interpretativa das entrevistas aos professores. Após a transcrição das mesmas e a organização de grelhas de análise das entrevistas, procedemos à análise de conteúdo.

Por último, procedemos ao cruzamento dos dados recolhidos com os instrumentos de recolha de dados.

### **6.1. Análise interpretativa do questionário**

#### **6.1.1. Caracterização da amostra**

Como já foi referido, a nossa amostra é constituída por 137 sujeitos. Dos 209 respondentes possíveis, 137 é que mostraram vontade e disponibilidade para responder ao nosso questionário.

##### **6.1.1.1. Distribuição da amostra por nível etário e ano de nascimento**

No que diz respeito ao nível etário (Q. 1.1.), tal como podemos observar no gráfico n.º 37, a maioria dos inquiridos (27%) tem dez anos de idade, seguido dos indivíduos com oito anos (21,2%), 16,8% têm nove anos, 14,6% têm onze anos, 13,9%

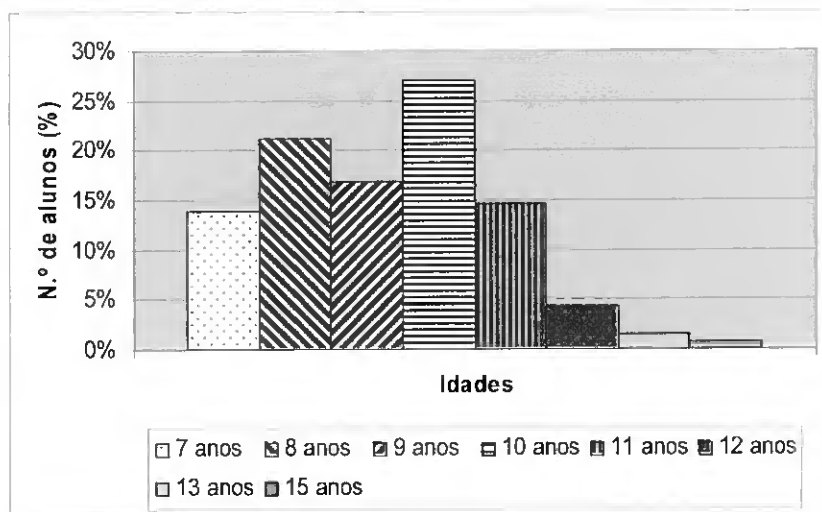
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

têm sete anos, 4,4% têm doze anos, 1,5% têm treze anos e apenas 0,7% da amostra tem quinze anos.

Gráfico n.º 37 - Distribuição da amostra por nível etário



Relativamente ao ano de nascimento (Q. 1.1.), este corresponde necessariamente ao nível etário dos alunos.

### 6.1.1.2. Distribuição da amostra pelo local de nascimento

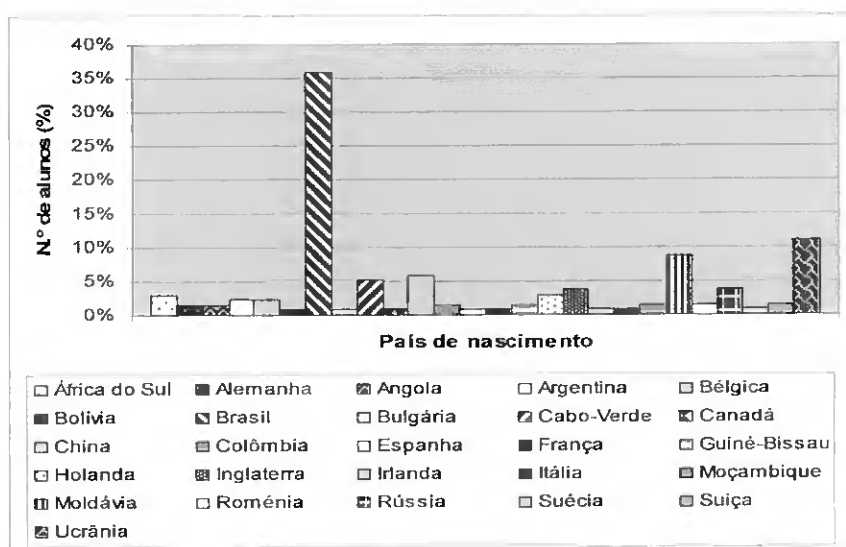
É de referir que relativamente à distribuição da amostra pelo local de nascimento (Q. 1.2.), há uma grande diversidade de locais. No entanto destacam-se locais pertencentes ao Brasil, tais como Uberlândia, Salvador, Belo Horizonte, Ribeirão Preto, São Paulo, Mato Grosso, Campo Grande, Governador Valadares, Santos, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro.

### 6.1.1.3. Distribuição da amostra pelo país de origem

No que diz respeito ao país de origem dos alunos (Q. 1.2.), constatámos que, tal como o gráfico seguinte ilustra, os alunos provêm de vinte e seis países diferentes e que a grande maioria dos inquiridos (35,8%) provém do Brasil. Segue-se a Ucrânia com 10,9%, a Moldávia com 8,8%, a China com 5,8%, Cabo-Verde com 5,1%, a Rússia e a

Inglaterra com 3,6%, África do Sul e Holanda com 2,9%, a Argentina e a Bélgica com 2,2%, Alemanha, Angola, Colômbia, Guiné-Bissau, Moçambique, Roménia e Suíça com 1,5% e finalmente Bolívia, Bulgária, Canadá, Espanha, França, Irlanda, Itália e Suécia que representam 0,7% da amostra.

Gráfico n.º 38 - Distribuição da amostra pelo país de origem



#### 6.1.1.4. Número de irmãos e de irmãs

No que concerne ao número de irmãos e de irmãs da população questionada (Q. 1.3.), verificámos que 54,7% dos inquiridos não tem irmãos e que 51,8% não tem irmãs. Também verificámos que 29,9% somente têm um irmão e que 37,2% têm uma irmã; 10,9% têm dois irmãos e 8,8% têm duas irmãs; 2,9% têm três irmãos e 0,7% têm três irmãs; apenas 1,5% têm quatro irmãos e 1,5% têm cinco irmãos.

Gráfico n.º 39 – Número de irmãos

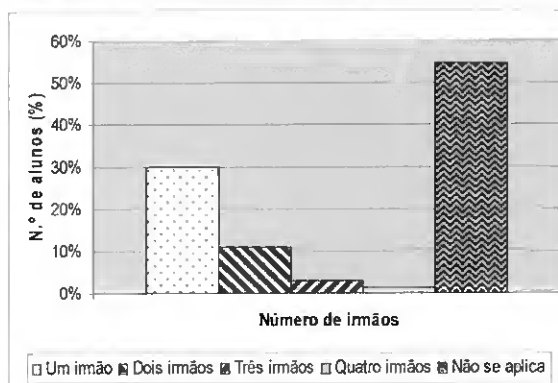
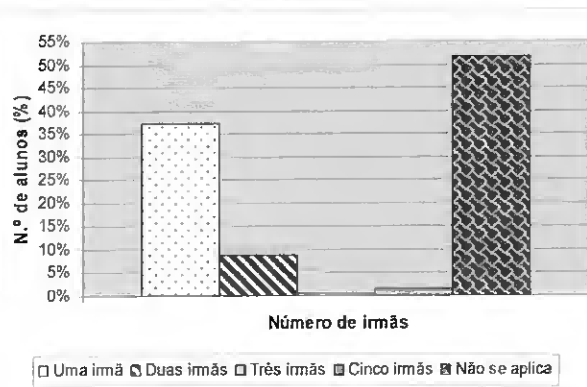


Gráfico n.º 40 – Número de irmãs



### 6.1.1.5. Escalão etário dos irmãos/irmãs

Relativamente às idades dos irmãos/irmãs (Q. 1.3.1.), constatámos que 24,1% dos inquiridos não tem irmãos nem irmãs. Na maioria, a idade do 1.º irmão/irmã situa-se entre os 6 e os 10 anos de idade (29,2%). Nos casos dos 2.º, 3.º, 4.ª e 5.ª irmãos/irmãs o escalão etário mais frequente é mais de 16 anos: 63,5%, 8%, 2,9% e 1,5%, respectivamente.

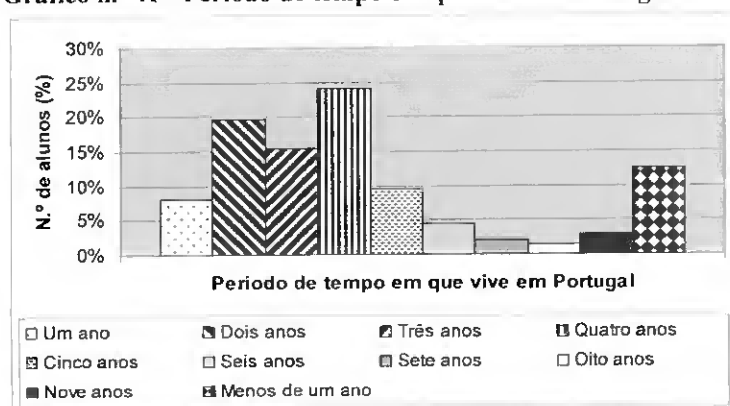
### 6.1.1.6. Países de origem dos irmãos/irmãs

Relativamente aos países de origem dos irmãos e irmãs dos alunos inquiridos (Q. 1.3.2.), na sua maioria nasceram no mesmo país que estes. É ainda de referir que alguns irmãos/irmãs nasceram em Portugal. No caso do 1.º irmão/irmã a maioria (60,6%) nasceu no mesmo país que o aluno, 14,6% nasceram em Portugal e 0,7% noutra país. Relativamente ao 2.º irmão/irmã, 35% nasceram no mesmo país e 1,5% nasceram em Portugal. Nos casos dos 3.º, 4.º e 5.º irmãos/irmãs constatámos que todos nasceram no mesmo país que o aluno: 13,1%, 3,6% e 1,5%, respectivamente.

### 6.1.1.7. Período de tempo em que vive em Portugal

Relativamente ao período de tempo em que vivem em Portugal (Q. 1.4.), verificámos que 24,1% dos inquiridos vive em Portugal há quatro anos, 19,7% há dois anos, 15,3% há três anos, 12,4% há menos de um ano, 9,5% há cinco anos, 8% há um ano, 4,4% há seis anos, 2,9% há nove anos, 2,2% há sete anos e 1,5 % há oito anos.

Gráfico n.º 41 - Período de tempo em que vive em Portugal



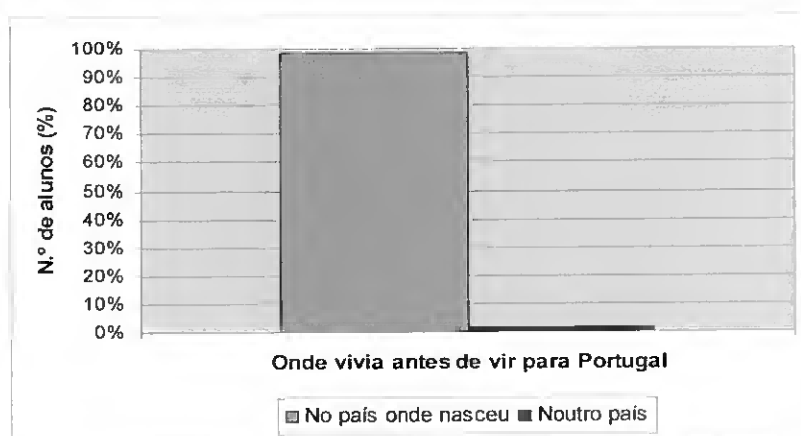
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

### 6.1.1.8. Local onde vivia antes de vir para Portugal

Ao analisarmos esta questão (Q. 1.5.) verificámos que alguns alunos já tinham emigrado do seu país de origem para outro antes de terem chegado a Portugal. Deste modo, uma grande parte dos alunos inquiridos (98,5%) vivia no país de nascimento, contra 1,5% da amostra que vivia noutro país antes de vir para Portugal.

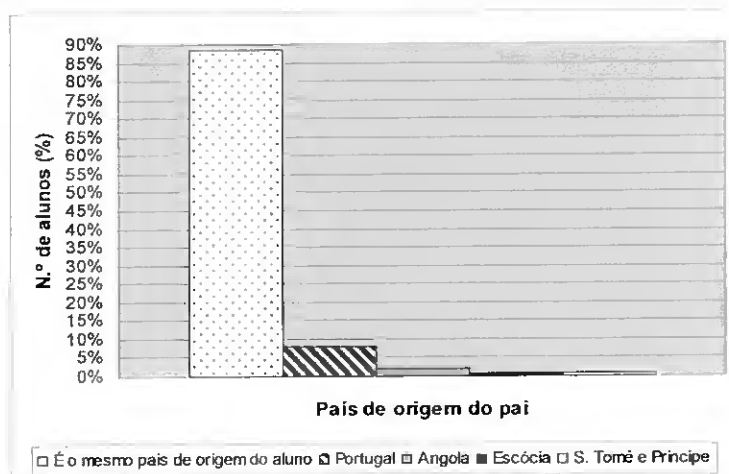
Gráfico n.º 42 - Local onde vivia antes de vir para Portugal



### 6.1.1.9. País de origem do pai

Relativamente ao país de origem pai (Q. 1.6.), a maioria (88,3%) é proveniente do mesmo país de origem que os seus filhos. É de frisar que 8% dos pais nasceram em Portugal, 2,2% em Angola e 0,7% na Escócia e em S.Tomé e Príncipe.

Gráfico n.º 43 – País de origem do pai



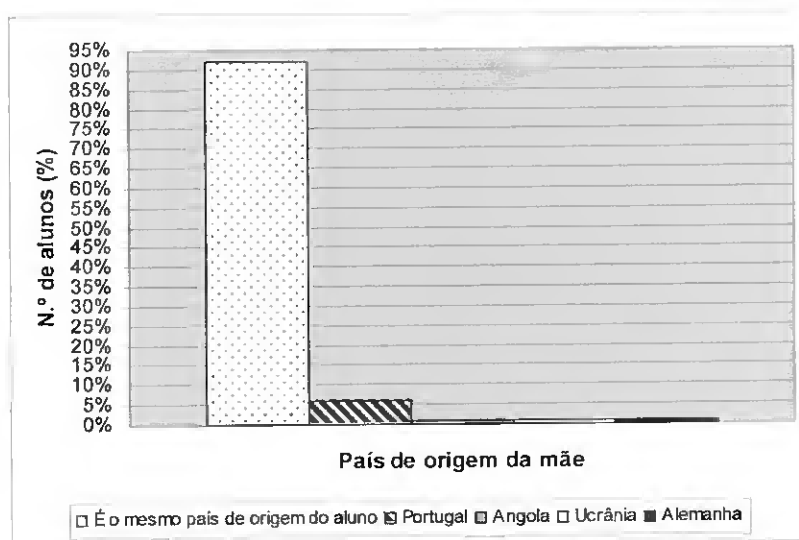
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

### 6.1.1.10. País de origem da mãe

Tal como os pais, a maioria das mães (92%) é proveniente do mesmo país que os seus filhos (Q. 1.6.). Portugal é o país de origem de 5,8% das mães, enquanto que Angola, Ucrânia e Alemanha são os países de origem de 0,7% das mães.

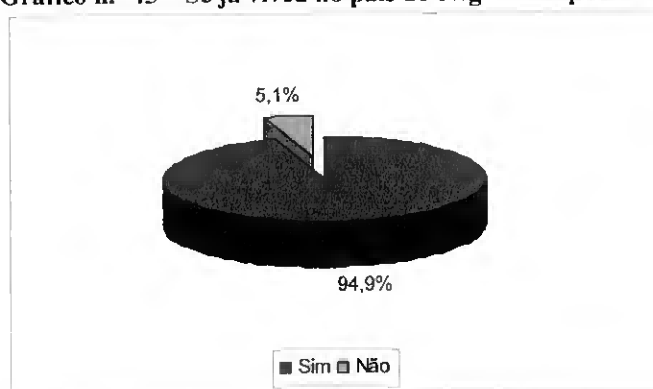
Gráfico n.º 44 – País de origem da mãe



### 6.1.1.11. Se já viveu no país de origem dos pais

No que diz respeito a este aspecto (Q. 1.7.), 5,1% dos alunos nunca viveram no país de origem dos seus pais, contra 94,9% que já lá viveram.

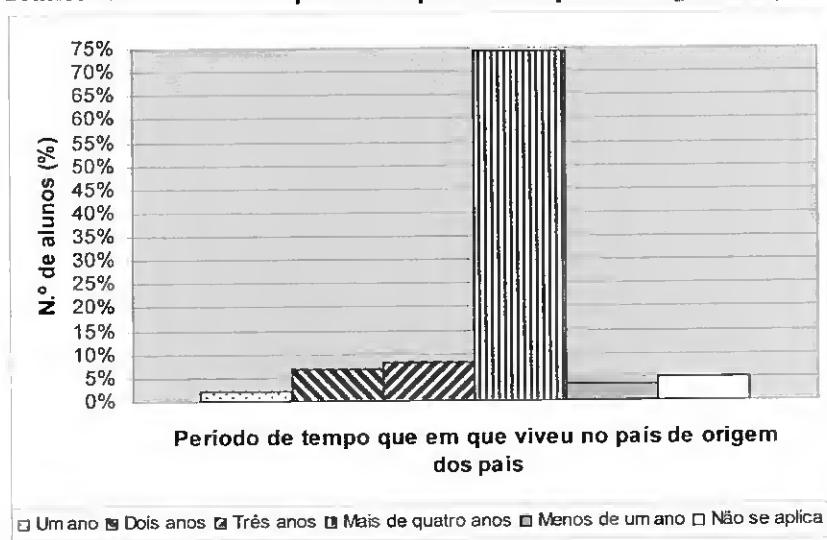
Gráfico n.º 45 – Se já viveu no país de origem dos pais



### 6.1.1.12. Durante quanto tempo viveu no país de origem dos pais

A maioria dos alunos (74,5%) viveu no país de origem dos pais (Q. 1.7.1.) mais de quatro anos. Também se verifica que 8% viveram lá três anos, 6,6% dois anos, 3,6% menos de um ano e 2,2% somente um ano.

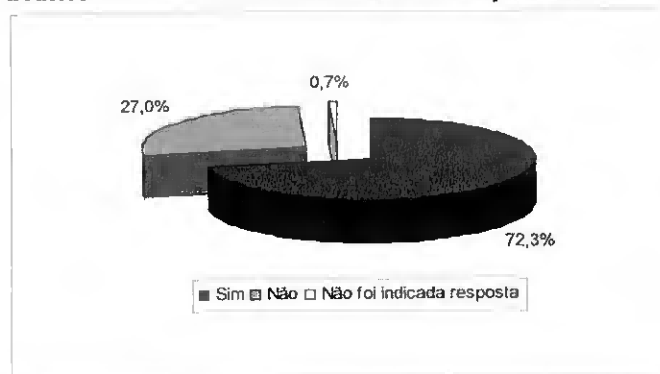
Gráfico n.º 46 – Durante quanto tempo viveu no país de origem dos pais



### 6.1.1.13. Conhecimento das razões que levaram os pais a imigrar para Portugal

No respeitante ao conhecimento das razões que levaram os pais a imigrar para Portugal (Q. 1.8.), a maioria dos inquiridos (72,3%) respondeu afirmativamente, havendo ainda a registar que 0,7% dos inquiridos não responderam à questão.

Gráfico n.º 47 – Conhecimento das razões que levaram os pais a imigrar para Portugal



#### **6.1.1.14. Razões que levaram os pais a imigrar para Portugal**

Os alunos que responderam afirmativamente na questão anterior apontaram as razões que levaram os seus pais a imigrar para Portugal (Q.1.8.1.), à excepção de 3,6%. Assim, 32,1% dos alunos apresentam como razão para a imigração o facto dos pais virem à procura de trabalho. Segue-se a procura de uma vida melhor (19%), o facto de já terem família em Portugal (5,8%), o facto de que no país onde viviam havia falta de segurança (2,9%), o simples facto de que já não queriam mais viver no mesmo país (2,2%), o clima de Portugal (2,2%), motivos espirituais (1,5%), motivos de saúde de um dos familiares (1,5%) e o facto de que os pais queriam comprar casa em Portugal (1,5%).

#### **6.1.1.15. Profissão do pai**

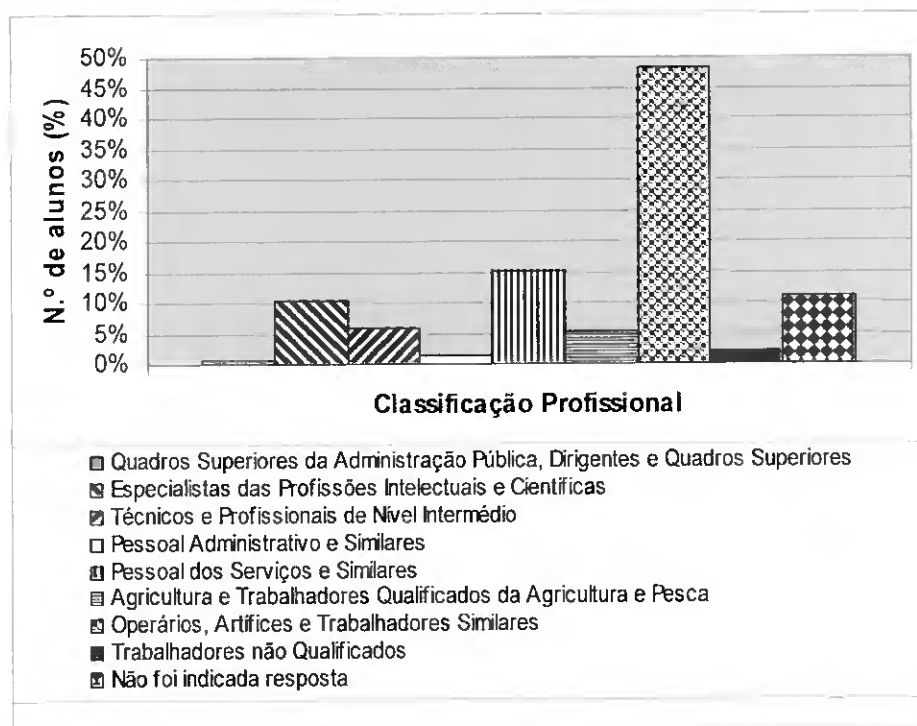
Relativamente às profissões exercidas pelos pais e mães dos alunos inquiridos (Q.1.9.) há a salientar que devido à sua grande variedade, as profissões mencionadas nos questionários foram agrupadas segundo a Classificação Nacional de Profissões, presente na página da Internet do Instituto do Emprego e Formação Profissional<sup>40</sup>.

Assim, a maioria dos pais (48,2%) são operários, artífices ou trabalhadores similares. Os restantes integram-se nas seguintes categorias: pessoal dos serviços e similares (15,3%); especialistas das profissões intelectuais e científicas (10,2%); técnicos e profissionais de nível intermédio (5,8%); agricultura e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca (5,1%); trabalhadores não qualificados (2,2%); pessoal administrativo e similares (1,5%); e quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores (0,7%). É ainda de salientar que 10,9% dos inquiridos não responderam a esta questão.

---

<sup>40</sup> <http://portal.iefp.pt>

Gráfico n.º 48 – Profissão do pai



#### 6.1.1.16. Profissão da mãe

Tal como foi dito na apresentação dos dados referentes às profissões dos pais, também agrupámos as profissões das mães segundo a Classificação Nacional de Profissões.

Deste modo, a maioria das mães (43,8%) são trabalhadores não qualificados. Os restantes integram-se nas seguintes categorias: pessoal dos serviços e similares (24,1%); especialistas das profissões intelectuais e científicas (11,7%); técnicos e profissionais de nível intermédio (8%); operários, artífices ou trabalhadores similares (2,9%); pessoal administrativo e similares (0,7%); e agricultura e trabalhadores qualificados da agricultura e pesca (0,7%). É ainda de salientar que 8% dos inquiridos não responderam a esta questão.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 49 – Profissão da mãe



### 6.1.1.17. Casa no país de origem

Analisando o gráfico seguinte verificámos que a maioria dos alunos (63,5%) tem casa no país de origem (Q. 2.1.), contra 35,8% que afirmam não ter. Há ainda a registar que 0,7% não responderam a esta questão.

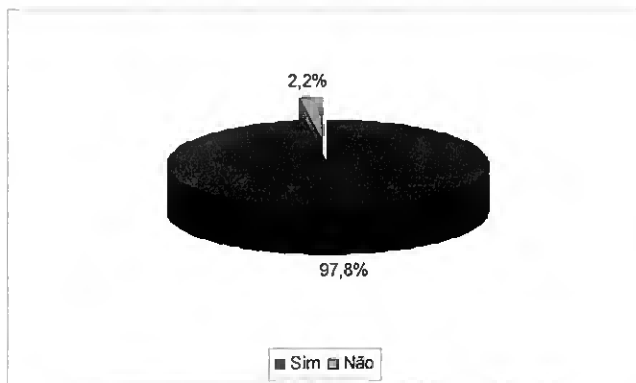
Gráfico n.º 50 – Casa no país de origem



### 6.1.1.18. Familiares no país de origem

No que se refere à existência de familiares no país de origem (Q. 2.2.), é notório que a maioria (97,8%) dos inquiridos tem familiares no país de origem.

Gráfico n.º 51 – Familiares no país de origem

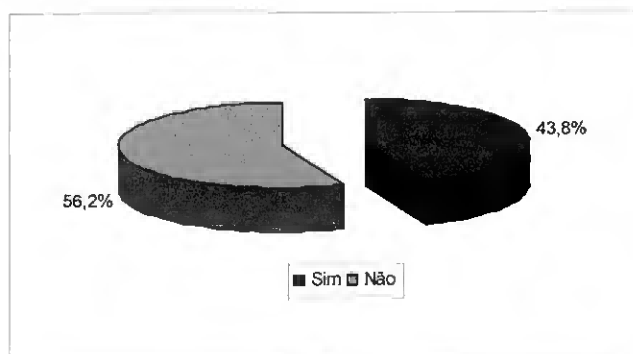


Relativamente ao grau de parentesco desses familiares (Q. 2.2.1.), verificámos que 67,8% têm os familiares da parte da mãe e do pai no país de origem; 12,4% têm os familiares da parte do pai; 8,8% têm os familiares da parte da mãe; 2,9% têm os irmãos; 2,9% têm os pais e avós; 1,5% têm os avós, mãe e primos; e 1,5% não indicaram qual o grau de parentesco dos familiares.

### 6.1.1.19. Férias no país de origem

No que diz respeito às férias no país de origem (Q. 3.1.), 56,2% garantem que não costumam passar férias no país de origem, contra 43,8% que afirmam passar.

Gráfico n.º 52 – Férias no país de origem



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

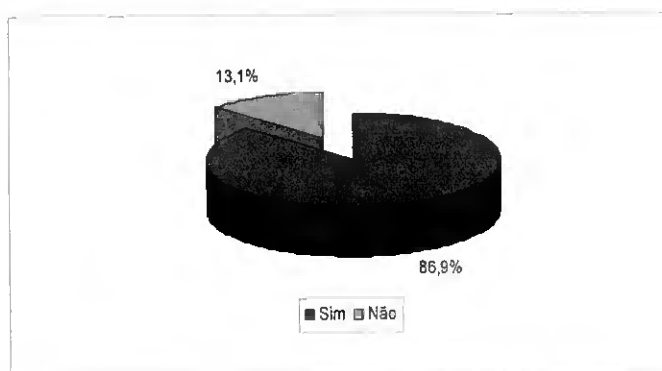
### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

Dos alunos que responderam afirmativamente à questão relacionada com as férias no país de origem, 19,2% permanecem em férias no país de origem um mês; 13,1% dois meses; 10,8% menos de um mês e 0,7% três meses (Q. 3.1.1.).

#### 6.1.1.20. Amigos no país de origem

Como pudemos constatar através da análise de resultados e como é visível no gráfico n.º 53, a maioria dos alunos (86,9%) tem amigos no seu país de origem (Q. 3.1.2).

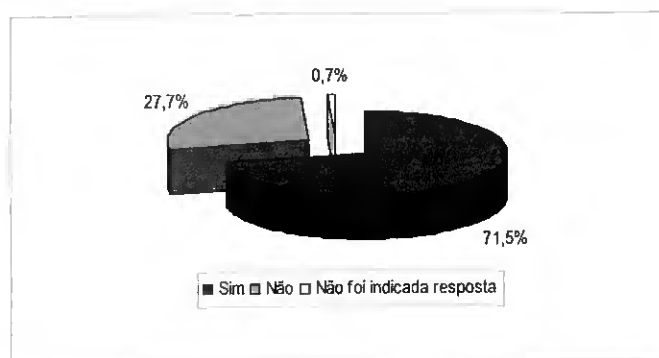
Gráfico n.º 53 – Amigos no país de origem



#### 6.1.1.21. Se gostaria de viver no país de origem

Quando questionados se gostariam ou não de viver no seu país de origem (Q. 3.1.3.), 71,5% afirmam que gostariam, contra 27,7% que mencionam que não gostariam. Há ainda a referir que 0,7% da amostra não respondeu a esta questão.

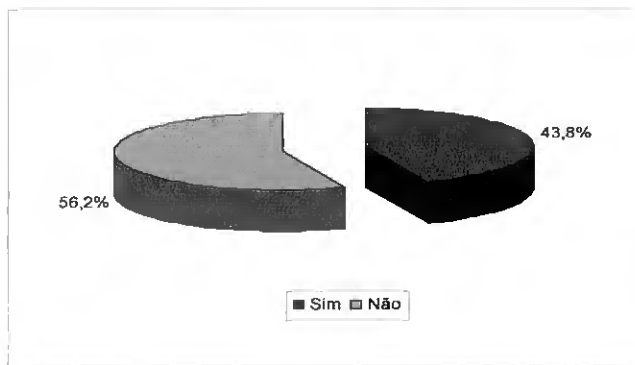
Gráfico n.º 54 – Se gostaria de viver no país de origem



### 6.1.1.22. Se já visitou outros países

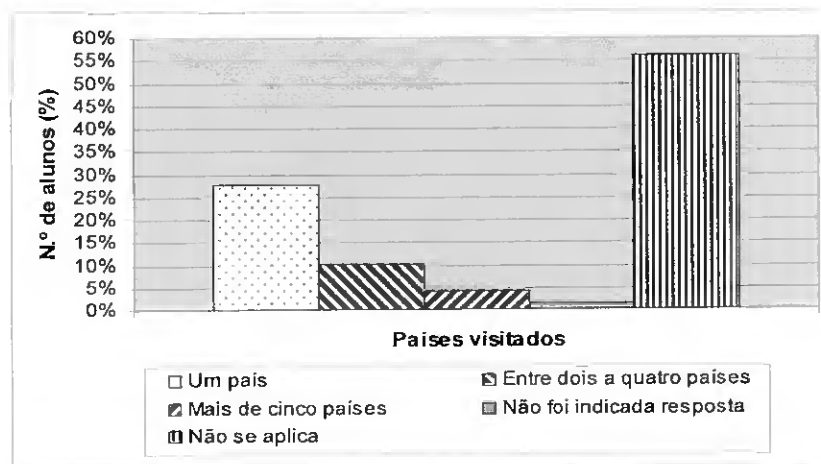
Em relação a esta questão (Q. 3.1.4.), 56,2% confessam que nunca visitaram outros países, contra 43,8% que afirmam que já visitaram.

Gráfico n.º 55 – Se já visitou outros países



Dos alunos que responderam afirmativamente à questão anterior, 27,7% somente visitaram um país; 10,2% visitaram entre dois a quatro países; 4,4% visitaram mais de cinco países; e 1,5% não responderam à questão.

Gráfico n.º 56 – Países visitados



### 6.1.1.23. Ano frequentado

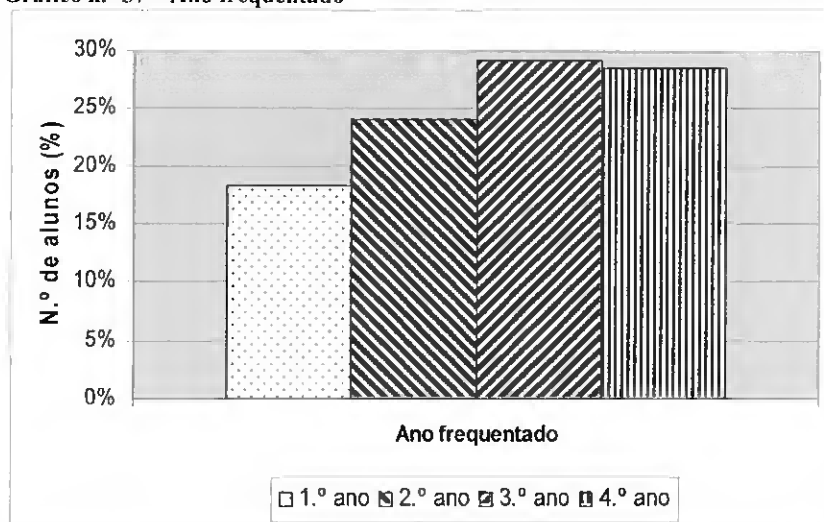
Quanto ao ano de escolaridade frequentado (Q. 4.1.), 29,2% dos inquiridos frequentam o 3.º ano; 28,5% o 4.º ano; 24,1% o 2.º ano e 18,2% o 1.º ano.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

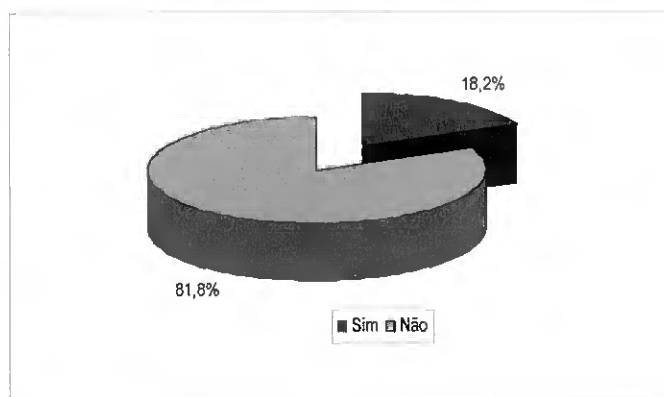
Gráfico n.º 57 – Ano frequentado



### 6.1.1.24. Retenções

Relativamente a retenções (Q. 4.2.), a maioria (81,8%) nunca reprovou em nenhum ano de escolaridade, contra 18,2% que já ficaram retidos.

Gráfico n.º 58 – Retenções



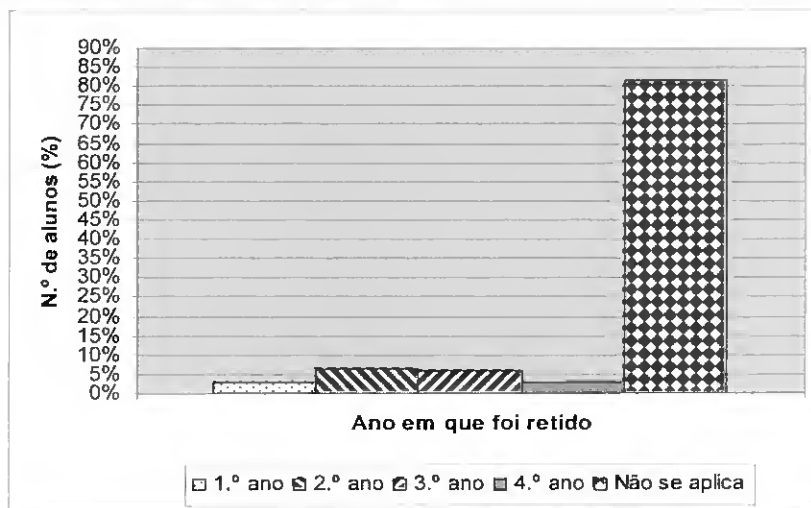
No que concerne ao número de retenções (Q. 4.2.1.), dos 18,2% que já ficaram retidos, todos só têm uma retenção.

E no que diz respeito ao ano de escolaridade em que ficaram retidos (Q. 4.2.1.), 6,6% ficaram retidos no 2.º ano; 5,8% no 3.º ano; 2,9% no 1.º ano; e 2,9% no 4.º ano.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

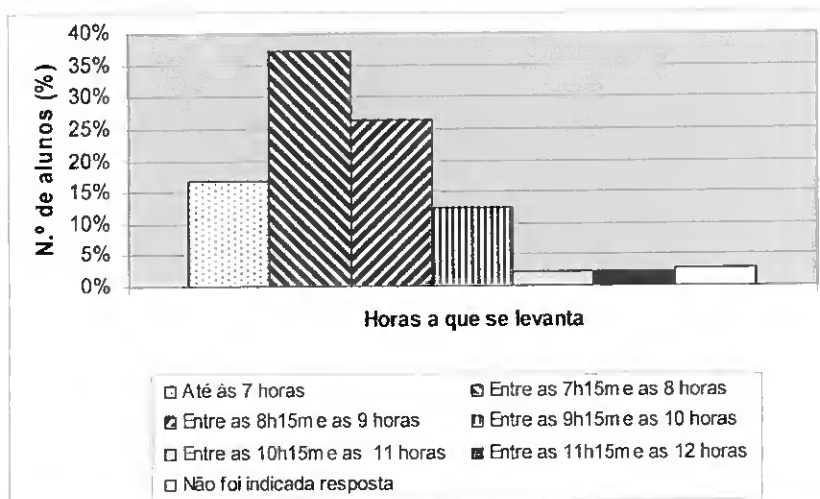
Gráfico n.º 59 – Ano em que ficou retido



### 6.1.1.25. Tempos livres

No que diz respeito à hora de levantar (Q. 6.1.), a maior parte dos inquiridos levanta-se cedo: 37,2% referem que levantam-se entre as 7h15m e as 8 horas; 26,3% entre as 8h15m e as 9 horas; 16,8% levantam-se antes das 7 horas e 12,4% entre as 9h15m e as 10 horas. Há ainda a referir que 2,2% dos inquiridos levantam-se entre as 10h15m e as 11 horas; 2,2% entre as 11h15m e as 12 horas; e 2,9% não responderam.

Gráfico n.º 60 – Horas a que se levanta



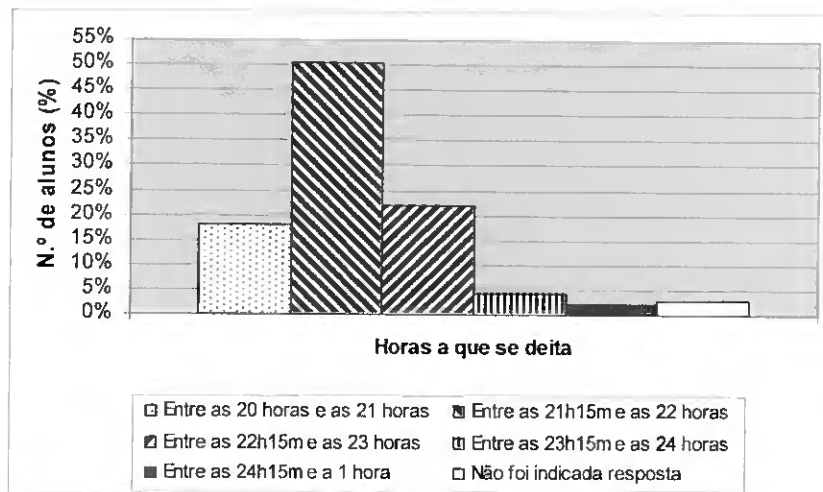
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

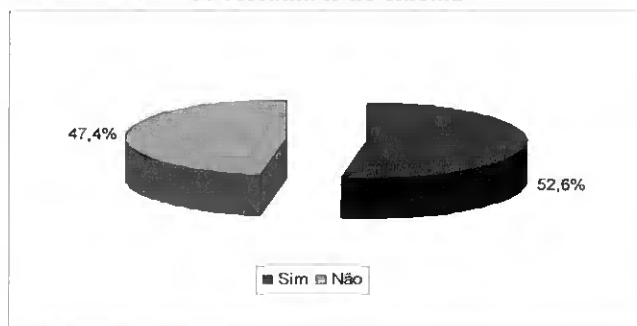
Relativamente à hora de deitar (Q. 6.2.), a maior parte dos inquiridos deita-se cedo: 50,4% entre as 21h15m e as 22 horas; 21,9% entre as 22h15m e as 23 horas; e 18,2% entre as 20 horas e as 21 horas. Há ainda a referir que 4,4% dos inquiridos deitam-se entre as 23h15m e as 24 horas; 2,2% entre as 24h15m e a 1 hora; e 2,9% não responderam.

Gráfico n.º 61 – Horas a que se deita



No que se refere a idas ao cinema (Q. 6.3.), os resultados são semelhantes: 52,6% costumam ir ao cinema, enquanto que 47,4% não costumam ir ao cinema.

Gráfico n.º 62 – Se costuma ir ao cinema



### 6.1.2. A pouca utilização da língua portuguesa por parte dos alunos de origem estrangeira como meio primordial de comunicação

No que se refere ao facto dos alunos estrangeiros utilizarem com pouca frequência a língua portuguesa como meio primordial de comunicação, analisámos as

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

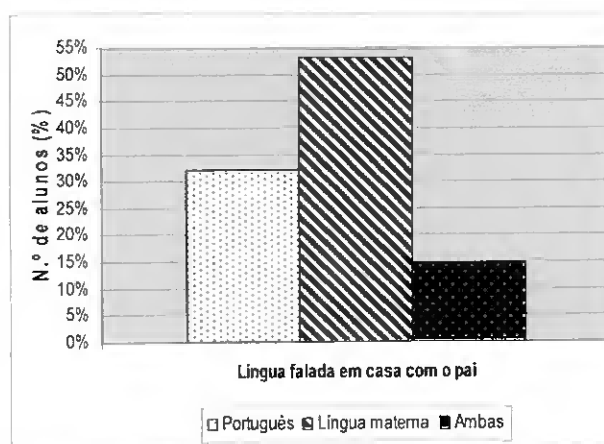
questões 5.1, 5.2, 5.3 e 5.4. Este aspecto está directamente relacionado com a hipótese C.

É de salientar que em casa, a maioria dos alunos fala a língua materna, tanto com o pai (53,3%), como com a mãe (53,3%). Há ainda uma percentagem significativa de alunos que utilizam tanto o português como a língua materna para comunicarem tanto com o pai (14,6%), como com a mãe (13,1%). Já no que se refere à utilização da língua portuguesa, 32,1% falam em português com o pai e 33,6% falam em português com a mãe.

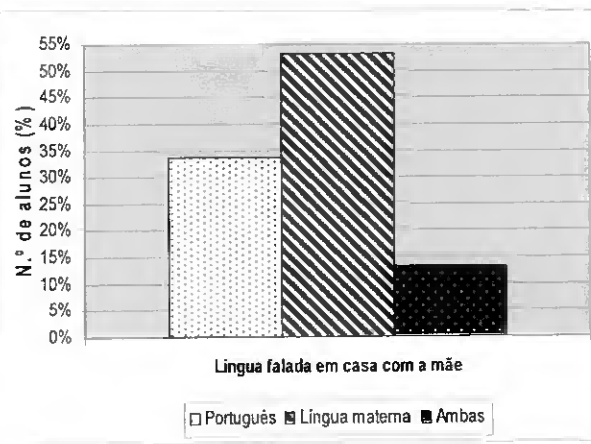
No entanto, os alunos afirmam que, para comunicarem com os irmãos utilizam mais a língua portuguesa (32,1%), contra 29,2% que utilizam a língua materna e 14,6% que comunicam tanto em português como na língua materna.

Com os amigos, a discrepância é ainda maior: 70,8% utilizam o português como meio de comunicação, 15,3% utilizam a língua materna e 13,9% utilizam ambas.

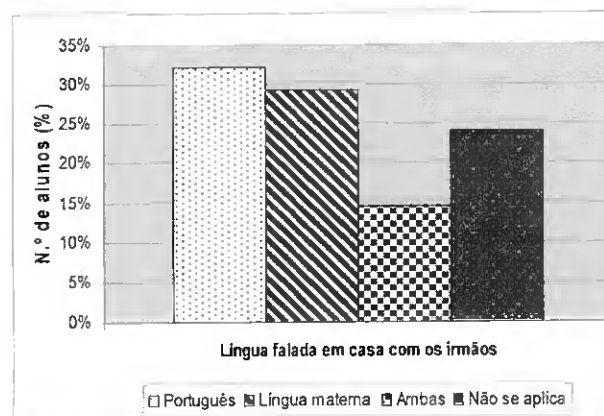
**Gráfico n.º 63 – Língua falada em casa com o pai**



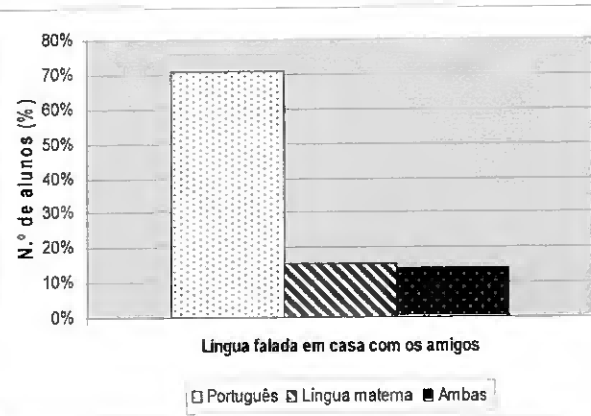
**Gráfico n.º 64 – Língua falada em casa com a mãe**



**Gráfico n.º 65 – Língua falada em casa com os irmãos**



**Gráfico n.º 66 – Língua falada em casa com os amigos**



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

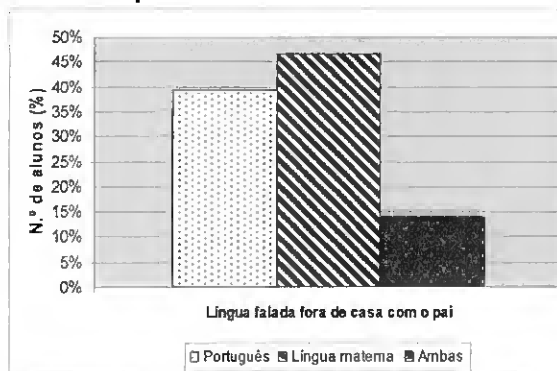
No que diz respeito à questão 5.2., verificámos que as respostas coincidem com as respostas da questão anterior. Assim, fora de casa, a maioria dos inquiridos fala a língua materna com o pai (46,7%) e com a mãe (46,7%). 13,9% referem que falam tanto com o pai como com a mãe em ambas as línguas. No que diz respeito à utilização da língua portuguesa como meio de comunicação, 39,4% falam em português tanto com o pai, como com a mãe.

Passemos então à análise da língua falada fora de casa com os irmãos. Neste caso, verificámos que 33,6% utilizam o português, contra 29,9% que utilizam a língua materna e 12,4% que utilizam ambas as línguas.

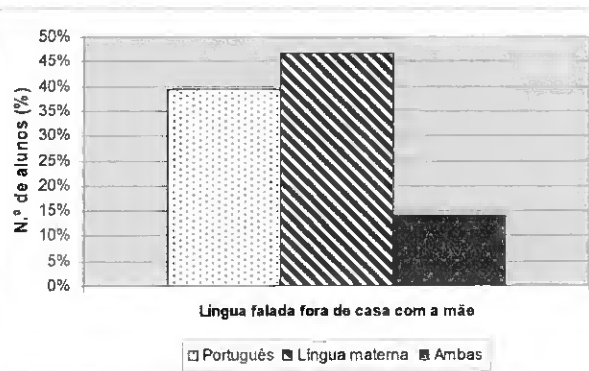
Já no que se refere à língua falada fora de casa com os amigos, a discrepância é bastante significativa: 75,2% falam em português, 15,3% falam em ambas as línguas e somente 9,5% é que falam na língua materna.

Relativamente à língua falada no recreio da escola, a maioria (84,7%) afirma que utilizam o português como meio primordial de comunicação, contra 10,2% que utilizam ambas as línguas e 5,1% que utilizam a língua materna para comunicar.

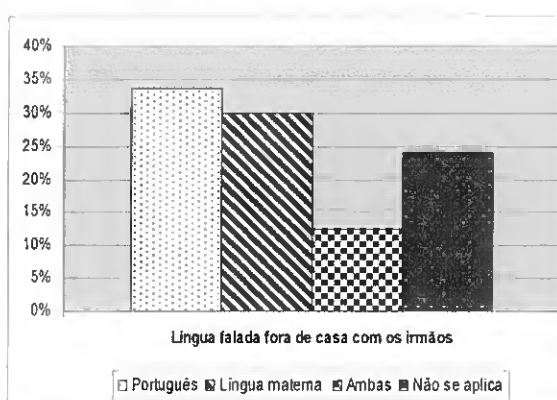
**Gráfico n.º 67 – Língua falada fora de casa com o pai**



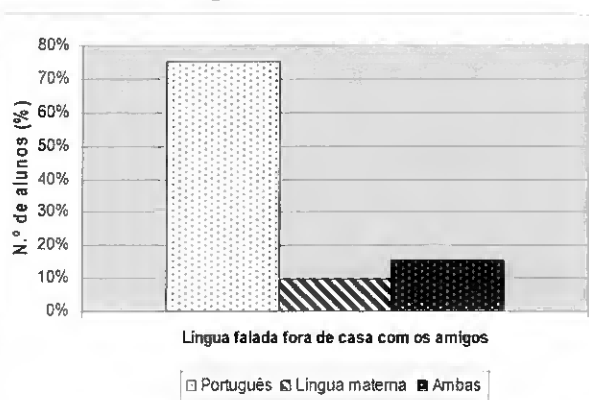
**Gráfico n.º 68 – Língua falada fora de casa com a mãe**



**Gráfico n.º 69 – Língua falada fora de casa com os irmãos**



**Gráfico n.º 70 – Língua falada fora de casa com os amigos**

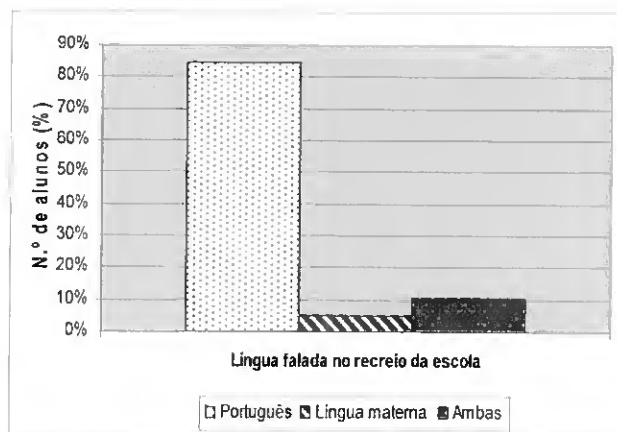


## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 71 – Língua falada no recreio da escola



Com a questão 5.3. pretendíamos saber em que língua falam os pais um com o outro, tanto em casa como fora de casa. Verificámos que em ambas as situações a língua materna é a predominante: em casa, 59,9% falam na língua materna, contra 27,7% que falam em português e 12,4% que falam em ambas; fora de casa, 45,3% falam na língua materna, 36,5% falam em português e 18,2% falam em ambas.

Gráfico n.º 72 – Língua que os pais falam um com o outro em casa

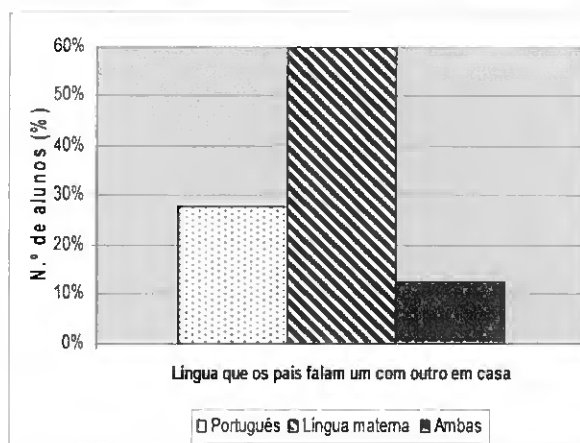
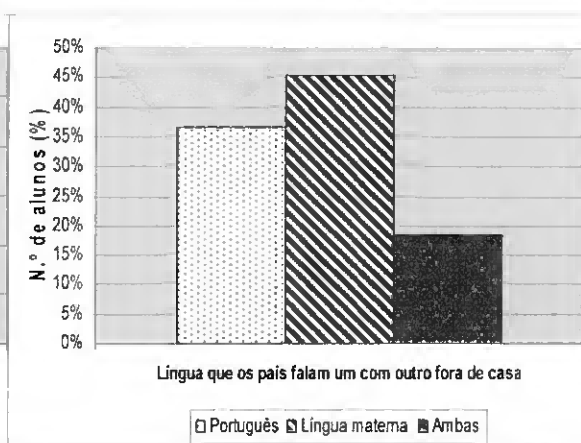


Gráfico n.º 73 – Língua que os pais falam um com o outro fora de casa



A questão 5.4. pretendia identificar que língua é que os inquiridos utilizam em determinadas tarefas. Foi curioso verificar que a língua portuguesa predomina.

Assim, relativamente a pensar, 46% pensam em português, contra 34,3% que pensam na sua língua materna e 19,7% que utilizam ambas. No que diz respeito a cantar, 48,2% preferem cantar em português, 37,2% na língua materna e 14,6% em ambas. No que se refere a fazer contas, 60,6% preferem fazê-lo em português, 24,8% na

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

sua língua materna e 14,6% em ambas. Já no que diz respeito a sonhar, 42,3% sonham em português, 42,3% na sua língua materna e 15,4% tanto sonham em português como na sua língua materna. Relativamente à leitura, 65% preferem ler em português, 19% em ambas as línguas e 16% preferem ler na sua língua materna. No que diz respeito à escrita, 70,8% preferem escrever em português, 16,1% na sua língua materna e 13,1% tanto em português como na sua língua materna. Por último no que se refere a contar uma história, 53,3% preferem fazê-lo em português, 29,2% na sua língua materna e 17,5% em ambas.

Gráfico n.º 74 – Em que língua pensa

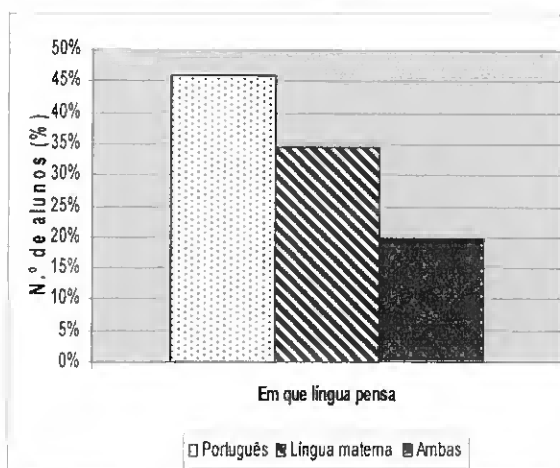


Gráfico n.º 75 – Em que língua prefere cantar

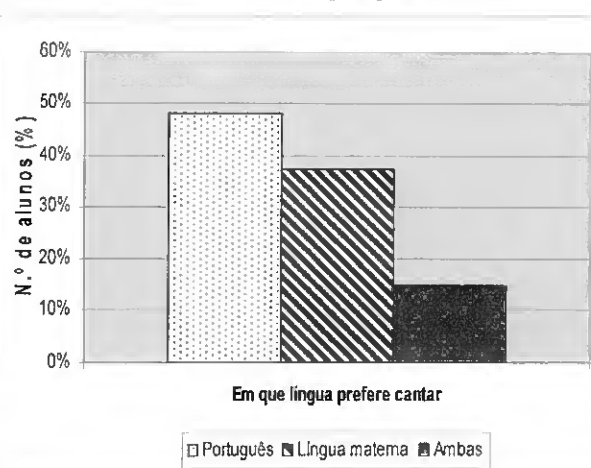


Gráfico n.º 76 – Em que língua faz contas

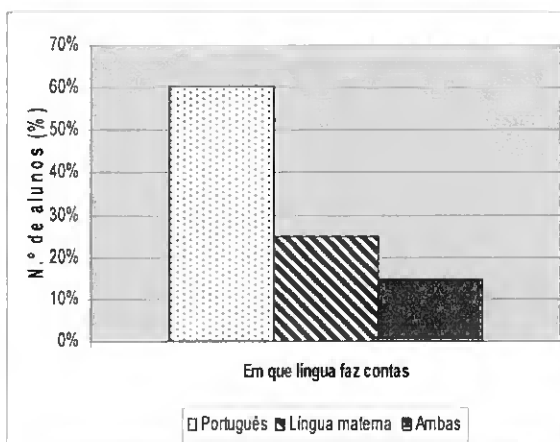
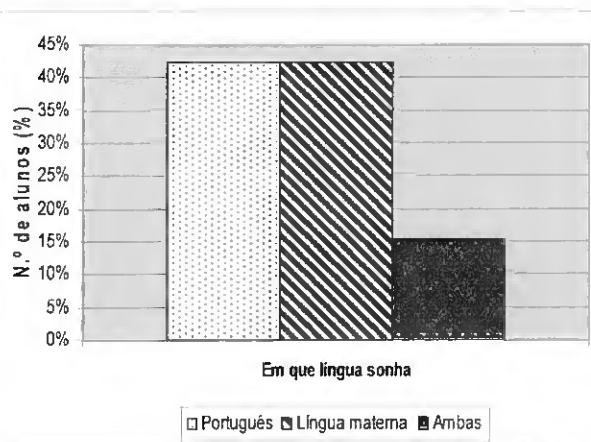


Gráfico n.º 77 – Em que língua sonha



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 78 – Em que língua prefere ler

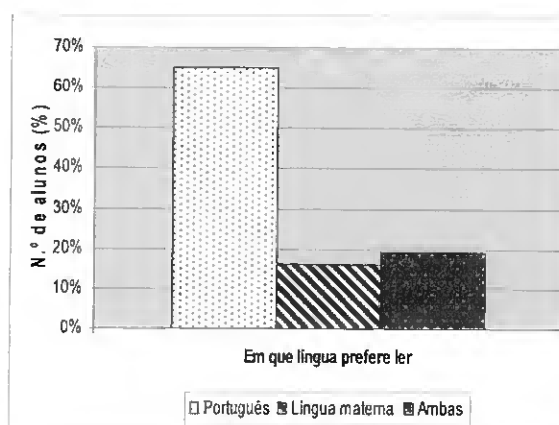


Gráfico n.º 79 – Em que língua prefere escrever

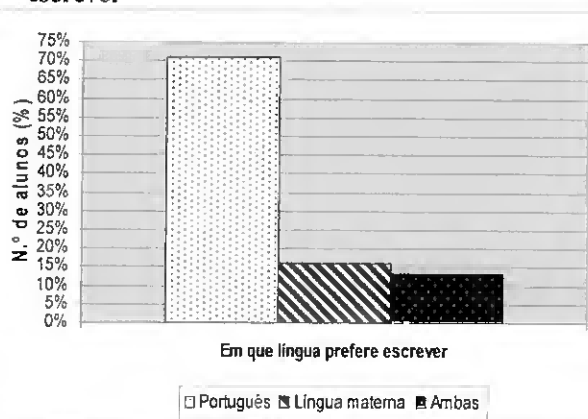
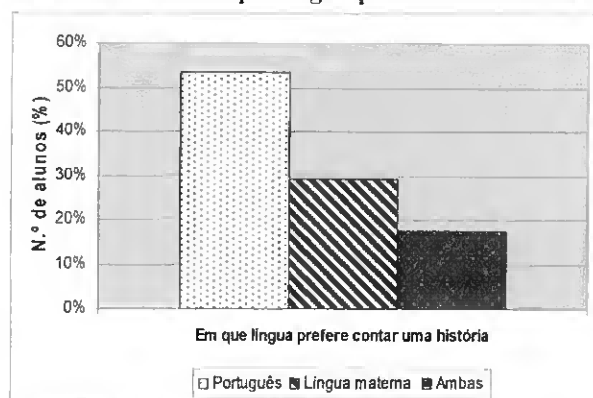


Gráfico n.º 80 – Em que língua prefere contar uma história



De um modo geral, os alunos de origem estrangeira, apesar de terem dificuldades em falar o português, tentam utilizar a língua portuguesa para comunicarem, principalmente na escola e com os amigos. Já em casa, a língua materna é a privilegiada, principalmente nos diálogos com os pais.

É curioso constatar que a língua utilizada para a realização de determinadas tarefas, tais como cantar, fazer contas, ler, escrever e contar uma história, é o português.

### 6.1.3. Importância do apoio por parte dos pais para a aprendizagem da língua portuguesa

Para tentar perceber se existe alguma relação entre o apoio dado pelos pais em casa e a aprendizagem da língua portuguesa, reagrupámos as questões 4.3., 4.4., 4.5., 4.6., 4.7., 4.8., 4.9., 4.10. e 4.11. Esta relação está explícita na hipótese D.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

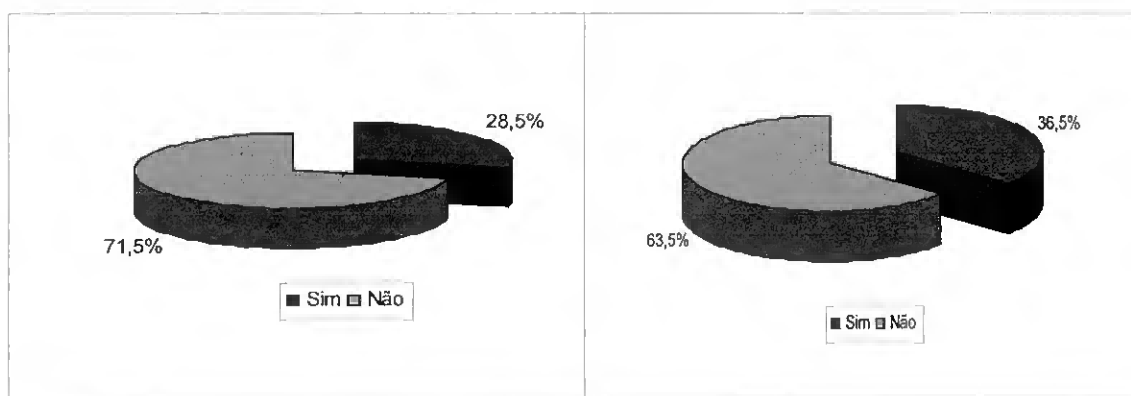
1.º Ciclo do Algarve.

Para começar é necessário perceber se os alunos inquiridos consideram que têm ou não dificuldades na leitura e escrita em Português.

Relativamente à questão 4.3., na maioria (71,5%) os alunos consideram que não têm dificuldades em ler em Português, contra 28,5% que afirmam sentir dificuldades em ler em Português. No que diz respeito à escrita em Português, a maioria (63,5%) não consideram ter dificuldades em escrever em Português, contra 36,5% que afirmam sentir dificuldades em escrever em Português.

Gráfico n.º 81 – Dificuldades em ler em Português

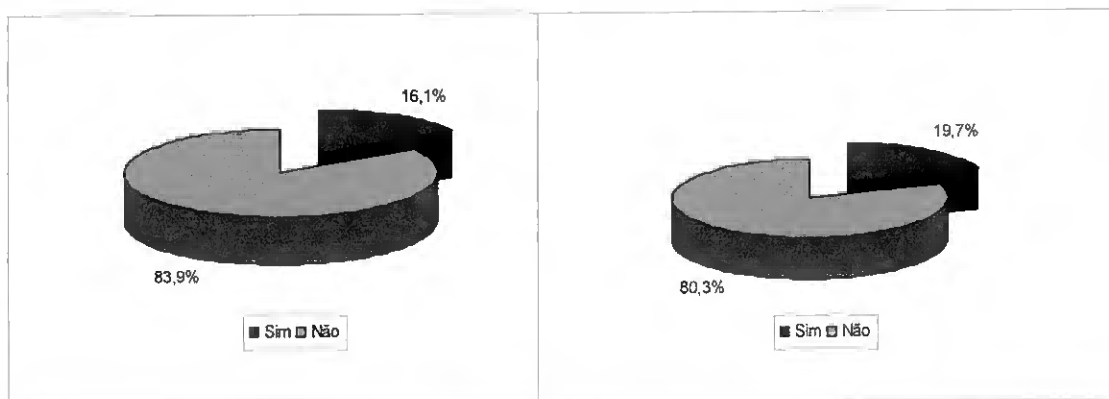
Gráfico n.º 82 – Dificuldades em escrever em Português



Com a questão 4.4., pretendíamos saber se os pais têm dificuldades em perceber os inquiridos quando estes falam em Português. Na maioria, os alunos referem que tanto os pais (83,9%) como as mães (80,3%) não têm essa dificuldade.

Gráfico n.º 83 – Se o pai tem dificuldades em perceber quando o aluno fala em Português

Gráfico n.º 84 – Se a mãe tem dificuldades em perceber quando o aluno fala em Português

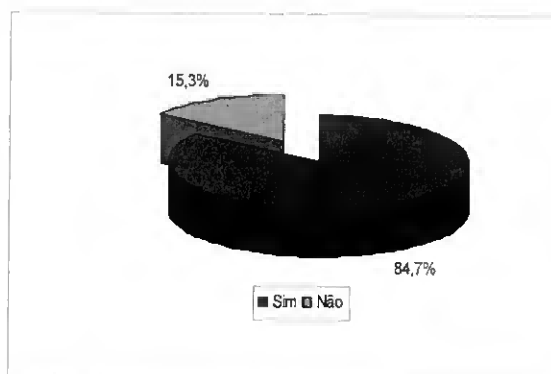


## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

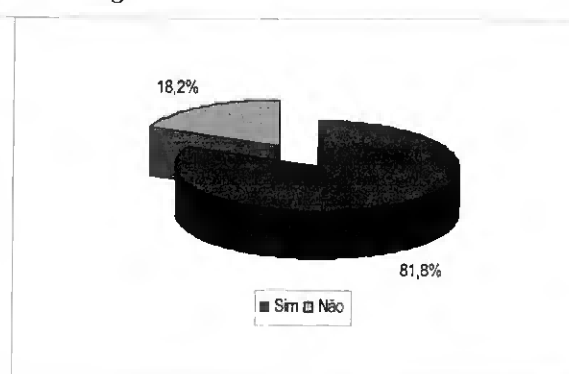
### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

No que se refere à questão 4.5., constatámos que uma larga maioria (84,7%) refere que o pai sabe ler em Português, contra 15,3% que referem que o pai não sabe ler em Português. O mesmo se verifica em relação à escrita, sendo que 81,8% mencionam que o pai sabe escrever em Português, contra 18,2%.

**Gráfico n.º 85 – O pai sabe ler em Português**

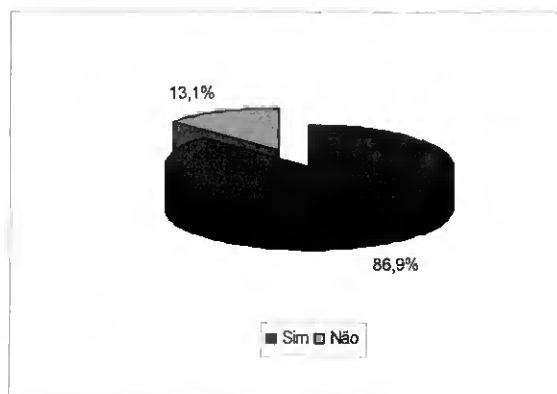


**Gráfico n.º 86 – O pai sabe escrever em Português**

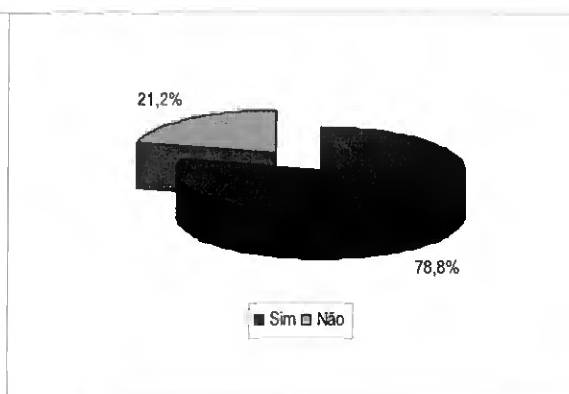


Relativamente à questão 4.6. verificámos que os alunos referem que na maioria as suas mães não apresentam grandes dificuldades na leitura e escrita em Português. Assim, 86,9% mencionam que as mães sabem ler em Português, contra 13,1%. E 78,8% mencionam que as mães sabem escrever em Português, contra 21,2%.

**Gráfico n.º 87 – A mãe sabe ler em Português**



**Gráfico n.º 88 – A mãe sabe escrever em Português**



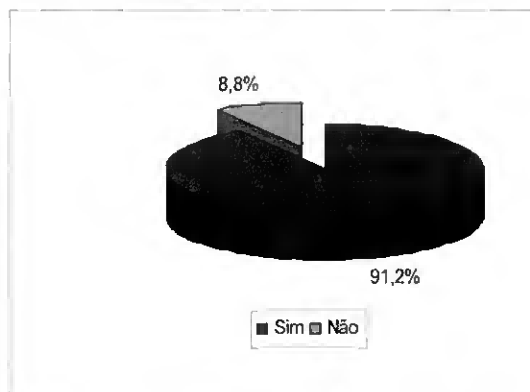
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

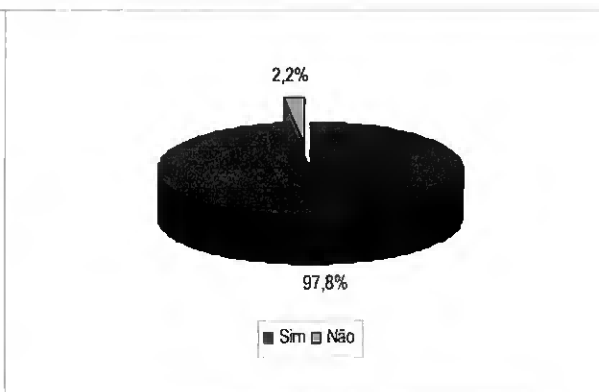
1.º Ciclo do Algarve.

A questão 4.7. é relativa ao interesse dos pais pelo que os inquiridos fazem na escola. É notório que tanto os pais (91,2%) como as mães (97,8%) manifestam interesse pelo que o aluno faz na escola.

**Gráfico n.º 89 – Interesse do pai pelo o que o aluno faz na escola**

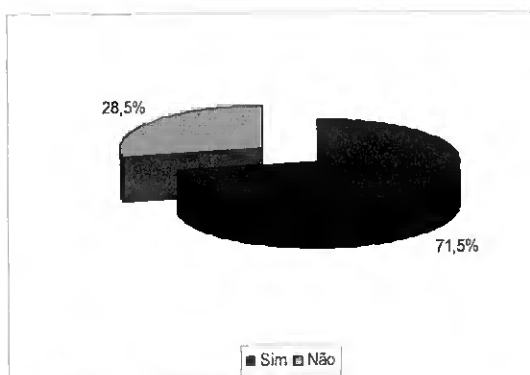


**Gráfico n.º 90 – Interesse da mãe pelo o que o aluno faz na escola**

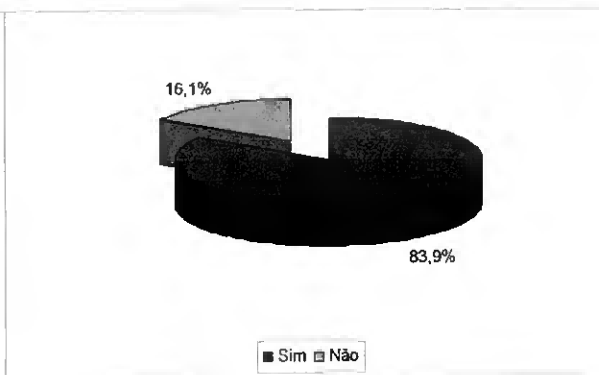


Com a questão 4.8. pretendíamos saber se os alunos têm ajuda dos pais e das mães nos trabalhos de casa. Assim, verificámos que os alunos referem que 71,5% dos pais ajudam nos trabalhos de casa, contra 28,5%. O mesmo se verifica com as mães, uma vez que 83,9% ajudam nos trabalhos de casa, contra 16,1%.

**Gráfico n.º 91 – Ajuda do pai nos trabalhos de casa**



**Gráfico n.º 92 – Ajuda da mãe nos trabalhos de casa**



Relativamente ao interesse dos pais e das mães pelas notas analisámos a questão 4.9. A maioria dos alunos (88,3%) refere que os pais têm interesse pelas notas, contra 11,7%. O mesmo se verifica com as mães, em que a percentagem de alunos que refere que as mães manifestam interesse pelas notas é ainda mais significativa (98,5%), contra somente 1,5%.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 93 – Interesse do pai pelas notas

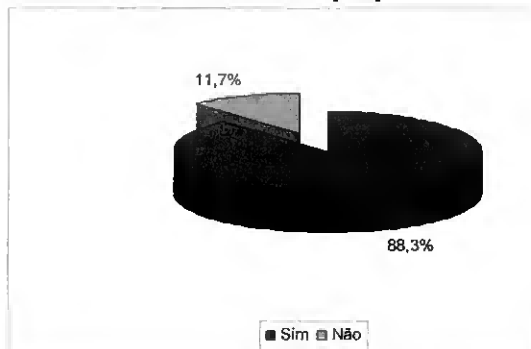
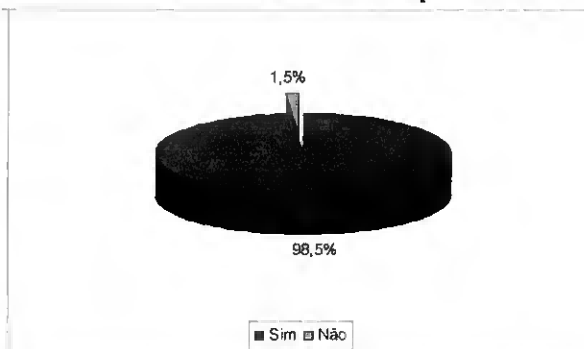


Gráfico n.º 94 – Interesse da mãe pelas notas



No que se refere à questão 4.10., constatámos que, segundo os alunos, as mães castigam mais do que os pais quando os alunos têm más notas. Deste modo, 54% das mães castigam, contra 46% que não castigam. Por sua vez, 48,2% dos pais castigam, contra 51,8%.

Gráfico n.º 95 – O pai castiga quando o aluno tem más notas

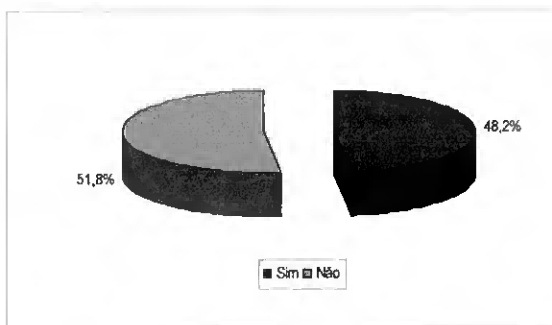
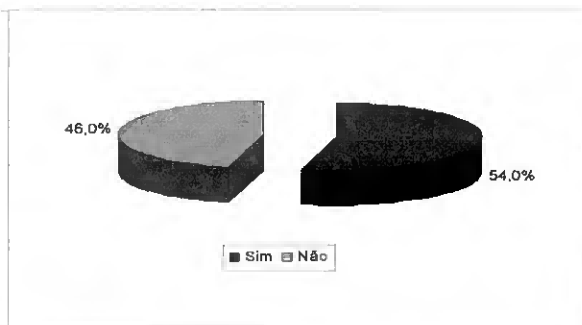


Gráfico n.º 96 – A mãe castiga quando o aluno tem más notas



A questão 4.11. é relativa ao facto de os pais e as mães pretenderem ou não que os alunos continuem os estudos. Tanto os pais (95,6%) como as mães (98,5%) assim o pretendem.

Gráfico n.º 97 – O pai pretende que o aluno continue os estudos

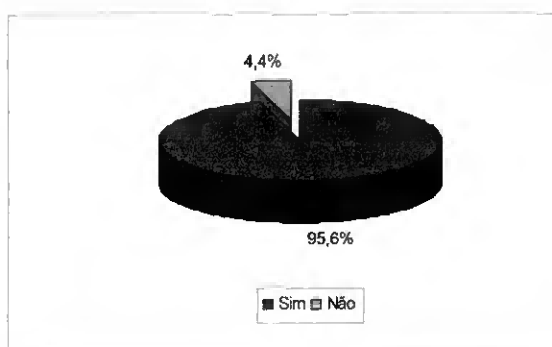
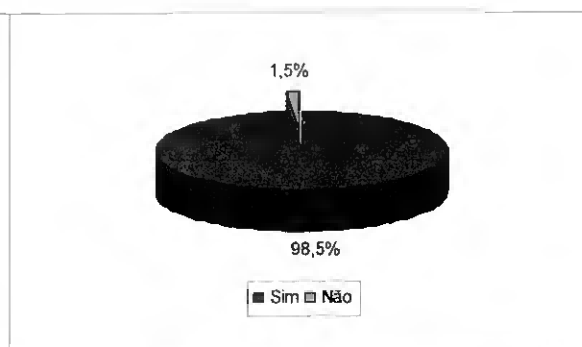


Gráfico n.º 98 – A mãe pretende que o aluno continue os estudos



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Os alunos que referem que os pais não querem que eles continuem os estudos apontam as seguintes razões: o pai não demonstra interesse pela vida escolar (1,5%); o pai não sabe falar português (0,7%); e 2,2% não apontaram nenhuma razão.

No que se refere às mães, a razão apontada é a seguinte: a mãe não sabe falar português (0,7%); e 0,7% não apontaram nenhuma razão.

Com a questão 4.12., pretendíamos saber se os alunos inquiridos desejam continuar os seus estudos. A resposta é unânime, todos (100%) responderam que sim.

Através dos dados recolhidos chegámos à conclusão de que existe uma relação entre o apoio dado em casa pelos pais e a aprendizagem da língua portuguesa. Ou seja, quando existe um acompanhamento por parte dos pais naquilo que os seus filhos fazem na escola e há uma preocupação em ajudar em casa é lógico que os alunos sentem-se mais predispostos para a aprendizagem do português como língua segunda.

### **6.1.4. Dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa**

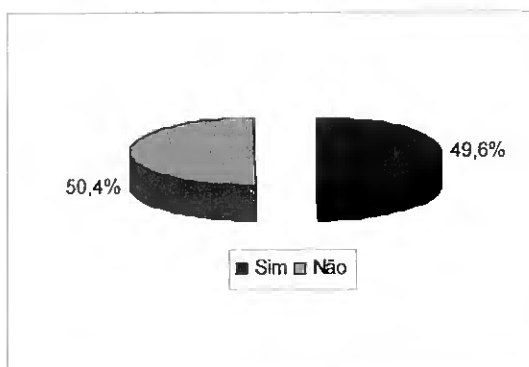
Para tentar perceber se os alunos de origem estrangeira sentem mais dificuldades na área de Língua Portuguesa do que nas restantes áreas e o porquê dessas dificuldades, analisámos as questões 5.5., 5.5.1., 5.5.2., 5.6., 5.7., 5.7.1. e 5.7.2. Este aspecto está presente na hipótese E.

Relativamente à questão 5.5., é de salientar que 49,6% dos inquiridos revelam ter dificuldades na área de Língua Portuguesa, contra 50,4% que não revelam ter dificuldades nessa área. Na Matemática, 32,1% apresentam dificuldades, contra 67,9%. O mesmo se verifica na área de Estudo do Meio, em que 32,1% dizem ter dificuldades nessa área, contra 67,9%. Na área de Expressão Plástica, a percentagem de alunos que apresenta dificuldades é reduzida, apenas 9,5%. Na Expressão Musical a situação é semelhante: 13,9% dos inquiridos apresentam dificuldades, contra 86,1%. A mesma situação verifica-se na Expressão Físico-Motora, em que apenas 5,8% dos alunos apresentam dificuldades. Na Expressão Dramática, 27% dos inquiridos revelam dificuldades nessa área, contra 73%. É ainda de realçar que 19,7% dos inquiridos afirmam que não têm dificuldades em nenhuma das áreas curriculares disciplinares.

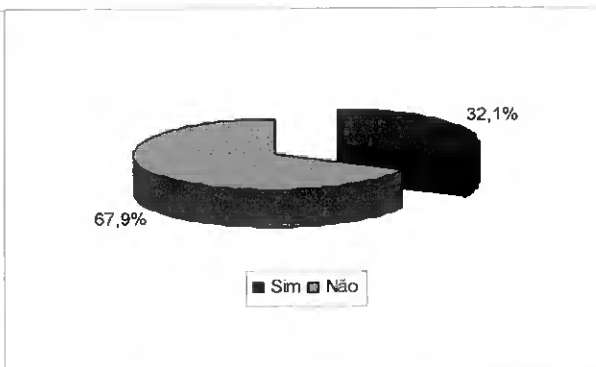
# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

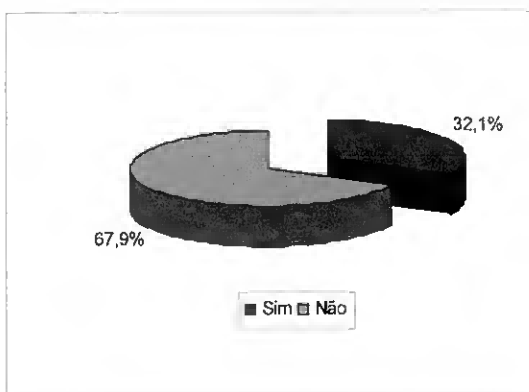
**Gráfico n.º 99 – Dificuldades na área  
de Língua Portuguesa**



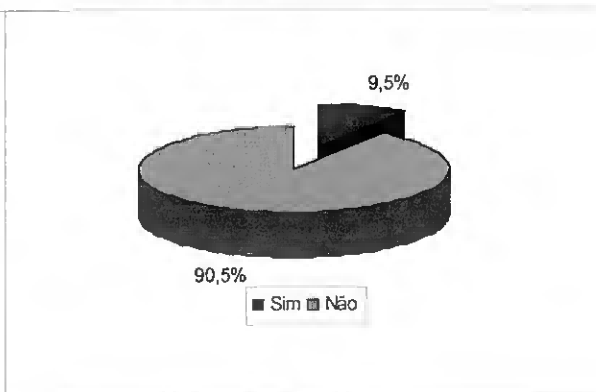
**Gráfico n.º 100 – Dificuldades na área  
de Matemática**



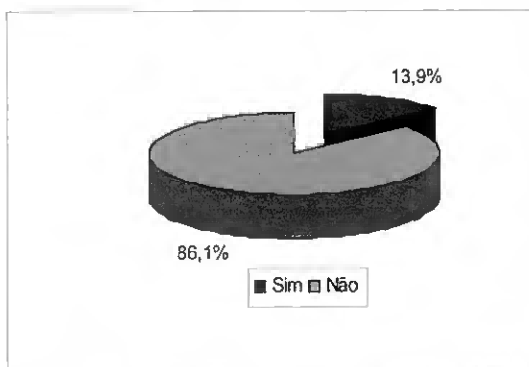
**Gráfico n.º 101 – Dificuldades na área  
de Estudo do Meio**



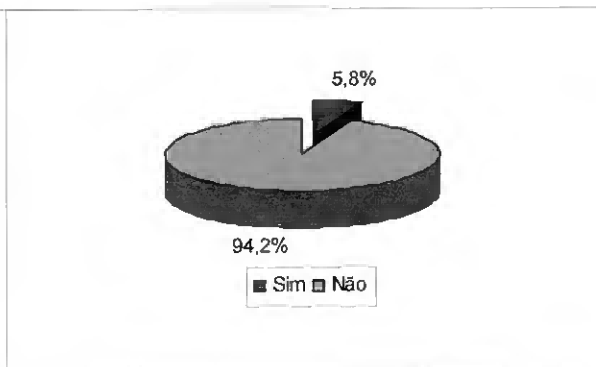
**Gráfico n.º 102 – Dificuldades na área  
de Expressão Plástica**



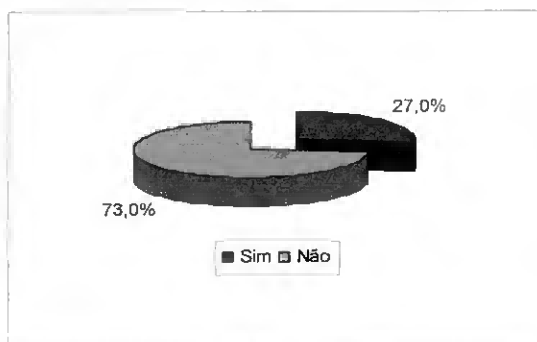
**Gráfico n.º 103 – Dificuldades na área  
de Expressão Musical**



**Gráfico n.º 104 – Dificuldades na área  
de Expressão Físico-Motora**



**Gráfico n.º 105 – Dificuldades na área de Expressão Dramática**



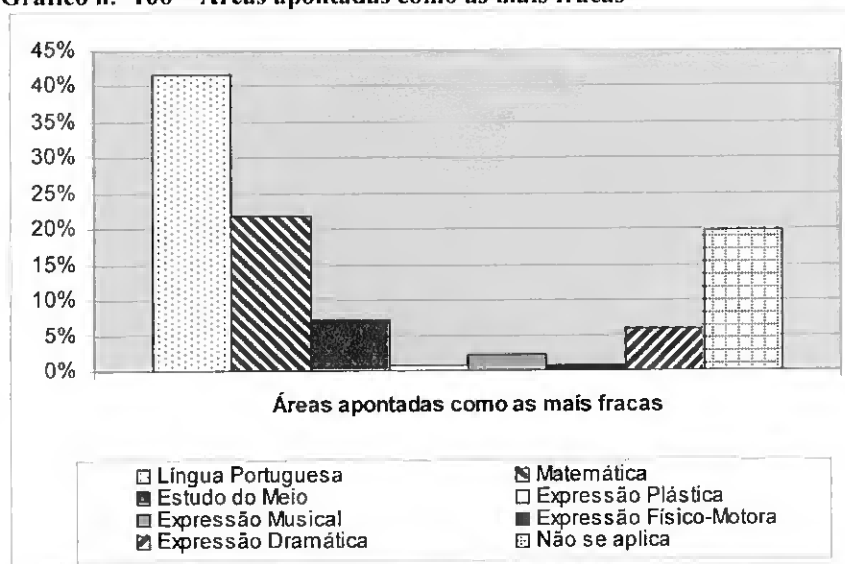
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

Com a questão 5.5.1. procurámos saber quais as áreas apontadas como as mais fracas. É de realçar que os valores obtidos confirmam que os alunos de origem estrangeira apresentam mais dificuldades na Língua Portuguesa do que nas restantes áreas.

Deste modo, 41,6% dos inquiridos revelam dificuldades na área de Língua Portuguesa, 21,9% na Matemática, 7,3% em Estudo do Meio, 5,8% na Expressão Dramática, 2,2,% na Expressão Musical, 0,7% na Expressão Plástica e 0,7% na Expressão Físico- Motora. Há ainda a registar que os 19,7% que na questão anterior não apontavam dificuldades em nenhuma área não responderam a esta questão, pois não lhes é aplicada.

Gráfico n.º 106 – Áreas apontadas como as mais fracas



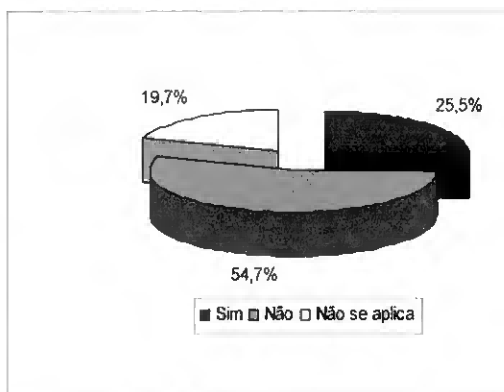
Relativamente à questão 5.5.2. os alunos que revelaram dificuldades nas áreas curriculares disciplinares manifestaram o porquê dessas dificuldades. Consequentemente, a razão apontada com maior frequência é que não percebem bem o Português (59,1%), seguida de que não percebem as explicações do professor (29,2%), são pouco trabalhadores (25,5%), a matéria não é interessante (21,9%) e têm pouco apoio (14,6%).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

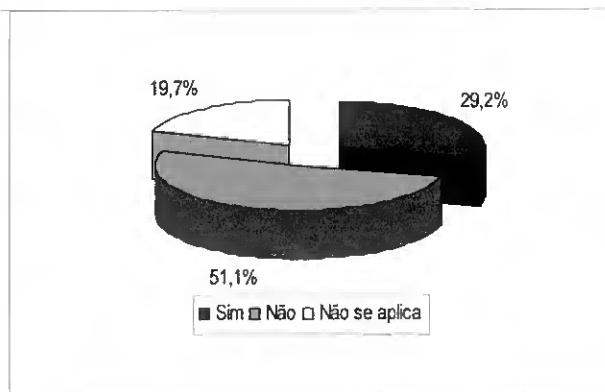
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

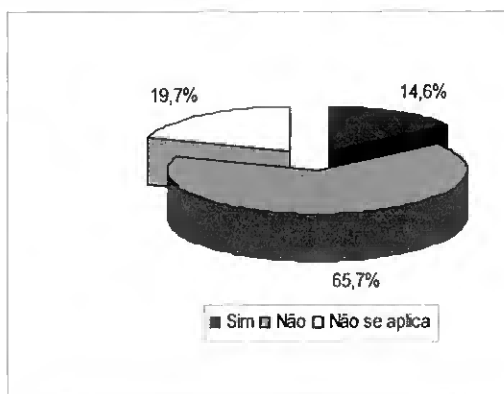
**Gráfico n.º 107 – Tem dificuldades porque é pouco trabalhador**



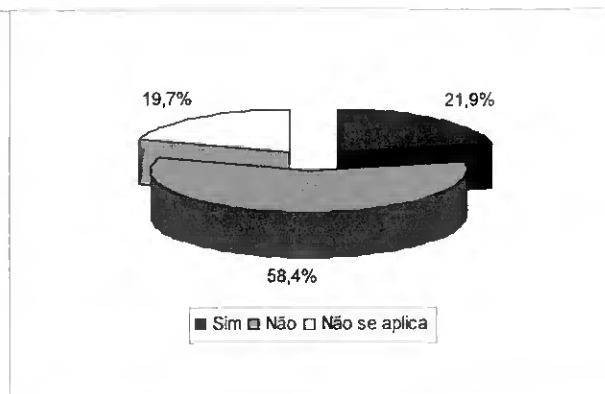
**Gráfico n.º 108 – Tem dificuldades porque não percebe as explicações do professor**



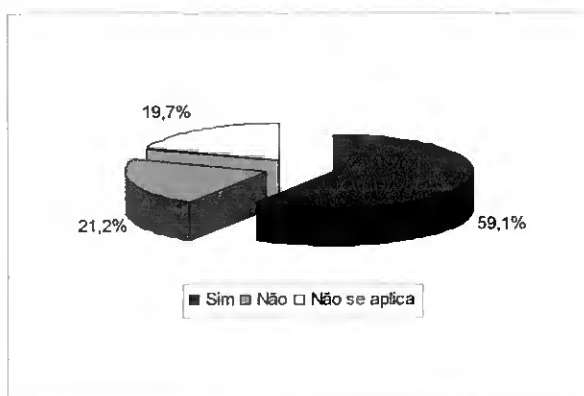
**Gráfico n.º 109 – Tem dificuldades porque tem pouco apoio**



**Gráfico n.º 110 – Tem dificuldades porque a matéria não é interessante**



**Gráfico n.º 111 – Tem dificuldades porque não percebe bem o Português**

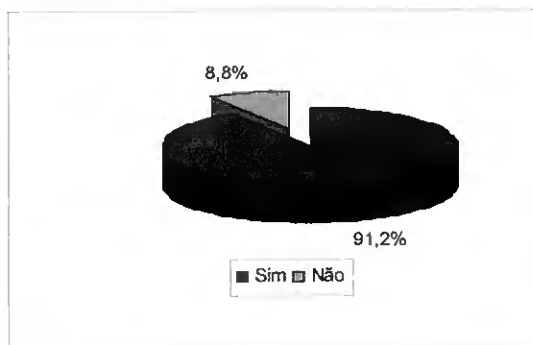


A questão 5.6. pretendia identificar a quem é que os alunos recorrem quando têm dificuldades. A maioria (91,2%) pede ajuda ao professor, seguido dos pais (84,7%), dos colegas (33,6%) e do professor de apoio (32,8%).

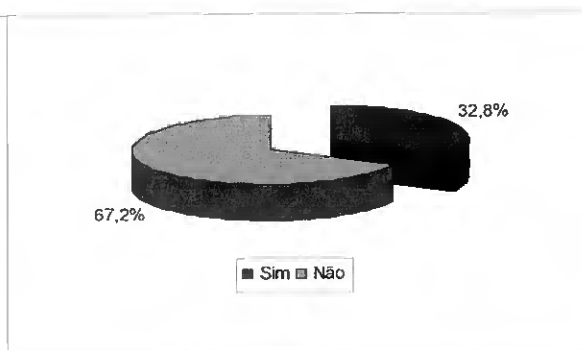
## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

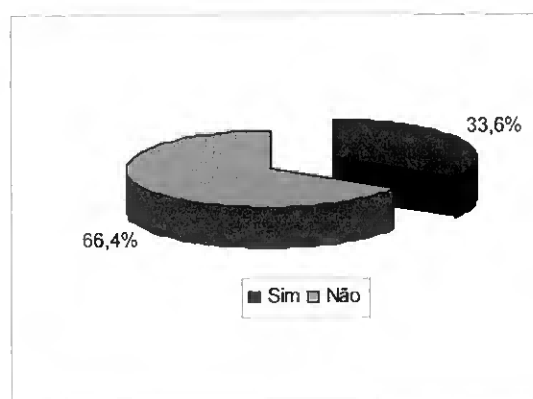
**Gráfico n.º 112 – Quando tem dificuldades pede ajuda ao professor**



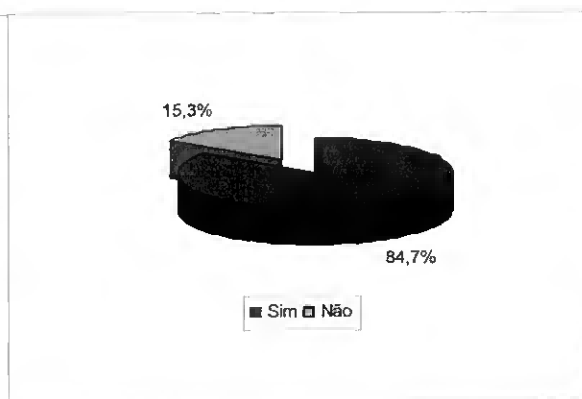
**Gráfico n.º 113 – Quando tem dificuldades pede ajuda ao professor de apoio**



**Gráfico n.º 114 – Quando tem dificuldades pede ajuda aos colegas**

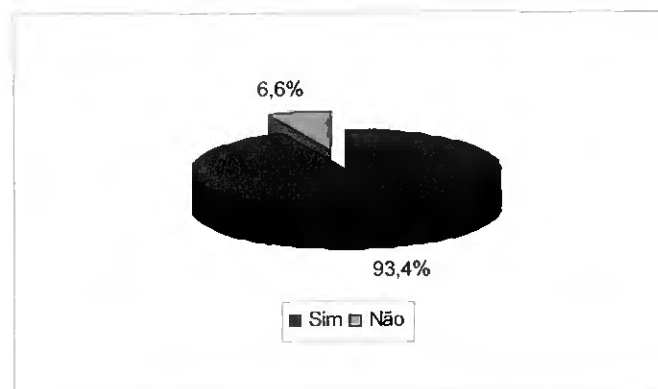


**Gráfico n.º 115 – Quando tem dificuldades pede ajuda aos pais**



No que diz respeito à questão 5.7., a maioria dos alunos (93,4%) é da opinião de que têm melhorado na escrita e na leitura em Português.

**Gráfico n.º 116 – Se tem melhorado na escrita e na leitura em Português**



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

Com a questão 5.7.1. foi possível identificar as razões pelas quais os alunos têm melhorado na escrita e na leitura em Português. Assim, as razões apontadas são: empenho em ultrapassar as dificuldades (53,3%), uma participação activa nas actividades (50,4%), o facto de beneficiarem de apoio (47,4%), uma boa integração na turma (46%), a valorização da língua materna (29,9%) e a ajuda dos colegas (28,5%).

Os alunos que na questão 5.7. manifestaram que não têm melhorado na escrita e na leitura em português (6,6%) na questão 5.7.2. apontam as seguintes razões: não têm a ajuda dos colegas (3,6%), não têm uma participação activa nas actividades (3,6%), não estão integrados na turma (2,9%), a língua materna não é valorizada (2,2%), não têm empenho em ultrapassar as dificuldades (2,2%) e não beneficiam de apoio (1,5%).

De um modo geral, os dados recolhidos apontam claramente no sentido de que os alunos de origem estrangeira sentem dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, pois, do ponto de vista destes, têm dificuldades em perceber bem o português, têm pouco apoio e até pouca vontade em superar a barreira linguística. No entanto é curioso constatar que a maioria dos alunos considera que têm melhorado na escrita e na leitura em Português. E é ainda mais curioso verificar as razões apontadas para essa opinião, pois vão contra a ideia de que têm pouco apoio e pouco empenho em ultrapassar as dificuldades, na medida em que as razões apontadas pela maioria foram: empenho em ultrapassar as dificuldades, participação activa nas actividades, o facto de beneficiarem de apoio, uma boa integração na turma, a valorização da língua materna e a ajuda dos colegas.

#### **6.1.5. Integração escolar por parte dos alunos de origem estrangeira**

Para confirmar ou infirmar se os alunos de origem estrangeira têm dificuldades na integração escolar, analisámos as questões 5.8., 6.4., 6.5., 6.6., 6.7., 7., 7.1., 7.2., 7.3. e 7.4. Este aspecto está relacionado com a hipótese F.

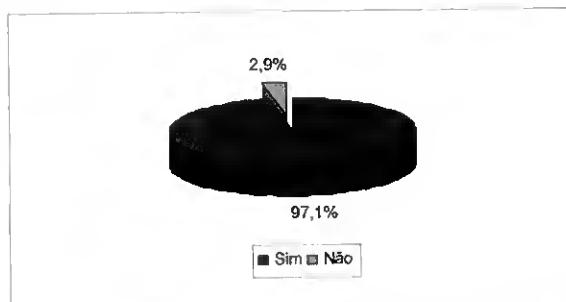
Com a questão 5.8., pretendíamos saber se os alunos gostam ou não de ir à escola. A maioria (97,1%) respondeu afirmativamente, enquanto que 2,9% responderam negativamente.

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 117 – Se gosta de ir à escola



Os 2,9% que dizem “Não gosto de ir à escola” apontam as seguintes razões: não gostam de fazer algumas coisas na escola (1,5%); têm poucos amigos na escola (0,7%); e não falam bem o português (0,7%).

A questão 6.4. pretendia identificar com quem é que os inquiridos preferem brincar. A maioria (94,9%) prefere brincar com os colegas, 83,2% preferem brincar com amigos portugueses, 80,3% com crianças do mesmo país de origem do inquirido e 63,5% com os irmãos. Há ainda a registar que 21,2% dos inquiridos gostam de brincar sozinhos.

Gráfico n.º 118 – Prefere brincar sozinho

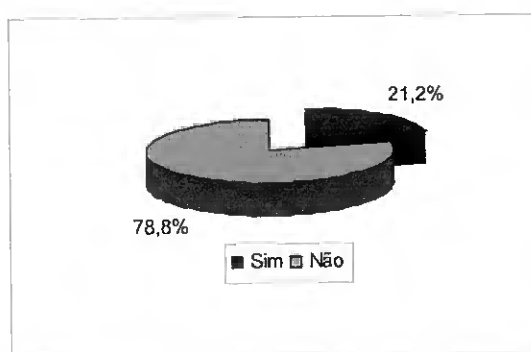


Gráfico n.º 119 – Prefere brincar com os irmãos

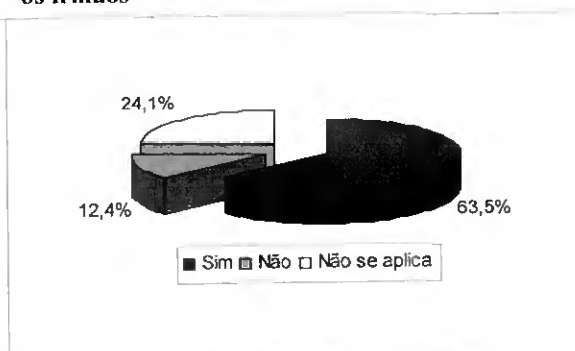


Gráfico n.º 120 – Prefere brincar com os colegas

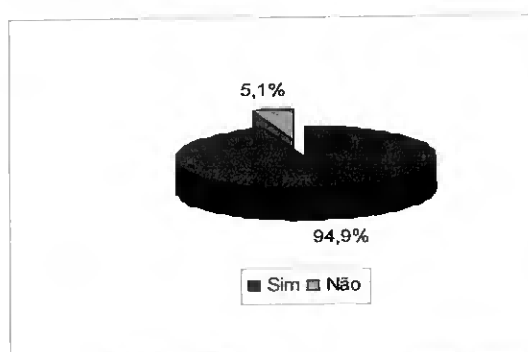
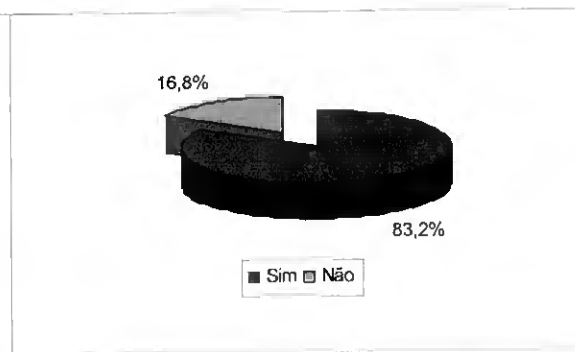


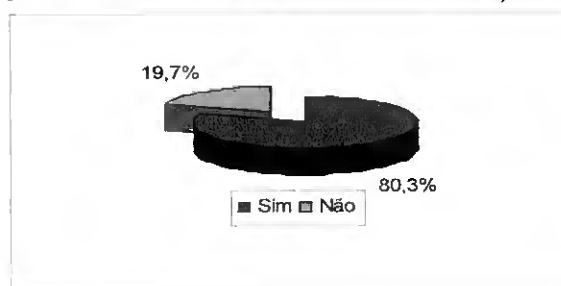
Gráfico n.º 121 – Prefere brincar com portugueses



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

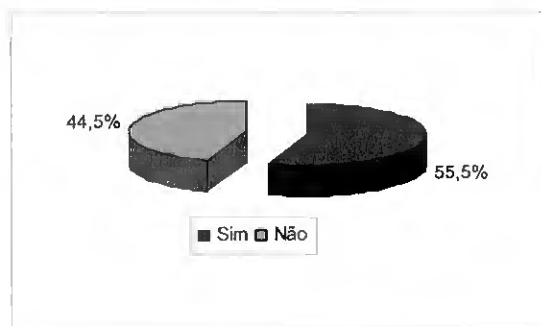
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

Gráfico n.º 122 – Prefere brincar com crianças do mesmo país



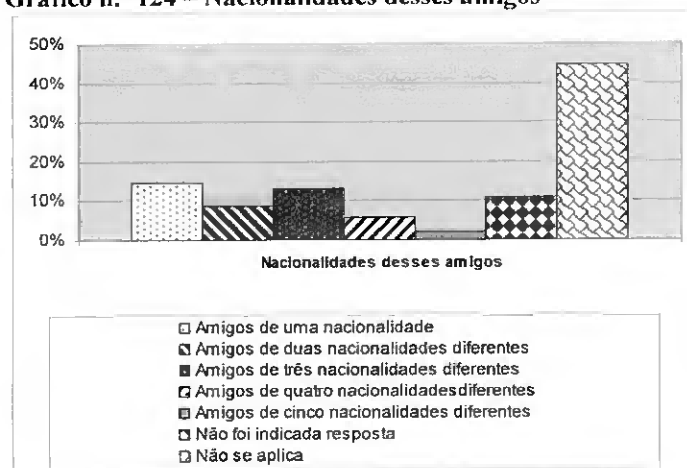
Relativamente à questão 6.5., 55,5% dos inquiridos têm amigos de outras nacionalidades, contra 44,5%. Estes dados mostram-nos que os alunos de origem estrangeira estão abertos a contactos com outras culturas e línguas.

Gráfico n.º 123 – Amigos de outras nacionalidades



Quanto às nacionalidades desses amigos, 14,6% têm amigos de uma só nacionalidade; 13,1% têm amigos de três nacionalidades diferentes; 8,8% têm amigos de duas nacionalidades diferentes; 5,8% têm amigos de quatro nacionalidades diferentes; 2,2% têm amigos de cinco nacionalidades diferentes; e 10,9% não indicaram quais as nacionalidades dos amigos.

Gráfico n.º 124 – Nacionalidades desses amigos



## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

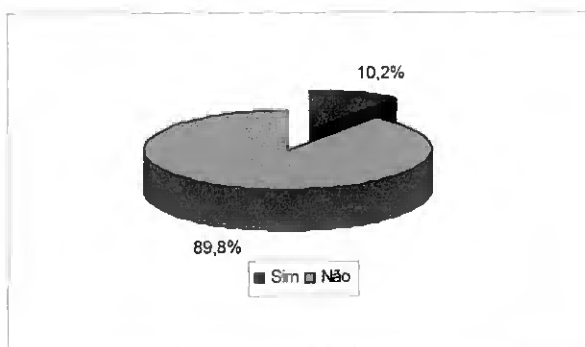
Com a questão 6.6., pretendíamos saber se os inquiridos costumam ou não receber a visita dos colegas. Assim, 55,5% mencionam que não costumam receber a visita dos colegas, contra 44,5%

**Gráfico n.º 125 – Se recebe a visita dos colegas**



Relativamente à questão 6.7., a maioria (89,8%) não tem dificuldade em encontrar amigos para brincar.

**Gráfico n.º 126 – Dificuldades em arranjar amigos para brincar**



Os inquiridos que confessam que têm dificuldades em encontrar amigos para brincar (10,2%) enumeram as seguintes razões: não sabem falar português (2,2%); têm vergonha e medo dos colegas (1,5%); a mãe não deixa brincar com outros meninos ou meninas (1,5%); os colegas não gostam de brincar com eles (0,7%); sentem-se discriminados (0,7%); os amigos são de outra idade (0,7%); e 2,9% não especificaram o porquê de terem dificuldades em arranjar amigos para brincar.

Por último, no que se refere à questão 7. procurámos saber como o inquirido se sente: um português ou um estrangeiro em Portugal. Deste modo, na questão 7.1., verificámos que 53,3% dos inquiridos sentem-se portugueses. Na questão 7.2., verificámos que 46,7% sentem-se estrangeiros em Portugal. Na questão 7.3.,

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

verificámos que 53,3% dos inquiridos sentem-se mais portugueses do que estrangeiros. E na questão 7.4., verificámos que 46,7% sentem-se mais estrangeiros do que portugueses.

Gráfico n.º 127 – Sente-se português

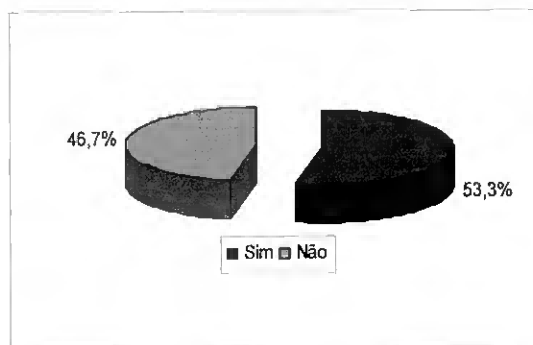


Gráfico n.º 128 – Sente-se um estrangeiro em Portugal



Gráfico n.º 129 – Sente-se mais português do que estrangeiro

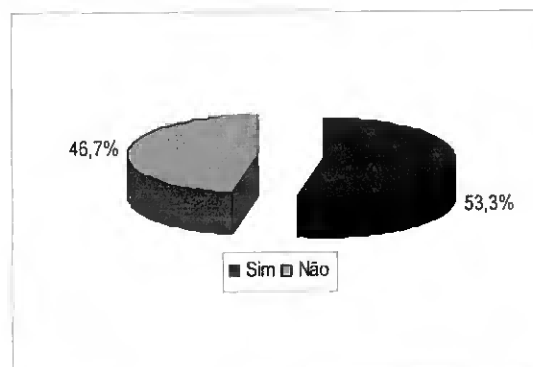
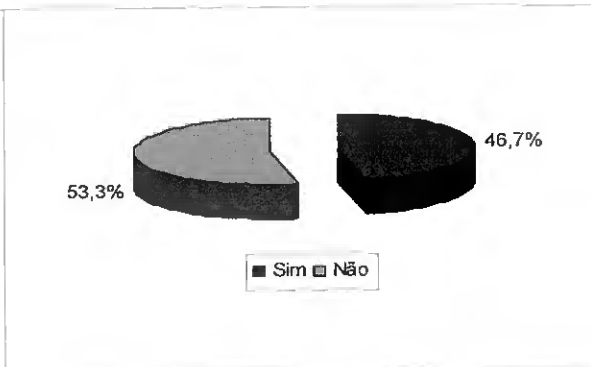


Gráfico n.º 130 – Sente-se mais estrangeiro do que português



De um modo geral, os alunos de origem estrangeira não têm dificuldades na integração escolar. Demonstram gosto em ir à escola, relacionam-se bem com os colegas, tanto portugueses como de outras nacionalidades. A minoria que refere que não gosta de ir à escola e que tem dificuldades em arranjar amigos para brincar aponta como causas para esses factos o não saber falar português e uma má integração na turma.

### 6.2. Análise interpretativa das entrevistas

Após a realização das entrevistas aos professores durante os meses de Maio e Junho de 2005, prosseguimos com a análise interpretativa das mesmas, utilizando a análise de conteúdo como a técnica de tratamento e exploração dos dados recolhidos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

Previamente elaborámos um quadro síntese com a caracterização de cada um dos entrevistados, que de seguida apresentamos.

Como já foi referido, sete professores das cinco escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve atrás mencionadas aceitaram ser entrevistados.

**Quadro n.º 9 - Caracterização dos professores entrevistados**

Entrevistados	Escolas	Concelho	Idade	Tempo de serviço	Tempo de serviço em escolas do Algarve	Tempo de serviço nessa escola	Ano leccionado
EA	Escola A	Loulé	56	36	19	13	2.º ano
EB	Escola A	Loulé	23	2	2	1	4.º ano
EC	Escola B	Portimão	40	10	9	9	2.º ano
ED	Escola C	Portimão	50	30	29	25	3.º ano
EE	Escola D	Monchique	52	30	30	20	4.º ano
EF	Escola E	Monchique	36	14	14	10	3.º ano
EG	Escola A	Loulé	52	33	7	7	Apoio <sup>41</sup>

Após a transcrição das entrevistas, organizámos grelhas de análise das entrevistas<sup>42</sup> que subdividimos em três secções: categorias, sub-categorias e unidades de registo, de forma a reunir as informações disponibilizadas pelos entrevistados de modo claro e conciso.

Consequentemente, identificámos as seguintes categorias:

- Diversidade cultural e linguística;
- Integração dos alunos de origem estrangeira;
- Estratégias de intervenção;
- Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula;
- Ensino do português a alunos de origem estrangeira;
- Opinião pessoal.

Todas as categorias foram divididas em sub-categorias. Assim, a primeira categoria – Diversidade cultural e linguística – tem duas sub-categorias: Caracterização da escola ao nível multicultural e Projecto Curricular de Escola.

<sup>41</sup> Professor que desempenha a função de coordenador do projecto “Português como segunda língua”.

<sup>42</sup> cf. anexo VIII

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

Na segunda categoria – Integração dos alunos de origem estrangeira – encontramos três sub-categorias: Integração; Causas das dificuldades de integração; e Superação das dificuldades de integração.

A terceira categoria – Estratégias de intervenção – está subdividida em cinco sub-categorias: Promoção e desenvolvimento de projectos no âmbito do multiculturalismo; Papel dos professores nesses projectos; Objectivos desses projectos; Descrição do projecto do Português como segunda língua; e Avaliação do projecto do Português como segunda língua.

Na quarta categoria – Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula – encontramos quatro sub-categorias: Caracterização da turma; Práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula; Caracterização dos grupos a que dá apoio; e Actividades desenvolvidas nas aulas de apoio.

A quinta categoria – Ensino do português a alunos de origem estrangeira – está subdividida em quatro sub-categorias: Valorização das diferentes línguas maternas; Dificuldades; Participação e Aproveitamento.

Por último, na sexta categoria – Opinião pessoal – encontramos três sub-categorias: Preocupação do sistema educativo com os alunos oriundos de outros países; Adaptação do currículo oficial e nacional à realidade intercultural e Estratégias de intervenção estabelecidas ao nível da escola e na própria turma.

Assim sendo, após concluídas as primeiras fases da entrevista, debruçámo-nos sobre a sua interpretação.

#### **6.2.1. Diversidade cultural e linguística**

Relativamente à primeira sub-categoria – Caracterização da escola ao nível multicultural – todos os entrevistados consideram que a escola onde leccionam é multicultural, como podemos constatar através das seguintes afirmações:

- “... Porque temos alunos, crianças de várias nacionalidades e é multicultural porque realmente implantamos esse sistema multicultural e funciona” (EA).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- "... todas as turmas são constituídas por pelo menos dois, três meninos de origem estrangeira e, pronto há várias culturas" (EB).

- "... tem uma grande variedade de etnias, grande mesmo, até tem mais crianças de outras etnias do que crianças portuguesas" (EC).

- "... cerca de 20 % dos alunos são estrangeiros" (ED).

- "... tem alunos oriundos de outros países, tem culturas diferentes e também diferentes línguas maternas" (EF).

- "... há alunos de todas as culturas, de muitos países e há uma grande diversidade de línguas maternas" (EG).

É de realçar que um dos entrevistados, o EE, vai mais longe referindo que a escola onde lecciona é não só multicultural como também é intercultural, fazendo uma clara distinção entre multiculturalidade e interculturalidade. Assim, para o EE, "... qualquer escola que tenha alunos oriundos de outros países é multicultural", mas pode não ser intercultural, na medida em que para o ser deve promover "... a interacção entre as diversas culturas existentes".

Ainda no que diz respeito a esta sub-categoria, os entrevistados mencionam o número de alunos que frequentam as escolas e as suas nacionalidades:

- "... mais de 30" (EA).

- "... predomina a brasileira, agora também temos muitas crianças dos países de leste, romenos principalmente. Temos muitos chineses também, mas a maioria são brasileiros" (EA).

- "... brasileiros, principalmente, e os chineses, também temos muitos chineses, talvez também devido ao facto de a sua emigração ser recente, cada vez abrem mais lojas, é um fenómeno recente. Depois também temos em menos maioria, logo a seguir, os ucranianos e os cabo-verdianos, estes também há muitos" (EB).

- "... há 350 alunos (...) devem ser uns 200 alunos estrangeiros" (EC).

- "... cabo-verdianos, angolanos, suíços, alemães, moldavos, ingleses, entre muitos outros" (EC).

- "... cerca de 25 alunos" (ED).

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- “... holandeses, ingleses, sul-africanos, moldavos, romenos, russos, brasileiros, um guineense, entre outras. Temos um leque bastante diversificado de nacionalidades”

(ED).

- “... há oito alunos estrangeiros” (EE).

- “... dois ucranianos, três brasileiros, um belga, um inglês e um alemão” (EE).

- “... seis alunos de origem estrangeira” (EF).

- “... um é suíço, outro belga, (...) dois ucranianos, um inglês, um sul-africano” (EF).

- “... 100 alunos estrangeiros” (EG).

- “... a maioria são brasileiros (...) há moldavos, russos, ucranianos, chineses, ingleses, cabo-verdianos, entre muitos outros” (EG).

No que diz respeito à segunda sub-categoria – Projecto Curricular de Escola – todos os entrevistados referem que os Projectos Curriculares de Escola de uma maneira ou de outra contemplam a realidade multicultural e promovem a interculturalidade.

Assim, de acordo com o discurso do EA, a escola promove a interculturalidade através de diversas actividades planeadas de forma a beneficiar todos os seus alunos, como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... contemplamos com várias actividades (...) temos uma professora de apoio para os meninos estrangeiros que têm aula de Língua Portuguesa em contra-horário, actividades várias, fazemos muitas actividades onde eles podem mostrar a cultura dos seus países, não se sentem marginalizados, nem pouco mais ou menos, e estão perfeitamente integrados.

Já o EB faz questão em realçar a colaboração e participação dos alunos, através de diversas actividades que promovem a discussão de aspectos relevantes de cada cultura, tal como é visível no seguinte excerto da entrevista:

... tivemos aqui na escola há cerca de um mês o Dia da Criança Africana, onde falámos sobre as problemáticas, o que é que acontece em África, o que acontece às crianças das idades deles, que não têm direito a brincar, e acho que esta escola devido ao facto de ter crianças que abarca níveis económicos muito baixos reagiram muito bem e aceitam isso muito bem.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

Para o EC, o Projecto Curricular de Escola dá especial atenção ao apoio na língua portuguesa que é prestado aos alunos estrangeiros que chegam à escola. De acordo com o discurso do entrevistado, “[d]eve ser um trabalho aprofundado” e “...pretende-se que eles consigam acompanhar os outros”.

Para este entrevistado estas crianças têm facilidades de aprendizagem, algumas até mais do que as crianças portuguesas, devem é-lhes ser dadas as oportunidades e apoios para que consigam superar as dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, que acaba por influenciar negativamente a sua progressão noutras aprendizagens.

De acordo com o discurso do ED, a escola promove a interculturalidade de forma a beneficiar todos os seus alunos, como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista: “... nas festas do final de ano e no Carnaval geralmente os temas também têm a ver com essas crianças”.

O entrevistado também realça com veemência que a participação e interesse dos pais pelas actividades promovidas pela escola é uma realidade que contribui positivamente para a promoção da interculturalidade.

Para o EE, o Projecto Curricular de Escola contempla a realidade intercultural, uma vez que “... procura promover a interacção entre todos os alunos, independentemente da sua origem”.

De acordo com o discurso do entrevistado, a escola promove a interculturalidade através da realização de diversas “... actividades no Natal e no final de ano” e também através de aulas de apoio de língua portuguesa para alguns alunos estrangeiros.

O EF refere que o Projecto Curricular de Escola contempla a realidade intercultural, no plano da língua portuguesa, uma vez que estão definidas uma série de actividades nesse âmbito.

Contudo, e apesar do entrevistado referir que “... [t]udo isso de certo modo ajuda as crianças a tomarem contacto com a língua portuguesa”, entra em contradição ao mencionar que “... não há actividades próprias para esses alunos”.

Por último, de acordo com o discurso do EG, a multiculturalidade não é uma realidade recente na escola, muito pelo contrário, “... há muitos anos que esta escola é procurada pelos pais de alunos que chegam a Portugal”.

O entrevistado também realça com convicção que esta procura é aceite da melhor forma possível e que a escola tudo tem feito para “... procurar integrá-los e ajudá-los no seu percurso escolar”, contribuindo positivamente para a promoção da interculturalidade.

### **6.2.2. Integração dos alunos de origem estrangeira**

Nesta categoria – Integração dos alunos de origem estrangeira – encontramos três sub-categorias.

No que concerne à primeira sub-categoria – Integração – constatámos que todos os entrevistados consideram que os alunos estrangeiros estão bem integrados, apesar de inicialmente sentirem algumas dificuldades, pois a maior parte não sabe falar português, o que acaba por causar problemas ao nível da comunicação, levando muitas vezes a uma não aproximação dos colegas.

Todos os entrevistados concordam que esta é uma questão passageira, tal como o ED refere “... com o passar do tempo adaptam-se muito bem”. Também o EE faz questão em salientar que “... quando começam a falar português, a sua integração já é mais fácil e acabam por se darem bem uns com os outros”.

Três dos entrevistados (EB, EC e EG) manifestam a sua opinião no que diz respeito aos alunos que têm mais dificuldades de integração. Assim, o EB menciona que os alunos que têm mais dificuldades na integração são os alunos africanos, muito por culpa dos preconceitos que existem na nossa sociedade e que infelizmente são aceites por esses imigrantes, que tendem a transmitir aos seus próprios filhos que a sua cultura é inferior à cultura do país de acolhimento. Tal como o entrevistador refere “... não que a escola promova isso, mas já vem de casa”. Cabe então à escola o papel de contribuir para uma mudança de mentalidades e, segundo o discurso do entrevistado, é precisamente o que esta escola tem procurado fazer.

Para o EC, “... [a]queles que não frequentam o jardim já têm mais dificuldades de integração, de se relacionar” e as alunas moldavas sentem mais dificuldades na integração. Na opinião do entrevistado, o facto de serem tímidas está sobretudo relacionado com a cultura destes alunos, que é uma cultura fechada. Este ponto de vista

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

é perceptível no discurso do entrevistado: “... as miúdas, eles não, de leste, da Moldávia, são muito mais tímidas, fechadas. Tenho duas na sala que são um problema, uma já começou a falar um bocadinho, mas são crianças muito tímidas, tem a ver com a cultura”.

Já para o EG, os alunos chineses são aqueles que têm mais dificuldades de integração, pois segundo o entrevistado:

... são muito conservadores e além do mais só gostam de trabalhar uns com os outros, não interagem com as outras crianças. Logo, não se integram tanto, só falam chinês uns com os outros, em casa só falam chinês, só vêem televisão chinesa, é um pouco difícil.

Em oposição a esta opinião, surge o discurso do EA que sugere que os chineses apesar de terem uma cultura muito própria adaptam-se muito bem, dando até o exemplo de uma aluna chinesa que tem um percurso escolar invejável:

... eu já tive duas alunas chinesas e uma delas era só a melhor aluna e fez dois anos num e depois foi para o ciclo porque ela veio para o 2.º ano com 12 anos, veio da China com 12 anos para cá integrar a turma do 2.º ano e foi uma aluna que teve um progresso espantoso e depois no 2.º Ciclo também fez o 5.º e o 6.º num só ano. Foi um progresso extraordinário.

É ainda de realçar o caso relatado pelo EF de uma aluna ucraniana que teve problemas ao nível de integração, tanto na escola como na própria turma, onde os seus colegas em vez de a ajudarem, acabaram por adiar ainda mais todo esse processo de integração. Tal facto é visível no seu discurso:

Há o caso de uma aluna ucraniana, que é o segundo ano que cá está, que teve algumas dificuldades de integração até na própria turma, ela frequenta o 4.º ano, é uma aluna muito tímida, que de início só falava em ucraniano com outra aluna também ucraniana. Até na turma ela tinha dificuldades de integração e os colegas não a ajudavam, muito pelo contrário, colocavam-na de lado. Progressivamente, a aluna foi-se adaptando à escola e aos colegas, e estes a ela, e hoje em dia nota-se um grande progresso ao nível da sua integração.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Relativamente à segunda sub-categoria – Causas das dificuldades de integração – todos os entrevistados apontam como causa principal para as dificuldades de integração o facto de terem uma língua materna que não a língua portuguesa, pois deparam-se com uma língua diferente que não entendem e segundo o ED “... têm vergonha em falar a sua língua materna”. Mas, de acordo com o EC “... logo que superem este aspecto, integram-se muito melhor”.

Para o EG, para além da língua materna ser um factor decisivo, também no caso dos alunos chineses a sua cultura influencia na integração: “... No caso dos chineses é, (...) o facto de serem muito fechados, pouco abertos a outras culturas”.

Já para o EB, o problema “... não é tanto o facto de terem uma cultura diferente, porque rapidamente adquirem os nossos hábitos e modos de pensar e agir”. Na nossa opinião, o problema não se põe nesse facto, porque uma escola intercultural deve promover e valorizar as diferentes culturas, não pretendendo que os alunos oriundos de outros países adquiram simplesmente os nossos hábitos e modos de pensar e agir. O discurso do entrevistado, no nosso entender, revela que a melhor integração é feita com base numa assimilação cultural, quando não é isto que se pretende.

No que diz respeito à terceira sub-categoria – Superação das dificuldades de integração – para o EA, EB, EE, EF e EG o auxílio passa essencialmente pelas aulas de apoio de língua portuguesa para os alunos que têm mais dificuldades, uma vez que a barreira linguística é a principal causa das dificuldades de integração. O EC foca essencialmente o trabalho que é realizado diariamente na sala de aula: “De início é tentar pô-los a falar mais do que os outros, (...). Pedir-lhes para irem ao quadro, muitas vezes aos outros até refilam, mas eu explico-lhes a situação e eles compreendem e até ajudam”. Para o EG, para além do trabalho realizado na sala de aula, as aulas de apoio de língua portuguesa também têm um papel determinante na integração. Segundo o entrevistado, estas aulas “... tentam de certa maneira completar e aprofundar o trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula, é um trabalho directamente direccionado para o ensino do português como língua não materna”.

Todos os entrevistados apontam o trabalho do professor na sala de aula de extrema importância na ajuda à integração. Assim, a solução passa fundamentalmente pelo trabalho feito na sala de aula, que deve apostar numa sensibilização de todos os alunos para a presença de colegas de outras nacionalidades e numa maior participação

destes alunos. Só assim os alunos conseguem progressivamente tornar-se mais participativos por iniciativa própria e sentirem-se integrados. O ED aponta que cabe ao professor arranjar as estratégias adequadas para ajudar os seus alunos a superarem as suas dificuldades, pois não há na escola “... ninguém em especial, portanto é o próprio professor da turma que faz um trabalho adaptado à criança”.

Para o EG, o trabalho na sala de aula deve ir ao encontro dos interesses e conhecimentos destes alunos e “... as actividades devem ser planeadas tendo em conta os conhecimentos desses alunos”. Contudo, os próprios alunos têm de demonstrar vontade em ultrapassar as dificuldades de integração, o que nem sempre acontece, pois segundo este entrevistado “... às vezes é difícil ajudá-los a superar as dificuldades de integração, porque eles não ajudam”.

### **6.2.3. Estratégias de intervenção**

No que diz respeito a esta categoria – Estratégias de intervenção – encontramos cinco sub-categorias: Promoção e desenvolvimento de projectos no âmbito do multiculturalismo; Papel dos professores nesses projectos; Objectivos desses projectos; Descrição do projecto do português como segunda língua e Avaliação do projecto do português como segunda língua. Estas duas últimas sub-categorias apenas estão presentes na entrevista ao EG.

Relativamente à primeira sub-categoria – Promoção e desenvolvimento de projectos no âmbito do multiculturalismo – o EA, EB, EE, EF e EG salientam que nas respectivas escolas o projecto mais relevante é o projecto de apoio aos alunos que têm o português como segunda língua.

No caso do EA e EB, que leccionam na mesma escola, esse projecto funciona em contra-horário, ou seja, depois das aulas terminarem e consiste em aulas de apoio dadas por um professor que exerce funções de assessoria pedagógica na escola. Para estes entrevistados o trabalho desenvolvido nessas aulas tem tido resultados muito positivos, tal como é visível nos seguintes excertos:

... Este projecto tem sido muito importante, por exemplo este menino de que eu falei, o romeno, quando chegou não sabia nada

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

da língua portuguesa. Começou a ter aulas de apoio e um mês depois já entendia perfeitamente o que lhe pediam, tinha alguma dificuldade em expressar-se em língua portuguesa, mas rapidamente ultrapassou essas dificuldades todas. (EA)

... É um projecto muito bom, positivo, porque para já é muito difícil, vejo pela minha turma, se eles não tivessem esse apoio do português como segunda língua era-lhes muito difícil adquirir determinado vocabulário, porque por mais que uma pessoa desça ao nível deles, etário e escolar, é muito difícil para nós explicarmos o que é uma vassoura, o que é um balde, uma esfregona, o que é um quadro, para eles temos de exemplificar, eles têm de ver as coisas e nós na sala de aula com a turma que temos, não só estrangeiros há também os portugueses, não podemos prejudicar os outros estando constantemente a mostrar imagens do que é e do que não é. E então acho que é fundamental esse apoio, que funciona em contra-horário, fora da aula, e acho que com a experiência que eu tive desses alunos foi muito bom, porque eles progrediram muito ao longo do ano. Para já, vão criando um vocabulário, vão estruturando determinadas frases. (EB)

O EA salienta ainda a importância deste não ser um trabalho isolado, mas sim um trabalho que exige uma cooperação entre o professor titular de turma e o professor que dá este apoio, tal como podemos verificar na seguinte afirmação: “É um trabalho feito em conjunto com o professor titular de turma, a professora que está a dar essas aulas contacta com os professores que têm esses meninos estrangeiros e há, eu digo, a necessidade desse trabalho e ela trabalha essa parte”.

O EG que dá aulas de apoio de língua portuguesa na mesma escola dos dois entrevistados acima referidos, também foca este projecto que dirige, mas salienta que ao longo do ano lectivo são realizadas diversas actividades dirigidas para os alunos de origem estrangeira, até porque segundo o entrevistado “... há uma preocupação em promover determinadas actividades que não ponham à margem esses alunos”.

Ao contrário do entusiasmo manifestado pelos entrevistados anteriores em relação ao projecto dirigido aos alunos estrangeiros, tanto o EE como o EF, ambos leccionam em escolas pertencentes ao mesmo agrupamento, não se mostram muito satisfeitos com os resultados obtidos. Como tal, o EE refere que apesar de todos os

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

benefícios que estes alunos poderiam obter com este trabalho individualizado, diversos factores contribuem para que isso não aconteça, nomeadamente:

... os nossos colegas da E.B. 2,3 solicitaram também apoio para os seus alunos estrangeiros, como o agrupamento não tinha mais ninguém disponível, acabamos por ficar prejudicados. Assim, passamos a usufruir apenas de apoio durante dois dias, uma hora para cada aluno.

Para além disso, “... o professor falta muitas vezes e não dá para fazer um trabalho com princípio, meio e fim”(EE).

A mesma opinião é manifestada pelo EF: “... os colegas da E.B. 2,3 deste agrupamento acharam que os seus alunos estrangeiros também deviam ter apoio na língua portuguesa e então foi-nos reduzido o apoio, passando então para uma hora por semana para cada aluno” e “... o professor responsável por esse apoio faltava muito, acabando por haver um corte em todo o trabalho feito”.

O EE acaba por fazer referência a uma situação pontual que influencia negativamente o progresso destes alunos na aprendizagem da língua portuguesa, servindo-se do exemplo de dois alunos ucranianos. A situação familiar destes alunos ao nível de acompanhamento escolar é péssima, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... ambos só têm contacto com a língua portuguesa cá na escola, em casa todos os familiares falam a língua materna e não demonstram muito interesse em que os seus filhos aprendam a língua portuguesa, pois não querem que se esqueçam da sua língua materna. Um dos alunos até tem aulas de ucraniano em casa dadas pelo pai e já nos disse que o pai não quer que fale português em casa, só pode falar na rua.

Este entrevistado menciona com especial relevância todo o trabalho e empenho dos professores titulares de turma em ajudar estas crianças, chegando até a dizer que “... as poucas mudanças devem-se principalmente ao trabalho que é feito pelo professor titular de turma”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Ainda em relação aos projectos desenvolvidos no âmbito do multiculturalismo, tanto o EC como o ED, apesar de leccionarem em escolas diferentes, referem que não há nenhum projecto específico para os alunos estrangeiros.

O EC refere que algumas escolas têm aulas apoio de língua portuguesa, o que não se sucede na sua escola, chegando até a mencionar que “... nunca sentimos essa necessidade”.

O que a escola oferece a estes alunos é um maior apoio na língua portuguesa, trabalho desenvolvido pelo professor titular de turma, e algumas actividades dirigidas para a comunidade educativa, no sentido de dar a conhecer as diferentes culturas existentes na escola.

Estas actividades são promovidas sobretudo nas festas de Natal e de final de ano e vão ao encontro das expectativas dos alunos. Este aspecto é visível no discurso do entrevistado: “... os nossos alunos estrangeiros gostam destas actividades, pois sentem-se motivados e percebem que há interesse em divulgar as diferentes culturas, logo é bom para as suas aprendizagens”.

O ED dá a conhecer que as festas de final de ano e a festa do Carnaval são aproveitadas para ajudar na integração dos alunos estrangeiros, uma vez que dão mais ênfase “... ao aspecto lúdico, ao aspecto cultural e até ao linguístico, porque nas festas de Natal há sempre uma canção em que as frases são cada uma numa língua diferente”.

No que diz respeito à segunda sub-categoria – Papel dos professores nesses projectos – todos os entrevistados, à excepção do EG pois esta sub-categoria não está presente na sua entrevista, são da opinião de que todos os professores estão sensibilizados com o facto de terem de lidar com crianças de várias nacionalidades numa mesma turma e encaram esta situação “... como algo de positivo para a aprendizagem de todos os alunos” (EA).

O EB refere que na sua opinião a multiculturalidade “... deve ser valorizada e encarada como uma característica cada vez mais frequente nas nossas escolas e enriquecedora para todos os alunos, independentemente do seu país de origem”.

Já o EC acaba por confessar que por vezes é tarefa difícil lidar com crianças de várias nacionalidades numa mesma turma, tal como o entrevistado refere: “... não é fácil trabalhar com uma turma que tem alunos lusos e alunos estrangeiros, cada um com as

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

suas dificuldades e necessidades”, mas os professores encaram esta situação da melhor forma possível.

Através do excerto seguinte, o ED dá a conhecer a situação desses alunos na escola:

... a escola tem que abrir o leque e tem que começar a dar as mesmas oportunidades a essas crianças e tentar chegar junto delas, é o que nós tentamos fazer, dentro do que temos, dos professores que temos e dos apoios, porque neste momento não temos apoio a esse nível, temos duas professoras de apoio, mas são para as crianças com dificuldades de aprendizagem e estas crianças não têm dificuldades de aprendizagem.

Este entrevistado acaba por referir que são as brincadeiras no recreio que contribuem para ajudar a superar a barreira linguística, não dando tanta importância à realização de projectos.

O EE é também da opinião que todos os professores estão sensibilizados com o facto de terem de lidar com crianças de várias nacionalidades numa mesma turma, sem se esquecerem de promover a interacção entre todos.

No entanto o entrevistado acaba por referir que “... deviam era existir mais iniciativas por parte do agrupamento”.

Para o EF, os professores “... fazem tudo o que está ao seu alcance para ajudar essas crianças, tanto ao nível da sua integração, como ao nível da aprendizagem da língua portuguesa”.

No que concerne à terceira sub-categoria – Objectivos desses projectos – para o EA, EB, EC, e ED “[n]ão há objectivos menos conseguidos”(EA). O EC apesar de ser da mesma opinião e de anteriormente ter referido que não sente necessidade de aulas de apoio de língua portuguesa para os seus alunos estrangeiros, acaba por entrar em contradição. Assim, o entrevistado confessa que se houvesse apoio nesta área os alunos seriam beneficiados. Esta opinião é visível no discurso do entrevistado:

... penso que por vezes devia haver apoio na língua portuguesa, pois as actividades são concebidas pelos professores e pelos alunos, mas muitas vezes é difícil conseguir fazer um trabalho adequado a cada aluno na sala de aula. Devia existir uma pessoa que nos desse esse apoio, penso que seria benéfico para todos.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Tanto o EE como o EF somente fazem menção aos objectivos menos conseguidos:

“... as aulas de apoio podiam funcionar de outra maneira” (EE).

“... aquilo que foi estipulado no início do ano lectivo para o apoio no português como segunda língua não tivesse correspondido ao que realmente aconteceu” (EF).

É ainda de referir que esta sub-categoria não está presente na entrevista do EG.

Relativamente à quarta sub-categoria – Descrição do projecto do Português como segunda língua – apenas presente na entrevista do EG, é feita uma caracterização deste projecto dirigido pelo próprio EG. Assim, este projecto é dirigido pelo entrevistado e funciona em contra-horário, ou seja, depois das aulas terminarem.

O entrevistado salienta ainda a importância deste não ser um trabalho isolado, mas sim um trabalho que exige uma cooperação entre o professor titular de turma e o professor que dá este apoio, tal como podemos verificar na seguinte afirmação:

... Há um diálogo com os professores titulares de turma que me dizem onde é que cada aluno tem mais dificuldades, isto no início, pois com o passar do tempo eu faço um plano de trabalho para cada aluno, que também deve ser seguido na sala de aula. Esta cooperação é muito importante para que se obtenham resultados positivos com as aulas de apoio.

Para além da participação dos professores titulares de turma, também a participação dos pais é fundamental para a progressão dos alunos. Os pais têm de dar autorização para os seus filhos terem as aulas de apoio, uma vez que funcionam fora do horário escolar, e devem acompanhar todo o processo.

Por último, a quinta sub-categoria – Avaliação do projecto do português como segunda língua – também está presente somente na entrevista do EG. Assim, o entrevistado refere que é um trabalho que tem tido resultados muito positivos, tal como o entrevistado refere no seguinte excerto da entrevista: “... os resultados foram muito bons, tanto para os alunos que evoluíram e sentem-se mais integrados, como para mim que leccionei as aulas, pois foi muito gratificante a nível pessoal e profissional”.

Para além disso, o trabalho individualizado com estas crianças permite conhecer melhor as suas dificuldades, que na maioria dos casos é o vocabulário, e arranjar estratégias eficazes no combate a essas dificuldades.

#### **6.2.4. Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula**

Relativamente à quarta categoria – Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula – encontramos quatro sub-categorias: Caracterização da turma; Práticas Pedagógicas utilizadas na sala de aula; Caracterização dos grupos a que dá apoio e Actividades desenvolvidas nas aulas de apoio. Estas duas últimas sub-categorias apenas estão presentes na entrevista do EG, sendo que as restantes não estão presentes nesta entrevista.

No que concerne à primeira sub-categoria – Caracterização da turma – constatámos que as turmas dos professores entrevistados são multiculturais:

“Multicultural é mesmo multicultural” (EA).

“... É mesmo multicultural” (EB).

Assim, da turma do EA fazem parte vinte alunos, dos quais nove são alunos estrangeiros: “... tenho dois romenos, um ucraniano, um argentino, tenho uma menina búlgara e tenho quatro brasileiros”.

Da turma do EB fazem parte dezoito alunos, dos quais doze são alunos estrangeiros: “... tenho chineses, ingleses, ucranianos, tenho brasileiros e tenho cabo-verdianos”.

A turma do EC é constituída por vinte e dois alunos, dos quais doze são alunos estrangeiros: “... dois cabo-verdianos, dois angolanos, um suíço, um romeno, um alemão, três moldavos e dois brasileiros”. O entrevistado faz ainda uma referência especial aos dois alunos brasileiros, frisando que as suas dificuldades situam-se ao nível da escrita, pois utilizam muitos termos brasileiros e dão erros ortográficos, o que “... prejudica bastante a progressão na língua”.

Na turma do ED há dezassete alunos, dos quais quatro são alunos estrangeiros: “... uma aluna sul-africana, uma moldava, um holandês e uma brasileira”. O entrevistado faz ainda uma referência especial à aluna moldava, que é a que está cá em Portugal há menos tempo, frisando que as suas dificuldades situam-se “... ao nível do vocabulário e timidez”, em oposição aos restantes três alunos que “... são todos bons alunos, não têm problemas de adaptação”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

A turma do EE é constituída por vinte alunos, dos quais quatro são alunos estrangeiros: “... um aluno alemão, um brasileiro, um aluno inglês e um aluno ucraniano”.

Na turma do EF há dois alunos estrangeiros: “... um aluno belga e outro inglês”. O entrevistado faz questão em afirmar que sempre que possível tem em conta as diferentes culturas e hábitos, aproveitando para ajudá-los na sua integração, tal como podemos constatar no seguinte excerto da entrevista: “... eu tento dar resposta a esses hábitos diferentes, mas também tento integrá-los nos nossos hábitos, porque vejo que eles estão cá a viver, convém que se habituem ao nosso tipo de vida”.

No que diz respeito à segunda sub-categoria – Práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula – os entrevistados fazem referência às actividades desenvolvidas na sala de aula.

Deste modo, o EA no seu discurso fala da importância que os alunos de origem estrangeira têm na sala de aula na ajuda aos alunos recém chegados de outros países, mais precisamente na sua integração, adaptação e aprendizagem da língua portuguesa. Este foi um caso mencionado ao longo de toda a entrevista e que, na minha opinião, deve ser destacado:

... tive a facilidade de ter um menino romeno que vive cá há mais tempo, fala correctamente a língua portuguesa e ajudou muito o outro romeno, portanto quando eu não conseguia fazer-me entender com ele, só através da mímica, ele falava em romeno para o colega e ajudou-me muito nesse aspecto.

O entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula e também em casa, com a ajuda dos pais, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... fazemos jogos, o dicionário ilustrado que eu comecei a fazer com as palavras em romeno e em português, esse dicionário foi feito com a ajuda desse menino que fala correctamente o português, às vezes mandava para casa, os pais desse menino também colaboraram muito, são pessoas muito interessadas e eu mandava para casa também e a mãe escrevia em romeno e foi assim que conseguimos, foi uma colaboração muito importante.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

O EB faz referência a um caso particular que se passou na sua sala de aula com um aluno cabo-verdiano e que deixa transparecer todo o trabalho que é realizado:

... Tenho um menino que veio de Cabo- Verde com 12 anos, ele é negro e desenha-se branco, pronto, porque os hábitos dele já se assemelham mais aos nossos, porque a mãe já está cá há muito tempo e ele adquiriu, foi adquirindo, há cerca de um ano e pouco que está cá e foi adquirindo os hábitos da mãe e então ele não se vê como uma pessoa negra, é engraçado nos desenhos que ele faz. Ele há pouco tempo fez um auto-retrato, que eu pedi para eles fazerem, e ele desenhou-se branco. Os outros colegas perguntaram porquê e ele disse “Mas eu sou assim”.

Para além disso, o entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula, nas quais muitas vezes os alunos estrangeiros ajudam colegas de outras nacionalidades, favorecendo a interacção, ao mesmo tempo que ajuda na integração, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... actividades de recuperação, em que eles ajudam-se mutuamente, em trabalhos de parceria, em que eu tento sempre quando há uma matéria que já trabalhamos muito e há uns que aprendem com grande facilidade, é o caso dos chineses que aprendem a Matemática com grande facilidade, e em vez de irem ajudar outros chineses vão ajudar outros meninos, para também haver uma interacção e eles acabam por se integrar melhor. Mas tem sido mais trabalho a esse nível de cooperação, de trabalho de grupo, de leitura de textos e documentos que falem sobre esses problemas.

O discurso do EC revela uma aparente preocupação em promover actividades lúdicas que ajudem os alunos estrangeiros na progressão da língua portuguesa e na integração na turma.

O entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista: “Fazemos jogos de identificação de objectos, o dicionário ilustrado, que ajuda muito tanto na compreensão como na expressão escrita. Faço trabalhos em pequenos grupos, de modo a que se ajudem uns aos outros”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.

É de realçar a importância dada ao trabalho de grupo, de cooperação e partilha de conhecimento, mas sobretudo à constituição dos grupos, tal como é relatado no discurso do entrevistado:

... De início fazia eu os grupos, porque havia sempre a tendência de se juntarem os portugueses com os portugueses, os cabo-verdianos com os angolanos, os moldavos com os ucranianos e acabava por não existir uma interacção entre as diversas culturas, eram sempre as mesmas. Com o passar do tempo, eles começaram a fazer os grupos e começaram a misturar-se, o que me deixou muito feliz, pois assim ajudam-se uns aos outros e aprendem muito mais (EC).

O ED menciona que tem a preocupação em articular as actividades desenvolvidas na sala de aula com as actividades que são comuns a toda a escola ao longo do ano.

O entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... também falo com eles e faço trabalhos de grupo sobre cada país e este ano dei território, cada um falou, os portugueses falam de Portugal e eles falam do seu país, também pedi que eles contem como é na terra deles, as suas tradições e as nossas, que é para toda a gente na turma saber.

As práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula por parte do EE passam essencialmente por um maior apoio na língua portuguesa, não só por parte do professor que dá apoio, mas também pelo professor titular de turma. Há uma interacção entre o trabalho que é feito nas aulas de apoio e o trabalho na sala de aula, uma vez que "... é um trabalho feito em conjunto com o professor titular de turma, é pena que os resultados não correspondam aos esperados, pois os alunos só tinham a ganhar".

Estes resultados menos positivos são prejudiciais para estes alunos cuja língua materna não é o português. Assim, o trabalho acaba por se reportar muito às diversas actividades promovidas na sala de aula no sentido de ajudar esses alunos na sua integração e na aprendizagem da língua portuguesa.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

O entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula, principalmente com aqueles alunos que chegam à escola sem saber nada do português, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... proponho-lhes sempre que, com a minha ajuda, contem de onde vieram, como é a vida no seu país de origem, algumas tradições, coisas desse tipo, para ajudar na sua integração. Peço-lhes que digam algumas coisas na sua língua de origem e os outros gostam de repetir essas palavras e até aprendem algumas. Por outro lado, fazemos dicionários ilustrados com a palavra na sua língua de origem, em português e o respectivo desenho. Estes dicionários são feitos com a ajuda de todos e pretendem ajudar os alunos estrangeiros na construção de frases e progressivamente de pequenos textos. Também os ajuda na compreensão de textos, pois as suas maiores dificuldades consistem essencialmente na escrita, no conhecimento e utilização de vocabulário.

Do discurso do entrevistado realçamos o facto deste apostar na cooperação de todos os alunos neste processo de aprendizagem da língua portuguesa, favorecendo a interacção, a interajuda e a troca de conhecimentos entre todos os alunos, independentemente do seu país de origem.

O discurso do EF revela uma preocupação por um maior apoio na língua portuguesa, não só por parte do professor que dá apoio, mas também pelo professor titular de turma. Há uma interacção entre o trabalho que é feito nas aulas de apoio e o trabalho na sala de aula, uma vez que existe "... um contacto entre o professor titular de turma e o professor que dá esse apoio, há uma organização no sentido de fornecer as informações necessárias sobre a aprendizagem da língua portuguesa desses alunos".

O entrevistado dá alguns exemplos concretos das actividades desenvolvidas na sala de aula, principalmente com aqueles alunos que chegam à escola sem saber nada do português, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... começo pelo dossier de imagens e a partir daí, mas nunca faço um trabalho muito diferenciado, isso de facto é muito importante, porque eles geralmente conseguem acompanhar o ritmo dos outros. A partir do dossier de imagens eles globalizam certas palavras e depois conseguem progressivamente ir construindo frases e mais tarde pequenos textos, também nunca tive nenhum aluno que tivesse dificuldade de aprendizagem.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Do discurso do entrevistado realçamos o facto deste não apostar num trabalho muito diferenciado, apostando num trabalho mais cooperativo que ao mesmo tempo contribui para a integração desses alunos e tem resultados positivos na aprendizagem da língua portuguesa.

A terceira sub-categoria – Caracterização dos grupos a que dá apoio – só está presente na entrevista do EG. O entrevistado dá apoio de língua portuguesa a dezoito alunos. Uma vez que na escola as aulas funcionam em regime duplo, os alunos foram divididos em três grupos “... tendo em conta o nível etário e ano de escolaridade”. Assim, sendo há dois grupos que têm as aulas de apoio à tarde e um grupo mais heterogéneo “... constituído por alunos de faixas etárias e ano de escolaridade diferentes, que só pode ter as aulas de apoio de manhã”.

De seguida o entrevistado indica as nacionalidades dos alunos a que dá apoio: “... cinco chineses, quatro ucranianos, três moldavos, dois ingleses, dois russos, um colombiano e um argentino”.

A quarta e última sub-categoria – Actividades desenvolvidas nas aulas de apoio – também só está presente na entrevista do EG. O entrevistado menciona que as actividades desenvolvidas nas aulas de apoio vão ao encontro das dificuldades diagnosticadas tanto pelo professor titular de turma como pelo professor responsável pelas aulas de apoio. Segundo o entrevistado “[c]ada aluno tem um plano individual de trabalho, que é feito por mim e pelo professor titular da turma de cada um, onde são delineados os objectivos e estratégias”.

A maioria das actividades “... consistem essencialmente em trabalho individual”, mas também é dada a possibilidade desses alunos trabalharem em grupos, normalmente sobre assuntos respeitantes aos países de origem. O entrevistado foca a importância deste tipo de trabalho em dois sentidos, tal como é visível no seu discurso: por um lado “... esses trabalhos de grupo geralmente são sobre os seus países de origem e depois são expostos na escola para que todos vejam o trabalho que é realizado”, por outro lado “[é] muito motivador para eles trabalharem em conjunto com outras crianças de países e culturas diferentes”.

### **6.2.5. Ensino do português aos alunos de origem estrangeira**

No que diz respeito a esta categoria – Ensino do português aos alunos de origem estrangeira – encontramos quatro sub-categorias: Valorização das diferentes línguas maternas dos alunos estrangeiros; Dificuldades; Participação e Aproveitamento.

Relativamente à primeira sub-categoria – Valorização das diferentes línguas maternas dos alunos estrangeiros – todos os entrevistados são da mesma opinião. Assim, essa valorização passa essencialmente pela expressão de determinadas palavras que surgem no dia-a-dia na sala de aula, ao que os outros alunos correspondem com curiosidade.

Para o EA esta valorização vai ao encontro das expectativas dos alunos estrangeiros e ajuda-os na sua integração. É então mencionado o caso de um aluno romeno, explicando que todo o trabalho desenvolvido na sala de aula, e até fora da sala de aula no convívio com os colegas, tem-no ajudado na aprendizagem da língua portuguesa, tal como podemos verificar através do seguinte excerto da entrevista:

... este menino, eu falo mais neste porque é um menino que quando chegou era introvertido, não perguntava nada e só mesmo nesta turma, como há muitas nacionalidades, é que ele começou a sentir-se muito à vontade e eu dizia sempre aos colegas “Falem sempre em português com ele, quando ele não perceber vocês fazem gestos, utilizem tudo para ele perceber o que é que vocês querem, mas falem sempre em português”.

O EB refere que os alunos estrangeiros de início mostravam-se pouco à vontade, mas com o bom ambiente na turma “... começaram a sentir interesse por parte dos colegas e participam com entusiasmo”.

Para o ED, essa valorização é “... um modo de valorizá-los mais e sobretudo facilita a aprendizagem da língua portuguesa”.

Para o EC essa valorização passa essencialmente pelo incentivo para que participem sempre nas diversas actividades propostas. De início é mais complicado, mas passado algum tempo começam a participar com mais frequência, ainda que por vezes falem tanto na sua língua materna como em português. De qualquer modo, de acordo

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

com o entrevistado, o importante é que participem e se sintam à vontade, “... mas o mais importante é que falem o português”.

O entrevistado faz referência a duas situações concretas que ocorrem na sala de aula e que demonstram este clima de abertura e de valorização:

... O meu aluno alemão gosta de dizer algumas palavras em alemão e os outros gostam de ouvir e querem repetir e aprender, sentem curiosidade em saber e acham engraçado. Os alunos moldavos também dizem algumas palavras e os outros não sabem o que eles estão a dizer, mas acham muita piada.

O EE também manifesta a sua opinião, salientando que com a valorização das diferentes línguas maternas “... eles sentem-se mais integrados e confiantes nas suas potencialidades”.

Para o EF é uma forma “... para que eles também se sintam importantes no sentido de mostrar como se fala na terra de onde eles vêm”. Ou seja, esta valorização acaba por favorecer a sua integração e constitui um estímulo para a aprendizagem.

Primeiramente o EG menciona que os três grupos a que dá apoio são multiculturais, ou seja, cada grupo apresenta uma diversidade de culturas e línguas maternas. Na opinião do entrevistado, esta heterogeneidade é importante na valorização das diferentes línguas maternas e visa “... ajudar os alunos estrangeiros na aprendizagem da língua portuguesa e promover a interculturalidade”.

Logo de seguida, o entrevistado refere que a valorização das diferentes línguas maternas passa também por uma motivação para que os alunos

... falem na sua língua materna e que consigam ao mesmo tempo falar em português. Pois não queremos que esqueçam as suas línguas maternas, e isso é algo que é dito aos pais, mas pretendemos que com o tempo eles consigam, tanto na escola como em casa, manter um discurso em português.

No que diz respeito à segunda sub-categoria – Dificuldades – as opiniões dos entrevistados são divergentes.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Deste modo, o EA, o EC e o EG são peremptórios em afirmar que as dificuldades dos alunos estrangeiros incidem essencialmente na oralidade, tanto na expressão oral como na compreensão oral.

O EA dá o exemplo de um aluno romeno:

... ele lia um texto e depois a parte de interpretação e compreensão do texto ele fazia praticamente sozinho, sem erros, aliás é um aluno que não dá erros. Eu começava a falar com ele e ele começava a franzir um bocadinho a testa, não estava a perceber bem. Era preciso repetir várias vezes e utilizar outro vocabulário para ele entender, mas rapidamente ultrapassou tudo.

Segundo o EC, na escrita a evolução ocorre naturalmente à medida que vão evoluindo na oralidade.

O vocabulário restrito destes alunos é algo que preocupa o entrevistado, tal como podemos observar no seu discurso:

... têm dificuldade em arranjar o vocabulário adequado. É o caso também do meu aluno alemão, certas palavras pergunta-me o que quer dizer, uma vez perguntou-me o que é um aluno, eu tentei explicar-lhe mas ele ficou na mesma, não percebeu. Há determinadas palavras que eles não conseguem perceber.

Contudo, para o entrevistado as diversas actividades desenvolvidas com estes alunos na sala de aula contribuem significativamente para uma maior autonomia e progressão na oralidade e na escrita.

O EG refere que as dificuldades destes alunos centram-se essencialmente na oralidade, pois “[c]omo são tímidos e não falam muito acabam por não demonstrar tanto as suas dificuldades e o trabalho é mais difícil”. Já na escrita, “... é mais fácil detectar as falhas e arranjar estratégias de modo a ajudar os alunos a superar as dificuldades”.

O entrevistado refere ainda que no geral os alunos estrangeiros “... têm muitas dificuldades ao nível de vocabulário e é aí que eu insisto muito com eles”.

Por outro lado, o EB, o ED, o EE e o EF têm uma opinião diferente. Para estes entrevistados as dificuldades dos alunos centram-se na expressão escrita.

O EB dá o exemplo dos seus alunos chineses, que têm muitas dificuldades na escrita: “... são muito perfeccionistas, apesar de terem dificuldades preferem não dizer a

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

palavra e começar a pensar para ver se eu digo a palavra, do que eles próprios disserem mal. Para já os chineses, os mais fechados, na escrita nota-se que têm mais dificuldades”.

O ED justifica a sua opinião, referindo que estes alunos como pronunciam mal as palavras dão muitos erros ortográficos e têm um vocabulário muito restrito, uma vez que desconhecem por completo o significado das palavras.

Segundo o EE os alunos evoluem na oralidade beneficiando muito do bom ambiente na sala de aula, assim como no recreio, onde têm a possibilidade de comunicar mais à vontade com os seus colegas. No que diz respeito à escrita, “... a evolução é mais lenta e quando não há apoio em casa como acontece com alguns alunos é muito complicado”.

Também o EF refere que na oralidade os alunos evoluem beneficiando muito do bom ambiente na sala de aula e no recreio. Este aspecto é visível no discurso do entrevistado: “... eles geralmente na sala participam bastante e eu penso também que o período do intervalo e mesmo a boa relação que se mantém, tanto na sala e no recreio, em termos afectivos dá-lhes a possibilidade de evoluírem em termos de língua portuguesa”.

No que concerne à terceira sub-categoria – Participação –, à excepção do EG que frisa que os alunos estrangeiros não são muito participativos, à excepção de três chineses que “... como já conseguem compreender melhor participam mais”, os outros entrevistados transmitem a convicção de que os alunos de origem estrangeira são participativos.

O EA volta a fazer referência ao aluno romeno que progressivamente, e com a ajuda dos seus colegas, foi tornando-se mais participativo, apesar de ter dificuldades na língua portuguesa, pois “[a] língua portuguesa constituía uma barreira, que progressivamente foi sendo ultrapassada”.

No que diz respeito aos outros oito alunos, são todos participativos, desde que ultrapassem a barreira linguística.

O EB frisa que estes alunos são muito participativos, também devido ao facto de estarem numa turma tão multicultural, e uma vez ultrapassada a timidez inicial todos participam com entusiasmo nas diversas actividades.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

É feita também uma comparação entre os alunos chineses, os brasileiros e os cabo-verdianos, na medida em que segundo o entrevistado:

... Quem tem mais dificuldades em expressar-se são os chineses, porque a sua cultura é muito fechada, muito rígida e os outros não, os brasileiros então já falam pelos cotovelos. Os cabo-verdianos desde que estejam bem integrados não há qualquer problema, corre tudo bem e trabalham muito e discutem os temas.

O EC menciona que uma vez ultrapassada a timidez inicial todos participam com entusiasmo nas diversas actividades, principalmente aqueles alunos que frequentaram o jardim de infância.

O ED volta a fazer referência à aluna moldava que progressivamente, e com a ajuda dos seus colegas, tornou-se mais participativa, apesar de ter dificuldades na língua portuguesa. No que diz respeito aos outros três alunos "... são crianças que se interessam, quer dizer tu olhas para elas e sabes que são estrangeiras, porque de resto é exactamente igual".

O EE frisa que estes alunos são muito participativos e empenhados nas diversas tarefas solicitadas. Tal como o próprio entrevistado diz "[a] partir do momento em que se sentem integrados, são participativos... e... muito empenhados".

O EF refere que os alunos estrangeiros são muito participativos e destacam-se dos outros alunos na medida em que têm uma elevada cultura geral. Esta opinião está bem visível no seu discurso: "... geralmente mostram um conhecimento geral, de cultura geral muito elevado".

Por último, na quarta sub-categoria – Aproveitamento – os discursos dos sete entrevistados apontam todos na mesma direcção. Ou seja, todos os entrevistados referem que o aproveitamento dos alunos estrangeiros é bom.

O EA aproveita para fazer uma alusão a dois alunos romenos, em oposição um ao outro, na medida em que um é um excelente aluno, que conta com a ajuda preciosa dos seus pais, deixando perceber que na sua opinião o apoio dos pais é fundamental na aprendizagem da língua portuguesa. Por outro lado, o outro menino romeno, apesar de ter feito alguns progressos, é um aluno com dificuldades de aprendizagem, que requer

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

um apoio especial, e pelo que deu a entender não tem qualquer apoio em casa por parte dos pais.

Para além destes dois casos, há também uma aluna búlgara que apresenta muitas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, pois “... em casa ninguém fala português, portanto ela vive com os avôs e com os bisavôs e toda a gente fala búlgaro, ninguém fala português, então a miúda não consegue superar a barreira linguística”.

O EB menciona que no geral o aproveitamento é bom, principalmente na Matemática, onde tendem a ser óptimos alunos e até, como o próprio entrevistado diz, “... a puxar pelos nossos, os nossos são mais preguiçosos, não percebem e não ficam preocupados e os estrangeiros não, querem saber como é que as coisas são”.

Ao nível da língua portuguesa, o facto de terem línguas maternas diferentes, mas sobretudo o facto de muitos deles só terem contacto com a língua portuguesa na escola, pois em casa predominam os diálogos nas línguas maternas, condiciona bastante a aprendizagem do português.

Para o EC, o aproveitamento destes alunos é bom, “... mas podia ser melhor se tivessem um maior apoio em casa. Cá na escola fazemos tudo o que está ao nosso alcance”.

O EE destaca mais uma vez o caso complicado de dois alunos ucranianos para relembrar que o apoio em casa é fundamental para a progressão nas aprendizagens. Este aspecto é visível no discurso do entrevistado: “[e]m casa não têm apoio, só falam a sua língua materna e os pais não demonstram qualquer interesse naquilo que os seus filhos fazem”.

O EF apenas salienta que o aproveitamento “[e]m geral é bom”.

O EG também menciona que “[n]o geral têm bom aproveitamento”. No entanto há três alunos que se destacam pela negativa. Através do seguinte excerto da entrevistado é fácil compreender o porquê do mau aproveitamento:

... O aluno chinês chegou à escola já no final de ano, o aluno russo e o aluno inglês têm muitas dificuldades, pois o acompanhamento familiar é quase inexistente e em casa só falam as suas línguas maternas, o único contacto com a língua portuguesa é aqui na escola e isso não é suficiente.

### 6.2.6. Opinião pessoal

Relativamente a esta categoria – Opinião pessoal – encontramos três sub-categorias: Preocupação do sistema educativo com os alunos oriundos de outros países; Adaptação do currículo oficial e nacional à realidade intercultural e Estratégias de intervenção estabelecidas ao nível da escola e na própria turma.

Uma vez que esta categoria é de carácter pessoal e diz unicamente respeito às opiniões de cada um dos entrevistados, pensamos ser conveniente apresentar a opinião de cada um dos entrevistados.

Sendo a multiculturalidade uma característica primordial da educação no século XXI, é importante inquirir os entrevistados sobre as suas opiniões relativamente à preocupação que o sistema educativo tem com as crianças provenientes de outros países que chegam às nossas escolas e se deparam com uma cultura e língua própria.

Deste modo, no que diz respeito à primeira sub-categoria – Preocupação do sistema educativo com os alunos oriundos de outros países – o EA considera que ao nível do 1.º Ciclo essa preocupação existe, mas de qualquer modo cabe à escola fazer as alterações necessárias para incluir no seu currículo esta nova realidade.

Neste caso, a escola tem a sorte de dispor de um professor de apoio específico para estas crianças, ajudando-as na aprendizagem da língua portuguesa, sem, no entanto, esquecerem as suas línguas maternas.

O problema, segundo o entrevistado, está quando estas crianças transitam para o 2.º Ciclo e acaba por haver, muitas vezes, um retrocesso em todo o trabalho realizado, pois a realidade é completamente diferente. Para sustentar esta opinião o entrevistado apresenta o porquê desta situação no seguinte excerto da entrevista:

... O nosso problema é quando eles saem daqui para o 2.º Ciclo, acaba por haver um retrocesso em todo o trabalho, aqui é só um professor, lá entra um, sai outro, depois entra outro e eles deviam ter um acompanhamento diferente. Não há estrutura humana capaz de dar resposta a isso tudo, ou porque não há dinheiro para pôr essa estrutura humana a funcionar e então eles quando chegam ali sentem uma grande diferença.

Ainda no que diz respeito ao 1.º Ciclo, o entrevistado refere que o Ministério da Educação poderia dar mais apoio ao nível do fornecimento de material didáctico, no entanto manifesta satisfação por puderem usufruir do apoio de um professor, algo que não é frequente em muitas escolas, tal como o seu discurso sugere: “... há muitas escolas que também têm estes alunos e não têm como nós um professor disponível para esse apoio”.

O EB faz uma crítica clara ao sistema educativo, pois na sua opinião o excesso de leis, projectos e actividades que constantemente são divulgados não têm repercussões na prática, salientando com veemência que “... não há muita preocupação em ajudar essas crianças, ouvimos falar em tantas leis, projectos e actividades dirigidas para esses alunos e na prática não acontece nada disso”.

Cabe unicamente à escola o papel de solucionar esta carência e arranjar as estratégias adequadas à sua realidade de modo a favorecer a interculturalidade.

A opinião do EC deixa transparecer uma certa preocupação relativamente ao facto de que no seu concelho a escola onde lecciona é a que tem mais alunos estrangeiros, frisando que concorda que esses alunos tenham direito a frequentar as nossas escolas, contudo neste caso específico a sua distribuição pelas várias escolas do concelho não é a mais correcta. Alega que o facto da zona de residência da maioria desses alunos se situar junto à escola é um aspecto decisivo, contudo podiam e deviam ser tomados em conta outros factores igualmente importantes para essa distribuição. Apesar de não mencionar quais esses factores, esta preocupação é visível no seu discurso:

... eu concordo que devem ter direito à escola, mas juntá-los todos numa mesma escola, que é o que acontece aqui, penso que não seja a melhor solução. A maior parte dos alunos estrangeiros moram à volta desta escola e então vêm cá todos parar. Podiam arranjar outra maneira de irem para outra escola, mas esta é a solução mais fácil.

O entrevistado manifesta também que o trabalho na sala de aula é dificultado pela presença desses alunos “[e]les adaptam-se bem, mas para trabalhar na sala de aula é uma carga de trabalhos”, mas acaba por referir que apesar disso prefere “... trabalhar com os miúdos estrangeiros, obedecem às regras, o comportamento é muito melhor”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

O ED considera que cada vez mais há uma preocupação em ajudar estas crianças, mas sente uma preocupação com os poucos apoios colocados à disposição da escola.

No entanto, apesar do discurso do entrevistado revelar esta falta de apoio "... de projectos dirigidos para essas crianças, de ensinar o português às minorias que frequentam a escola, aqui isso não acontece porque não temos ninguém, não temos apoio", o entrevistado refere que a escola não sente essa necessidade. Este aspecto é visível no seu discurso: "... somos abertos, receptivos a essas crianças e elas têm êxito, integram-se lindamente dentro do grupo, acaba por não haver grandes necessidades".

O EE é da opinião de que devia existir um maior apoio na língua portuguesa aos alunos que têm outra língua materna, pois na maior parte das vezes o esforço empreendido por estes alunos não é suficiente.

Por outro lado, segundo o entrevistado, "[p]or vezes há esse apoio, mas nem sempre é aproveitado da melhor forma. É importante estabelecer prioridades e procurar as melhores estratégias para ajudar esses alunos".

O EF considera que a falta de diálogo entre o agrupamento e os professores titulares de turma condiciona bastante a integração dos alunos de origem estrangeira e principalmente a superação da barreira linguística.

Na maior parte das vezes o esforço empreendido por estes alunos não é compensado, segundo o entrevistado, "... ao nível do agrupamento, que poderia arranjar estratégias conjuntamente com o professor da turma de forma a conseguir que essa situação de aprendizagem da língua portuguesa se desenrolasse com maior rapidez e eficácia".

Na opinião do EG há uma preocupação por parte dos diversos intervenientes no sistema educativo em ajudar os alunos estrangeiros na sua integração e também no acompanhamento escolar. Contudo, para o entrevistado esta boa vontade não é suficiente, pois muitas vezes são os próprios alunos e as suas famílias que se auto-excluem. É preciso que as minorias se mostrem receptivas e queiram integrar-se. Esta opinião está bem patente no discurso do entrevistado: "... às vezes não há a participação das minorias, ou seja, não há uma maior integração, porque as minorias têm alguma dificuldade em se integrar".

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

No que concerne à segunda sub-categoria – Adaptação do currículo oficial e nacional à realidade intercultural – todos os entrevistados são da opinião de que depende essencialmente da escola a adaptação do currículo à sua realidade.

O EA menciona que “[p]assa essencialmente por a escola conhecer a sua realidade, reconhecê-la como um contributo importante para todos os alunos e adaptar o currículo a essa realidade intercultural”.

Para o EB os professores titulares de turma devem adaptar o currículo, de modo a torná-lo mais próximo da realidade da sua turma, pois é impensável que no caso da turma do entrevistado, uma turma de 4.º ano com doze alunos oriundos de países diferentes, a avaliação de final de ciclo vá ao encontro das competências de ciclo estipuladas pelo Ministério, tal como podemos verificar no seguinte excerto da entrevista:

... Eu não poderia estar constantemente a pegar nas competências do 1.º Ciclo e aplicar na minha turma, porque apesar de ser uma turma de 4.º ano, chegava ao final do ano e eles tinham de saber essas competências e ia avaliá-los por essas competências de final de ciclo, assim a maior parte da turma não poderia passar, chegavam à Língua Portuguesa e ao Estudo do Meio e ficavam para trás. Assim, (pausadamente) na sala de aula a avaliação é feita de uma maneira diferente. Apesar de a escola já adaptar as competências, nós temos de voltar a reforçá-las, tenho de partir das competências para objectivos mais específicos para essas crianças, para a sua realidade.

O EC é peremptório em afirmar que “[o] currículo tem de ser adaptado à realidade dos nossos alunos, tem de estar relacionado com as diversas culturas dos nossos alunos e promover a interculturalidade”.

Esta adaptação não é fácil, pois é complicado conseguir ir ao encontro dos interesses e necessidades de todos os alunos estrangeiros. O entrevistado aponta também que o nosso programa escolar muitas vezes é pouco estimulante para a aprendizagem desses alunos, basta para isso comparar os programas escolares de diversos países ao programa escolar português.

Contudo, apesar da língua portuguesa constituir um entrave inicial à aprendizagem desses alunos e ao seu sucesso, “... quando conseguem superar a barreira linguística, a maior parte deles tem melhores resultados do que os portugueses”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Sendo assim, depreende-se do discurso do entrevistado que não é só a língua portuguesa que contribui para o insucesso escolar dos alunos estrangeiros, mas também o programa escolar que é pouco motivador, restrito nas suas aprendizagens e até pouco exigente. Esta opinião está bem patente no discurso do entrevistado:

... o programa acaba por ser muito restrito. Não tem nada a ver com os programas escolares dos outros países, que são mais exigentes e abarcam uma variedade de aspectos que o nosso programa não contempla. O aluno português é muito preguiçoso e acaba por reflectir a pouca exigência do nosso programa. Os alunos estrangeiros vêm melhor preparados das escolas nos seus países, o problema é que quando cá chegam a língua falada é totalmente desconhecida, acabando por ter consequências negativas na aprendizagem. Mas quando conseguem superar a barreira linguística, a maior parte deles tem melhores resultados do que os portugueses.

O ED menciona que

... cada escola adapta-o à sua realidade, eu penso que passa mais por aí do que propriamente a nível nacional. É possível que daqui a uns anos o Ministério venha a fazer outras alterações, cada vez há mais imigrantes. Mas neste momento esse trabalho é da própria escola, que adapta à sua realidade.

O EE refere unicamente que “[c]abe à escola procurar fazer as adaptações necessárias para que o currículo corresponda à realidade da escola e dos seus alunos”.

No discurso do EF é visível o reconhecimento da importância do papel do professor nesta adaptação. Assim, o entrevistado é categórico em afirmar que depende essencialmente da escola a adaptação ao currículo à realidade da escola. Após o qual cada professor terá “... de pegar nessas adaptações e voltar a fazer novas, se necessárias, de forma a enquadrar todos os seus alunos”.

O EG realça o papel da sua escola na inserção dos alunos estrangeiros e na promoção da interculturalidade, mencionando a importância que tem tido nestes casos:

... esta escola é das poucas aqui no Algarve que tem muitos alunos estrangeiros, muitos eram vítimas de exclusão social, e nunca fechou as portas a nenhuma criança, temos alunos que não moram aqui perto e que vêm de outras localidades, eles sentem-se bem aqui e os pais sentem que os seus filhos estão bem

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

integrados e que não são excluídos. É uma escola que dá resposta a todos esses casos e que se interessa por promover a interculturalidade.

Relativamente à terceira e última sub-categoria – Estratégias de intervenção ao nível da escola e na própria turma – todos os entrevistados fazem uma avaliação muito positiva das estratégias estabelecidas.

A avaliação por parte do EA das estratégias estabelecidas ao nível da escola e na própria turma é positiva, na medida em que esta escola é procurada e frequentada por muitas crianças de origem estrangeira e os resultados são muito bons.

Mais uma vez o discurso do EB sugere um cenário cor-de-rosa. Na sua opinião as estratégias de intervenção têm tido resultados muito satisfatórios, mas faz questão em referir que as aulas de apoio de língua portuguesa têm tido um papel preponderante para esses resultados.

Também o discurso do EC sugere um cenário perfeito. Assim na sua opinião as estratégias de integração dos alunos de origem estrangeira “... têm é de ir ao encontro dos interesses e dificuldades dos alunos estrangeiros. É isso é que acontece aqui na escola”.

Na opinião do ED a integração dos alunos de origem estrangeira passa essencialmente por um esforço conjunto de todos os professores nesse sentido.

De acordo com o EE, as estratégias de intervenção têm tido resultados muito satisfatórios, mas faz questão em referir que é essencial o acompanhamento dos pais, referindo que “... o sucesso dessas estratégias depende também do apoio que esses alunos têm em casa”.

Na opinião do EF as estratégias de intervenção têm tido resultados muito satisfatórios, mas faz questão em referir que é essencial o acompanhamento dos pais, referindo que “... isso é muito importante para essa integração, não só o trabalho desenvolvido aqui na escola, mas também o apoio dado em casa”.

O discurso do EG revela que as estratégias de intervenção têm tido resultados muito satisfatórios, pois “... os alunos sentem-se integrados e gostam de cá estar”.

### **6.3. Cruzamento dos dados**

Depois de analisados e interpretados os dados recolhidos através dos questionários e das entrevistas, passámos ao seu respectivo cruzamento, para melhor pudermos responder ao objectivo do nosso estudo, tendo em atenção as hipóteses previamente formuladas, de modo a confirmá-las ou infirmá-las.

Neste sentido, convém lembrar que pretendemos conhecer as dificuldades de integração e de adaptação dos alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, dando especial ênfase à aprendizagem da língua portuguesa, e identificar os tipos de resposta que a escola dá a estes alunos no sentido de integrar, respeitar e valorizar as diferentes línguas e culturas.

Para pudermos responder a este desafio debruçámo-nos minuciosamente sobre os dados recolhidos através dos questionários preenchidos por 137 alunos de origem estrangeira de cinco escolas dos concelhos de Loulé, Monchique e Portimão e sobre os dados recolhidos através das entrevistas realizadas a sete professores das mesmas cinco escolas.

Existem alguns aspectos pertinentes e comuns aos dados recolhidos através dos instrumentos de recolha de dados acima mencionados, nomeadamente: a integração dos alunos de origem estrangeira; o ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda; o acompanhamento familiar na vida escolar dos alunos de origem estrangeira; a identificação do nível de eficácia das estratégias de intervenção implementadas pela escola para promover a integração, a adaptação e o sucesso escolar; e o aproveitamento desses alunos.

#### **6.3.1. A integração dos alunos de origem estrangeira**

No que diz respeito à integração dos alunos de origem estrangeira, tanto os dados recolhidos através dos questionários como através das entrevistas permitem-nos dizer que os alunos de origem estrangeira estão bem integrados, apesar da língua ser considerada uma barreira que estes alunos precisam transpor para conseguirem integrar-se e adaptar-se ao meio escolar.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Assim, tanto os alunos como os professores partilham da mesma opinião. Os dados recolhidos apontam no sentido de que a escola é um espaço agradável e acolhedor para estes alunos. É necessária uma colaboração de todos os intervenientes no sentido de ajudarem na integração, adaptação e superação das dificuldades de aprendizagem da língua portuguesa.

Está evidenciado, tanto nos questionários preenchidos pelos alunos que consideram não estar integrados como nas entrevistas, que a barreira linguística é a principal causa das dificuldades de integração. Esta ideia está claramente visível no discurso do EB: “... quando começam a falar português, a sua integração já é mais fácil e acabam por se darem bem uns com os outros”. É ainda de referir que dois professores apontam a cultura como um dos factores decisivos para uma maior dificuldade de integração de alguns alunos: “... as miúdas, eles não, de leste, da Moldávia, são muito mais tímidas, fechadas. Tenho duas na sala que são um problema, uma já começou a falar um bocadinho, mas são crianças muito tímidas, tem a ver com a cultura” (EC); “... No caso dos chineses é, (...) o facto de serem muito fechados, pouco abertos a outras culturas” (EG).

Também ficou bem patente nos dados recolhidos através das entrevistas, embora nos questionários este aspecto não esteja explícito, que é essencial que exista um apoio ao nível da aprendizagem da língua portuguesa para que as dificuldades de integração sejam superadas, quer seja pelo próprio professor na sala de aula, quer seja por um professor específico para essas aulas de apoio de língua portuguesa. Em duas das escolas seleccionadas para este estudo não há um professor que tenha como função dar estas aulas de apoio: “... é o próprio professor da turma que faz um trabalho adaptado à criança”. (ED). Por sua vez, o EG, que dá aulas de apoio de língua portuguesa a alunos estrangeiros, salienta e reforça a importância destas aulas, na medida em que “... tentam de certa maneira completar e aprofundar o trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula, é um trabalho directamente direccionado para o ensino do português como língua não materna”. O EG salienta ainda com convicção que os próprios alunos estrangeiros devem esforçar-se mais por se integrarem, pois “... às vezes é difícil ajudá-los a superar as dificuldades de integração, porque eles não ajudam”.

Após toda esta análise, estamos em condições de confirmar a hipótese F – Os alunos estrangeiros têm dificuldades na integração escolar, principalmente devido ao

facto de terem uma língua materna diferente daquela que é a maioritária nas nossas escolas. Os alunos progressivamente vão conseguindo superar as dificuldades de integração com os apoios que a escola disponibiliza.

### **6.3.2. O ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda**

No que concerne ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda verifica-se que os alunos de origem estrangeira sentem dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa.

A área de Língua Portuguesa é a área mais fraca dos alunos de origem estrangeira, precisamente pela simples razão de que estes têm outras línguas maternas. Confirmamos assim a hipótese E – Os alunos de origem estrangeira apresentam mais dificuldades na Língua Portuguesa do que nas restantes áreas. Tanto nos dados recolhidos pelos questionários como nos dados recolhidos através das entrevistas, a valorização das diferentes línguas maternas é tida como o ponto de partida para que estes alunos aprendam o português. Tal como o ED refere essa valorização é “... um modo de valorizá-los mais e sobretudo facilita a aprendizagem da língua portuguesa”. Também na entrevista ao EG é possível perceber a importância que a motivação para que os alunos falem na sua língua materna tem na aprendizagem da língua portuguesa, pois pretende-se que eles

... falem na sua língua materna e que consigam ao mesmo tempo falar em português. Pois não queremos que esqueçam as suas línguas maternas, e isso é algo que é dito aos pais, mas pretendemos que com o tempo eles consigam, tanto na escola como em casa, manter um discurso em português.

Uma boa integração na turma e a ajuda dos colegas são tanto, para os alunos como para os professores, dois aspectos indissociáveis de uma boa aprendizagem da língua portuguesa. O EB refere que um bom clima na sala de aula leva a que os alunos estrangeiros sintam que os outros se interessam por aquilo que eles sabem, pela sua língua e cultura: “... começaram a sentir interesse por parte dos colegas e participam com entusiasmo”.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Círculo do Algarve.

O empenho em ultrapassar as dificuldades e uma participação activa nas actividades, segundo os dados recolhidos através dos questionários e das entrevistas, também contribuem para a aprendizagem da língua portuguesa. O EE salienta que “[a] partir do momento em que se sentem integrados, são participativos (...) e muito empenhados”, logo mais receptivos à aprendizagem da língua portuguesa. Tudo isto facilita o papel do professor no ensino da língua segunda para estes alunos.

Quanto às maiores dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa, as opiniões são divergentes. Assim, os alunos estrangeiros consideram que têm mais dificuldades na parte escrita do que na oralidade. Esta opinião é partilhada por quatro professores: o EB, o ED, o EE e o EF. Tal como o EE refere, na escrita “... a evolução é mais lenta”. As razões apontadas para essas dificuldades são as seguintes: a má pronúncia das palavras, o desconhecimento do significado das palavras e a falta de apoio em casa.

Já os restantes professores (EA, EC e EG) afirmam que as dificuldades dos alunos estrangeiros incidem essencialmente na oralidade. Para o EG “[c]omo são tímidos e não falam muito acabam por não demonstrar tanto as suas dificuldades e o trabalho é mais difícil”, enquanto que na escrita “...é mais fácil detectar as falhas e arranjar estratégias de modo a ajudar os alunos a superarem as dificuldades”.

### **6.3.3. O acompanhamento familiar na vida escolar dos alunos de origem estrangeira**

Após a análise dos dados recolhidos através dos questionários e das entrevistas podemos afirmar que o acompanhamento familiar na vida escolar dos alunos de origem estrangeira é uma condição primordial para que estes alunos superem as suas dificuldades na integração, adaptação e aprendizagem da língua portuguesa.

Os dados recolhidos através dos questionários mostram-nos que a maioria dos pais e mães manifestam interesse pelo o que os seus filhos fazem na escola, pelas notas e também ajudam nos trabalhos de casa.

Os professores apresentam um cenário diferente ao nível de algumas situações familiares onde o acompanhamento familiar na vida escolar dos alunos é praticamente

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

nulo, salientando que essa inexistência de acompanhamento e apoio é prejudicial na aprendizagem da língua portuguesa e leva a um mau aproveitamento escolar: “... em casa ninguém fala português, portanto ela vive com os avôs e com os bisavôs e toda a gente fala búlgaro, ninguém fala português, então a miúda não consegue superar a barreira linguística” (EA);

... ambos só têm contacto com a língua portuguesa cá na escola, em casa todos os familiares falam a língua materna e não demonstram muito interesse em que os seus filhos aprendam a língua portuguesa, pois não querem que se esqueçam da sua língua materna. Um dos alunos até tem aulas de ucraniano em casa dadas pelo pai e já nos disse que o pai não quer que fale português em casa, só pode falar na rua (EE);

“[e]m casa não têm apoio, só falam a sua língua materna e os pais não demonstram qualquer interesse naquilo que os seus filhos fazem” (EE);

... O aluno chinês chegou à escola já no final de ano, o aluno russo e o aluno inglês têm muitas dificuldades, pois o acompanhamento familiar é quase inexistente e em casa só falam as suas línguas maternas, o único contacto com a língua portuguesa é aqui na escola e isso não é suficiente (EG).

Por outro lado, o EA aborda uma situação em que existe uma colaboração entre a escola e a família:

... fazemos jogos, o dicionário ilustrado que eu comecei a fazer com as palavras em romeno e em português, esse dicionário foi feito com a ajuda desse menino que fala correctamente o português, às vezes mandava para casa, os pais desse menino também colaboraram muito, são pessoas muito interessadas e eu mandava para casa também e a mãe escrevia em romeno e foi assim que conseguimos, foi uma colaboração muito importante.

Todos estes aspectos acima focados levam-nos a confirmar a hipótese D – Um maior interesse e apoio por parte dos pais são fundamentais para uma melhor aprendizagem da língua portuguesa.

#### **6.3.4. A identificação do nível de eficácia das estratégias de intervenção implementadas pela escola para promover a integração, a adaptação e o sucesso escolar dos alunos de origem estrangeira**

Do ponto de vista dos alunos, o apoio, a participação nas actividades e a valorização da língua materna são fundamentais para a sua integração, adaptação e sucesso escolar.

No que diz respeito aos professores, as informações fornecidas são mais completas e precisas. Consequentemente, há a salientar que os Projectos Curriculares de Escola das escolas seleccionadas para este estudo contemplam a realidade multicultural e promovem a interculturalidade, desde a simples colaboração e participação dos alunos em diversas actividades, tal como o ED menciona: “... nas festas do final de ano e no Carnaval geralmente os temas também têm a ver com essas crianças”, até ao apoio na língua portuguesa: “...temos uma professora de apoio para os meninos estrangeiros que têm aula de Língua Portuguesa em contra-horário” (EA).

De um modo geral, os entrevistados estão convictos de que estas estratégias são eficazes, pois procuram “... integrá-los e ajudá-los no seu percurso escolar” (EG) e pretende-se “... promover a interacção entre todos os alunos, independentemente da sua origem” (EE).

Quando abordados sobre a promoção e desenvolvimento de projectos no âmbito do multiculturalismo, o EA, EB, EE, EF e EG fazem referência ao projecto de apoio aos alunos que têm o português como segunda língua, que de uma maneira geral funciona através de aulas de apoio de língua portuguesa dadas por um professor específico. Para o EA, EB e EG o nível de eficácia desta estratégia de intervenção é positivo na medida em que ajuda estes alunos a estruturar melhor a língua portuguesa. Pelo contrário, o EE e o EF não se mostram muito satisfeitos com estas aulas, devido ao pouco tempo disponibilizado para esse apoio. Por sua vez, nas escolas do EC e do ED não há aulas de apoio de língua portuguesa, sendo o apoio restrito à sala de aula.

Assim, existe uma preocupação por parte da escola com estas crianças. Logo, a hipótese A é confirmada – A escola portuguesa procura fornecer os apoios educativos adequados à diversidade cultural e linguística.

### **6.3.5. O aproveitamento escolar dos alunos de origem estrangeira**

Os alunos inquiridos frequentam os quatro anos de escolaridade: 29,2% dos inquiridos frequentam o 3.º ano; 28,5% o 4.º ano; 24,1% o 2.º ano; e 18,2% o 1.º ano. Os dados recolhidos permitem-nos concluir que o nível de aproveitamento dos alunos é bom, uma vez que 81,8% dos inquiridos nunca reprovou, contra 18,2% que têm uma única retenção.

Esta ideia é sustentada pelos dados recolhidos através das entrevistas, uma vez que os discursos dos sete entrevistados apontam no sentido de que o aproveitamento escolar dos alunos de origem estrangeira é bom. É mais uma vez feita referência às estratégias implementadas pela escola, nomeadamente as aulas de apoio de língua portuguesa, e à importância do apoio dado pelos pais em casa, como refere o EC, o aproveitamento é bom, “... mas podia ser melhor se tivessem apoio em casa. Cá na escola fazemos tudo o que está ao nosso alcance”.

É ainda de referir que quando inquiridos sobre as suas áreas mais fracas, 19,7% são da opinião de que não têm dificuldades em nenhuma área. Dos restantes, a Língua Portuguesa é apontada pela maioria como sendo a área mais fraca, seguida da Matemática, do Estudo do Meio, da Expressão Dramática, da Expressão Musical, da Expressão Plástica e da Expressão Físico-Motora.

Os dados recolhidos através das entrevistas também deixam transparecer que os alunos estrangeiros são bons alunos, principalmente na Matemática onde têm a tendência “... a puxar pelos nossos, os nossos são mais preguiçosos, não percebem e não ficam preocupados e os estrangeiros não, querem saber como é que as coisas são” (EB).

## **Conclusões, limitações e implicações**

Era nossa pretensão estudar o universo multicultural nas nossas escolas, tentando inferir se esta multiculturalidade é vista como uma característica positiva e enriquecedora para todos os alunos, independentemente da sua identidade cultural. Ou seja, se existe uma verdadeira interculturalidade nas escolas.

Isto pressupõe, desde já, que as diversas culturas e línguas que coexistem num mesmo espaço se relacionem e interajam entre si.

O universo do nosso estudo centrou-se nos alunos de origem estrangeira de cinco escolas do 1.º Ciclo do Algarve. Pretendia-se com este trabalho reflectir sobre as dificuldades de integração e adaptação dos alunos estrangeiros focando, essencialmente, o ensino do português como língua não materna, do ponto de vista não só desses alunos, como também de alguns professores.

Partindo do objectivo central do nosso estudo, da revisão da literatura e após selecção do campo de estudo, realizámos um questionário destinado aos alunos de origem estrangeira que frequentavam as escolas seleccionadas. Com este questionário pretendíamos fazer o levantamento das representações que os alunos estrangeiros tinham em relação à sua situação familiar, à integração escolar e à aprendizagem da língua portuguesa como língua segunda.

Também realizámos uma entrevista a sete professores das escolas seleccionadas, com o objectivo de recolher informações sobre o modo como a diversidade cultural e linguística é vivida na escola e na sala de aula, sobre as dificuldades de integração e adaptação escolar, sobre o ensino do português como língua segunda e sobre a possível existência de projectos e demais actividades destinadas a esse público.

Após a análise e o cruzamento dos dados chegámos à conclusão de que as hipóteses que enunciámos no trabalho foram todas confirmadas, à excepção da hipótese C – A língua portuguesa é pouco utilizada como meio primordial de comunicação pelos alunos de origem estrangeira, tanto na escola como em família. Após a análise dos questionários chegámos à conclusão que, de um modo geral, estes alunos utilizam, ou pelo menos tentam utilizar, a língua portuguesa para comunicar não só na escola, como também em casa e nas mais diversas situações. Há assim uma tentativa clara destes

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

alunos em integrar o mais depressa possível a língua. É de salientar que a hipótese F – Os alunos de origem estrangeira têm dificuldades na integração escolar – foi confirmada pelas respostas dos alunos e professores. No discurso dos professores entrevistados ficou bem patente que esta questão só inicialmente se coloca, ou seja, quando os alunos chegam à escola e além do mais tem também a ver com a cultura de cada um dos alunos. Convém salientar que a hipótese B – Os professores implementam uma pedagogia intercultural na sala de aula, foi confirmada através dos dados recolhidos nas entrevistas. Estes dados revelam que os professores tentam valorizar e promover as diferentes línguas maternas dos seus alunos e também as diferentes culturas através de diversas actividades. No entanto, é curioso constatar que os alunos quando inquiridos se têm melhorado na escrita e leitura em português porque a sua língua materna é valorizada na sala de aula, de um universo de 93,4% somente 29,9% referem que sim.

De um modo geral, a legislação em vigor aponta no sentido de que a interculturalidade deve ser uma prática constante nas escolas e que os alunos de origem estrangeira devem ter o mesmo direito a aprender que os alunos portugueses. Ora, este estudo lembra-nos que ainda há um longo percurso a percorrer para que na realidade isto aconteça. Vimos que multiculturalidade nem sempre é sinónimo de interculturalidade e que a escola tem um papel importante na construção de um mundo onde o aprender a viver juntos, a convivência, a compreensão e o respeito pelas diferentes identidades culturais e linguísticas seja uma realidade. Como foi referido por um dos entrevistados (EE), uma escola pode ser multicultural, mas pode não ser intercultural, pois para tal essa escola tem de promover a interacção entre as diversas culturas que constituem o público dessa escola.

A questão central do nosso estudo, o ensino do português aos alunos estrangeiros, remete-nos para a convicção de que estes alunos apresentam dificuldades na sua aprendizagem, apesar da escola procurar ajudá-los através de aulas de apoio de língua portuguesa e demais projectos.

O ensino do português como língua segunda deve ser encarado como um desafio e a multiculturalidade deve ser vista como uma mais valia na sala de aula, tanto para os pais, como para os alunos e professores. Vimos que isto já acontece em grande parte das escolas seleccionadas para este estudo, pelo menos aparentemente, pois não nos foi possível acompanhar todo o percurso escolar dos alunos inquiridos, nem o seu dia-a-dia

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

escolar. No entanto, pudemos observar que existe sensibilidade por parte dos professores para ajudar estas crianças, mas, por vezes, surgem determinados entraves a essa tarefa.

A pouco e pouco vão surgindo novas directrizes do Ministério da Educação no sentido do acolhimento, integração e ensino da língua portuguesa como língua segunda, como é o caso do “Programa para Integração dos alunos que não têm o Português como Língua Materna”<sup>43</sup>, já mencionado neste trabalho. É claro que estas propostas de actuação são estabelecidas a nível nacional para esse público escolar específico, pois cabe a cada escola adaptar essas medidas às necessidades das suas crianças, tendo sempre presente que estas crianças têm direito a aprender a língua portuguesa, mas também têm direito a sentir que as suas línguas maternas são valorizadas.

Um aspecto fundamental que muito contribui para o entrave à mudança é o pouco interesse e falta de apoio por parte de alguns pais destas crianças. Pensamos que, inevitavelmente, a língua apresenta-se como uma barreira entre aquilo que é feito na escola e o que é feito em casa e que um maior controlo dos trabalhos efectuados na escola tem influência no rendimento escolar destes alunos. O escasso, por vezes inexistente, diálogo entre a escola e a família e vice-versa leva a que haja um desinteresse em relação ao que a escola pretende destes alunos e o que estes alunos pretendem da escola. Este desajustamento prejudica os alunos estrangeiros na integração e adaptação escolar e conseqüentemente na aprendizagem da língua portuguesa.

Vimos como o clima na sala de aula tem influência na integração e na aprendizagem, uma vez que os alunos que beneficiam de um bom clima na sala de aula, onde se sentem respeitados e onde as suas culturas e línguas de origem são valorizadas, têm mais facilidades não só na integração, como também na aprendizagem da língua portuguesa. Estamos convictos que um professor capaz de promover o intercâmbio de culturas e línguas é um professor consciente da riqueza que tem na sua sala de aula. A multiculturalidade é uma realidade, mas a interculturalidade tem de ser construída por todos os intervenientes no processo, de modo a que não exista discriminação.

---

<sup>43</sup> [http://www.dgjidc.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC\\_Orientador.pdf](http://www.dgjidc.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC_Orientador.pdf)

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

A escola deve, assim, assumir o seu papel na socialização das crianças e procurar acolher e incluir as crianças de origem estrangeira no ambiente escolar, sem que estas vejam a sua cultura e língua relegadas para segundo plano. Devem-lhes ser dadas as mesmas oportunidades de aprendizagem, o ritmo de aquisição e compreensão da língua portuguesa deve ser respeitado e deve-lhes ser facultado apoio e demais estratégias, de forma a ajudá-las na aprendizagem da língua portuguesa. Do nosso contacto com as escolas no terreno podemos afirmar que existe essa preocupação em fomentar diversos projectos dirigidos especificamente a esse público-alvo e também existe uma preocupação em articular os saberes/vivências dos alunos estrangeiros com a aprendizagem da língua portuguesa, sendo que o ritmo individual de cada um é sempre respeitado.

Durante o desenrolar deste trabalho deparámo-nos com algumas limitações que constituíram entraves a um alargamento do universo de estudo: o facto de uma das escolas previamente seleccionada ter inviabilizado a recolha de dados, alegando falta de disponibilidade por parte dos professores; e o facto de um professor com funções de apoio na língua portuguesa a alunos estrangeiros em duas escolas seleccionadas, pertencentes ao mesmo agrupamento, se ter negado a ser entrevistado, o que nos impediu de estabelecer um paralelo entre o funcionamento e avaliação destas aulas do ponto de vista do professor responsável, já que a opinião dos professores entrevistados das escolas onde esse professor dá as aulas de apoio de língua portuguesa não é muito positiva.

Apesar dos entraves acima referidos, e do carácter limitativo deste trabalho, pois somente se reporta a uma pequena amostra do universo nacional, podemos afirmar que este estudo é importante na medida em que foca um assunto muito presente na nossa sociedade – a multiculturalidade.

Este estudo é um contributo relativamente a esta nova faceta da sociedade portuguesa e da escola, onde assistimos a uma crescente pluralidade de culturas e línguas, que coexistem num mesmo espaço, e onde o que se pretende é que essa coexistência seja pacífica e que exista uma interação entre as diversas culturas e línguas, pois só assim todas poderão sair mais enriquecidas desse contacto.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Nos últimos anos temos assistido a um discurso multicultural por parte dos representantes do Ministério da Educação, certos de que, cada vez mais, o público escolar é heterogéneo, pluricultural e plurilingue.

O impacto directo das novas leis legisladas em favor da educação intercultural tem sido progressivo. Estamos perante uma realidade que orienta a vida das escolas multiculturais, no sentido de promover a abertura e o diálogo entre as diversas culturas presentes na escola. Já não se põe em causa o carácter monocultural e monolíngue de outros tempos, mas sim uma realidade multicultural cada vez mais presente e que urge que sejam tomadas em consideração as directrizes que apontam no sentido de uma verdadeira interculturalidade.

De assinalar que na maior parte das vezes a boa vontade por parte dos professores não é suficiente para ajudar estas crianças. Falta muitas vezes formação ao nível da educação intercultural. Estamos convictos de que este estudo pode ser o ponto de partida para outros estudos mais abrangentes respeitantes ao desenvolvimento de programas de formação de professores na área da interculturalidade.

Por outro lado, pensamos que este estudo também pode servir de mote para um estudo sobre a transição dos alunos de origem estrangeira do 1.º Ciclo para o 2.º Ciclo e todas as modificações que tal facto acarreta, pois são duas realidades completamente distintas uma da outra.

## Bibliografia

### a) Livros e artigos de revistas

ACIME, s.d., *Revista Imigração – Os Mitos e os Factos*, Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Bodgan, Robert e Bilken, Sari, 1994, *A Investigação Qualitativa em Educação*, Porto: Porto Editora.

Caldeira, Elsa e al., 2004, *Aprender com a Diversidade – Um Guia para o Desenvolvimento da Escola*, Lisboa: ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Cardoso, Carlos, 1996, *Educação Multicultural – Percursos para Práticas Reflexivas*, Lisboa: Texto Editora.

Carreira, Teresa, 1991, *Les Enfants de Migrant et leur Milieu: Doublé Culture et Identité*, Doctorat en Sciences de L'Éducation (Nouveau Régime), Paris: Université de Paris VIII.

Carreira, Teresa e Tomé, Alice, 1994, *Portugais et Luso-Français*, Tomo I: *Double Culture et Identité*; Tomo II: *Enseignement e Langue d'Origine*, coll. Recherches Universitaires et Migrations, Paris: CIEMI / L'Harmattan.

Carreira, Teresa, 1996, «Identidade e Pertença: do individual ao colectivo», pp. 323-333, in *Anais Universitários*, n.º 7, Série Ciências Sociais e Humanas, Covilhã: Universidade da Beira Interior.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- Carreira, Teresa, 1998, «Professor actor ou as duas faces de Jano», pp. 9-28, in *Anais Universitários*, n.º 9, Série Ciências Sociais e Humanas, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Carreira, Teresa, 2001, «Ciências da Educação: Estudo de Situações e Factos. A Multiculturalidade Social e Escolar numa perspectiva de Educação Comparada», pp. 31-48, in *Anais Universitários*, n.º Especial – Aniversário, 1990 – 2000, Série Ciências Sociais e Humanas, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Carreira, Teresa e Bastos, Ana Paula, 2003, «Socialização, Assertividade e Competências. Saberes Plurais, para um Melhor Modelo do Professor», pp. 45-64, in *Anais Universitários*, n.º 11 e 12, Série Ciências Sociais e Humanas, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Carreira, Teresa e Tomé, Alice, 2003, «Se former au travail avec les populations migrantes: un impératif pour les travailleurs sociaux portugais», pp. 391-405, in Vilbrod, Alain, *L'Identité Incertaine Des Travailleurs Sociaux*, coll. Le Travail du Social, Paris: L'Harmattan.
- Carreira, Teresa e Tomé, Alice, 2006, *Champs Sociologiques e Educatifs. Enjeux Au-delà Des Frontières*, Paris: L'Harmattan.
- César, Margarida, 2003, «8. A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos e para todos», pp. 117-149, in Rodrigues, David, *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*, col. Educação Especial: 14, Porto: Porto Editora.
- Cochito, Maria Isabel Geraldês Santos, 2004, *Cooperação e Aprendizagem: Educação Intercultural*, Cadernos de Formação 3, Lisboa: ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- Correia, José Alberto, 2003, «3. A construção político-cognitiva da exclusão social no campo educativo», pp. 37-55, in Rodrigues, David, *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*, col. Educação Especial: 14, Porto : Porto Editora.
- Cortesão, Luiza, 2001, «3. Acerca da ambiguidade das práticas multiculturais. Necessidade de vigilância crítica hoje e amanhã», pp. 49-58, in Rodrigues, David, *Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*, col. Educação Especial: 7, Porto : Porto Editora.
- Cortesão, Luiza, 2003, «4. Cruzando conceitos», pp. 55-72, in Rodrigues, David, *Perspectivas sobre a Inclusão. Da Educação à Sociedade*, col. Educação Especial: 14, Porto : Porto Editora
- Delors, Jacques et al., 1996, *Educação – Um tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, trad. José Carlos Eufrázio, col. Perspectivas Actuais, Porto: Edições ASA [1996, *Learning : The treasure within*, UNESCO].
- D'Oliveira, Teresa, 2005, *Teses e Dissertações – Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*, 2.ª edição, Lisboa: Editora RH, Lda.
- Fernandes, João Viegas, 2001, « V. Equidade Sócio-Cultural : Multi – Inter – Transculturalismo Emancipatório», pp. 97 – 112, *Saberes, Competências, Valores e Afectos : Necessários ao Bom Desempenho Profissional do/a Professor/a*, col. Aula Prática, Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Gâmboia, Rosário, 1997, «A Pedagogia Intercultural como Estratégia de Comunicação», in Santos, Milice Ribeiro dos e Carvalho, Angela, *Interação Cultural e Aprendizagem: Correspondência escolar e Classes de Descoberta*, col. Textos de Educação, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- Gouveia, Adelina e Solla, Luísa, 2004, *Português Língua do País de Acolhimento: Educação Intercultural*, Cadernos de Formação 4, Lisboa: ACIME – Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Guerra, Isabel Carvalho, 1997, «II. Família, Comunidade e Educação – Interculturalidade : Uma forma de comunicação paradoxal ?», pp.167 – 180, in Cunha, Pedro d'Orey da, *Educação em Debate*, Lisboa: Departamento de Ciências Psicopedagógicas – Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.
- Hannoun, Hubert, 1998, «Pluriculturalité et Intégration Enactée», pp. 31-61, in Carreira, Teresa e Tomé, Alice (eds.), *Éducation au Portugal et en France – Situation et perspectives*, coll. Le travail du social, Paris: L'Harmattan.
- Hébert, Michelle Lessard, 1996, *Pesquisa em Educação*, trad. Monique Rutler, col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa : Instituto Piaget [s.d., *Recherche – Action en Milieu Éducatif*, s.l.: Éditions Agence d'ARC].
- Leite, Carlinda Maria Faustino, 2002, *O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo Português*, col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Miranda, Filipa Bizarro, 2004, *Educação Intercultural e Formação de Professores*, col. Mundo de Saberes: 35, Porto: Porto Editora.
- Navarro, Fernanda, 1998, «Escola de Massas : Uma escola multicultural? Contributos para a Educação e Promoção do aluno cigano», pp. 119-125, in Sousa, Carolina et al., *I Colóquio Nacional: A Ciência Psicológica nos Sistemas de Formação*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pedro, Ana Paula, 2002, «Cap.VI: Perspectivas e tendências da Educação em Portugal – A promoção da cidadania e de uma ética da participação numa sociedade

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

plural», pp. 193 – 210, *Percursos de uma Educação em Valores em Portugal. Influências e Estratégias*, col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pereira, Anabela, 2004, *Educação Multicultural: Teorias e Práticas*, n.º 42, col. Cadernos do CRIAP, Porto: Edições ASA.

Pereira, Dulce, 2001, «Línguas que gostavam de falar», pp. 27-29, in *Noesis*, n.º 57, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Janeiro – Março.

Perotti, António, 1997, *Apologia do Intercultural*, trad. Maria Helena Oliveira, Lisboa: Ministério da Educação/Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural [s.d., *Plaidoyer pour L'interculturel*, s.l.]

Pinto, Conceição Alves, 1995, «Cap. IV: Socialização: Processo de Interação Social», pp. 113 – 143, *Sociologia da Escola*, Lisboa: McGraw – Hill.

Pinto, Paulo Feytor, 1998, *Formação para a Diversidade Linguística na Aula de Português*, n.º 8, col. Práticas Pedagógicas, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van, 2003, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, 3.ª edição, col. Trajectos, Lisboa: Gradiva [1995, *Manuel de Recherche en Sciences Sociales*, Paris: Dunod].

Sacco, Marcello (coord.), 2005, «Portugal. Economia e sociedade», pp. 111 – 125, *Geografia Universal – Grande Atlas do Século XXI*, vol.I – Europa Ocidental, trad. Eliane Lourinho, José Espadeiro Martins, José Luís Costa, Marisa Cerqueira, Rui Gonçalves e Silvia Steiner, Lisboa: Planeta de Agostin.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Seabra, Teresa, 1999, *Educação nas Famílias: Etnicidade e Classes Sociais*, col. Temas de Investigação: 9, Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Inovação Educacional.

Seixas, Maria José Metello, 2000, *Le portugais en classe d'accueil: portrait de l'élève bilingüe en jeune scripteur*, col. Temas de Investigação: 13, Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Inovação Educacional..

Sim-Sim, Inês; Duarte, Inês e Ferraz, Maria José, 1997, *A Língua Materna na Educação Básica: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, col. Reflexão Participada, Lisboa: Departamento do Ensino Básico.

Stoer, Stephen e Magalhães, António, 2001, «2. A incomensurabilidade da diferença e o anti-antietnocentrismo», pp. 35-49, in Rodrigues, David, *Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*, col. Educação Especial: 7, Porto: Porto Editora.

Tomé, Alice, 2000, «Emigração, Educação e Lusitaniedade», pp. 181-195, in Carreira, Teresa, *Educação Indivíduo Sociedade*, n.º 1, Revista da Área Departamentais de Ciências da Educação e Psicologia, Universidade do Algarve, Faro: Editorial Minerva.

Tomé, Alice; Carreira, Teresa e Carreira, Francisco, 2000, *Mitos Arte Educação. Monumentos ao Emigrante em Portugal*, Lisboa: Edições 70.

Tomé, Alice, 2001, *Sociologia da Educação: Escola et Mores* (Prefácio de Teresa Carreira), Lisboa: Editorial Minerva.

Tomé, Alice e Carreira, Teresa, 2005, *Ensino Formação, Profissão Arte*, col. Educação e Ciências da Educação, Lisboa, Editorial Minerva.

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Wyman, Sarah La Brec, 2000, *Como Responder à Diversidade Cultural dos Alunos*, n.º 14, trad. Vítor Oliveira, col. Cadernos do CRIAP, Porto: Edições ASA [1993, *How to respond to your culturally diverse student population*, USA: ASCD].

### **b) Artigos Consultados na Internet**

Dionízio, Sandra et al., 2005, «Português Língua Não Materna – Análise do Inquérito no âmbito do Conhecimento da Situação Escolar dos Alunos cuja Língua Materna não é o Português», através de <http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/relatorioFinal.pdf>

Fontes, Carlos, s.d., «A importância do domínio da língua», através de <http://imigrantes.no.sapo.pt/IndexCursos01.html>

ILTEC, 2005, «CD Diversidade Linguística 2005», através de <http://www.iltec.pt/divling/index.html>

Nicolau, Lurdes Fernandes, 2004, «Considerações acerca da interculturalidade nas escolas», através de [http://www.educare.pt/PrintPreview.asp?Fich=20040308\\_367&Autor=](http://www.educare.pt/PrintPreview.asp?Fich=20040308_367&Autor=)

Perdigão, Manuela et al., 2005, «Português Língua não Materna no Currículo Nacional – Documento Orientador – Programa para integração dos alunos que não têm o português como língua materna», através de [http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC\\_orientador.pdf](http://www.dgidec.min-edu.pt/plnmaterna/DN7/PLNMDOC_orientador.pdf)

«Comemoração do Dia Europeu das Línguas em Contexto Multicultural», através de <http://www.min-edu.pt/novid/aiasap2004.html>

«Caracterização Nacional dos alunos com Língua Portuguesa como Língua não Materna», através de [http://www.deb.min-edu.pt/fichdown/caracterizacao\\_2002/p.2.pdf](http://www.deb.min-edu.pt/fichdown/caracterizacao_2002/p.2.pdf)

<http://www.sef.pt>

<http://portal.iefp.pt>

### **c) Legislação referenciada**

- Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 26 de Agosto de 1789.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de Dezembro de 1948.
- Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro: Estabelece o quadro geral do sistema educativo português.
- Decreto – Lei n.º 319/91, de 23 de Agosto: Regula a integração dos alunos com necessidades educativas especiais e dificuldades de aprendizagem no sistema educativo português.
- Despacho n.º 170/ME/93, de 6 de Agosto: Cria o Projecto de Educação Intercultural em escolas do Ensino Básico para minorias com elevado insucesso escolar.
- Despacho n.º 147 – B/ME/96, de 8 de Julho: Define o enquadramento legal da Constituição dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária. É de referir que no final do mês de Setembro de 2006, a Ministra da Educação anunciou o relançamento do Programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária em 36 escolas problemáticas das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto (escolas com elevadas taxas de abandono e insucesso escolar).
- Decreto – Lei n.º 219/97, de 20 de Agosto: Regula a equivalência e reconhecimento de habilitações estrangeiras de nível não superior.
- Decreto – Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro: Estabelece os princípios orientadores da organização, da gestão curricular do ensino básico e da avaliação das aprendizagens.
- Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro de 2005: Estabelece os princípios e os procedimentos a ter em conta na avaliação das aprendizagens e das competências aos alunos dos três ciclos do Ensino Básico.

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA  
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

**ANEXOS**

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Círculo do Algarve.

## **ANEXO I**

**Requerimento dirigido ao Senhor  
Director Regional de Educação do  
Algarve**

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

Exmo. Sr. Director Regional  
da Educação do Algarve

Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco, casada, 24 anos de idade, natural da freguesia e concelho de Monchique e residente na rua Estrada Velha, n.º 26, da mesma localidade, professora do 1.º Ciclo do Ensino do Ensino Básico na Escola E.B. 1 N.º 2 de Monchique e a frequentar o 2.º ano do Mestrado em Comunicação Educacional, da responsabilidade da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, em colaboração com a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve, na sequência deste facto irei desenvolver um projecto de Investigação intitulado “*A Escola perante a Diversidade Cultural e Linguística. O ensino do Português a alunos estrangeiros em escolas do 1.º Ciclo do Algarve*”.

Para levar por diante este projecto, é indispensável ter acesso aos dados relativos ao ano lectivo que decorre (O4/05) sobre as escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve com alunos estrangeiros, ou seja, cuja língua materna não é o Português. Estes dados são de extrema importância para o meu estudo pois será nessas escolas, após autorização prévia, que irei recolher os dados para assim dar continuação ao meu estudo.

Face ao exposto, venho requerer a V. Exc.<sup>a</sup> os dados acima mencionados.

Pede deferimento

Monchique, 17 de Março de 2005

---

(Patrícia Francisco)

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## **ANEXO II**

**Ofício da Direcção Regional de**

**Educação do Algarve**

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA  
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

Direcção Regional de Educação do Algarve



Ministério da  
Educação

Ex<sup>ma</sup> Senhora  
Patrícia Alexandra Maio M.  
Francisco  
Rua Estrada Velha, n.º 26  
8550-272 MONCHIQUE

S/ Referência	S/Comunicação de:	Ent_DRE	N/Referência	Data
	17-03-2005	37349	Of.º N.º DSTP/DTP 00470	12 ABR. 2005

**ASSUNTO: Alunos de outras nacionalidade 2004/2005**

Junto se enviam a V.ª Ex. os dados solicitados.

Com os melhores cumprimentos.

A DIRECTORA DE SERVIÇOS

(M.ª Laureta Basto)

AM\







A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

### **ANEXO III**

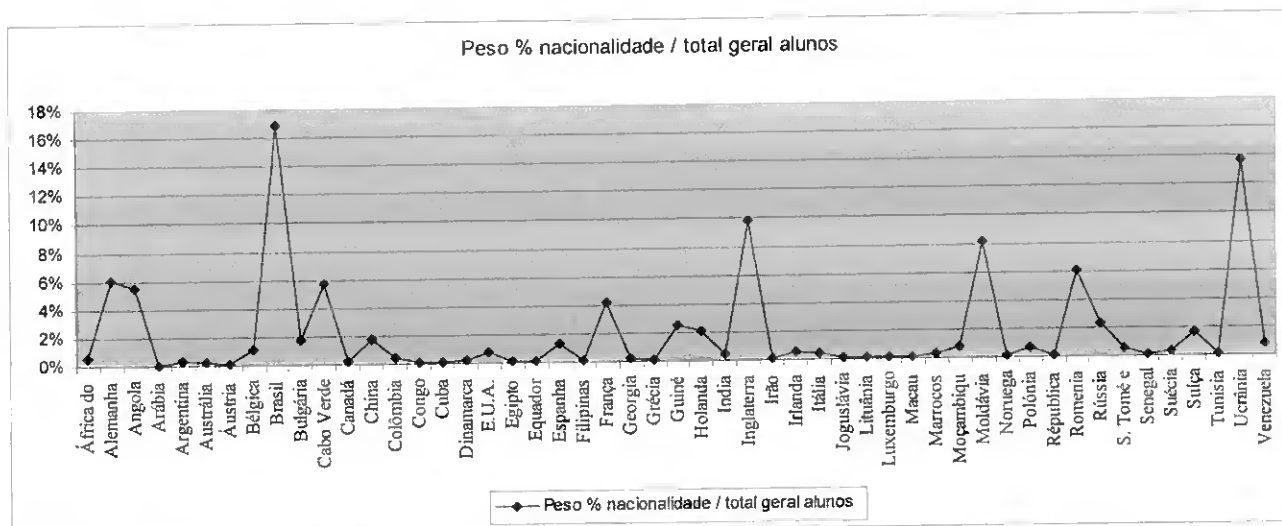
**Tratamento estatístico dos dados  
disponibilizados pela Direcção Regional  
de Educação do Algarve**



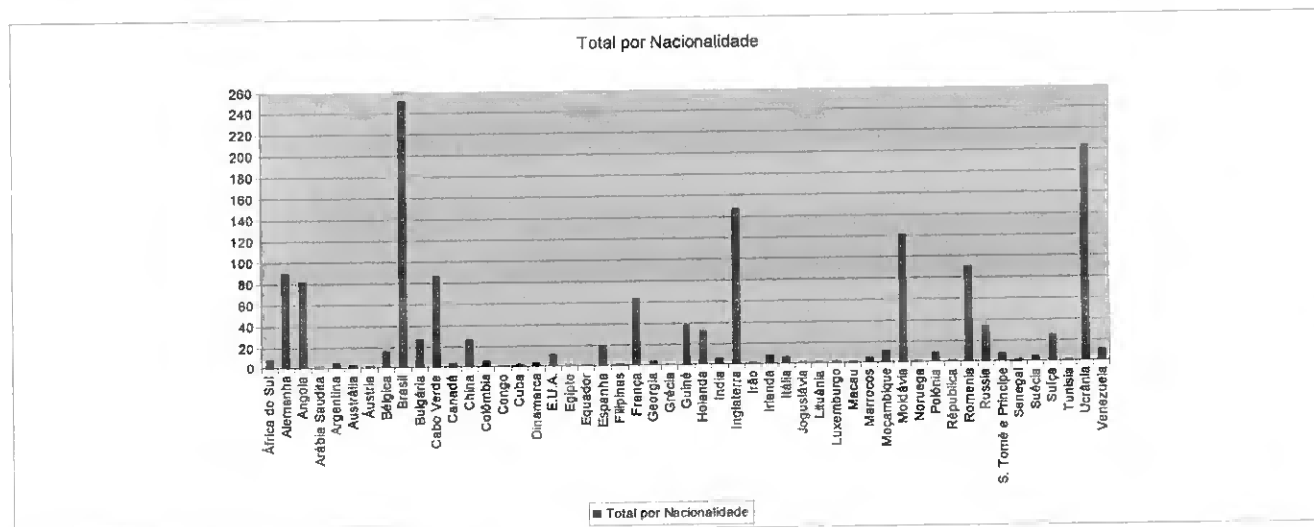
# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.



Fonte: DREALG (ano lectivo 2004/2005)



Fonte: DREALG (ano lectivo 2004/2005)

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## **ANEXO IV**

**Tratamento estatístico dos dados  
referentes às escolas seleccionadas  
para a amostra**

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

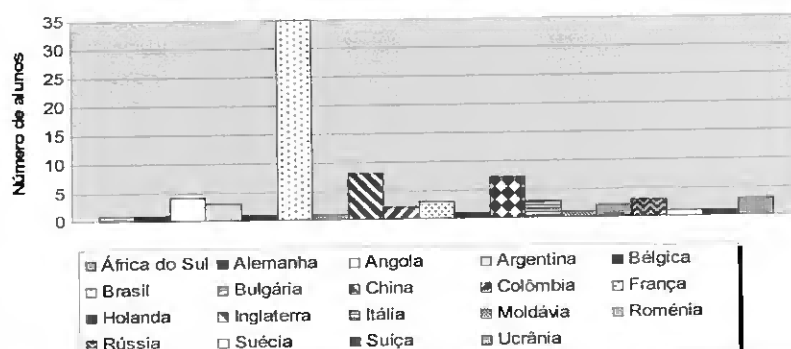
1.º Ciclo do Algarve.

## Escola A (Fonte: DREALG)

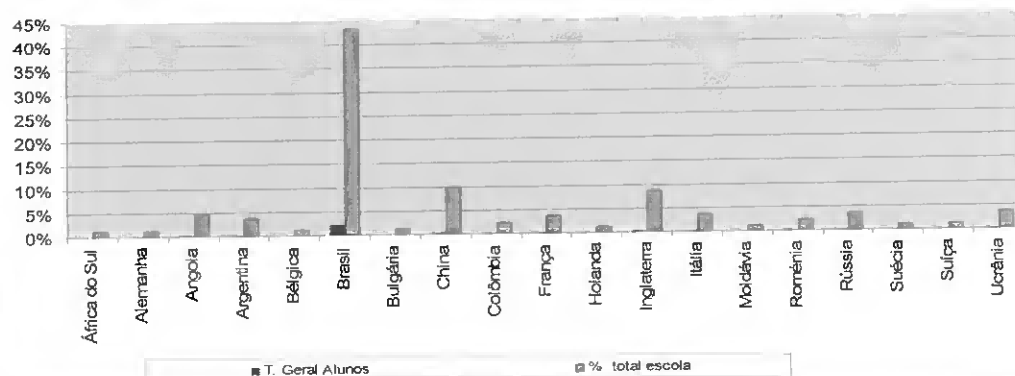
Países de Origem	Qtd.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total escola
África do Sul	1	0,06%	0,07%	1,23%
Alemanha	1	0,06%	0,07%	1,23%
Angola	4	0,25%	0,27%	4,94%
Argentina	3	0,19%	0,20%	3,70%
Bélgica	1	0,06%	0,07%	1,23%
Brasil	35	2,18%	2,35%	43,21%
Bulgária	1	0,06%	0,07%	1,23%
China	8	0,50%	0,54%	9,88%
Colômbia	2	0,12%	0,13%	2,47%
França	3	0,19%	0,20%	3,70%
Holanda	1	0,06%	0,07%	1,23%
Inglaterra	7	0,44%	0,47%	8,64%
Itália	3	0,19%	0,20%	3,70%
Moldávia	1	0,06%	0,07%	1,23%
Roménia	2	0,12%	0,13%	2,47%
Rússia	3	0,19%	0,20%	3,70%
Suécia	1	0,06%	0,07%	1,23%
Suíça	1	0,06%	0,07%	1,23%
Ucrânia	3	0,19%	0,20%	3,70%
<b>Total por Escola</b>	<b>81</b>	<b>5,05%</b>	<b>5,44%</b>	<b>100,00%</b>

Peso % da escola / total geral escolas	5,05%
Peso % da escola / total geral alunos	5,44%
Total Geral por Escola	1603
Total Geral por Alunos	1488

Número de alunos estrangeiros (por países de origem) na Escola A



Valor Percentual por países de origem



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

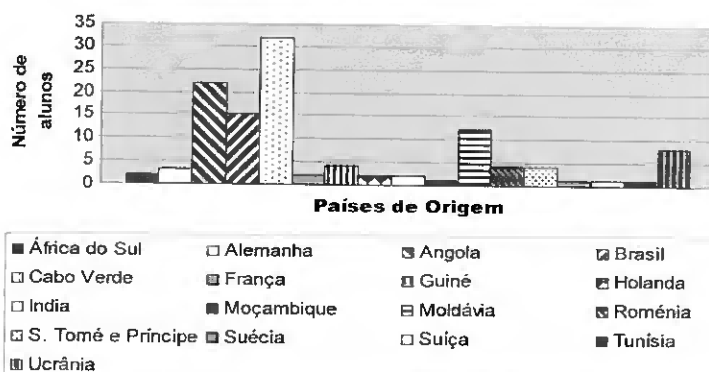
1.º Ciclo do Algarve.

## Escola B (Fonte: DREALG)

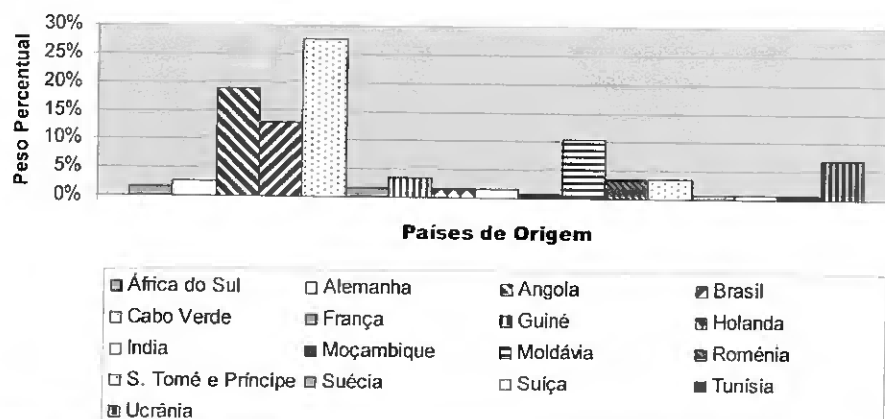
Países de Origem	Qtd.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total escola
África do Sul	2	0,12%	0,13%	1,72%
Alemanha	3	0,19%	0,20%	2,59%
Angola	22	1,37%	1,48%	18,97%
Brasil	15	0,94%	1,01%	12,93%
Cabo Verde	32	2,00%	2,15%	27,59%
França	2	0,12%	0,13%	1,72%
Guiné	4	0,25%	0,27%	3,45%
Holanda	2	0,12%	0,13%	1,72%
Índia	2	0,12%	0,13%	1,72%
Moçambique	1	0,06%	0,07%	0,86%
Moldávia	12	0,75%	0,81%	10,34%
Roménia	4	0,25%	0,27%	3,45%
S. Tomé e Príncipe	4	0,25%	0,27%	3,45%
Suécia	1	0,06%	0,07%	0,86%
Suíça	1	0,06%	0,07%	0,86%
Tunísia	1	0,06%	0,07%	0,86%
Ucrânia	8	0,50% <td>0,54%</td> <td>6,90%</td>	0,54%	6,90%
<b>Total por Escola</b>	<b>116</b>	<b>7,24%</b>	<b>7,80%</b>	<b>100,00%</b>

Peso % da escola / total geral escolas	7,24%
Peso % da escola / total geral alunos	7,80%
<b>Total Geral por Escola</b>	<b>1603</b>
<b>Total Geral por Alunos</b>	<b>1488</b>

**Número de alunos estrangeiros (por países de origem) da Escola B**



**Peso Percentual por países de origem na Escola B**



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

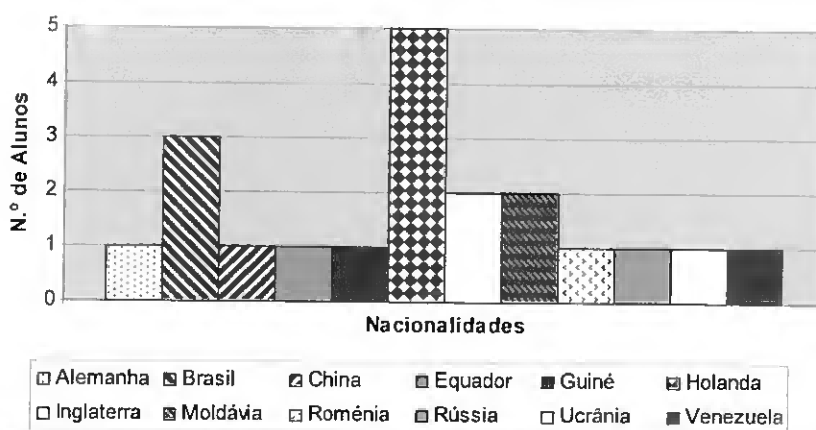
1.º Ciclo do Algarve.

## Escola C (Fonte: DREALG)

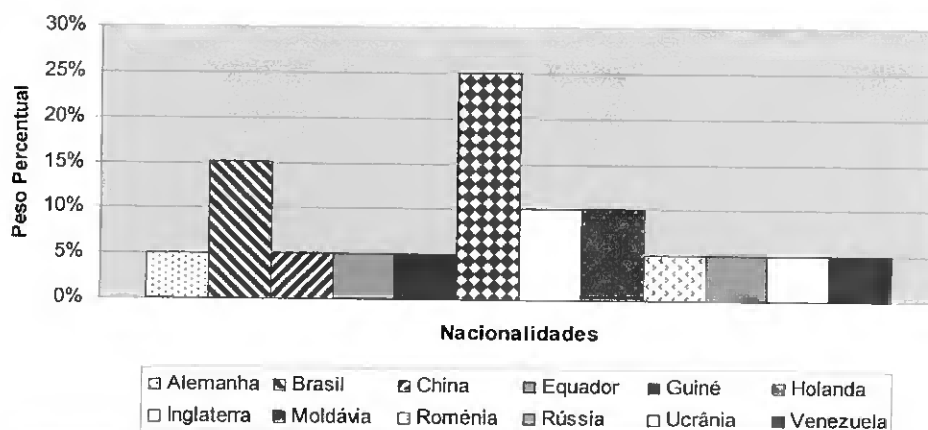
Países de Origem	Qtd.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total escola
Alemanha	1	0,06%	0,07%	5,00%
Brasil	3	0,19%	0,20%	15,00%
China	1	0,06%	0,07%	5,00%
Equador	1	0,06%	0,07%	5,00%
Guiné	1	0,06%	0,07%	5,00%
Holanda	5	0,31%	0,34%	25,00%
Inglaterra	2	0,12%	0,13%	10,00%
Moldávia	2	0,12%	0,13%	10,00%
Roménia	1	0,06%	0,07%	5,00%
Rússia	1	0,06%	0,07%	5,00%
Ucrânia	1	0,06%	0,07%	5,00%
Venezuela	1	0,06%	0,07%	5,00%
<b>Total por Escola</b>	<b>20</b>	<b>1,25%</b>	<b>1,34%</b>	<b>100,00%</b>

Peso % da escola / total geral escolas	1,25%
Peso % da escola / total geral alunos	1,34%
Total Geral por Escola	1603
Total Geral por Alunos	1488

**Número de alunos estrangeiros (por países de origem) da Escola C**



**Peso Percentual por países de origem na Escola C**



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

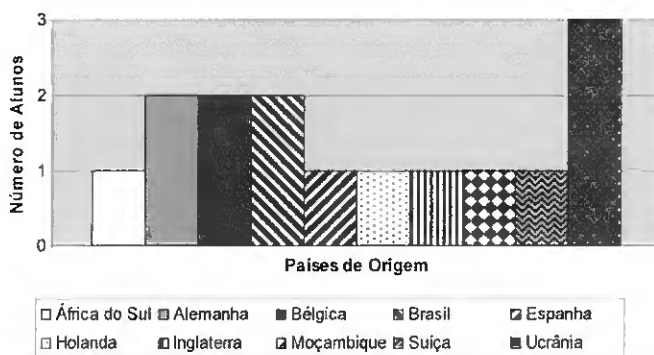
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## Agrupamento das Escolas D e E (Fonte: DREALG)

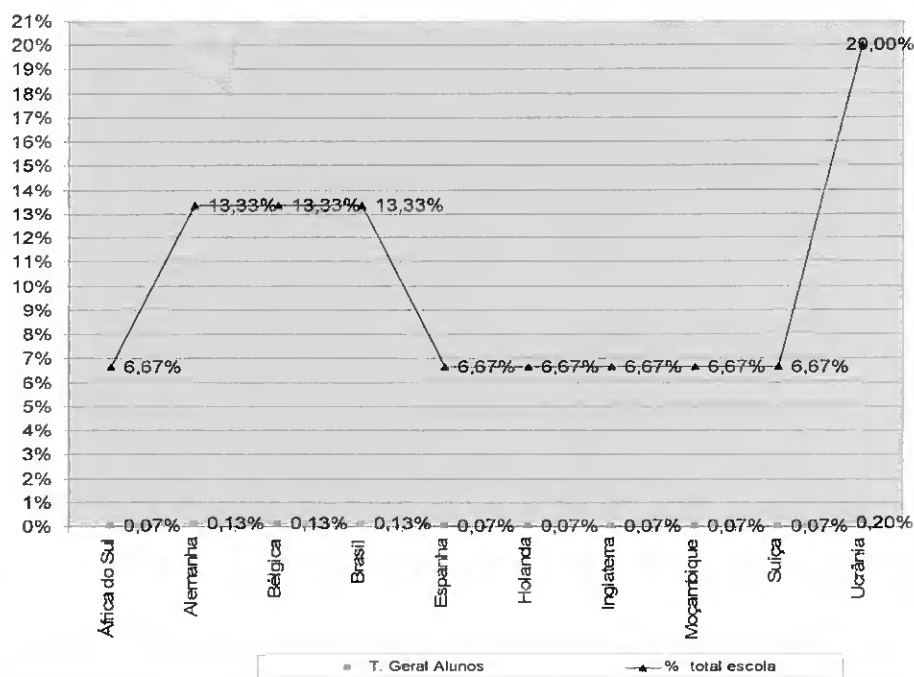
Países de Origem	Qtd.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total escola
Africa do Sul	1	0,06%	0,07%	6,67%
Alemanha	2	0,12%	0,13%	13,33%
Bélgica	2	0,12%	0,13%	13,33%
Brasil	2	0,12%	0,13%	13,33%
Espanha	1	0,06%	0,07%	6,67%
Holanda	1	0,06%	0,07%	6,67%
Inglaterra	1	0,06%	0,07%	6,67%
Moçambique	1	0,06%	0,07%	6,67%
Suíça	1	0,06%	0,07%	6,67%
Ucrânia	3	0,19%	0,20%	20,00%
<b>Total por Escola</b>	<b>15</b>	<b>0,94%</b>	<b>1,01%</b>	<b>100,00%</b>

Número de alunos estrangeiros (por países de origem) no Agrupamento das Escolas D e E



Peso % da escola / total geral escolas	0,94%
Peso % da escola / total geral alunos	1,01%
Total Geral por Escola	1603
Total Geral por Alunos	1488

Valor Percentual por países de origem



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

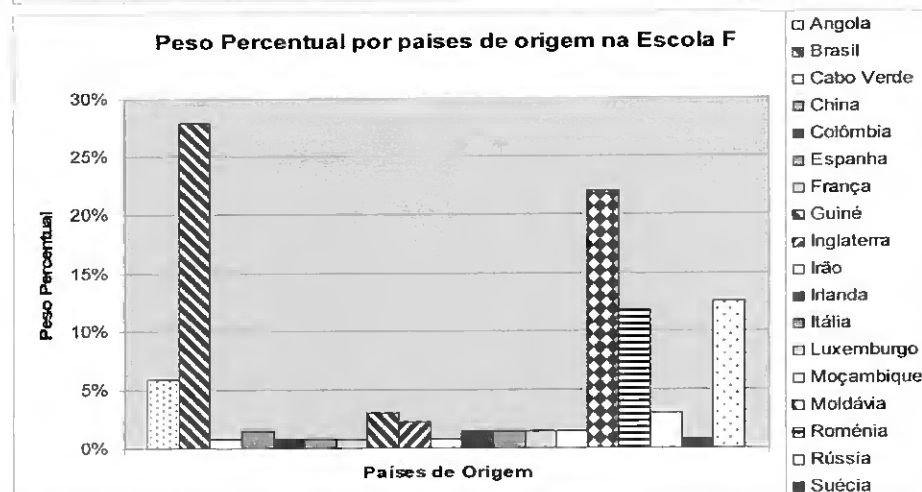
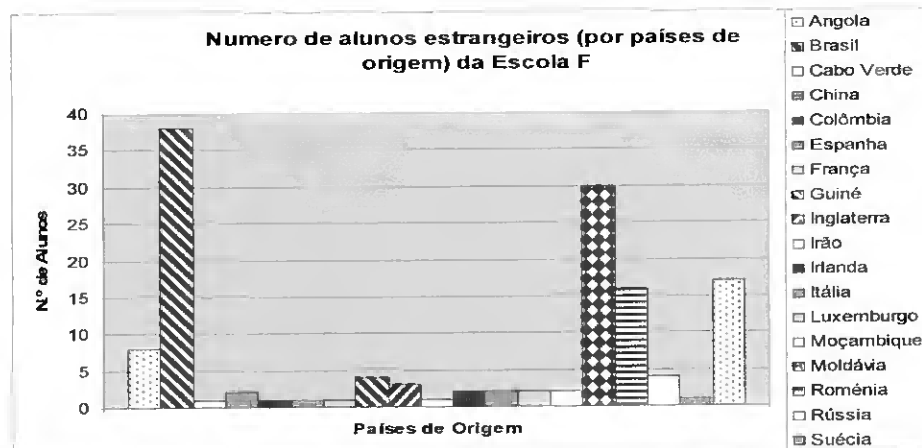
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## Escola F (Fonte: DREALG)

Países de Origem	Qtd.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total escola
Angola	8	0,50%	0,54%	5,88%
Brasil	38	2,37%	2,55%	27,94%
Cabo Verde	1	0,06%	0,07%	0,74%
China	2	0,12%	0,13%	1,47%
Colômbia	1	0,06%	0,07%	0,74%
Espanha	1	0,06%	0,07%	0,74%
França	1	0,06%	0,07%	0,74%
Guiné	4	0,25%	0,27%	2,94%
Inglaterra	3	0,19%	0,20%	2,21%
Irão	1	0,06%	0,07%	0,74%
Irlanda	2	0,12%	0,13%	1,47%
Itália	2	0,12%	0,13%	1,47%
Luxemburgo	2	0,12%	0,13%	1,47%
Moçambique	2	0,12%	0,13%	1,47%
Moldávia	30	1,87%	2,02%	22,06%
Roménia	16	1,00%	1,08%	11,76%
Rússia	4	0,25%	0,27%	2,94%
Suécia	1	0,06%	0,07%	0,74%
Ucrânia	17	1,06%	1,14%	12,50%
<b>Total por Escola</b>	<b>136</b>	<b>8,48%</b>	<b>9,14%</b>	<b>100,00%</b>

Peso % da escola / total geral escolas	8,48%
Peso % da escola / total geral alunos	9,14%
<b>Total Geral por Escola</b>	<b>1603</b>
<b>Total Geral por Alunos</b>	<b>1488</b>



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

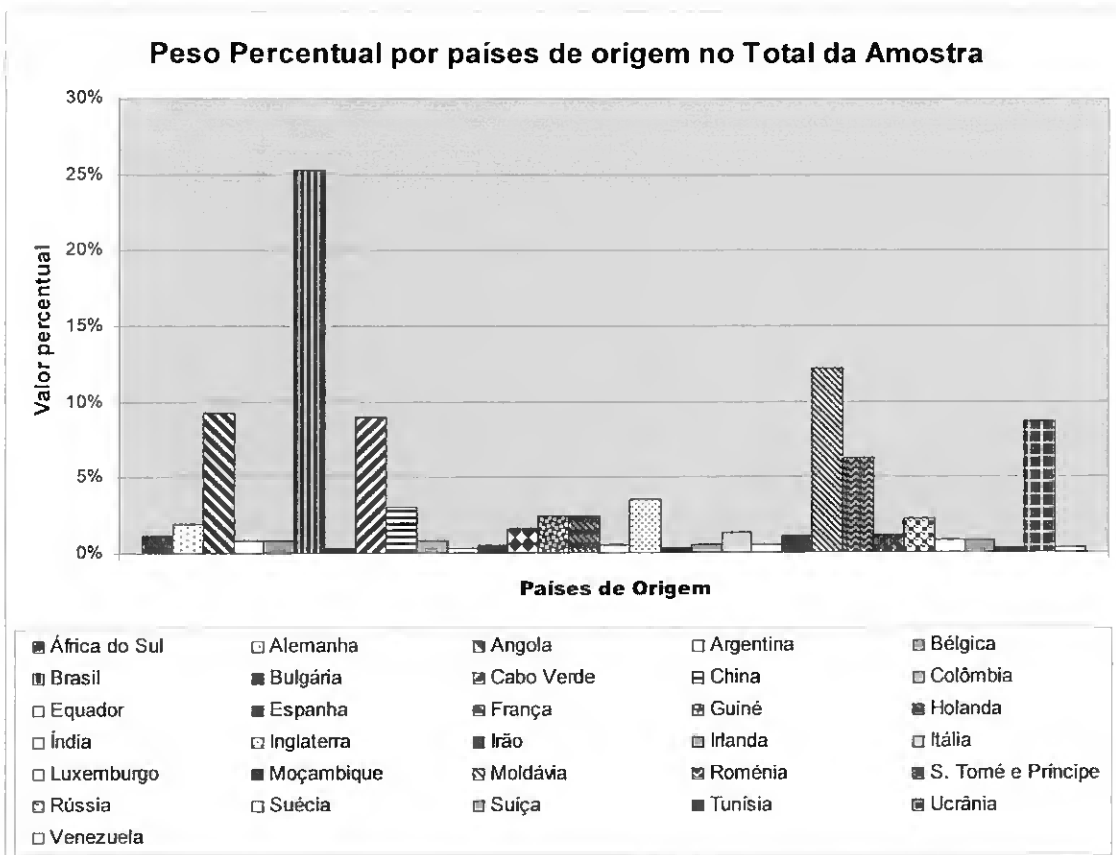
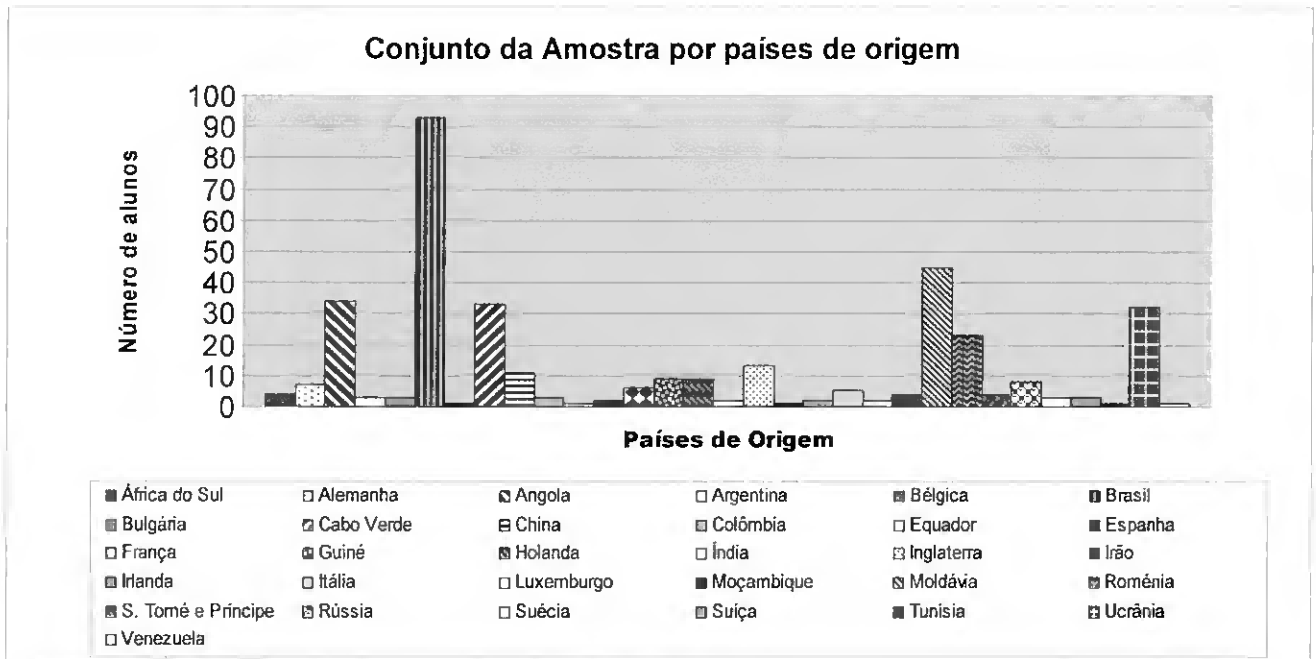
1.º Ciclo do Algarve.

## Conjunto da Amostra (Fonte: DREALG)

Países de Origem	Escola A	Escola B	Escola C	Agrup. Escolas D e E	Escola F	Tot. Nac.	T. Geral Escola	T. Geral Alunos	% total amostra
	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.	Qtd.				
África do Sul	1	2		1		4	0,25%	0,27%	1,09%
Alemanha	1	3	1	2		7	0,44%	0,47%	1,90%
Angola	4	22			8	34	2,12%	2,28%	9,24%
Argentina	3					3	0,19%	0,20%	0,82%
Bélgica	1			2		3	0,19%	0,20%	0,82%
Brasil	35	15	3	2	38	93	5,80%	6,25%	25,27%
Bulgária	1					1	0,06%	0,07%	0,27%
Cabo Verde		32			1	33	2,06%	2,22%	8,97%
China	8		1		2	11	0,69%	0,74%	2,99%
Colômbia	2				1	3	0,19%	0,20%	0,82%
Equador			1			1	0,06%	0,07%	0,27%
Espanha				1	1	2	0,12%	0,13%	0,54%
França	3	2			1	6	0,37%	0,40%	1,63%
Guiné		4	1		4	9	0,56%	0,60%	2,45%
Holanda	1	2	5	1		9	0,56%	0,60%	2,45%
Índia		2				2	0,12%	0,13%	0,54%
Inglaterra	7		2	1	3	13	0,81%	0,87%	3,53%
Irão					1	1	0,06%	0,07%	0,27%
Irlanda					2	2	0,12%	0,13%	0,54%
Itália	3				2	5	0,31%	0,34%	1,36%
Luxemburgo					2	2	0,12%	0,13%	0,54%
Moçambique		1		1	2	4	0,25%	0,27%	1,09%
Moldávia	1	12	2		30	45	2,81%	3,02%	12,23%
Roménia	2	4	1		16	23	1,43%	1,55%	6,25%
S. Tomé e Príncipe		4				4	0,25%	0,27%	1,09%
Rússia	3		1		4	8	0,50%	0,54%	2,17%
Suécia	1	1			1	3	0,19%	0,20%	0,82%
Suíça	1	1		1		3	0,19%	0,20%	0,82%
Tunísia		1				1	0,06%	0,07%	0,27%
Ucrânia	3	8	1	3	17	32	2,00%	2,15%	8,70%
Venezuela			1			1	0,06%	0,07%	0,27%
<b>Total por Escola</b>	<b>81</b>	<b>116</b>	<b>20</b>	<b>15</b>	<b>136</b>		<b>22,96%</b>	<b>24,73%</b>	<b>100,00%</b>
Total da amostra por escolas			368						
Total da amostra por alunos			368						
Peso % da amostra / total geral escolas			22,96%						

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do 1.º Ciclo do Algarve.



A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## **ANEXO V**

**Ofício dirigido aos Presidentes dos  
Conselhos Executivos das escolas  
seleccionadas para a amostra**

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Patrícia Alexandra Maio Marreiros Francisco

Exmo. Sr. ou Sr.ª  
Presidente do Conselho Executivo do  
Agrupamento ...

Monchique  
Data: 28 de Abril de 2005

**Assunto: Pedido de autorização para a realização de inquéritos por questionário aos alunos estrangeiros (cuja língua materna não é o Português) e de inquéritos por entrevista aos professores do 1.º Ciclo desses alunos.**

Sou professora do 1.º Ciclo do Ensino do Ensino Básico na Escola E.B. 1 N.º 2 de Monchique e frequento o 2.º ano do Mestrado em Comunicação Educacional, da responsabilidade da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, em colaboração com a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve. Na sequência deste facto irei desenvolver um Projecto de Investigação intitulado “*A Escola perante a Diversidade Cultural e Linguística. O ensino do Português a alunos estrangeiros em escolas do 1.º Ciclo do Algarve*”, orientado pela Doutora Teresa Pires Carreira.

Após solicitação à Direcção Regional de Educação do Algarve dos dados relativos ao ano lectivo que decorre (O4/05) sobre as escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Algarve com alunos estrangeiros, ou seja, cuja língua materna não é o Português, tomei conhecimento de que a vossa escola tem muitos alunos de outras nacionalidades. Como tal, tendo em conta o objectivo da minha investigação – conhecer a realidade através do levantamento de situações no que concerne ao ensino/aprendizagem do português por parte de alunos estrangeiros portadores de culturas e línguas próprias, tendo em conta a promoção da igualdade de acesso e sucesso educativo a todos os alunos –, também que a amostra deve representar um conjunto diversificado de características quanto à sua origem cultural e linguística e ainda que é fundamental para a minha investigação que a recolha de dados seja feita no final deste ano lectivo, uma vez que, entre muitos outros aspectos, pretendo inquirir os professores sobre a utilização e avaliação de estratégias específicas para o ensino do

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

português aos alunos estrangeiros, solicito a vossa autorização para realizar a recolha de dados o mais breve possível.

É ainda de referir que o inquérito por entrevista aos professores será realizado somente àqueles professores que têm alunos estrangeiros. Essas entrevistas serão feitas por mim a cada um dos professores, seguindo um guião previamente elaborado com questões cruciais para o meu estudo, em dias a combinar consoante a disponibilidade dos professores, podendo até ser realizada depois das aulas terminarem (final de Junho, princípio de Julho). Por outro lado, os questionários aos alunos estrangeiros serão realizados também por mim, uma vez que no final deste ano lectivo não quero sobrecarregar ainda mais os professores, em dias e horas a combinar com os respectivos professores.

Resta-me salientar que a recolha destes dados é de extrema importância para o meu estudo, pois sabendo que a cultura e língua dominante nas nossas escolas é a maioritária, isto é o português, é importante reflectir sobre as acções desenvolvidas e os apoios prestados aos alunos pertencentes a outras origens culturais e linguísticas.

Grata pela vossa colaboração, apresento os meus melhores cumprimentos,

A professora

---

(Patrícia Francisco)

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA  
O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

**ANEXO VI**  
**Questionário aos alunos**

## Questionário aos alunos

### 1. Identificação

1.1. A tua idade: \_\_\_\_ anos. Nascestes em 19 \_\_\_\_

1.2. Onde nasceste? \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

1.3. Quantos irmãos tens? \_\_\_\_\_ E irmãs? \_\_\_\_\_

1.3.1. A idade de cada um: \_\_\_\_\_

1.3.2. Onde é que eles nasceram? \_\_\_\_\_

1.4. Há quanto tempo vives em Portugal? \_\_\_\_\_

1.5. Onde vivias antes de vires para Portugal? \_\_\_\_\_

1.6. Onde é que nasceram os teus pais? Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

1.7. Já viveste lá? Sim  Não

1.7.1. Se sim, durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

1.8. Sabes porque é que os teus pais resolveram vir para Portugal? Sim  Não

1.8.1. Se sim, quais foram as razões? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1.9. Profissão dos pais:

Mãe \_\_\_\_\_

Pai \_\_\_\_\_

### 2. A tua casa no teu país de origem.

2.1. Os teus pais têm uma casa no país de origem? Sim  Não

2.2. Tens familiares no teu país de origem? Sim  Não

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

2.2.1. Se sim, que familiares tens lá? \_\_\_\_\_

**3. As férias.**

3.1. Costumas passar férias no teu país de origem? Sim  Não

3.1.1. Se respondeste que sim,

- Quanto tempo passas lá? \_\_\_\_\_

3.1.2. Tens lá amigos? Sim  Não

3.1.3. Gostavas de ir viver lá? Sim  Não

3.1.4. Já visitaste outros países? Sim  Não

- Se sim, quais? \_\_\_\_\_

**4. A escola.**

4.1. Em que ano é que andas? 1.º  2.º  3.º  4.º

4.2. Já reprovaste? Sim  Não

4.2.1. Se sim, quantas vezes? \_\_\_\_\_ Em que ano? \_\_\_\_\_

4.3. Tens dificuldades em:

4.3.1. Ler em Português? Sim  Não

4.3.2. Escrever em Português? Sim  Não

4.4. Os teus pais têm dificuldades em te entender quando falas em Português?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

4.5. O teu pai sabe ler e escrever em Português?

	Sim	Não
Ler	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.6. A tua mãe sabe ler e escrever em Português?

	Sim	Não
Ler	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrever	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.7. Os teus pais interessam-se pelo que tu fazes na escola?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.8. Ajudam-te nos trabalhos de casa?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.9. Interessam-se pelas tuas notas?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4.10. Castigam-te quando tens más notas?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

4.11. Eles pretendem que tu continues os teus estudos?

	Sim	Não
Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- Se não, porquê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4.12. E tu desejas continuar os teus estudos?

Sim  Não

Se não, porquê? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### 5. O uso da língua.

5.1. Que língua falas em casa?

	Português	A tua língua de origem
- Com o teu pai?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com a tua mãe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com os teus irmãos ou irmãs?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com os teus amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5.2. Que língua falas fora de casa?

	Português	A tua língua de origem
- Com o teu pai?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com a tua mãe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Círculo do Algarve.

- |                                |                          |                          |
|--------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| - Com os teus irmãos ou irmãs? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Com os teus amigos?          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - No recreio da escola?        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

5.3. Que língua falam os teus pais um com o outro?

- |                 | Português                | A língua de origem       |
|-----------------|--------------------------|--------------------------|
| - Em casa?      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - Fora de casa? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

5.4. Em que língua,

- |                                 | Português                | A tua língua de origem   |
|---------------------------------|--------------------------|--------------------------|
| pensas?                         | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - preferes cantar?              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - fazes contas?                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - sonhas?                       | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - preferes ler?                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - preferes escrever?            | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| - preferes contar uma história? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

5.5. Tens dificuldades nas áreas de:

- |                   | Sim                      | Não                      |
|-------------------|--------------------------|--------------------------|
| Língua Portuguesa | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

Matemática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudo do Meio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expressão Plástica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expressão Musical	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expressão Físico – Motora	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Expressão Dramática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5.5.1. Das que apontaste, qual é aquela em que tens mais dificuldades?

---

5.5.2. Porque é que tens essas dificuldades?

	Sim	Não
- És pouco trabalhador.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Não percebes as explicações da professora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Tens pouco apoio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- A matéria não é interessante.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Não percebes bem o português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5.6. Quando tens dificuldades, pedes ajuda a quem?

	Sim	Não
- À professora.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- À professora de apoio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Aos teus colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

- Aos teus pais.

5.7. Achas que tens melhorado a escrita e a leitura em português?

Sim  Não

5.7.1. Se sim, indica as razões.

- O apoio prestado.
- A ajuda dos colegas.
- A boa integração na turma.
- A valorização da língua de origem.
- O empenho em ultrapassar as dificuldades.
- Uma participação activa nas actividades.

5.7.2. Se não, indica as razões.

- A falta de apoio.
- A pouca ajuda dos colegas.
- A má integração na turma.
- A desvalorização da língua de origem.
- falta de empenho em ultrapassar as dificuldades.
- Uma fraca participação nas actividades.

5.8. Gostas de vir à escola?

Sim  Não

Se não, porquê? \_\_\_\_\_

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

**6. Tempos livres.**

6.1. A que horas te levantas? \_\_\_\_\_

6.2. A que horas te deitas? \_\_\_\_\_

6.3. Costumas ir ao cinema? Sim  Não

6.4. Com quem preferes brincar?

	Sim	Não
- Sozinho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com os teus irmãos ou irmãs?.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com os teus colegas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com portugueses?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
- Com crianças do mesmo país que tu?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6.5. Tens muitos amigos de outras nacionalidades? Sim  Não

- Se sim, quais? \_\_\_\_\_

6.6. Os teus colegas costumam visitar-te? Sim  Não

6.7. Tens dificuldades em encontrar amigos para brincar? Sim  Não

- Se sim, porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

**7. Como me sinto?**

	Sim	Não
7.1. Sinto-me português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.2. Sinto-me um estrangeiro em Portugal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.3. Sinto-me mais português do que estrangeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.4. Sinto-me mais estrangeiro do que português.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## **ANEXO VII**

### **Guião da entrevista aos professores**

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## Guião da entrevista aos professores

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário para questões	Observações
<b>A</b> <b>Perfil do entrevistado</b>	- Conhecer dados pessoais e profissionais do entrevistado.	- Qual é a sua idade? - Quanto tempo é que tem de serviço? - Há quantos anos é que lecciona em escolas do Algarve? - Há quanto tempo é que lecciona nesta escola? - Que ano lecciona?	Tempo previsto: 3 m.
<b>B</b> <b>Diversidade cultural e linguística</b>	- Conhecer a diversidade cultural e linguística da escola.	- Considera esta escola multicultural? Porquê? - Quantos alunos de origem estrangeira é que frequentam esta escola? - Quais são as suas nacionalidades? - O Projecto Curricular de Escola contempla esta realidade intercultural? De que modo?	Tempo previsto: 5 m.
<b>C</b> <b>Integração dos alunos de origem estrangeira</b>	- Identificar as possíveis causas das dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira.	- Os alunos de origem estrangeira estão bem integrados no dia-a-dia da escola? A que nível? - Quais são as causas das dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira? - Na prática, o que é que é feito para ajudar na superação dessas dificuldades?	Tempo previsto: 5m.
<b>D</b> <b>Estratégias de intervenção</b>	- Solicitar informações sobre eventuais projectos realizados no âmbito do multiculturalismo.	- Que projectos, ao nível da escola, são realizados no âmbito do multiculturalismo? - A que aspectos a que esses projectos dão mais ênfase? Porquê? - A dimensão didáctica e a melhoria das condições de aprendizagem estão a ser trabalhadas ao nível desses projectos? - Tem havido uma mudança significativa das práticas escolares? - Que papéis são atribuídos aos professores nesses projectos? Sentem-se preparados para desempenhar esse papel? - Que objectivos desses projectos considera que são os mais e os menos conseguidos? - Em que consiste o Projecto do Português como 2.ª língua? - Qual é a sua avaliação desse projecto? <u>Perguntas de reforço:</u> - Se a escola não tem nenhum projecto na área da multiculturalidade, acha que seria desejável a sua existência? Porquê? - Quais seriam as linhas orientadoras desse projecto?	Tempo previsto: 10 m.

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

<p><b>E</b></p> <p><b>Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula</b></p>	<p>- Identificar as práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula.</p>	<p>- Como caracteriza a sua turma do ponto de vista multicultural?                  - Quantos alunos de origem estrangeira é que tem a sua turma?                  - Quais são as suas nacionalidades?                  - Como é trabalhada a questão da multiculturalidade na sala de aula, ao nível das práticas pedagógicas?                  - Que relação tem o trabalho que realiza na sala de aula com os projectos da escola, ao nível do multiculturalismo?                  - Como caracteriza os grupos a que dá apoio do ponto de vista multicultural?                  - Em que consistem as actividades desenvolvidas nas aulas de apoio?</p>	<p>Tempo previsto: 10 m.</p>
<p><b>F</b></p> <p><b>Ensino do português aos alunos de origem estrangeira</b></p>	<p>- Conhecer os aspectos principais do ensino do português aos alunos estrangeiros.</p>	<p>- De que modo valoriza as diferentes línguas maternas dos seus alunos estrangeiros?                  - Essa valorização vai ao encontro das expectativas dos alunos? Porquê?                  - Esses alunos têm mais dificuldades na expressão oral, compreensão oral, expressão escrita ou compreensão escrita?                  - Qual a origem dessas dificuldades?                  - Que estratégias implementa na sala de aula para fazer face a essas dificuldades?                  - Essas estratégias têm resultado? Porquê?                  - São esses alunos participativos? Se não, porquê?                  - Como é o aproveitamento desses alunos?</p>	<p>Tempo previsto: 10 m.</p>
<p><b>G</b></p> <p><b>Opinião pessoal</b></p>	<p>- Conhecer a opinião pessoal do entrevistado em relação à questão da multiculturalidade.</p>	<p>- Que preocupações considera que o sistema educativo deve ter com as minorias?                  - Como pode um currículo oficial e nacional responder às culturas das consideradas minorias étnicas e suscitar uma aprendizagem multicultural?                  - Na sua opinião, as estratégias de intervenção estabelecidas ao nível da escola e na própria turma permitem reduzir as dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira?</p>	<p>Tempo previsto: 10 m.</p>

A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do  
1.º Ciclo do Algarve.

## **ANEXO VIII**

**Grelhas de análise das entrevistas  
realizadas aos professores**

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

## Grelhas de análise das entrevistas realizadas aos professores

- Questões: - Considera esta escola multicultural? Porquê?  
 - Quantos alunos de origem estrangeira é que frequentam esta escola?  
 - Quais são as suas nacionalidades?  
 - O Projecto Curricular de Escola contempla esta realidade intercultural? De que modo?

Categories	Sub-categories	Unidades de registo
Diversidade cultural e linguística	Caracterização da escola ao nível multicultural	<p>EA: "... É multicultural desde sempre".</p> <p>EA: "... temos (...) crianças de várias nacionalidades".</p> <p>EA: "... implantamos esse sistema multicultural e funciona".</p> <p>EA: "... mais de 30".</p> <p>EA: "... predomina a brasileira, (...) também temos muitas crianças dos países de leste, romenos principalmente (...) chineses".</p> <p>EB: "... muito multicultural".</p> <p>EB: "... crianças (...) de vários países".</p> <p>EB: "... todas as turmas são constituídas por pelo menos dois, três meninos de origem estrangeira".</p> <p>EB: "... há várias culturas".</p> <p>EB: "... brasileiros, principalmente, (...) muitos chineses, talvez também devido ao facto de a sua emigração ser recente (...) em menos maioria, (...) os ucranianos e os cabo-verdianos, estes também há muitos".</p> <p>EC: "... é multicultural".</p> <p>EC: "... tem uma grande variedade de etnias".</p> <p>EC: "... tem mais crianças de outras etnias do que crianças portuguesas".</p> <p>EC: "... há 350 alunos (...) devem ser uns 200 alunos estrangeiros".</p> <p>EC: "... cabo-verdianos, angolanos, suíços, alemães, moldavos, ingleses, entre muitos outros".</p> <p>ED: "... cerca de 20% dos alunos são estrangeiros".</p> <p>ED: "... Cerca de 25 alunos".</p> <p>ED: "... leque bastante diversificado de nacionalidades".</p> <p>EE: "... é multicultural".</p> <p>EE: "... qualquer escola que tenha alunos oriundos de outros países é multicultural, pode não ser é intercultural".</p> <p>EE: "... esta escola é multicultural e intercultural".</p> <p>EE: "... promove a interacção entre as diversas culturas existentes".</p> <p>EE: "... há oito alunos estrangeiros".</p> <p>EE: "... dois ucranianos, três brasileiros, um belga, um inglês e um alemão".</p> <p>EF: "... tem alunos oriundos de outros países, (...) culturas diferentes e (...) diferentes línguas maternas".</p> <p>EF: "... seis alunos de origem estrangeira".</p> <p>EF: "... um é suíço, outro belga, (...) dois ucranianos, um inglês, um sul-africano".</p> <p>EG: "... há alunos de todas as culturas, de muitos países".</p> <p>EG: "... há uma grande diversidade de línguas maternas".</p> <p>EG: "... 100 alunos estrangeiros".</p> <p>EG: "... maioria são brasileiros".</p> <p>EG: "... há moldavos, russos, ucranianos, chineses, ingleses, cabo-verdianos".</p>
	Projecto Curricular de Escola	<p>EA: "... os nossos projectos curriculares de turma satisfazem precisamente o projecto educativo de escola".</p> <p>EA: "... temos uma professora de apoio para os meninos estrangeiros que têm aula de Língua Portuguesa em contra-horário".</p> <p>EA: "... fazemos muitas actividades onde eles podem mostrar a cultura dos seus países, não se sentem marginalizados".</p> <p>EA: "... estão perfeitamente integrados".</p> <p>EB: "... há vários projectos de multiculturalismo".</p> <p>EB: "... na minha sala tenho um projecto que fala sobre isto devido à turma que tenho".</p> <p>EB: "... A turma, (...) neste tipo de projectos que a escola desenvolve participa sempre." .</p> <p>EB: "... tivemos aqui na escola há cerca de um mês o Dia da Criança Africana, onde falámos sobre as problemáticas".</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

		<p>EB: "... reagiram muito bem e aceitam isso muito bem".</p> <p>EC: "... contempla no aspecto que quando cá chegam devem ter um maior apoio na língua portuguesa, tanto ao nível oral como na escrita".</p> <p>EC: "... um trabalho aprofundado".</p> <p>EC: "... se tiverem apoio aprendem facilmente".</p> <p>EC: "... Os portugueses têm mais dificuldades do que eles".</p> <p>EC: "... para além do apoio da língua portuguesa, pretende-se que eles consigam acompanhar os outros".</p> <p>ED: "... tentamos falar e trocar ideias".</p> <p>ED: "... temos todos esses aspectos no plano (...) da escola, sobre cada um dos países, sobre as várias culturas".</p> <p>ED: "... festas do final de ano e no Carnaval geralmente os temas também têm a ver com essas crianças".</p> <p>ED: "... os pais interessam-se (...) e participam sempre".</p> <p>EE: "... a escola procura promover a interação entre todos os alunos, independentemente da sua origem".</p> <p>EE: "... actividades no Natal e no final de ano".</p> <p>EE: "... alguns alunos cuja língua materna não é o português recebem apoio por parte de um professor".</p> <p>EF: "... Contempla no aspecto da língua portuguesa".</p> <p>EF: "... damos grande importância à língua portuguesa, à leitura, aos hábitos de leitura, à participação em concursos promovidos por bibliotecas".</p> <p>EF: "... ajuda as crianças a tomarem contacto com a língua portuguesa".</p> <p>EF: "... não há actividades próprias para esses alunos".</p> <p>EG: "... contempla dando resposta".</p> <p>EG: "... esta realidade aqui nesta escola não é de hoje".</p> <p>EG: "... há muitos anos que esta escola é procurada pelos pais de alunos que chegam a Portugal".</p> <p>EG: "... uma preocupação em receber esses alunos".</p> <p>EG: "... procurar integrá-los e ajudá-los no seu percurso escolar".</p>
--	--	--

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

- Questões:
- Os alunos de origem estrangeira estão bem integrados no dia-a-dia da escola? A que nível?
  - Quais são as causas das dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira?
  - Na prática, o que é que é feito para ajudar na superação dessas dificuldades?

Categories	Sub-categorias	Unidades de registo
<b>Integração dos alunos de origem estrangeira</b>	Integração	<p>EA: "... a integração é perfeitamente positiva (...) todos os casos com sucesso".</p> <p>EA: "... tive duas alunas chinesas e uma delas era só a melhor aluna e fez dois anos num e depois foi para o ciclo".</p> <p>EA: "... teve um progresso espantoso e (...) no 2.º Ciclo também fez o 5.º e o 6.º num só ano".</p> <p>EB: "... a maior parte deles está muito bem integrada".</p> <p>EB: "... as crianças que têm mais dificuldade de integração são os cabo-verdianos, de origem africana".</p> <p>EB: "... a comunidade envolvente já criou uma ideia diferente, (...) uma série de comportamentos".</p> <p>EB: "... afecta as crianças, não que a escola promova isso, mas já vem de casa".</p> <p>EB: "... as crianças aqui nesta escola têm uma integração muito boa".</p> <p>EB: "... a escola tem feito por isso".</p> <p>EB: "... os meus chineses, chegou um no final do ano e ele entrou muito bem na turma e os colegas acolheram-no muito bem (...) podia ser por já haver miúdos chineses, ou então por já terem essa vontade de ajudar na integração".</p> <p>EC: "... estão bastante integrados".</p> <p>EC: "... A maior parte deles já esteve no jardim de infância e isso ajuda bastante".</p> <p>EC: "... as miúdas, eles não, de leste, da Moldávia, são muito mais tímidas, fechadas".</p> <p>EC: "... tem a ver com a cultura".</p> <p>EC: "... Aqueles que não frequentam o jardim já têm mais dificuldades de integração, de se relacionar".</p> <p>ED: "... é natural que existam inicialmente alguns problemas".</p> <p>ED: "... os alunos que não frequentaram o nosso jardim de infância têm uma certa timidez".</p> <p>ED: "... com o passar do tempo adaptam-se muito bem".</p> <p>EE: "... De início é claro que têm receio de falar na sala, pois o seu maior problema é a língua".</p> <p>EE: "... sentem que são postos de lado pelos colegas".</p> <p>EE: "... comunicação é complicada, tendem a isolar-se".</p> <p>EE: "... Quando começam a falar português, a sua integração já é mais fácil e acabam por se darem bem uns com os outros".</p> <p>EF: "... bem integrados e participam em todas as actividades com muito interesse e empenho".</p> <p>EF: "... uma aluna ucraniana, (...) é o segundo ano que cá está, (...) teve algumas dificuldades de integração até na própria turma, ela frequenta o 4.º ano, (...) muito tímida, que de início só falava em ucraniano com outra aluna também ucraniana".</p> <p>EF: "... na turma ela tinha dificuldades de integração e os colegas não a ajudavam, (...) colocavam-na de lado".</p> <p>EF: "... Progressivamente, a aluna foi-se adaptando à escola e aos colegas, e estes a ela, e (...) nota-se um grande progresso ao nível da sua integração".</p> <p>EG: "... A maioria sim".</p> <p>EG: "... os de origem chinesa é que têm mais dificuldades".</p> <p>EG: "... são muito conservadores".</p> <p>EG: "... só gostam de trabalhar uns com os outros, não interagem com as outras crianças".</p> <p>EG: "... não se integram tanto, só falam chinês uns com os outros, em casa só falam chinês, só vêem televisão chinesa".</p>
	Causas das dificuldades de integração	<p>EA: "... Não há nenhuma dificuldade de integração".</p> <p>EA: "... problema (...) nos primeiros tempos a língua, mas como (...) temos esse apoio eles rapidamente superam".</p> <p>EB: "... uma língua materna que não é o português".</p> <p>EB: "... rapidamente adquirem os nossos hábitos e modos de pensar e agir".</p> <p>EB: "... É, sem dúvida, a língua".</p> <p>EC: "... a principal barreira à integração destes alunos é a língua".</p> <p>EC: "... têm uma língua materna própria".</p> <p>EC: "... muitas dificuldades quando se deparam com uma nova língua".</p> <p>EC: "... logo que superem este aspecto, integram-se muito melhor".</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

	<p>Superação das dificuldades de integração</p>	<p>ED: "... não conhecerem a língua".  ED: "... vergonha em falar a sua língua materna".  EF: "... a língua".  EF: "... muitos colegas novos".  EE: "... não conhecem a língua portuguesa".  EE: "... tendência para se isolarem".  EE: "... aqui na escola não temos tido muitos problemas, os que tiveram mais dificuldades de integração foram os dois ucranianos".  EF: "... a língua. Quando chegam à escola não sabem o português, mas têm-se adaptado bem".  EG: "... No caso dos chineses é, (...) o facto de serem muito fechados, pouco abertos a outras culturas".  EG: "... no geral, (...) a língua materna é um factor decisivo na integração".  EG: "... para além de não conhecerem os colegas, não sabem falar o português, é muito complicado a esse nível".</p> <p>EA: "... aulas de apoio".  EA: "... trabalho do professor na sala de aula".  EB: "... alunos que têm mais dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa recebem apoio nas (...) aulas do português como segunda língua".  EC: "... trabalho feito na sala de aula".  EC: "... tentar pô-los a falar mais do que os outros".  EC: "... Pedir-lhes para irem ao quadro, muitas vezes aos outros até refilam, mas eu explico-lhes a situação e eles compreendem e até ajudam".  EC: "... Com o passar do tempo, alguns até começam a falar demais".  ED: "... depende do trabalho do professor".  ED: "... Não temos ninguém em especial".  ED: "... é o próprio professor da turma que faz um trabalho adaptado à criança".  EE: "... o professor na sua sala tem de (...) conversar com a turma, explicar de onde vêm esses colegas".  EE: "... pedimos para falarem um pouco sobre a sua terra".  EE: "... as aulas de apoio de língua portuguesa aos alunos com mais dificuldades".  EF: "... dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa é-lhes dado apoio".  EG: "... O trabalho na sala de aula desenvolvido pelo professor titular de turma é muito importante".  EG: "... as actividades devem ser planeadas tendo também em conta os conhecimentos desses alunos".  EG: "... às vezes é difícil ajudá-los a superar as dificuldades de integração, porque eles não ajudam".  EG: "... As aulas de apoio de língua portuguesa (...) tentam de certa maneira completar e aprofundar o trabalho desenvolvido pelo professor na sala de aula".  EG: "... directamente direccionado para o ensino do português como língua não materna".</p>
--	---	--

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

- Questões:
- Que projectos, ao nível da escola, são realizados no âmbito do multiculturalismo?
  - A que aspectos a que esses projectos dão mais ênfase? Porquê?
  - A dimensão didáctica e a melhoria das condições de aprendizagem estão a ser trabalhadas ao nível desses projectos?
  - Tem havido uma mudança significativa das práticas escolares?
  - Que papéis são atribuídos aos professores nesses projectos? Sentem-se preparados para desempenhar esse papel?
  - Que objectivos desses projectos considera que são os mais e os menos conseguidos?
  - Em que consiste o Projecto do Português como 2.ª língua?
  - Qual é a sua avaliação desse projecto?

Categorias	Sub-categorias	Unidades de registo
Estratégias de intervenção	Promoção e desenvolvimento de projectos no âmbito do multiculturalismo	<p>EA: "... o projecto (...) que funciona em contra-horário de apoio aos alunos estrangeiros que têm o português como segunda língua".</p> <p>EA: "... tem sido muito importante".</p> <p>EA: "... o romeno, quando chegou não sabia nada da língua portuguesa. Começou a ter aulas de apoio e um mês depois já entendia perfeitamente o que lhe pediam".</p> <p>EA: "... dificuldade em expressar-se em língua portuguesa".</p> <p>EA: "... rapidamente ultrapassou essas dificuldades todas".</p> <p>EA: "... trabalho feito em conjunto com o professor titular de turma".</p> <p>EA: "... há (...) a necessidade desse trabalho".</p> <p>EA: "... o funcionamento é muito melhor".</p> <p>EB: "... temos crianças de muitas nacionalidades".</p> <p>EB: "... acabamos por ter de adaptar às necessidades".</p> <p>EB: "... a escola tem feito muitos projectos que visam essas crianças".</p> <p>EB: "... todos estes projectos, por muito que a gente diga que só estão no papel, há muitos sítios onde passa para a realidade e neste caso acho que é precisamente o que acontece".</p> <p>EB: "... o projecto do português como segunda língua (...) tenho cinco meninos nesse projecto".</p> <p>EB: "... muito bom, positivo".</p> <p>EB: "... se eles não tivessem esse apoio do português como segunda língua era-lhes muito difícil adquirir determinado vocabulário".</p> <p>EB: "... é muito difícil para nós explicarmos o que é uma vassoura, o que é um balde, uma esfregona, o que é um quadro".</p> <p>EB: "... temos de exemplificar".</p> <p>EB: "... há também os portugueses, não podemos prejudicar os outros estando constantemente a mostrar imagens".</p> <p>EB: "... é fundamental esse apoio, (...) eles progrediram muito ao longo do ano".</p> <p>EB: "... vão criando um vocabulário, vão estruturando determinadas frases".</p> <p>EB: "... chineses são muito trabalhadores (...) são capazes de copiar tudo o que lhes dizem, (...) imitam tudo (...) ao nível da escrita e da construção de frases e textos têm muitas dificuldades".</p> <p>EB: "... o que eles fazem (...) é construir dicionários ilustrados, textos, falam sobre eles".</p> <p>EB: "... acho muito importante que existam projectos deste tipo e devam continuar".</p> <p>EB: "... os resultados têm sido muito positivos".</p> <p>EC: "... nenhum projecto específico para essas crianças nem, como algumas escolas têm, apoio".</p> <p>EC: "... nunca sentimos essa necessidade".</p> <p>EC: "... trabalhar mais a língua portuguesa, insistir no vocabulário".</p> <p>EC: "... dar a conhecer à comunidade algumas curiosidades sobre os países de origem dos nossos alunos".</p> <p>EC: "... nas festas de Natal, de Carnaval e no final de ano, que é quando os pais mais vêm à escola".</p> <p>EC: "... os nossos alunos estrangeiros gostam destas actividades".</p> <p>EC: "... sentem-se motivados e percebem que há interesse em divulgar as diferentes culturas".</p> <p>EC: "... é bom para as suas aprendizagens".</p> <p>ED: "... festas de final de ano, o Carnaval".</p> <p>ED: "... Não temos o apoio de um professor de línguas".</p> <p>ED: "... aspecto lúdico, (...) cultural e até (...) linguístico".</p> <p>EE: "... o projecto de apoio na aprendizagem da língua portuguesa".</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

	<p>Papel dos professores nesses projectos</p>	<p>EE: "... um professor que nos dá esse apoio a três meninos: a dois ucranianos e ao aluno belga".          EE: "... Inicialmente (...) três vezes por semana e cada aluno tinha apoio durante duas horas".          EE: "... esse apoio foi reduzido, os nossos colegas da E.B. 2,3 solicitaram também apoio para os seus alunos estrangeiros".          EE: "... acabamos por ficar prejudicados".          EE: "... passamos a usufruir apenas de apoio durante dois dias, uma hora para cada aluno".          EE: "... para os nossos alunos, principalmente os dois ucranianos".          EE: "... muitas dificuldades na aprendizagem do português".          EE: "... dois alunos de famílias diferentes".          EE: "... só têm contacto com a língua portuguesa cá na escola".          EE: "... todos os familiares falam a língua materna".          EE: "... não demonstram muito interesse em que os seus filhos aprendam a língua portuguesa".          EE: "... não querem que se esqueçam da sua língua materna".          EE: "... Um dos alunos até tem aulas de ucraniano em casa dadas pelo pai".          EE: "... o pai não quer que fale português em casa, só pode falar na rua".          EE: "... as aulas de apoio sempre são um reforço importante".          EE: "... o professor falta muitas vezes e não dá para fazer um trabalho com principio, meio e fim".          EE: "... poucas mudanças".          EE: "... devem-se principalmente ao trabalho que é feito pelo professor titular de turma".          EF: "... um professor de línguas a dar apoio a esses alunos".          EF: "... funcionado mais ou menos".          EF: "... algum apoio, mas não aquele que era desejado".          EF: "... foram propostos para apoio três alunos, duas ucranianas e um belga. Com o passar de algum tempo ficaram só com apoio na língua portuguesa dois alunos, uma ucraniana e o belga".          EF: "... cada um desses alunos teria apoio duas vezes por semana (quatro horas para cada aluno)".          EF: "... os colegas da E.B. 2,3 deste agrupamento acharam que os seus alunos estrangeiros também deviam ter apoio na língua portuguesa".          EF: "... foi-nos reduzido o apoio, passando então para uma hora por semana para cada aluno".          EF: "... Os nossos alunos ficaram muito prejudicados".          EF: "... um dos casos que tinha apoio é a aluna ucraniana (...), não tem feito progressos na aprendizagem da língua portuguesa, apesar de todos os esforços feitos por parte do professor da turma, e era uma aluna que a médio-prazo iria beneficiar, (...) desse apoio".          EF: "... o professor responsável por esse apoio faltava muito, (...) um corte em todo o trabalho feito".          EF: "... resultados são bons".          EF: "... o trabalho por parte dos professores da turma é muito maior e os resultados positivos provêm mais daí, do que propriamente dos apoios a nível do agrupamento".          EG: "... o projecto do português como segunda língua".          EG: "... sempre foi uma escola que tem tido muitos meninos de outras nacionalidades".          EG: "... preocupação em promover determinadas actividades que não ponham à margem esses alunos".</p> <p>EA: "... estão sensibilizados para esta realidade multicultural".          EA: "... algo de positivo para a aprendizagem de todos os alunos".          EB: "... não acho que a multiculturalidade seja um problema".          EB: "... deve ser valorizada".          EB: "... cada vez mais frequente nas nossas escolas".          EB: "... enriquecedora para todos os alunos, independentemente do seu país de origem".          EC: "... Os professores têm um papel muito importante".          EC: "... não é fácil trabalhar com uma turma que tem alunos lusos e alunos estrangeiros, cada um com as suas dificuldades e necessidades".          EC: "... os professores estão bem preparados".          EC: "... encaram bem esta situação de multiculturalismo".          ED: "... o grupo é jovem e (...) estão sensibilizados".          ED: "... não lhes faz nenhuma confusão o facto de estas crianças fazerem parte das suas turmas".          ED: "... a escola tem de abrir o leque".          ED: "... dar as mesmas oportunidades a essas crianças".          ED: "... estas crianças (...) evoluem normalmente à medida que vão superando a barreira linguística".          ED: "... não há qualquer necessidade de formação específica".          ED: "... é com as brincadeiras lá fora que eles se integram bem e às tantas já estão a falar o</p>
--	---	---



# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

- Questões:
- Como caracteriza a sua turma do ponto de vista multicultural?
  - Quantos alunos de origem estrangeira é que tem a sua turma?
  - Quais são as suas nacionalidades?
  - Como é trabalhada a questão da multiculturalidade na sala de aula, ao nível das práticas pedagógicas?
  - Que relação tem o trabalho que realiza na sala de aula com os projectos da escola, ao nível do multiculturalismo?
  - Como caracteriza os grupos a que dá apoio do ponto de vista multicultural?
  - Em que consistem as actividades desenvolvidas nas aulas de apoio?

Categories	Sub-categorias	Unidades de registo
Promoção da igualdade de oportunidades na sala de aula	Caracterização da turma	<p>EA: "... é mesmo multicultural".</p> <p>EA: "... vinte alunos, tenho dois romenos, um ucraniano, um argentino, (...) uma menina búlgara e (...) quatro brasileiros".</p> <p>EB: "... tenho doze meninos de origens diferentes em dezoito, tenho chineses, ingleses, ucranianos, (...) brasileiros e (...) cabo-verdianos".</p> <p>EB: "É mesmo multicultural".</p> <p>EC "... há vinte e dois alunos (...) doze são alunos estrangeiros".</p> <p>EC: "... dois cabo-verdianos, dois angolanos, um suíço, um romeno, um alemão, três moldavos e dois brasileiros".</p> <p>EC: "... brasileiros têm muita dificuldade em escrever em português".</p> <p>EC: "... só escrevem termos brasileiros, um deles veio para mim no 1.º ano e já tinha sete anos, veio do Brasil para cá, tem muitas dificuldades, dá muitos erros e utiliza muitos termos brasileiros".</p> <p>EC: "... prejudica bastante a progressão na língua portuguesa".</p> <p>EC: "Ela tem aquela pronúncia brasileira, os outros acham engraçado e muitas vezes imitam-na".</p> <p>ED: "... quatro alunos estrangeiros, em dezassete: uma aluna sul-africana, uma moldava, um holandês e uma brasileira".</p> <p>ED: "... a mais recente (...) foi a aluna moldava".</p> <p>ED: "... tem (...) dificuldades ao nível do vocabulário e timidez?".</p> <p>ED: "... é independente".</p> <p>ED: "... Os outros alunos são todos bons alunos, não têm problemas de adaptação".</p> <p>EE: "... vinte alunos, dos quais quatro são estrangeiros: há um aluno alemão, um brasileiro, um aluno inglês e um aluno ucraniano".</p> <p>EF: "... um aluno belga e outro inglês".</p> <p>EF: "... hábitos e culturas diferentes".</p> <p>EF: "... tento dar resposta a esses hábitos diferentes, mas também tento integrá-los nos nossos hábitos, (...) eles estão cá a viver, convém que se habituem ao nosso tipo de vida".</p>
	Práticas pedagógicas utilizadas na sala de aula	<p>EA: "... tive a facilidade de ter um menino romeno que vive cá há mais tempo, fala correctamente a língua portuguesa e ajudou muito o outro romeno".</p> <p>EA: "... quando eu não conseguia fazer-me entender (...) ele falava em romeno para o colega e ajudou-me muito".</p> <p>EA: "... fazemos jogos, o dicionário ilustrado (...) com as palavras em romeno e em português".</p> <p>EA: "... foi feito com a ajuda desse menino que fala correctamente o português".</p> <p>EA: "... os pais desse menino também colaboraram".</p> <p>EA: "... são pessoas muito interessadas".</p> <p>EA: "... foi uma colaboração muito importante".</p> <p>EB: "... projecto (...) sobre o multiculturalismo, onde debatemos vários assuntos (...) relacionados com as diferentes culturas".</p> <p>EB: "... meninos de origens diferentes, com culturas completamente diferentes e que não se entendem por vezes".</p> <p>EB: "... um menino que veio de Cabo-Verde com 12 anos, ele é negro e desenha-se branco".</p> <p>EB: "... os hábitos dele já se assemelham mais aos nossos".</p> <p>EB: "... há cerca de um ano e pouco que está cá e foi adquirindo os hábitos da mãe e então ele não se vê como uma pessoa negra".</p> <p>EB: "... há pouco tempo fez um auto-retrato, (...) e ele desenhava-se branco. Os outros colegas perguntaram porquê e ele disse "Mas eu sou assim".</p> <p>EB: "Trabalhamos a multiculturalidade essencialmente na Formação Cívica, nesse projecto que</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

		<p>tenho trabalhado com eles inventamos histórias, contos”.</p> <p>EB: “... actividades de recuperação, em que eles ajudam-se mutuamente”.</p> <p>EB: “... trabalhos de parceria, (...) é o caso dos chineses que aprendem a Matemática com grande facilidade, e em vez de irem ajudar outros chineses vão ajudar outros meninos”.</p> <p>EB: “... haver uma interacção e eles acabam por se integrar melhor”.</p> <p>EB: “... trabalho a esse nível de cooperação, de trabalho de grupo, de leitura de textos e documentos que falem sobre esses problemas”.</p> <p>EB: “... um menino de origem portuguesa (...) trouxe um texto sobre o caso das mulheres em Angola, sobre o que lhes aconteceu”.</p> <p>EB: “... o tema era muito pesado”.</p> <p>EB: “... não pude deixar de lado, porque se a criança se interessou pelo facto do que aconteceu àquelas mulheres, apesar de (...) terem-lhe explicado, ele quis partilhar”.</p> <p>EB: “... leva-os a ficarem conscientes de que esses problemas existem”.</p> <p>EC: “... jogos de identificação de objectos, o dicionário ilustrado”.</p> <p>EC: “... ajuda muito tanto na compreensão como na expressão escrita”.</p> <p>EC: “... trabalhos em pequenos grupos, de modo a que se ajudem uns aos outros”.</p> <p>EC: “ De início fazia eu os grupos. (...) havia sempre a tendência de se juntarem os portugueses com os portugueses, os cabo-verdianos com os angolanos, os moldavos com os ucranianos”.</p> <p>EC: “... acabava por não existir uma interacção entre as diversas culturas”.</p> <p>EC: “... Com o passar do tempo, eles começaram a fazer os grupos e começaram a misturar-se”.</p> <p>ED: “... fazem-se os projectos que são comuns a toda a escola”.</p> <p>ED: “... falo com eles”.</p> <p>ED: “... faço trabalhos de grupo sobre cada país”.</p> <p>ED: “... que eles contem (...) as suas tradições e as nossas”.</p> <p>EE: “... proponho-lhes sempre que, com a minha ajuda, contem de onde vieram, como é a vida no seu país de origem, algumas tradições”.</p> <p>EE: “... para ajudar na sua integração”.</p> <p>EE: “... digam algumas coisas na sua língua de origem e os outros gostam de repetir essas palavras e até aprendem algumas”.</p> <p>EE: “... fazemos dicionários ilustrados com a palavra na sua língua de origem, em português e o respectivo desenho”.</p> <p>EE: “... são feitos com a ajuda de todos”.</p> <p>EE: “... ajudar os alunos estrangeiros na construção de frases e progressivamente de pequenos textos (...) na compreensão de textos”.</p> <p>EE: “... as suas maiores dificuldades consistem essencialmente na escrita, no conhecimento e utilização de vocabulário”.</p> <p>EE: “... há também as aulas de apoio de língua portuguesa”.</p> <p>EE: “... trabalho feito em conjunto com o professor titular de turma, é pena que os resultados não correspondam aos esperados, pois os alunos só tinham a ganhar”.</p> <p>EF: “... um maior apoio na língua portuguesa, com as idas à biblioteca”.</p> <p>EF: “... apoio do português como segunda língua por parte do outro professor”.</p> <p>EF: “... há um contacto entre o professor titular de turma e o professor que dá esse apoio, (...) no sentido de fornecer as informações necessárias sobre a aprendizagem da língua portuguesa desses alunos”.</p> <p>EF: “... Quando esses alunos chegam à sala de aula, sem qualquer conhecimento do português, começo pelo dossier de imagens,”</p> <p>EF: “... nunca faço um trabalho muito diferenciado, (...) geralmente conseguem acompanhar o ritmo dos outros”.</p> <p>EF: “A partir do dossier de imagens eles globalizam certas palavras e (...) conseguem progressivamente ir construindo frases e mais tarde pequenos textos”.</p> <p>EF: “... nunca tive nenhum aluno que tivesse dificuldade de aprendizagem”.</p> <p>EG: “... dou apoio a dezoito alunos, divididos por três grupos”.</p> <p>EG: “... tendo em conta o nível etário e ano de escolaridade”.</p> <p>EG: “ Há um grupo que é mais heterogéneo”.</p> <p>EG: “... há dois grupos das turmas da manhã que têm as aulas de apoio à tarde”.</p> <p>EG: “... há um grupo das turmas da tarde, constituído por alunos de faixas etárias e ano de escolaridade diferentes, que só pode ter as aulas de apoio de manhã”.</p> <p>EG: “... dou apoio a cinco chineses, quatro ucranianos, três moldavos, dois ingleses, dois russos, um colombiano e um argentino”.</p> <p>Actividades desenvolvidas</p> <p>EG: “... consistem essencialmente em trabalho individual”.</p> <p>EG: “Cada aluno tem um plano individual de trabalho, que é feito por mim e pelo professor</p>
--	--	---

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

### O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

#### 1.º Ciclo do Algarve.

	nas aulas de apoio	titular da turma de cada um, onde são delineados os objectivos e estratégias”. EG: “... é só seguir esse plano”. EG: “... às vezes têm de ser feitos alguns reajustamentos”. EG: “... há actividades que são feitas em grupo”. EG: “... trabalhos de grupo sobre os seus países de origem”. EG: “... são expostos na escola para que todos vejam o trabalho que é realizado”. EG: “... muito motivador para eles trabalharem em conjunto com outras crianças de países e culturas diferentes”.
--	--------------------	--

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

- Questões:
- De que modo valoriza as diferentes línguas maternas dos seus alunos estrangeiros?
  - Essa valorização vai ao encontro das expectativas dos alunos? Porquê?
  - Esses alunos têm mais dificuldades na expressão oral, compreensão oral, expressão escrita ou compreensão escrita?
  - Qual a origem dessas dificuldades?
  - Que estratégias implementa na sala de aula para fazer face a essas dificuldades?
  - Essas estratégias têm resultado? Porquê?
  - São esses alunos participativos? Se não, porquê?
  - Como é o aproveitamento desses alunos?

Categories	Sub-categories	Unidades de registo
Ensino do português aos alunos de origem estrangeira	Valorização das diferentes línguas maternas	<p>EA: "... palavras que surgem e esses meninos dizem nas suas línguas".</p> <p>EA: "... mostram muito interesse e querem repetir a palavra".</p> <p>EA: "... aprenderam algumas palavras".</p> <p>EA: "... só mesmo nesta turma, como há muitas nacionalidades, é que ele começou a sentir-se muito à vontade".</p> <p>EB: "... certas palavras nas suas línguas maternas".</p> <p>EB: "... início ficavam um pouco inibidos, mas depois começaram a sentir interesse por parte dos colegas".</p> <p>EB: "... participam com entusiasmo".</p> <p>EC: "Tento sempre que participem".</p> <p>EC: "... muito calados de início, depois começam a participar".</p> <p>EC: "... sentem interesse da parte do professor e da turma, e começam a falar, quer seja em português ou nas suas línguas maternas".</p> <p>EC: "... às vezes acabam por misturar as duas línguas".</p> <p>EC: "... o importante é que participem, não os impeço de falar na sua língua materna, mas o mais importante é que falem o português".</p> <p>EC: "... aluno alemão gosta de dizer algumas palavras em alemão e os outros gostam de ouvir e querem repetir e aprender, sentem curiosidade em saber e acham engraçado".</p> <p>EC: "... alunos moldavos também dizem algumas palavras e os outros não sabem o que eles estão a dizer, mas acham muita piada".</p> <p>ED: "... procuro que digam certas palavras na suas línguas de origem".</p> <p>ED: "... ficam curiosos e querem saber".</p> <p>ED: "... vão ao quadro e escrevem".</p> <p>ED: "... é sempre um modo de valorizá-los".</p> <p>ED: "... facilita a aprendizagem da língua portuguesa".</p> <p>EE: "... peço-lhes que digam determinadas palavras na sua língua de origem e as escrevam no quadro".</p> <p>EE: "... os outros colegas aprendem essas palavras e um pouco das suas culturas".</p> <p>EE: "... sentem-se mais integrados e confiantes nas suas potencialidades".</p> <p>EF: "... quando eles chegam à sala (...) peço que eles exemplifiquem certo tipo de palavras nas línguas deles".</p> <p>EF: "... para que eles também se sintam importantes no sentido de mostrar como se fala na terra de onde eles vêm".</p> <p>EF: "Tento perguntar hábitos, costumes da terra deles".</p> <p>EF: "... favorecer a sua integração na turma".</p> <p>EF: "... é muito motivador para eles".</p> <p>EG: "... três grupos são muito multiculturais, não juntamos chineses com chineses, ucranianos com ucranianos, moldavos com moldavos (...)</p> <p>EG: "... não iria beneficiar em nada os nossos objectivos principais, ajudar os alunos estrangeiros na aprendizagem da língua portuguesa e promover a interculturalidade".</p> <p>EG: "... os grupos são heterogéneos ao nível de línguas maternas e de culturas".</p> <p>EG: "Tento sempre que falem na sua língua materna e que consigam ao mesmo tempo falar em português".</p> <p>EG: "... não queremos que esqueçam as suas línguas maternas, e isso é algo que é dito aos pais, mas pretendemos que com o tempo eles consigam, tanto na escola como em casa, manter um discurso em português".</p>
	Dificuldades	<p>EA: "Neste caso foi na parte oral, na escrita não".</p> <p>EA: "... ele lia um texto e (...) a parte de interpretação e compreensão do texto ele fazia</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

	Participação	<p>praticamente sozinho”.</p> <p>EA: “... é um aluno que não dá erros”.</p> <p>EA: “... começava a falar com ele e ele começava a franzir um bocadinho a testa (...)</p> <p>EA: “... Era preciso repetir várias vezes e utilizar outro vocabulário para ele entender”.</p> <p>EA: “... rapidamente ultrapassou tudo”.</p> <p>EB: “... escrita”.</p> <p>EB: “... ao nível oral, apesar de eles cometerem muitos erros, nós acabamos por não ser muito exigentes com eles”.</p> <p>EB: “... tenho um aluno inglês com muitas dificuldades na oralidade, em conjugar o verbo com a pessoa”.</p> <p>EB: “... os chineses são muito perfeccionistas, apesar de terem dificuldades preferem não dizer (...) do que eles próprios dizerem mal”.</p> <p>EB: “... os chineses, (...) na escrita nota-se que têm mais dificuldades”.</p> <p>EC: “Na oralidade”.</p> <p>EC: “... as alunas moldavas têm muita dificuldade em (...) transmitir o que querem (...)</p> <p>EC: “... têm dificuldade em arranjar o vocabulário adequado”.</p> <p>EC: “... aluno alemão, certas palavras pergunta-me o que querem dizer, uma vez perguntou-me o que é um aluno, eu tentei explicar-lhe, mas ele (...) não percebeu”.</p> <p>EC: “Há determinadas palavras que eles não conseguem perceber”.</p> <p>EC: “... na escrita, eles evoluem à medida que evoluem na oralidade”.</p> <p>EC: “O P.I.T. e o dicionário ilustrado ajuda-os muito, ficam mais autónomos e melhoram tanto na oralidade, como na escrita”.</p> <p>ED: “... expressão escrita”.</p> <p>ED: “... vocabulário”.</p> <p>EE: “... na escrita, compreensão escrita e expressão escrita”.</p> <p>EE: “Na oralidade, estes alunos evoluem mais facilmente, o contacto com os colegas no recreio também proporciona isso”.</p> <p>EE: “... bom ambiente em toda a escola e isso ajuda bastante”.</p> <p>EE: “... escrita, a evolução é mais lenta”.</p> <p>EE: “... quando não há apoio em casa como acontece com alguns alunos é muito complicado”.</p> <p>EF: “... na escrita, tanto na expressão como na compreensão escrita”.</p> <p>EF: “Na oralidade eles geralmente na sala participam bastante”.</p> <p>EF: “... o período do intervalo e mesmo a boa relação que se mantém, tanto na sala e no recreio, em termos afectivos dá-lhes a possibilidade de evoluírem em termos de língua portuguesa”.</p> <p>EF: “... tenho tido experiências de meninos que não falam nada do português e passado um mês ou dois de estarem na escola já falam alguma coisa”.</p> <p>EF: “... na generalidade evoluem mais na oralidade”.</p> <p>EG: “... na oralidade, na escrita nem tanto”.</p> <p>EG: “... são tímidos e não falam muito, acabam por não demonstrar tanto as suas dificuldades e o trabalho é mais difícil”.</p> <p>EG: “Na escrita, é mais fácil detectar as falhas e arranjar estratégias de modo a ajudar os alunos a superar as dificuldades”.</p> <p>EG: “... insistir para que eles participem sem medo”.</p> <p>EG: “... têm muitas dificuldades ao nível de vocabulário e é aí que eu insisto muito com eles”.</p> <p>EA: “... são participativos”.</p> <p>EA: “... menino que já falava português correctamente participa”.</p> <p>EA: “... outro no início não participava, era um bocadinho inibido, mas ao fim de mês e tal, dois meses, já participava”.</p> <p>EA: “... língua portuguesa constituía uma barreira”.</p> <p>EA: “... progressivamente foi sendo ultrapassada”.</p> <p>EB: “... muito participativos”.</p> <p>EB: “... início são um pouco tímidos, (...) a partir do momento em que eles conhecem a maior parte da turma a timidez desaparece”.</p> <p>EB: “... mais dificuldades em expressar-se são os chineses, porque a sua cultura é muito fechada, muito rígida”.</p> <p>EB: “... os brasileiros (...) falam pelos cotovelos”.</p> <p>EB: “... cabo-verdianos desde que estejam bem integrados (...) corre tudo bem e trabalham muito e discutem os temas”.</p> <p>EC: “... muito participativos”.</p> <p>EC: “... quando chegam logo à sala de aula são um pouco inibidos, principalmente os que não frequentaram o jardim de infância”.</p> <p>EC: “... com o passar do tempo tornam-se mais participativos”.</p>
--	--------------	---

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

	Aproveitamento	<p>ED: "Todos eles, menos a aluna moldava".</p> <p>ED: "... praticamente não falava uma palavra do português".</p> <p>ED: "... já vai falando e fazendo perguntas".</p> <p>ED: "... restantes alunos ajudam-na".</p> <p>ED: "... não gozam com o facto de ela ter dificuldades na língua portuguesa".</p> <p>ED: "... restantes são crianças que se interessam".</p> <p>EE: "A partir do momento em que se sentem integrados, são participativos (...) e (...) muito empenhados".</p> <p>EF: "... muito participativos".</p> <p>EF: "... mostram um conhecimento (...) de cultura geral muito elevado".</p> <p>EG: "Não são muito participativos, alguns como já conseguem compreender melhor participam mais, concretamente três chineses".</p> <p>EG: "... os outros alunos só participam quando são solicitados".</p> <p>EA: "O romeno que está cá há mais tempo excelente".</p> <p>EA: "... na avaliação do português além de lhe dar os parabéns (...) dei os parabéns também aos pais".</p> <p>EA: "... foram (...) muito participativos e interessados".</p> <p>EA: "O outro menino romeno está com uma adaptação curricular, tem problemas a nível familiar".</p> <p>EA: "... não conseguiu ter sucesso".</p> <p>EA: "... possivelmente agora no 3.º ano vai ter uma medida i)".</p> <p>EA: "... agora até está um pouco melhor".</p> <p>EA: "... outro menino ucraniano tem sucesso, embora tenha um bocadinho mais de dificuldade em expressar-se".</p> <p>EA: "... é a oralidade".</p> <p>EA: "... é bom ao nível da escrita, na oralidade é mais fraco".</p> <p>EA: "... brasileiros (...) são bons, o argentino também".</p> <p>EA: "... búlgara (...) muitas dificuldades".</p> <p>EA: "... vive com os avós e com os bisavós e toda a gente fala búlgaro, ninguém fala português".</p> <p>EA: "... não consegue superar a barreira linguística".</p> <p>EB: "... têm muito bom aproveitamento".</p> <p>EB: "... língua portuguesa é que falha sempre mais".</p> <p>EB: "... é a sua segunda língua".</p> <p>EB: "... muitas vezes só têm contacto com a língua portuguesa aqui na escola".</p> <p>EB: "... casa geralmente falam sempre a língua materna".</p> <p>EB: "... Matemática são excelentes alunos, têm tendência a puxar pelos nossos, os nossos são mais preguiçosos, não percebem e não ficam preocupados e os estrangeiros não".</p> <p>EB: "... são contas, é a aritmética, é aquilo e mais nada".</p> <p>EB: "... a língua portuguesa é mais complicada (...) somos capazes de dizer uma frase de várias maneiras e a eles faz-lhes muita confusão".</p> <p>EC: "... bom".</p> <p>EC: "... podia ser melhor se tivessem um maior apoio em casa".</p> <p>EC: "... na escola fazemos tudo o que está ao nosso alcance".</p> <p>ED: "... é bom".</p> <p>EE: "... é bom".</p> <p>EE: "... dois alunos ucranianos que têm muitas dificuldades na língua portuguesa".</p> <p>EE: "... dificilmente conseguem progredir, só com tempo".</p> <p>EE: "Em casa não têm apoio, só falam a sua língua materna".</p> <p>EE: "... os pais não demonstram qualquer interesse naquilo que os seus filhos fazem".</p> <p>EE: "... sem apoio é complicado que consigam progredir".</p> <p>EF: "... é bom".</p> <p>EG: "... têm bom aproveitamento".</p> <p>EG: "... há três alunos, um chinês, um russo e um inglês, que têm mau aproveitamento".</p> <p>EG: "... aluno chinês chegou à escola já no final de ano".</p> <p>EG: "... aluno russo e o aluno inglês têm muitas dificuldades".</p> <p>EG: "... o acompanhamento familiar é quase inexistente".</p> <p>EG: "... em casa só falam as suas línguas maternas".</p> <p>EG: "... único contacto com a língua portuguesa é aqui na escola".</p>
--	----------------	--

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

- Questões:
- Que preocupações considera que o sistema educativo deve ter com as minorias?
  - Como pode um currículo oficial e nacional responder às culturas das consideradas minorias étnicas e suscitar uma aprendizagem multicultural?
  - Na sua opinião, as estratégias de intervenção estabelecidas ao nível da escola e na própria turma permitem reduzir as dificuldades de integração dos alunos de origem estrangeira?

Categorias	Sub-categorias	Unidades de registo
Opinião pessoal	Preocupação do sistema educativo	<p>EA: "... no 1.º Ciclo não será tanto alguma falha do sistema".</p> <p>EA: "... a escola adapta o currículo nacional à sua realidade e necessidades".</p> <p>EA: "... temos além das aulas de apoio em contra-horário (...) apoio dentro da sala de aula com os professores de apoio".</p> <p>EA: "... problema é quando eles saem (...) para o 2.º Ciclo".</p> <p>EA: "... retrocesso em todo o trabalho".</p> <p>EA: "... deviam ter um acompanhamento diferente".</p> <p>EA: "... eles quando chegam ali sentem uma grande diferença".</p> <p>EA: "... mais apoio ao nível de material didáctico".</p> <p>EA: "... há muitas escolas que também têm estes alunos e não têm como nós um professor disponível para esse apoio".</p> <p>EB: "... não há muita preocupação em ajudar essas crianças".</p> <p>EB: "... tantas leis, projectos e actividades dirigidas para esses alunos e na prática não acontece nada disso".</p> <p>EB: "Se não for a própria escola a arranjar esses apoios não teríamos efectivamente uma escola intercultural".</p> <p>EB: "... é pena que isso aconteça".</p> <p>EC: "... eu concordo que devem ter direito à escola".</p> <p>EC: "... juntá-los todos numa mesma escola, que é o que acontece aqui, penso que não seja a melhor solução".</p> <p>EC: "... maior parte dos alunos estrangeiros moram à volta desta escola e então vêm cá todos parar".</p> <p>EC: "... esta é a solução mais fácil".</p> <p>EC: "... adaptam-se bem, mas para trabalhar na sala de aula é uma carga de trabalhos".</p> <p>EC: "... as outras escolas cá do concelho têm poucos alunos estrangeiros, enquanto esta está cheia".</p> <p>EC: "O trabalho na sala de aula torna-se difícil, mas eu prefiro trabalhar com os miúdos estrangeiros, obedecem às regras, o comportamento é muito melhor".</p> <p>ED: "... tem vindo a ser maior".</p> <p>ED: "... os apoios falham".</p> <p>ED: "... a situação destes alunos tende a piorar".</p> <p>ED: "... nível dos apoios, (...) de ensinar o português às minorias (...) isso não acontece".</p> <p>ED: "... não temos ninguém".</p> <p>ED: "... somos abertos, receptivos a essas crianças".</p> <p>ED: "... elas têm êxito, integram-se lindamente dentro do grupo".</p> <p>EE: "... deveria haver um maior apoio na língua portuguesa a estes alunos".</p> <p>EE: "... sozinhos não conseguem superar as suas dificuldades".</p> <p>EE: "... nem sempre é aproveitado da melhor forma".</p> <p>EE: "... estabelecer prioridades".</p> <p>EE: "... procurar as melhores estratégias para ajudar esses alunos".</p> <p>EF: "... deveria ser dado um maior apoio ao nível de integração, em relação principalmente à língua (...)</p> <p>EF: "... nota-se um grande esforço por parte dos alunos em conseguir num curto espaço de tempo começar a falar a língua portuguesa".</p> <p>EF: "... por vezes falha apoio ao nível do agrupamento".</p> <p>EF: "... arranjar estratégias conjuntamente com o professor da turma de forma a conseguir que essa situação de aprendizagem da língua portuguesa se desenrolasse com maior rapidez e eficácia".</p> <p>EG: "... há algum interesse".</p> <p>EG: "... os intervenientes no sistema educativo preocupam-se com essas crianças".</p> <p>EG: "... maximizar esforços no sentido de ajudar os alunos estrangeiros".</p> <p>EG: "... às vezes não há a participação das minorias".</p> <p>EG: "... não há uma maior integração, porque as minorias têm alguma dificuldade em se integrar".</p>

# A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

## O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

### 1.º Ciclo do Algarve.

	<p>Adaptação do currículo oficial e nacional à realidade intercultural</p>	<p>EA: "... a escola conhecer a sua realidade".  EA: "... contributo importante para todos os alunos".  EA: "... adaptar o currículo a essa realidade intercultural".  EB: "A escola tem de contemplar (...) à sua realidade".  EB: "... não poderia estar constantemente a pegar nas competências do 1.º Ciclo e aplicar na minha turma".  EB: "... chegava ao final do ano (...) e ia avaliá-los por essas competências de final de ciclo".  EB: "... a maior parte da turma não poderia passar, chegavam à Língua Portuguesa e ao Estudo do Meio e ficavam para trás".  EB: "... na sala de aula (...) partir das competências para objectivos mais específicos para essas crianças, para a sua realidade".  EC: "... adaptado à realidade dos nossos alunos".  EC: "... relacionado com as diversas culturas dos nossos alunos".  EC: "... promover a interculturalidade".  EC: "... é complicado conseguir responder a todas as suas necessidades".  EC: "... programa acaba por ser muito restrito".  EC: "Não tem nada a ver com os programas escolares dos outros países, que são mais exigentes e abarcam uma variedade de aspectos que o nosso programa não contempla".  EC: "... aluno português é muito preguiçoso e acaba por reflectir a pouca exigência do nosso programa".  EC: "... alunos estrangeiros vêm melhor preparados das escolas nos seus países".  EC: "... quando cá chegam a língua falada é totalmente desconhecida, acabando por ter consequências negativas na aprendizagem".  EC: "... quando conseguem superar a barreira linguística, a maior parte deles tem melhores resultados do que os portugueses".  ED: "... depende muito da adaptação da própria escola ao currículo".  ED: "... cada escola adapta-o à sua realidade".  ED: "... É possível que daqui a uns anos o Ministério venha a fazer outras alterações, cada vez há mais imigrantes".  EE: "Cabe à escola procurar fazer as adaptações necessárias para que o currículo corresponda à realidade da escola e dos seus alunos".  EF: "Cabe à escola fazer as adaptações necessárias consoante a sua realidade".  EF: "... o professor titular de turma tem de pegar nessas adaptações e voltar a fazer novas, se necessário".  EF: "... enquadrar todos os seus alunos".  EG: "... escola evidentemente que tem de adaptar o currículo nacional à sua realidade e necessidades dos seus alunos".  EG: "... esta escola é das poucas aqui no Algarve que tem muitos alunos estrangeiros, muitos eram vítimas de exclusão social".  EG: "... nunca fechou as portas a nenhuma criança, temos alunos que não moram aqui perto e que vêm de outras localidades".  EG: "... sentem-se bem aqui".  EG: "... os pais sentem que os seus filhos estão bem integrados e que não são excluídos".  EG: "... uma escola que dá resposta a todos esses casos e que se interessa por promover a interculturalidade".</p>
	<p>Estratégias de intervenção estabelecidas ao nível da escola e da própria turma</p>	<p>EA: "... é no Algarve uma das que tem mais alunos de origem estrangeira".  EA: "... vêm cá todos parar".  EA: "... os resultados são bons".  EA: "... as estratégias estabelecidas pela escola têm sido positivas".  EB: "... todas as estratégias estabelecidas visam o que é melhor para esses alunos".  EB: "... resultados têm sido muito positivos".  EB: "... nem todas as escolas têm essa preocupação e os apoios necessários".  EB: "... com trabalho tudo é possível".  EC: "... têm é de ir ao encontro dos interesses e dificuldades dos alunos estrangeiros".  EC: "... é que acontece aqui na escola".  ED: "... se houver um esforço de todos os professores nesse sentido, a integração dessas crianças será mais fácil".  EE: "... têm um efeito positivo na integração dos alunos de origem estrangeira".  EE: "... o sucesso dessas estratégias depende também do apoio que esses alunos têm em casa".  EF: "... nunca tive problemas com esses alunos em termos de integração".  EF: "... têm conseguido manter uma boa relação comigo e com os colegas".  EF: "... os pais também demonstram interesse".</p>

## A ESCOLA PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL E LINGUÍSTICA

O ensino do Português a alunos de origem estrangeira em escolas do

1.º Ciclo do Algarve.

		EF: "... é muito importante para essa integração, não só o trabalho desenvolvido aqui na escola, mas também o apoio dado em casa". EG: "... todas as estratégias têm tido resultados positivos". EG: "... alunos sentem-se integrados". EG: "... gostam de cá estar".
--	--	--

